

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Encontros e desencontros entre petismo e lulismo: classe, ideologia e voto na
periferia de São Paulo

Camila Rocha de Oliveira

São Paulo

2013

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Encontros e desencontros entre petismo e lulismo: classe, ideologia e voto na periferia de São Paulo

Camila Rocha de Oliveira

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação do Departamento de
Ciência Política da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo para a obtenção do título de
Mestre em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. André Vitor Singer

São Paulo

2013

Resumo

Segundo o cientista político André Singer (2012) o ano da reeleição de Lula da Silva como presidente do Brasil teria marcado o surgimento de um novo fenômeno na política brasileira, o “lulismo”. Lula teria vencido o pleito, em grande medida, devido aos votos de pessoas de baixíssima renda, as quais o autor passou a agrupar sob a categoria de “subproletariado”. O subproletariado, que desde a redemocratização em 1985, sempre teria votado, em sua maioria, em candidatos à direita de Lula, passou a sustentar eleitoralmente o lulismo, uma vez que o mesmo padrão de votação se repetiu na vitória de Dilma Rousseff, sucessora de Lula na presidência. Segundo Singer, tal padrão eleitoral também teria uma sustentação ideológica, uma vez que a ideologia do subproletariado, que combinaria elementos de esquerda, mudança social, e direita, manutenção da ordem social e econômica, seria encampada pelo projeto lulista. Porém, tendo em vista a ascensão social de segmentos de baixíssima renda que ocorreu a partir de 2004, ainda no primeiro governo Lula, os quais passaram a ser compreendidos como “nova classe média” (Neri, 2008; Lamounier; Souza, 2010), “nova classe trabalhadora” (Souza, 2010) ou ainda como classes trabalhadoras em ascensão (Pochmann, 2012), o que seria possível dizer a respeito da adesão eleitoral e ideológica destes setores ao projeto lulista, uma vez que, teoricamente, teriam deixado de ser subproletários? Se estas pessoas apoiassem Lula, isso reverteria em votos a outros candidatos do PT? Ou essas pessoas, por terem ascendido socialmente, votariam nos candidatos de oposição ao governo como o faz a maior parte da classe média tradicional? Para tentar responder estas e outras perguntas, durante dois anos realizei uma etnografia na Brasilândia, um bairro de periferia da cidade de São Paulo localizado na Zona Noroeste, durante a qual fiz entrevistas em profundidade com dezessete pessoas que haviam ascendido socialmente durante os governos Lula. As entrevistas foram feitas em 2011, um ano não-eleitoral, e em 2012, ano de eleições municipais em que Fernando Haddad, candidato do PT apoiado por Lula, saiu vitorioso com expressiva votação dos moradores mais pobres da cidade.

Palavras-chave: lulismo; Partido dos Trabalhadores; ideologia; classes trabalhadoras; eleições

Abstract

According to the political scientist André Singer (2012) the re-election of Lula da Silva as president of Brazil in 2006 marked the emergence of a new phenomenon in Brazilian politics called "Lulismo". Lula won the re-election largely due to the votes of very low income voters, which were grouped by Singer under the category of "sub-proletariat". The sub-proletariat, since the re-democratization in 1985, have always voted, in its majority, for right-wing politicians, but, from 2006 on, it became "lulista" and voted for Dilma Rousseff, Lula's successor in the presidency. According to Singer, this new voting pattern was linked to an ideological adherence of the sub-proletariat to Lulismo's program, since the subproletariat's ideology, which combines leftist elements, regarding social change, and rightist ones, that have to do with the maintenance of the social and economic order, was the same adopted under the Lula Era. From 2004 on, Brazil saw the emergence of what was called as a "new middle class" (Neri , 2008; Lamounier; Souza, 2010), or a "new working class" (Souza , 2010), or even as working class on the rise (Pochmann , 2012), meaning that a significant part of the sub-proletariat was no longer so poor and started to earn better wages and to have access to a new consumption pattern. Regarding this phenomenon, what could be said about the electoral and ideological adherence to Lulismo by this new social group, since, theoretically, they would no longer be sub-proletarians? Would this people still support Lula? If they do, would this support revert in votes to other candidates from the Partido dos Trabalhadores (PT)? Or would they vote for candidates from the opposition like the most of the traditional middle class since they would be socially more close to it? To try to answer these and other questions I conducted a two-year political ethnography in a neighborhood called "Brasilândia", located in the outskirts of São Paulo, during which I did in-depth interviews with seventeen people who had risen socially during Lula's government. The interviews were conducted in 2011, a non-electoral year, and in 2012, when were held the municipal elections in São Paulo witch were won by Fernando Haddad, PT's candidate backed by Lula, with a significant electoral support of the city's poorest residents.

Key-words: Lulismo; Partido dos Trabalhadores; ideology; working class; elections

Para Vilma

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a todas as pessoas que me auxiliaram na execução desta pesquisa como informantes ou entrevistados. Obrigada por me receberem em suas casas – e também meu marido André e meus amigos Juliana, Thais e Leonardo -, me convidarem para almoçar, lanche e jantar, participar de churrascos, festividades e cultos religiosos sempre entremeados por um bom papo sobre política, religião e sobre a vida em geral. Agradeço pela confiança em dividir comigo suas histórias de vida, suas crenças, opiniões, decepções e esperanças em relação à política de nosso país. Todas as experiências que tive ao longo do trabalho de campo na Brasilândia me ajudaram a ser uma pesquisadora e, acredito, uma pessoa melhor, espero que este trabalho possa retribuir de alguma forma toda a atenção e carinho que recebi de seus moradores e moradoras.

Agradeço ao professor André Singer, meu orientador, pela confiança depositada em mim, aos elogios e críticas a esta investigação e por ter levado em consideração meus argumentos em relação à pertinência do uso de métodos qualitativos para o estudo da política, incentivando outros colegas a utilizarem-nos em suas pesquisas sobre estudos eleitorais. Foi um privilégio ter podido acompanhar de perto o desenvolvimento das teses de Singer acerca do “lulismo” desde suas primeiras formulações até os debates mais recentes promovidos dentro e fora da academia. Sua atuação como intelectual público, seu engajamento político e sua postura crítica em relação aos rumos da política brasileira tiveram uma influência muito positiva em minha formação intelectual e política.

Agradeço ao professor Adrian Gurza Lavalle, do Departamento de Ciência Política, e aos colegas da disciplina de Teoria e Metodologia em Ciência Política pelos comentários e críticas ao meu projeto de pesquisa. O professor Adrian também participou junto com o professor Gustavo Venturi, do Departamento de Sociologia, de meu exame de qualificação, e ambos contribuíram bastante para o melhor desenvolvimento dos argumentos deste trabalho, de modo que agradeço aos dois pela leitura e pelas sugestões realizadas.

O contato com o professor Gabriel Feltran da Universidade Federal de São Carlos, cuja obra figura como uma das principais referências neste trabalho, foi muito importante para a compreensão das dinâmicas políticas e sociais da periferia da cidade de São Paulo. Muito obrigada pela recepção calorosa que reservou a mim e a Thais Pavez, minha amiga e colega da USP, em nossa visita ao *campus* em São Carlos e pela estimulante conversa que lá tivemos.

Durante o tempo que passei como aluna de pós-graduação no Departamento de Ciência Política pude me beneficiar da agradabilíssima convivência com vários amigos, amigas e colegas em aulas, seminários, palestras, congressos, jantares, bares e festas. Na impossibilidade de agradecer nominalmente a todos e todas, pois correria o risco de esquecer alguém, gostaria de agradecer em especial a João Brant pelo valioso contato de Juçara Zottis, a Maria Cecília Ipar pelas tardes de estudo e as dicas sobre Ernesto Laclau, a Itaquê Barbosa pelas animadas conversas e pela indicação dos trabalhos de Lucio Kowarick, a Sérgio Simoni Jr. pelos longos e-mails, conversas e dicas sobre estudos eleitorais, a Juliana Bueno pela amizade, pelo fértil intercâmbio acadêmico e pela ajuda com o único gráfico que fiz neste trabalho, a Roberta Soromenho pela leitura atenta e pela realização de comentários em meu texto de qualificação e no penúltimo capítulo de sua versão final, a Thais Pavez, Leonardo Octavio Belinelli de Brito, Vinicius do Valle, André Silva, Henrique Costa, Léa Tosold, Bruno Boti Bernardi, Christian Schallenmueller, Mariana de Mattos Rubiano, Cristiane Kerches e Terra Budini pelas deliciosas conversas sobre nossas pesquisas, os rumos da academia e da política brasileira regadas a comes e bebes diversos, e aos colegas do grupo de estudos sobre Política Brasileira pelas ótimas discussões.

Aos companheiros e companheiras da Representação Discente da Pós-Graduação junto ao Departamento, San Romanelli Assumpção, Roberta Soromenho, Marcos Paulo de Lucca Silveira, Pietro Rodrigues, Vinicius do Valle e aos nossos sucessores, principalmente Fabrício Vasselai, obrigada pela amizade e pela convivência gratificante.

Não poderia deixar de agradecer muito à atenção e eficiência dos queridos funcionários do DCP, Rai, Vasne, Leo, Márcia e Ana e da Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, presidida pelo professor Rogério Bastos Arantes. O professor Rogério também foi meu supervisor no PAE (Programa de Aperfeiçoamento de Ensino), durante o qual pude aprender muito sobre a atividade docente, de modo que gostaria também de agradecer-lo em particular por esta experiência.

A presente investigação também se beneficiou imensamente da utilização de preciosos materiais referentes à história do bairro da Brasilândia e região gentilmente cedidos para esta pesquisa pela Associação Cantareira e pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC), assim, sou muito grata a ambas as organizações pela colaboração. Agradeço também pela ajuda técnica de Luciana, da Virtual Transcrições, pelo trabalho eficiente e organizado ao transcrever e editar as gravações em áudio de meu trabalho de campo.

Agradeço ainda à minha xará, Camila Valente, pelo auxílio nos momentos mais difíceis pelos quais passei durante estes anos e também aos meus amigos e familiares pela compreensão, principalmente durante os finais de semana em que precisava realizar a pesquisa de campo, motivo pelo qual me ausentava de reuniões e comemorações diversas. Em especial gostaria de agradecer meu pai, Olivaldo e minha irmã Cristina, pelo apoio e incentivo incondicionais à minha carreira na área das humanidades, e minha mãe, Regina Rocha (em memória), pelo exemplo que me forneceu como mulher e intelectual, tendo atuado de forma apaixonada, pela maior parte de sua vida, como professora de francês na mesma faculdade em que me formei e na qual pretendo defender esta dissertação.

Finalmente, gostaria de agradecer ao meu grande amor, André Kaysel Velasco e Cruz. Conheci André no primeiro ano de graduação no movimento estudantil e desde então seu brilhantismo intelectual e sua enorme sensibilidade nunca deixaram de me surpreender. Seu entusiasmo com a política latino-americana, do qual logo passei a compartilhar, o conduziu à Universidade da Integração Latino-Americana (UNILA) em Foz do Iguaçu, no Paraná, onde passou a atuar há alguns meses atrás como professor do curso de Sociologia e Política. Passamos então a ter uma segunda casa em Foz e fomos muito bem acolhidos por novos amigos que fizemos a partir da UNILA, Bruno e Nadida Bolognesi, Rodrigo Luiz Medeiros Silva e Lucimara Flávio dos Reis, a quem agradeço imensamente pela excitante convivência e pelo apoio nos momentos finais de escrita da presente dissertação.

Esta investigação foi financiada pela agências de fomento CAPES e FAPESP, auxílio financeiro que foi fundamental para o bom andamento da pesquisa.

Agosto de 2013

Índice

Introdução

Parte 1: Petismo

Capítulo 1: O Subdistrito da Brasilândia e o nascimento do petismo 21

Capítulo 2: A CEB Santo Eugênio e o encontro entre Irmã Natalvina e Maria Teresa 24

Capítulo 3: Maria Teresa e o petismo: da construção à decepção 27

Capítulo 4: O abandono do projeto do trabalhador 47

Parte 2: Lulismo

Capítulo 5: Dilemas da ascensão social na Era Lula 59

Capítulo 6: O senso-comum das classes trabalhadoras em ascensão: radicalidade ou conservadorismo? 76

Capítulo 7: O declínio do petismo e a ascensão do lulismo 115

Capítulo 8: Os desencontros entre petismo e lulismo nas eleições municipais de 2012 142

Capítulo 9: Derrota do petismo, vitória do lulismo? 165

Considerações finais: impasses do lulismo 193

Referências Bibliográficas 197

Anexo 1: Biografias resumidas dos entrevistados 207

Anexo 2: Fotos 231

“Leandro Roque de Oliveira, Emicida, você é de direita moderna ou de esquerda moderna?

Eu sou o povo cara, e o povo tá no meio, o povo tá perdidinho.

No meio, quem está no meio cai pra direita, cuidado.”

Entrevista realizada por Antônio Abujamra com o *rapper* Emicida no programa Provoações transmitido pela TV Cultura em 02/08/2011

Introdução

Em meados de 2010, quando comecei a formular meu projeto de pesquisa, André Singer, meu então futuro orientador, havia publicado há pouco tempo um artigo na Revista Novos Estudos do CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) sobre a ascensão de um novo fenômeno político no Brasil, o lulismo. De acordo com sua argumentação, o lulismo seria um movimento político inovador, encabeçado pela principal ex-liderança sindical brasileira, que combinava medidas que ao mesmo tempo beneficiavam os pobres e miseráveis, como transferências de renda via aumento do salário mínimo, aumento da oferta de crédito e programa bolsa-família, e o grande capital, manutenção de altas taxas de juros, câmbio flutuante, metas rígidas de inflação e de superávit primário. Tal movimento teria rearranjado as forças políticas e ideológicas que vigiam até então por meio de um realinhamento eleitoral, ocorrido nas eleições de 2006, quando Lula foi reeleito, em grande medida, por causa dos votos da maior parte dos eleitores de baixíssima renda, uma fração de classe denominada por Singer como “subproletariado”, a qual, até então, votava em candidatos mais conservadores.

A opção desta fração de classe por Lula seria de longo prazo e operaria uma divisão das forças políticas brasileiras entre dois campos opostos, o lulista, apoiado ideologicamente e eleitoralmente pelo subproletariado, e o anti-lulista, encapado pelas classes médias e altas. Porém, Singer foi mais além do que ofereciam os dados eleitorais e argumentou que para compreender o que representa o lulismo de forma mais aprofundada seria necessário levar em consideração o impacto em termos ideológicos de tal fenômeno. A ideologia do subproletariado combinaria elementos de esquerda e direita, sendo que os primeiros seriam relativos a uma aspiração por maior igualdade, e os segundos à manutenção da ordem social e econômica¹. Assim, se nas eleições presidenciais anteriores, 1989, 1994 e 1998, o subproletariado optou, em sua maioria, pelos candidatos que faziam oposição a Lula, e em 2002 não teria sido possível detectar qualquer tipo de padrão claro no que diz respeito à relação entre renda/classe e voto, na eleição de 2006 a opção teria sido claramente favorável à reeleição do ex-operário porque a ideologia do subproletariado teria sido contemplada pelo projeto político-ideológico que passou a ser promovido a partir do primeiro governo Lula em diante.

Paralelamente ao desenvolvimento das teses de Singer a respeito do lulismo, ganhava bastante visibilidade na mídia uma discussão a respeito do surgimento de uma “nova classe média”,

¹ A formulação de tal padrão ideológico que combinaria elementos de esquerda e direita, e que seria próprio do subproletariado, remete a um livro anterior de Singer, “Esquerda e direita no eleitorado Brasileiro” (2000), no qual, com base em *surveys*, o autor demonstra que ainda que possuíssem aspirações genéricas em relação a maiores níveis de igualdade, os setores de baixíssima renda seriam refratários a greves e manifestações.

ou “nova classe C”, formada por indivíduos pobres que teriam ascendido justamente durante os governos Lula. No âmbito acadêmico, tal fenômeno foi detectado e descrito pela primeira vez pelo economista Marcelo Neri da FGV-RJ em 2008. Segundo Neri, o país teria passado a integrar, em 2007, o ranking dos países com alto IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), o que estaria relacionado com o aumento de 22%, que se deu entre abril de 2004 e abril de 2008, da parcela de brasileiros que passou a compor a faixa de rendimentos correspondente à “classe C”, aumento este que corresponde àqueles que são chamados frequentemente por publicitários e economistas de “nova classe C”, ou seja, pessoas que teriam deixado de fazer parte das faixas de renda E e D recentemente (Neri, 2008)².

Esta divisão entre “classes A, B, C, D e E”, realizada por Neri para o ano 2008, corresponde a uma estratificação baseada em valores mensais calculados a partir de uma correlação entre a renda domiciliar total e a renda per capita do trabalho. Em termos “estatísticos”, para o pesquisador carioca a “classe C” poderia ser considerada a classe média brasileira, no entanto destaca que outros estudiosos a caracterizariam como classe média baixa, opinião sustentada pelo economista Waldir Quadros, vinculado à Unicamp, que em um artigo publicado também em 2008, afirmava que a “classe C” no Brasil corresponderia, na verdade, à classe média baixa.

De acordo com Quadros as “classes A e B” corresponderiam, juntas, à classe média tradicional, cujos integrantes possuem acesso a cursos, viagens, assistência médica particular, escolas particulares e por isso se diferenciariam da classe média baixa, na qual tal acesso seria muito limitado. Assim, para ele, a “classe C” seria o estrato que se localiza acima do limiar da pobreza, mas abaixo da classe média tradicional.

O estudo de Quadros, ainda que empregasse um critério de divisão por faixas de renda similar àquele utilizado por Neri³ era menos otimista ao analisar a ascensão social produzida no período 2004-2008, já que levava em conta variações históricas mais longas da participação dos indivíduos nos diferentes grupos estratificados por rendimentos. Segundo Quadros, apesar do recente aumento de 22% na “classe C”, ou baixa classe média, que teria ocorrido entre 2004 e 2008, a porcentagem deste estrato sobre a população total do país seria, entre retrações e avanços,

2 Apesar do frequente uso por parte de economistas e publicitários do termo “classe” em vez de “faixa de renda” ou “estrato de renda” para designar estratos sociais agregados a partir de níveis mínimos e máximos de renda familiar e/ou per capita, tal uso, de um ponto de vista sociológico, não é adequado, daí o uso das aspas sempre que tais denominações aparecerem no texto. De acordo com a definição da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) do governo federal a classe média brasileira, correspondente à chamada “classe C” por Neri, é definida como o grupo composto por famílias com renda per capita entre R\$ 291 e R\$ 1.019, segundo dados da composição da renda de 2009, tal universo representaria 54% da população do país em 2012. Fonte: <http://www.sae.gov.br/site/?p=12060#ixzz2cHW7nxZh>

3 Na classificação realizada por Quadros, 2008, a “classe A” corresponderia à alta classe média, a “classe B” à média classe média, a “classe C” à baixa classe média, a “classe D” à massa trabalhadora e, finalmente, a “classe E” aos miseráveis.

praticamente a mesma de 1981, ou seja, ainda que houvesse ocorrido uma ascensão considerável, seria preciso relativizar sua importância histórica. Além disso, se para Neri “de abril de 2004 a abril de 2008, (...) a nossa Classe A e B subiu 33,6%” (Neri, 2008, p.5), para Quadros, o aumento destas faixas de renda teria sido modesto (Quadros, 2008, p.7)

Para o economista da Unicamp, embora os processos de ascensão tenham ocorrido de forma mais acentuada apenas nas “classes C, D e E”, seria necessário enxergar as transformações na estratificação social como um processo dinâmico, ou seja, a estagnação existente entre as “classes A e B” não significaria a inexistência de circulação entre os estratos sociais (Idem, p.8). No entanto, a ausência de mobilidade social além da "classe C" seria um problema, uma vez que isso significaria que um grande contingente de pessoas não conseguiria ultrapassar uma certa barreira de rendimentos, e, aquelas que conseguem, o fazem, provavelmente, à custa do espaço deixado pelo descenso social de pessoas que pertenciam anteriormente às “classes A e B”.

Apesar das controvérsias existentes entre as visões dos dois economistas sobre a importância e o grau de otimismo acerca da ascensão de pessoas para a "classe C", e a correspondência desta faixa de renda com denominações como classe média ou classe média baixa, era inegável que estava em marcha um processo de ascensão social iniciado por volta do ano de 2004. Ainda que utilizassem metodologias diferentes para avaliar a mobilidade dos estratos sociais, os dois economistas chegaram à conclusão de que houve de fato uma forte diminuição no número de miseráveis (“classe E”), que teriam passado para a “classe D”, e um aumento de 22% na "classe C", relacionado com a mobilidade dos estratos imediatamente inferiores.

Tais mudanças ocorridas na pirâmide social do país, tendo em vista a argumentação realizada por André Singer acerca do lulismo, suscitavam um questionamento nada desprezível. Se o subproletariado estaria ideologicamente e eleitoralmente alinhado com o lulismo, e as classe médias com o anti-lulismo, o que seria possível dizer a respeito de uma população que deixara de ser de baixíssima renda, ou, nos termos de Singer, subproletária, durante os governos Lula? Seriam lulistas como o subproletariado ou anti-lulistas como as classe médias tradicionais? Que tipo de ideologia influenciaria o voto destas pessoas e como isso se daria? Se fossem lulistas, a influência de Lula seria suficiente para que estas pessoas passassem a votar de forma mais sistemática no Partido dos Trabalhadores?

Estas foram as principais perguntas que nortearam a formulação do meu projeto de pesquisa, e, para tentar respondê-las, quis recorrer a um método de investigação pouco usual no campo da Ciência Política, a metodologia qualitativa. Para ter um acesso mais aprofundado ao que as pessoas que vinham ascendendo socialmente pensavam sobre o cenário político atual e como suas ideologias se relacionavam com suas escolhas eleitorais, tendo em vista a argumentação de Singer

acerca da ideologia do subproletariado, acreditei que seria necessário realizar entrevistas longas com estas pessoas em um período não eleitoral com base em um questionário semiaberto que levasse em consideração os debates político-ideológicos mais atuais, e, posteriormente, em um ano eleitoral, ao entrevistar as mesmas pessoas novamente, seria possível “testar” como as respostas dadas ao questionário casavam com as opções eleitorais realizadas e suas justificações.

Para colocar tais intenções em prática e dar início à pesquisa seria preciso, antes de mais nada, delimitar certos critérios que guiariam a escolha das pessoas a serem entrevistadas. Meu objetivo era abordar pessoas comuns que haviam ascendido recentemente para a faixa de renda que os economistas haviam chamado de “classe C” por meio das políticas dos governos Lula, como aumento real do salário mínimo, o crescimento das vagas de trabalho, e o aumento da oferta de crédito, o que implicaria que estas pessoas deveriam vender sua força de trabalho no mercado. Desse modo, os futuros entrevistados deveriam relatar aumento da renda e do potencial de consumo em anos recentes (a partir de 2004); serem trabalhadoras ou pertencer a uma família de trabalhadores; serem maiores de 18 anos; votarem no município de São Paulo; não possuírem vínculos partidários formais, isto é, serem filiadas a uma agremiação partidária ou trabalharem para políticos profissionais; e possuírem uma renda individual entre um e dois salários mínimos.

Para facilitar o contato com os futuros entrevistados, optei por delimitar a escolha destes por meio de um critério geográfico. Assim, a partir de dados disponibilizados por uma pesquisa realizada pelo DATAFOLHA em 2008 chamada “DNA Paulistano”, verifiquei que a maior parte dos paulistanos localizados nas faixas de renda D e C moravam em bairros situados na periferia da cidade. A partir de tais informações, escolhi o subdistrito da Brasilândia, localizado na Zona Noroeste da capital, por conta de duas pessoas que se dispuseram a me ajudar com a pesquisa, Daniela⁴, uma amiga de faculdade que nasceu e foi criada na região central do subdistrito e, na época, havia se mudado há pouco tempo para a Freguesia do Ó, distrito de classe média/média baixa vizinho à Brasilândia, e Claudemir, um auxiliar de serviços gerais do prédio onde moro que habitava a Brasilândia há bastante tempo em um local mais próximo à Serra da Cantareira e mais afastado da região central onde Daniela havia sido criada. Além da ajuda de Daniela e Claudemir, meu interesse pela Brasilândia também se deu por esta ser uma região que não possui um perfil político muito definido⁵ e ter sido pouco estudada em pesquisas sociológicas e antropológicas que abordassem fenômenos políticos.

4 Todos os nomes de pessoas que contribuíram com estas pesquisa foram alterados para evitar sua identificação, com exceção de Juçara Zottis, figura pública da Associação Cantareira.

5 Medido em taxas de preferência política-partidária dos moradores coletadas em pesquisa realizada pelo DNA Paulistano- DATAFOLHA, 2008

Tendo em vista que a Brasilândia era subdistrito grande que compreendia desde uma região central mais consolidada próxima à Freguesia do Ó até pequenos bairros e vilas próximos à Serra da Cantareira que eram bastante precários, onde Claudemir morava, imaginei que Daniela poderia conhecer mais pessoas com o perfil da “nova classe média” do que ele. Assim, a partir do final de 2010, comecei a frequentar a casa de Daniela e sua família na Freguesia do Ó para dar início à busca por moradores da Brasilândia que estivessem dentro dos critérios escolhidos e topassem ser entrevistados.

Daniela, cuja mãe trabalhava como empregada doméstica e o pai, que havia se divorciado da mãe, vivia de bicos, nasceu e foi criada nos arredores da rua Parapuã, via que corta o centro da Brasilândia. Em anos mais recentes, havia se mudado com o marido, Renato, para a Freguesia do Ó, bairro de classe média/média-baixa, vizinho da Brasilândia no qual Renato havia sido criado⁶. Ambos eram evangélicos e frequentavam assiduamente os cultos da Congregação Cristã, onde se conheceram, mas Daniela, apesar de ter mudado de bairro, continuava a frequentar alguns cultos na Brasilândia com sua mãe, que ainda residia nesse bairro.

Apesar de Daniela conhecer muitas pessoas que moravam nos arredores da rua Parapuã, principalmente por conta de seus contatos na Igreja, nenhum de seus amigos, conhecidos ou familiares, com exceção de sua mãe, eram pessoas que ganhavam em torno de um a dois salários mínimos e haviam deixado a pobreza recentemente por meio das políticas do governo, o que me deixou um tanto perplexa. Afinal, se as pessoas classificadas como “nova classe média”, “nova classe C” ou “classe média-baixa” por Neri e Quadros não moravam na região central da Brasilândia, que contava como uma população de classe média baixa e era um local extremamente afastado das regiões mais centrais e ricas da cidade, onde morariam então?

Minha inconformidade começou a se dissipar quando entrei em contato com um segundo momento da discussão sobre a estrutura social brasileira que teve início justamente no final de 2010 com a publicação de estudos de cunho mais sociológico. Neste ano, no embalo das discussões sobre a “nova classe média” realizadas pelos economistas da FGV-RJ e da Unicamp, três cientistas sociais passaram a participar do debate sobre o processo de ascensão de um ponto de vista sociológico e político, o cientista político Bolívar Lamounier em conjunto com o sociólogo Amaury de Souza, e o também sociólogo Jessé Souza.

Bolívar Lamounier e Amaury de Souza realizaram uma pesquisa sobre visões de mundo e valores da classe média no Brasil. Nesta pesquisa, os autores, de forma análoga à proposta de

⁶ Em dezembro de 2012, Daniela e Renato, junto de seus dois filhos pequenos, mudaram-se para Bragança Paulista, município localizado no interior do Estado de São Paulo, em busca de uma qualidade de vida melhor àquela oferecida pela grande metrópole.

Waldir Quadros, realizaram uma correspondência entre as “classes A e B” e a classe média tradicional, diferenciando-a da "classe C" e, principalmente da "nova classe C", cujos membros desfrutariam de “padrões sociais” mais modestos do que as primeiras, no entanto, ainda assim, para Lamounier e Souza, esta “nova classe C” poderia ser compreendida como uma “nova classe média” (Lamounier; Souza, 2010, p.1).

Segundo os resultados auferidos na pesquisa realizada por estes autores, a chamada “nova classe média” teria medo de perder o padrão de vida recentemente conquistado, e por isso valorizaria a educação formal como meio privilegiado não apenas para preservar a ascensão vivida, mas também como meio de atingir maiores níveis de renda e consumo. Porém, o que preocuparia Lamounier e Souza seria a denominada “mentalidade estatista” da “nova classe média”, a qual, por depender de iniciativas governamentais, acreditaria que o poder público deve intervir na economia e gerenciar serviços básicos como educação, saúde, aposentadoria. (Lamounier; Souza, 2010, p.159). Para os autores tal mentalidade seria um “entrave” ideológico ao desenvolvimento pleno de um ambiente de negócios propício ao empreendedorismo que só poderia ser ensejado, principalmente, com o desmantelamento de direitos trabalhistas agrupados na CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) e com a diminuição da carga tributária.

As conclusões de Lamounier e Souza foram fortemente rebatidas por Jessé Souza em seu livro “Os batalhadores brasileiros: Nova classe média ou nova classe trabalhadora?”, no qual afirma que a chamada “nova classe média” seria uma mentira. Para o autor de “Os batalhadores...” tais segmentos “emergentes” seriam formados por trabalhadores que lutam arduamente para vencer as limitações impostas pela pobreza, daí a denominação de “batalhadores”, os quais seriam, como aponta o título da obra, uma nova classe trabalhadora e não uma “nova classe média” (Souza, 2010, pp. 20-26). Com base na definição dos emergentes como parte de uma “nova classe trabalhadora”, Jessé Souza critica Lamounier e Souza quando estes afirmam que a “mentalidade estatista” destes “segmentos emergentes” constitui um entrave ideológico para o empreendedorismo (Idem, p.327). Segundo o sociólogo, tais conclusões seriam “viciadas” por conta da metodologia utilizada, da conceituação de classe e dos parâmetros normativos que teriam guiado a execução daquela pesquisa (Idem, pp. 322-323).

A argumentação realizada por Jessé Souza acerca da inexistência de uma “nova classe média” me trouxe algum alívio. Não era a realidade que encontrei na região central da Brasilândia que estava errada, mas sim a classificação infeliz realizada por economistas e por Lamounier e Souza de trabalhadores pobres como classe média ou média baixa. Trabalhadores pobres em grandes cidades como São Paulo moram em regiões precárias da extrema periferia, as quais nem de longe poderiam ser compreendidas como locais de moradia de uma classe média-baixa ou nova

classe média, como o era a região central da Brasilândia.

Tendo isso em vista, de fato a ajuda que Daniela poderia me dar seria menor do que eu esperava, uma vez que as redes de relações que ambos possuíam compreendiam pessoas parecidas com ela, entre as quais poderiam existir pessoas que de fato estariam ascendendo para a classe média, mas estas definitivamente não tinham nada a ver com o perfil traçado pelos economistas sobre as pessoas que haviam ascendido em massa durante os governos Lula. Na verdade, a maior parte da “nova classe média” dos contos de fadas habitaria as regiões mais próximas à Serra da Cantareira, as quais, segundo frisava Renato, marido de Daniela, se tratavam de lugares pobres, perigosos, abandonados pelo poder público, lotados de bandidos, traficantes e demais maus-elementos.

Meus encontros com Daniela e seu marido, ainda que não tenham me ajudado muito a encontrar trabalhadores pobres em processo de ascensão, ao menos ajudaram a desmistificar, em conjunto com a leitura dos livros de Jessé Souza, quaisquer ilusões que eu poderia ter quanto à classificação equivocada de indivíduos pertencente às classes trabalhadoras que habitavam bairros de extrema periferia como “nova classe média”. Ainda assim, por intermédio de Daniela, consegui entrevistar duas pessoas que pertenceriam à “nova classe trabalhadora” e que teriam sido beneficiadas pelo governo Lula, a própria mãe de Daniela, Ana Maria, 52 anos, que mora sozinha nos arredores da Parapuã, no centro do distrito da Brasilândia, e trabalha como empregada doméstica e cuidadora, e Tatiana, uma mulher de 30 anos que também morava na Brasilândia, na região de Cruz das Almas, e trabalhava como diarista, a qual tive acesso por meio de redes de conhecidos da igreja que Daniela e sua família frequentam.

Para conseguir entrar em contato com mais moradores da Brasilândia como Ana Maria e Tatiana, reforcei meus contatos com Claudemir⁷, morador do Jardim Guarani, bairro que faz parte do subdistrito da Brasilândia e fica próximo à Serra da Cantareira. Nessa época, Claudemir, que morava em uma casa na favela com sua mulher e seus dois filhos, estava de mudança para um apartamento pertencente a um conjunto habitacional que havia acabado de ser construído pela prefeitura em parceria com o governo federal por meio do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Com seu auxílio pude conhecer melhor a região do Jardim Guarani em passeios à pé pelo bairro, porém, agora a dificuldade em encontrar pessoas dispostas a me dar entrevistas não eram mais o desencontro entre classificações de setores sociais em ascensão, mas a desconfiança e a falta de tempo dos moradores. A maioria das pessoas com quem eu conversava ou tinham muita desconfiança do tipo de pesquisa que eu estava fazendo ou, principalmente os homens, não tinham

7 Claudemir trabalhava na época, no final do ano de 2010, como auxiliar de serviços gerais do prédio em que moro no bairro do Sumaré, a partir de 2012 passou a atuar como microempresário do ramo da construção civil.

tempo disponível para dar entrevistas, pois trabalhavam sem parar em turnos seguidos do mesmo serviço ou de ramos diversos em horários diferentes, de modo que seu tempo de folga era muito escasso. Com muito custo consegui entrevistar, durante o mês de agosto de 2011, apenas dois homens, Cleiton, um evangélico de 30 anos que trabalhava em um supermercado no Bairro do Limão, e morava sozinho no mesmo conjunto de prédios em que Claudemir passou a morar, e Jadson, um jovem trabalhador da construção civil de 21 anos, também morador do Guarani, o qual, durante nosso primeiro contato, suspeitou que eu fosse uma policial à paisana que queria apreender sua motocicleta.

Em face das dificuldades em conseguir mais entrevistados, Claudemir resolveu me apresentar a uma amiga, também moradora do Jd. Guarani, que, segundo suas palavras “era muita ativa no bairro e conhecia muitas pessoas”. Foi assim que conheci Maria Teresa, uma ex-militante de base do PT e membro da Comunidade Eclesial de Base de Santo Eugênio, a qual se localiza a alguns metros de sua casa. Quando conheci Maria Teresa, no segundo semestre de 2011, ela estava trabalhando como funcionária de limpeza em um colégio particular no bairro da Pompéia e terminando sua graduação em história em universidade privada.

Por sorte Maria Teresa gostou da pesquisa que eu tinha a intenção de conduzir e decidiu me ajudar. Seu auxílio foi fundamental para que eu, uma uspiãna muito branca de quase um metro e oitenta de altura com a cara, trejeitos e a maneira de falar da classe média alta paulistana, conseguisse me aproximar dos moradores da Brasilândia sem que estes pensassem que eu fosse uma policial, uma jornalista ou, nos piores casos, uma moça que ficava *dando ousadia*⁸. Sempre acompanhada de Maria Teresa passei a fazer visitas regulares às regiões próximas da Serra da Cantareira, e, à medida que o tempo passava meu vínculo com Maria Teresa, que sempre me recebia em sua casa e me acompanhava em caminhadas pelo bairro e em visitas às casas de seus amigos e vizinhos, foi se aprofundando de tal maneira que nós passamos a ser amigas. Maria Teresa sempre me dizia que era importante conhecer a realidade da periferia para poder falar com maior propriedade de seus moradores, o que acabou me convencendo e fazendo com que eu mudasse meu desenho original de pesquisa em que estavam previstas apenas duas séries de entrevistas com moradores da Brasilândia para uma abordagem etnográfica.

Segundo Baiocchi; Connor, 2008, a despeito de sua raridade em estudos no campo da Ciência Política, o uso da etnografia política em investigações no campo das ciências sociais vem ganhando maior atenção nos últimos anos por conta da possibilidade de estudar de forma mais aprofundada atores, grupos e instituições que dificilmente poderiam ser acessados de outra forma,

8 *Dar ousadia* é uma gíria utilizada entre os moradores da periferia para, entre outras coisas, falar de mulheres que se aproximam dos homens com segundas intenções.

como é o caso de moradores comuns do subdistrito da Brasilândia. A etnografia política, isto é, o estudo etnográfico de fenômenos políticos, permite investigar processos que ocorrem em nível micro sociológico a partir de uma região geográfica delimitada, um grupo de pessoas específico e/ou uma organização, por meio do estabelecimento de vínculos sociais fortes que possibilitem uma imersão no mundo das pessoas a serem pesquisadas. As informações obtidas por meio da abordagem etnográfica podem ser coletadas por meio de observação participante, conversas informais e/ou de entrevistas gravadas. Dessa forma, durante dois anos, ao acompanhar de perto a rotina familiar de Maria Teresa e entrevistar seu filho mais velho, Felipe, pude recolher diversas informações de cunho etnográfico a partir de conversas e observações informais em comemorações e eventos dos mais variados, desde missas até festas de rua, em que estavam presentes amigos e vizinhos de Maria Teresa, alguns dos quais acabei entrevistando para a pesquisa. Para compreender melhor as entrevistas e as realidades relatadas pelos moradores, percebi que seria necessário buscar também mais informações a respeito da história da região, principalmente sobre a atuação política de partidos, organizações e lideranças locais. Desse modo, resolvi entrevistar também duas militantes/lideranças políticas locais, Célia, amiga de Maria Teresa e militante do PT, e Juçara Zottis, fundadora da Associação Cantareira, ONG que atua politicamente nos bairros da periferia da Zona Norte principalmente por meio de uma Rádio Comunitária criada em 1995. Às informações coletadas nestas duas entrevistas somaram-se também os registros recolhidos em uma série de reportagens sobre a história política de vinte e três bairros de periferia da Zona Norte chamada “De olho na história”, a qual fora divulgada em diversas edições do Jornal Cantareira, editado de 1996 até 2010 pela Associação Cantareira, e informações coletadas em um relatório sobre o bairro da Brasilândia realizado pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária - Centro de Referência e Memória (CENPEC) referente ao “Projeto Brasilândia”, realizado entre 1999 e 2000.

À medida que a pesquisa de campo prosseguia e eu conseguia entrevistar mais pessoas, percebi que algumas das questões que eu havia, em um primeiro momento, considerado importantes, eram, na verdade, laterais, enquanto outros temas suscitavam respostas mais demoradas, como a violência, a religiosidade e a frustração com a política e com as próprias perspectivas de ascensão social. Além do mais, Maria Teresa, que sempre me acompanhava nos encontros com os entrevistados, intervinha várias vezes durante as gravações das conversas, o que, na maior parte das vezes, produzia resultados muito melhores do que se eu estivesse sozinha fazendo a entrevista. Assim, após alguma hesitação inicial, decidi deixar com que as entrevistas corresse de forma mais livre sem me importar tanto com os pontos elencados no questionário ou com as interferências de Maria Teresa, contanto que estas não impedissem os entrevistados de

expressar suas opiniões.

Tendo isso em vista, a pesquisa que foi se construindo ao longo do tempo ficou um tanto diferente do que eu havia planejado inicialmente, como costuma acontecer nas investigações no campo das ciências humanas. Além disso, às experiências que tive na Brasilândia somaram-se uma série de novos debates e discussões sobre os desdobramentos das políticas do governo Lula e, claro, os próprios movimentos da política brasileira, o que fez com que as perguntas que eu havia levantado no projeto de pesquisa ganhassem outras tonalidades e me levassem a buscar algumas respostas por meio de conceitos e teorias que favorecessem uma possível compreensão do que, de início, parecia um quebra-cabeças cujas peças aparentemente não se encaixavam, mesmo após a enésima leitura das mais de oitocentas páginas de transcrição que resultaram desta investigação.

Dessa forma, a melhor maneira que encontrei para interpretar o material resultante da pesquisa de campo foi pensá-lo, principalmente, à luz da trajetória de Maria Teresa, a qual, acredito, reflete de forma contundente o declínio ideológico do petismo e os impasses políticos do lulismo. Os relatos de todas as outras pessoas que conversei e/ou entrevistei, entre as quais havia vários amigos e vizinhos de Maria Teresa, possuíam diversos pontos de contato com seus dilemas: a frustração com as possibilidades de ascensão social, a proximidade com o "mundo do crime", a decepção com a política e a busca de um refúgio na religião. Assim, utilizarei a história de Maria Teresa como um fio condutor central do texto, buscando relacioná-la em um primeiro momento com a história da Brasilândia e de seus moradores, e, em um segundo momento, com a interpretação dos encontros e desencontros entre o lulismo e o que teria restado da ideologia petista, uma vez que, o petismo, como forma de fazer, pensar e viver a política estaria em decadência e seu coveiro seria, ironicamente, o lulismo, um fenômeno político saído das entranhas do próprio PT que fez com que o partido pudesse finalmente conseguir os tão ansiados votos do "subproletariado", mas, ao mesmo tempo, trouxe dilemas políticos e ideológicos de difícil resolução.

O Subdistrito da Brasilândia e o nascimento do petismo

O subdistrito da Brasilândia se localiza geograficamente na zona noroeste da cidade, fazendo fronteira com os bairros da Freguesia do Ó, ao sul, Jaraguá ao leste, e Cachoeirinha ao oeste, sendo que ao norte se encontra a Serra da Cantareira:



Figura 1 – Mapa de São Paulo com destaque para o Subdistrito da Brasilândia

No início do século XX, a Brasilândia era formada por chácaras e sítios que pertenciam a famílias de descendentes de portugueses e italianos que cultivavam cana de açúcar e fabricavam água ardente, a “caninha do ó”, de modo que a denominação do local deve sua origem ao nome de um dos sitiantes da região, Brasília Simões. Na década de 1940 essas chácaras e sítios passaram a ser loteados fazendo com que o nascimento oficial da Brasilândia, de acordo com um decreto

municipal de 1992, passasse a ser comemorado no dia 24 de janeiro de 1947, data do registro do primeiro loteamento. Porém, antes mesmo de seu nascimento oficial, a Brasilândia já contava com uma capela chamada Santo Antônio, cuja construção teve início em 1942 e foi finalizada dois anos depois.

Nessa época, havia apenas uma via de acesso para o local, a rua Parapuã, continuação da Avenida Itaberaba, localizada na Freguesia do Ó, por onde circulava a única linha de ônibus, criada no ano de 1949, que fazia a conexão da Brasilândia com o bairro da Pompéia e cujo ponto final ficava bem em frente à capela de Santo Antônio. A praça em que foi construída a capela Santo Antônio era o principal local de encontro dos moradores no qual eram realizadas festas, quermesses, e até mesmo desfiles em comemoração à Semana da Pátria. Além de atividades lúdicas, a praça também era usada para sediar reuniões entre os habitantes da região e lideranças e autoridades políticas, o que deu ensejo à fundação da primeira associação do bairro, a “Sociedade Amigos da Vila Brasilândia” no ano de 1953. No ano seguinte à fundação da associação, os moradores promoveram uma de suas primeiras conquistas, a pavimentação da Rua Parapuã, além disso, ainda em 1954, a capela, que havia sido construída dez anos antes, transformou-se em Paróquia Santo Antônio, a primeira igreja da Brasilândia, sendo que a posse do primeiro pároco, o padre Renato Reinaldo Catalan Cárceres (1909 – 1986), ocorreu no dia 12 de setembro daquele mesmo ano.

Dez anos depois da pavimentação da Rua Parapuã e da fundação da primeira Igreja da Brasilândia, em 28 de fevereiro de 1964, o bairro foi elevado a 40º subdistrito da cidade de São Paulo, época em que teve início um grande crescimento demográfico na região e as feições mais “rurais” do bairro começaram a desaparecer. O aumento da população ocorreu, em grande medida, em virtude da migração massiva de nordestinos à procura de ofertas de emprego nas fábricas localizadas nos bairros da Barra Funda, Limão, Freguesia do Ó, e demais distritos próximos. Com a chegada dos migrantes, ao longo dos anos, a região em torno da Igreja de Santo Antônio começou a ser ocupada por pessoas de maior poder aquisitivo, enquanto os mais pobres foram sendo deslocados para morros e áreas próximas de córregos que não contavam com equipamentos urbanos. Tal fenômeno ensejou a formação de várias “vilas” em torno da região central da Brasilândia, entre as quais estão o Jardim Vista Alegre, Carombé, Ana Maria, Jardim Paulistano, Jardim Damasceno, Jardim Guarani, Cruz das Almas, entre outras, que não possuíam infraestrutura urbana básica como fornecimento de água e energia elétrica, pavimentação de ruas, transporte e equipamentos públicos como escolas e postos de saúde. Dessa forma, os moradores destas “vilas” mais recentes passaram a se referir à Brasilândia ao mesmo tempo como o subdistrito em que moram e também como o bairro mais “central” e antigo do subdistrito, onde se localizam a Igreja Santo Antônio e a maior parte do comércio da região, concentrado na Rua Parapuã.

Dada a precariedade destas várias vilas que se formaram em torno do bairro central do subdistrito, durante a década de 1970, em plena ditadura militar, começaram a surgir diversos movimentos de moradores, muitos dos quais estavam ligados à Igreja Católica, para reivindicar melhoras nos novos bairros. A Igreja se expandiu na região por meio da fundação de diversas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), sendo que a primeira CEB, a Santa Isabel, foi fundada ainda no fim da década de 1960, depois vieram a CEB Sant’Ana em 1983, a CEB São Renato Batista em 1986, e a CEB Sagrado Coração de Jesus em 1991, entre outras. De acordo com os depoimentos de dois militantes dos movimentos de moradores coletados pelo Jornal Cantareira, essa época foi politicamente marcante para o subdistrito:

“Eram grupos heterogêneos oriundos da Igreja, da Frente Nacional do Trabalho, do movimento estudantil, que envolvia também professores, militantes políticos, líderes de movimentos, padres, irmãs e agentes da pastoral que iniciam uma luta de resistência e enfrentamento aos grupos de direita que comandavam a região. Foi uma década muito importante no processo de formação política da Brasilândia. Neste momento a Igreja Católica estava em comunhão com o sofrimento do povo. Era o início da Teologia da Libertação, o começo das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), e a organização das pastorais sociais” (Luiz Zimmerman)

“A luta pela água foi um dos principais motivos que desencadeou o movimento de resistência na região. Problemas como canalização de esgoto, luz, transporte público, regularização dos terrenos, a falta de equipamentos públicos (posto de saúde, escolas, creches, centros culturais) tomou um contexto amplo que envolveu quase todos os bairros do Subdistrito Brasilândia. A organização dos diversos bairros ganhou força e a Brasilândia era vista como um caroço na garganta dos governantes. As lideranças e o povo não davam trégua enquanto não fossem atendidas as reivindicações. Este ciclo durou aproximadamente 15 anos. A luta foi longa, mas de uma em uma o povo conquistou todas as reivindicações” (Teresa Lajolo⁹)

É possível dizer que as CEBs figuraram como aglutinadoras fundamentais dos movimentos de moradores dos novos bairros do subdistrito da Brasilândia. Para alguns moradores que frequentavam a Igreja, as CEBs acabavam servindo por vezes como porta de entrada para o mundo

⁹ A vinculação partidária de Teresa Lajolo é conhecida pois a mesma foi professora de Daniela, a qual relatou que Teresa era filiada ao PT.

da política partidária, tendo em vista os laços existentes entre várias lideranças religiosas que atuavam nestas Comunidades e o Partido dos Trabalhadores.

Infelizmente, já no final dos anos 1980, mas principalmente durante a década de 1990, os movimentos de bairro e as CEBs foram perdendo força. Os motivos para que isso tenha ocorrido são vários, entre os quais é possível apontar os cortes promovidos na indústria durante o período, o que resultou em altas taxas de desemprego e na dificuldade de organização dos trabalhadores moradores de bairros periféricos (Feltran, 2011); dinâmicas internas do Partido dos Trabalhadores que fizeram com que a importância de militantes ligados à Igreja decrescesse e a profissionalização dos quadros partidários aumentasse, afastando militantes de base que não conseguiam se tornar mais orgânicos (Secco, 2011); e a atuação da própria Igreja Católica, tendo em vista a perda de espaço da teologia da libertação no cenário religioso por conta de fatores internos, avanço do movimento carismático, e externos, crise de paradigmas e da esquerda (Sofiati, 2009)¹⁰.

A CEB Santo Eugênio e o encontro entre Irmã Natalvina e Maria Teresa

Atualmente, ainda que as CEBs continuem existindo fisicamente e continuem a atuar em vários bairros de periferia, é possível dizer que, politicamente, elas se tornaram menos representativas em comparação com o que um dia já foram (Sofiati, 2009). Essa é a situação da CEB Santo Eugênio, localizada no Jardim Guarani, bairro habitado por catorze das dezessete pessoas que entrevistei no subdistrito da Brasilândia, e que serve tanto aos moradores deste bairro quanto àqueles da Vila Terezinha, bairro vizinho ao Guarani. A CEB Santo Eugênio foi justamente onde Maria Teresa, minha principal guia durante esta pesquisa, cuja trajetória será explorada em profundidade no próximo capítulo, debutou politicamente no final da década de 1980, influenciada pela atuação de uma freira que lá militava, a irmã Natalvina Zanella.

Em 1974, a freira Palmira Zanella da Congregação das Irmãs Marcelinas, irmã gêmea de Natalvina, deu início a um trabalho de evangelização de mulheres e crianças na Vila Terezinha na antiga Comunidade Sagrada Família, seguindo a orientação do Projeto Operação Periferia da Arquidiocese de São Paulo. Alguns anos depois sua irmã, Natalvina, veio ajudá-la no trabalho pastoral no bairro e na organização de uma creche no local. Na época, havia um religioso franciscano que atuava na região, o Frei Antonio Esperandio, o qual, por influência de Palmira e

¹⁰ Souza, 2004, também aponta para o crescimento da renovação carismática dentro da Igreja, porém discorda que tal avanço represente necessariamente uma diminuição do espaço das CEBs e das pastorais sociais: “Se o movimento carismático aumenta, isso não indica que as pastorais sociais e as CEBs declinem (...), As CEBs continuam a exercer um papel ativo na sociedade, desde atividades assistenciais, até mobilizações e engajamento em associações, sindicatos e partidos, assim como em campanhas nacionais e conselhos municipais” (Idem, p.12).

Natalvina, apresentou um projeto na Mitra Arquidiocesana para a doação de um terreno para a construção da creche, a qual foi construída, em 1978, em um terreno doado pela Igreja, com trabalho de um mutirão organizado pelas irmãs¹¹.

Apesar do sucesso que as irmãs lograram com a construção da creche, a Vila Terezinha possuía outros problemas de infraestrutura urbana que não poderiam ser solucionados de forma pontual pela comunidade católica. As freiras começaram então a fazer reivindicações ao governo por melhorias no bairro, porém, dessa vez, enfrentaram obstáculos maiores, segundo o relato da própria irmã Natalvina ao Jornal Cantareira:

“No dia 21 de junho de 1980¹², lideranças dos bairros da Brasilândia saíram com destino à Administração Regional da Freguesia do Ó, para reivindicar do poder público soluções para os problemas dos bairros. A resposta do então Governador Paulo Maluf foi fulminante. A população foi atacada pela tropa de choque e seguranças do governador, que transformou o Largo do Clipper numa praça de guerra. Na pancadaria muitos moradores ficaram feridos.”

Apesar do episódio trágico, que ficou conhecido na região como “pancadaria da Freguesia do Ó”, as principais reivindicações dos moradores foram atendidas, o que impulsionou, em um primeiro momento, os religiosos e os moradores a atuarem politicamente em prol de melhores condições para o bairro. Irmã Brígida McDonag, outra freira que atuava na região, em depoimento para o Jornal Cantareira, se recorda desse período de intensificação da militância política da comunidade católica:

“Frei Esperandio lotava o fusca verde de pessoas da Ana Maria e levava-os para os encontros de formação. Aí nasce o grupo Fé e Política que esteve presente nas lutas da região. Lembro que alugamos um ônibus e muitos faltaram no serviço para irem na audiência com o prefeito, na época Jânio Quadros¹³, que se recusou a receber os moradores e nem deixou a gente descer do ônibus”

11 Anos depois foi formado o Núcleo Comunitário da Vila Terezinha, entidade mantenedora da creche, a qual passou a funcionar em 1984, e, seis anos depois, apoiou a inauguração, no dia 19 de março de 1992, de um lar para pessoas idosas, o Recanto Santa Ana Maria.

12 Não é possível saber o ano preciso do evento pois existe uma divergência nos depoimentos dados ao Jornal Cantareira, para Irmã Natalvina o ano foi 1980, porém irmã Brígida afirma que foi em 1981.

13 Irmã Brígida provavelmente se enganou quando disse que na época o prefeito de São Paulo era Jânio Quadros, pois, o Frei Antonio Esperandio deixou de atuar na Vila Terezinha em 1981, de modo que, provavelmente, o prefeito de São Paulo nessa época era Reinaldo de Barros, Jânio Quadros passou a governar a cidade apenas no ano de 1986.

Porém, em face das dificuldades, e assustadas com a violência resultante dos embates políticos, algumas lideranças comunitárias que apoiavam o movimento das freiras se afastaram ou mudaram para outras regiões, época em que o tráfico de drogas, ainda incipiente em comparação com os dias atuais, passou a ter uma penetração maior na Vila Terezinha. Foi apenas no final da década de 1980 que novas lideranças comunitárias emergiram e passam a atuar politicamente em prol da melhora do transporte, saneamento básico e, principalmente, de moradia, tendo em vista o surgimento de uma série de ocupações de áreas públicas na região, entre estas a ocupação que deu origem à favela Boa Esperança no Jardim Guarani.

Com origem mais recente em relação à Vila Teresinha, o Jardim Guarani¹⁴ foi formado no início da década de 1970 em grande parte por trabalhadores vindos em sua maioria de regiões empobrecidas do Nordeste fugindo da fome e da seca. O primeiro loteamento da região data de 1973, quando cerca de 40 famílias compraram terrenos no local. Porém, de forma análoga ao que ocorreu com a Vila Terezinha, o Guarani também não possuía os equipamentos urbanos necessários para seu desenvolvimento, inclusive, muitas famílias viviam em terrenos que não estavam regularizados. Assim, os moradores do bairro também foram reivindicar melhorias junto à Administração Regional da Freguesia do Ó e à prefeitura do município. Em meio a tal mobilização, em 1975, foi fundada a “Sociedade Amigos do Jardim Guarani”, cuja missão era organizar e representar os moradores. Porém, segundo Renato Rodrigues, um ex-membro da diretoria da Sociedade, em depoimento para o Jornal Cantareira, a associação perdeu o contato com suas bases e com isso vários moradores se afastaram. Assim, quatro anos mais tarde, em 1979, surgiu a “União dos Moradores do Jardim Guarani” com o objetivo de dar continuidade à luta pela regulamentação dos terrenos e melhorias do bairro e da região.

A organização e mobilização dos moradores do Jardim Guarani também era acompanhada por membros da Igreja Católica de forma análoga ao que foi descrito em relação à Vila Terezinha, como confirma o depoimento de Irene Amaro dos Santos, uma militante dos movimentos de moradores, para o Jornal Cantareira:

“Em nossa caminhada, sempre contamos com o apoio da Igreja Católica. Os padres Patrício Maloughney e Manuel McCarthy, da Congregação São Patrício, acompanharam de perto o início das lutas. Também ajudaram a formar a Associação Comunitária Todos Irmãos, responsável por diversas creches.”

14 Ao que parece, segundo me relataram Maria Teresa e alguns entrevistados, a região era, antigamente, habitada por índios guarani, daí o nome de Jardim Guarani.

Assim, quando ao final dos anos 1980 consolidou-se a favela Boa Esperança, fruto de uma ocupação iniciada em 1981, as freiras que atuavam na região do Jardim Guarani e da Vila Terezinha, entre as quais estava a irmã Natalvina, passaram a se mobilizar para prestar auxílio aos moradores do local, o que confirma o depoimento de irmã Brígida ao Jornal Cantareira:

“A maioria das famílias era do Jardim Guarani e da Vila Terezinha que não conseguiram mais pagar aluguel. Neste momento, a Irmã Natalvina desempenhou uma missão importante. Muitas famílias foram ajudadas por ela, especialmente com material para os barracos. Eu e a Aparecida¹⁵ acompanhamos de perto a luta deste povo. A primeira capela, hoje conhecida como Santo Eugênio, foi construída com nosso apoio e da Irmã Natalvina.”

É justamente nesse processo que a irmã Natalvina conhece Maria Teresa, que havia acabado de se mudar para uma casa em frente à favela e ficado amiga de Aparecida, moradora da Boa Esperança que é citada na reportagem do Jornal Cantareira. Em conjunto com vários outros moradores e moradoras do bairro, Maria Teresa, Aparecida e irmã Natalvina participam do processo de construção da capela Santo Eugênio, a CEB que serviria tanto ao Jardim Guarani e à Vila Terezinha, e por meio da qual Maria Teresa, influenciada em grande medida por Natalvina, ingressará no mundo da política partidária.

Maria Teresa e o petismo: da construção à decepção

Maria Teresa, que hoje conta com 47 anos, nasceu na cidade de São Paulo no bairro de Perus, extrema periferia da Zona Norte da capital, onde seus pais, que vieram do Piauí na década de 1960 para trabalhar em São Paulo como operários, haviam se estabelecido. Foi apenas no final da década de 1980, no ano de 1988, quando se casou com Paulo, que na época trabalhava como operário¹⁶ na mesma firma que Maria Teresa trabalhava como secretária, que a moradora de Perus se mudou para a Brasilândia. Paulo nasceu no Jardim Guarani em 1955, pois seus pais, que também haviam vindo de Pernambuco para São Paulo, após terem morado na região central da Brasilândia, compraram um terreno no Guarani quando o local ainda era praticamente uma zona rural, silenciosa, com poucas casas e ruas de terra. À medida que os irmãos de Paulo foram se casando,

15 Aqui o nome foi trocado pois, “Aparecida” é mãe de Caroline, uma das pessoas que foi entrevistada por mim.

16 Paulo trabalhou tanto em indústrias do ramo têxtil como em metalúrgicas, segundo disseram Maria Teresa e Felipe.

foram sendo construídas mais duas casas no terreno de seus pais, o qual, passou a contar com três casas que hoje abrigam as famílias de três dos nove filhos do casal, assim, atualmente as duas casas que foram construídas posteriormente são habitadas pelas famílias de duas irmãs de Paulo, e a casa original de seus pais, localizada na frente do terreno, por Paulo e Maria Teresa.

Ainda que Paulo gostasse de morar na casa de seus pais no Jardim Guarani, e tivesse boas memórias de sua infância, o bairro havia passado por muitas mudanças com o tempo, principalmente a região que ficava em torno de sua propriedade. Durante a década de 1980, em virtude das altas taxas de desemprego, muitas pessoas que moravam de aluguel tiveram que deixar suas casas e passaram a ocupar terrenos baldios que ficavam ao redor de sua casa e construir barracos, formando no final da década, a já citada favela que recebera o nome de Boa Esperança, justamente na época em que Maria Teresa, recém-casada, mudava-se para a casa de Paulo no Guarani.

Apesar de ter deixado de trabalhar após o casamento por conta dos bons rendimentos que Paulo auferia como operário, a mudança de Perus para o Jardim Guarani foi sentida por Maria Teresa como um descenso social. Ainda que o salário do marido fosse relativamente bom e a casa que passou a morar fosse razoavelmente confortável, a propriedade se encontrava cercada pelos barracos da Boa Esperança e ficava na frente de um córrego aberto e sujo, o que atraía para o local centenas de ratos. Porém, após tentar por diversas vezes se mudar do Jardim Guarani e não obter sucesso, a ex-moradora de Perus acabou se conformando em continuar no novo bairro com a crença de que Deus havia preparado tal provação para sua vida.

Com o tempo Maria Teresa foi deixando de lado o preconceito que sentia em relação aos moradores da favela e começou a estabelecer laços de amizade com seus novos vizinhos, entre os quais estava Aparecida, que se tornou uma de suas grandes amigas e ganhou sua admiração e respeito por criar sozinha seus filhos trabalhando como empregada doméstica. Católicas, Maria Teresa e Aparecida logo se envolveram com a construção da Comunidade Eclesial de Base (CEB) Santo Eugênio, e passaram a trabalhar em conjunto com as lideranças religiosas que lá atuavam para prestar auxílio às famílias da Boa Esperança. Nessa época, as relações entre as CEBs localizadas em bairros de periferia de São Paulo e o Partido dos Trabalhadores eram próximas, e muitos padres e freiras que atuavam junto às CEBs faziam campanha para candidatos da agremiação. Em Santo Eugênio não era diferente e logo Maria Teresa e Aparecida foram apresentadas à já mencionada irmã Natalvina, freira que apoiava o partido de esquerda e que, de acordo com Maria Teresa, teria influenciado vários moradores da região a votarem no PT. Assim, com o incentivo da freira, ambas passaram a se engajar, junto com outros frequentadores da Igreja, na campanha da candidata do PT à prefeitura Luíza Erundina, nas eleições ocorridas no ano de

1988.

Depois dessa primeira experiência, Maria Teresa, que até então era malufista, se filiou ao PT no início dos anos 1990 e deu início a uma trajetória ativa como militante de base do partido e liderança comunitária. Ao contrário de Aparecida, que precisava trabalhar para sustentar sua família e dispunha de menos tempo para a militar no bairro, Maria Teresa, que era dona de casa, contava com o salário de seu marido e podia se dedicar ao mesmo tempo à criação de seus dois filhos, Felipe e Bruno, nascidos, respectivamente, em 1989 e 1992, e ajudar na promoção de festas comunitárias, na distribuição de alimentos recebidos pela Igreja nas favelas da Brasilândia, e participar de diversas campanhas para parlamentares e mandatários do PT.

Nessa época Maria Teresa passou a conhecer e conviver cotidianamente com pessoas que atuavam em prol da região da Brasilândia das formas mais diversas, sendo que todas possuíam alguma ligação ou simpatia com a CEB e com o PT. Dulce, vizinha de Maria Teresa, era uma ativa frequentadora da CEB, atuava na Pastoral da Criança, dava aulas de catequese para jovens e simpatizava com o PT. Célia, parceira de militância de Maria Teresa no PT, também era católica e ajudara a fundar a CEB durante os anos 1980, e Juçara, militante de esquerda com origem no partido e no MST e, fundou em 1995, com a ajuda de padres da região, entre eles o padre Michel que atuava na época na CEB Santo Eugênio, a rádio comunitária da Brasilândia, na qual Maria Teresa, Célia e vários outros moradores do bairro apresentaram programas que eram ouvidos nas zonas Norte e Noroeste. Maria Teresa, junto com suas amigas e conhecidas, fazia tudo o que era preciso para ajudar seu bairro, mesmo se fosse necessário enfrentar situações arriscadas e perigosas, e por conta de seu engajamento, passou a ser conhecida e respeitada por muitas pessoas da região. Felipe, seu filho mais velho, lembra com carinho dessa época, das festas que a mãe organizava e da ajuda que proporcionava às famílias do bairro, para ele o ativismo de Maria Teresa era uma fonte de orgulho para a família, tanto que Felipe, como a mãe, também frequentava a CEB Santo Eugênio e chegou até a dar aulas de catequese na Comunidade.

Infelizmente, em 1995, Paulo perdeu o emprego, o que obrigou Maria Teresa a sair de casa para trabalhar. O primeiro emprego que Maria Teresa conseguiu foi como empregada doméstica em uma casa de família, no qual permaneceu por oito meses até conseguir trabalhar como cozinheira em um Centro de Juventude mantido pela irmã Natalvina, onde ficou por três anos. A experiência adquirida no Centro a ajudou a conseguir outros empregos como cozinheira e lactarista em diversos hospitais de São Paulo, passando a trabalhar fora de forma contínua em locais distantes de sua casa.

A partir desse momento, Maria Teresa começou a contar com menos tempo para cuidar do lar e da família, assim, ainda que seu marido passasse mais tempo em casa, achou melhor fazer com que os filhos também ficassem ocupados durante a maior parte do dia, tendo em vista as tentações

do crime e das drogas que existiam no bairro. Desse modo, de manhã os jovens frequentavam uma obra social chamada Dom Bosco, na qual podiam fazer alguns cursos profissionalizantes, à tarde seguiam para a escola, e, ao fim das aulas, os irmãos ficavam aos cuidados de uma das irmãs de Paulo, que habitava em uma casa no mesmo terreno e era remunerada mensalmente por Maria Teresa. O zelo da militante petista ajudou seus filhos a frequentarem a escola pública sem interrupções, além disso, por conta da passagem pelo Centro Dom Bosco, seu filho mais velho, aos quinze anos, já possuía mais de um diploma técnico, o que permitiu que ele já começasse a trabalhar por períodos curtos. No entanto, tais cuidados não foram suficientes para impedir que, ao se tornar adolescente, Felipe, que dava aulas de catequese na CEB e havia tirado seu título de eleitor aos 16 anos para poder votar no PT nas próximas eleições, por influência de amigos de infância que haviam se envolvido com atividades ilegais, resolvesse entrar para o "mundo do crime".

Em pouco tempo, Felipe conseguira juntar mais dinheiro do que seus pais ganhavam trabalhando durante um ano, o que fez com que roupas de grife, motos, hotéis e baladas exclusivas passassem a fazer parte de sua rotina. Logo Maria Teresa começou a perceber o que ocorria em sua ausência e passou a se empenhar em fazer com que o filho deixasse para trás a criminalidade e se voltasse apenas para os estudos e o trabalho. Batalha inglória, pois uma vez na *vida loka*¹⁷, seria muito difícil para que ele voltasse a viver apenas como estudante e trabalhador.

Apesar dos problemas com o filho, Maria Teresa não abandonou o trabalho e nem a militância no bairro, principalmente, junto à favela que ficava no entorno de sua casa. Na mesma época, durante a prefeitura de Marta Suplicy, foi dado início a um programa de urbanização da Boa Esperança, assim, todas as famílias que moravam na favela foram cadastradas e algumas precisaram abandonar rapidamente suas casas porque estas haviam sido construídas em cima do córrego e poderiam desabar. Nesta situação se encontrava justamente Aparecida, amiga de Maria Teresa, que, com a ajuda da família para a qual trabalhava como empregada doméstica, conseguiu se mudar da Boa Esperança para uma casa própria no Jardim Icaraiá, outro bairro do subdistrito da Brasilândia. Nem todas as pessoas, no entanto, conseguiram imediatamente comprar uma casa como fez Aparecida, de modo que Maria Teresa ajudou no cadastramento e participou de algumas reuniões organizativas com várias das famílias que iriam, dali alguns anos, poder morar em prédios novos construídos pela prefeitura no mesmo local onde ficava a favela, entre as quais estava a de Claudemir, que havia me apresentado a Maria Teresa.

Contudo, antes de poder contemplar os resultados concretos de um trabalho de anos junto à

17 “Vida loka” é uma gíria empregada, sobretudo por jovens moradores de bairros periféricos, para designar a vida arriscada, insegura e violenta, uma incerta roda da fortuna em que é possível ganhar e perder muito em pouco tempo. (Hirata, 2011, p.197)

favela da Boa Esperança, Maria Teresa decidiu, após uma profunda decepção com o escândalo do chamado “mensalão” em 2005, abandonar a militância no Partido dos Trabalhadores. Assim, apesar de ainda ter votado em Lula, nos dois turnos, em 2006, sentiu-se desincumbida de seguir religiosamente o partido da estrela e resolveu optar, no primeiro turno das eleições presidenciais de 2010, por Marina Silva, ex-petista que havia se filiado ao Partido Verde.

Para Maria Teresa a perda da bandeira da ética que teria ocorrido com a denúncia do “mensalão” seria um sinal de que o PT havia se tornado um partido como os outros, cujos políticos teriam deixado de representar as classes trabalhadoras e passado a se preocupar apenas com seus próprios interesses eleitorais e materiais imediatos. Tal sentimento era também compartilhado por algumas amigas de Maria Teresa, como Aparecida e Dulce, as quais também eram frequentadoras assíduas da CEB Santo Eugênio, e, que, como ela, por meio do contato com irmã Natalvina, haviam passado a simpatizar com o Partido dos Trabalhadores entre o final dos anos 1980 e início dos 1990:

“Dulce: eu só voto nesse povo do PT, já te disse, só não sei explicar (porque).

Maria Teresa: Tem gente que foi muito influenciada pela irmã Natalvina...

Dulce: Acho que sim...

Maria Teresa: Aí eu acho que isso fez com que a gente despertasse interesse pelo PT. É que nem eu... Eu também já fiquei até afiliada, eu falei, mas eu não sei por que. Por que será que eu sou afiliada? Eu fui afiliada...mas, por quê? Porque a irmã convenceu a gente de que o PT era melhor...E aí tem aquela influência também de que é do Partido dos Trabalhadores, e o que nós somos? Trabalhadores. Então todo o trabalhador acredita que o PT é por ele, quando na realidade a gente sabe que não tem nada a ver, né? Eles usam disso porque sabem que as pessoas, quando fala assim, quando se trata de trabalhador, todo mundo acredita que: “não, ele está falando de trabalhador, então ele está falando comigo, então é nele que eu vou”. Só que a gente não tem aquela coisa, aquele raciocínio lógico de que “quem vai sair beneficiado com isso vai ser eles, e não a gente”

Dulce: Exato. Esse cara que cuida daqui, como é que ele se chama? Marcelino? Ele é o quê? Vereador?

Maria Teresa: Ele é do PT... Ele é vereador. Mas ele é do P...PSDB.

Dulce: PSDB? Não? Ah sei lá, (do partido) do Serra, do Alckmin, (...) então é assim...se você pedir uma coisa para ele, ele faz.

Maria Teresa: Faz, independentemente de partido, ele faz. Mas por que é que ele faz? Porque ele está lucrando, você entendeu? (...) Porque independente de ganhar Lula, que é do PT, ou ganhar outro que é do Partido Verde, ele vai continuar lá, porque ele é vereador. Na verdade ele não tem vínculo com partido nenhum, e ele só usa aquilo para ele poder se candidatar, não tem vínculo com o povo, se é isso que o povo pensa, porque ele dá dentadura, dá cesta básica, e isso aí não quer dizer que ele tenha vínculo com o povo, ele tem vínculo sabe com quem? Com o bolso dele, porque o homem está cada dia mais rico. Isso aí é visível.

Dulce: Mas a visão que eu tenho é a seguinte, todos eles querem encher o bolso.”

Após ter deixado de militar no partido, Maria Teresa reviu suas motivações iniciais e chegou à conclusão de que, na verdade, influenciada por irmã Natalvina, teria ingenuamente acreditado que o PT de fato defendia os trabalhadores, afinal, na época ela não possuiria o “raciocínio lógico” para perceber que, na verdade, todos políticos sempre trabalhariam em benefício próprio, inclusive os petistas. Concordando com a argumentação de Maria Teresa sobre o PT, Dulce recorda-se de Celino Cardoso, político filiado ao PSDB que começou sua carreira política nos anos 1980 como vereador ligado à região da Freguesia do Ó/Brasilândia e atualmente está no quarto mandato como deputado estadual. Apesar de Celino ser muito conhecido, ambas tem dificuldade, em um primeiro momento, em lembrar de seu partido, o que possivelmente ocorreu porque, segundo Maria Teresa, a vinculação partidária do parlamentar tucano seria apenas uma fachada para que ele perseguisse seus próprios interesses materiais, de modo que o partido ao qual era filiado era apenas um detalhe. Maria Teresa conhecia muito bem Celino, pois quando militava pelo PT chegou a ter alguns conflitos com seu grupo político¹⁸, porém, curiosamente, ao tentar lembrar do partido do político peesedebista, comete um ato falho e afirma que ele seria do PT, igualando, dessa forma as práticas de Celino àquelas dos políticos petistas, afinal, para ambas, como finalizou Dulce, “todos eles querem encher o bolso”.

Apesar de abandonar a militância partidária, Maria Teresa não desistiu de continuar lutando para melhorar a vida das pessoas de seu bairro, mas agora o faria de forma individual. Assim, suas energias, que até então estavam divididas entre o trabalho, a família e o engajamento partidário, se voltaram para dois desejos principais: cursar uma faculdade e, com base nos conhecimentos adquiridos no ensino superior, erguer uma Organização Não-Governamental no Jardim Guarani

18 Informação coletada durante uma entrevista que fiz com Célia, amiga de Maria Teresa, que é filiada ao PT, e que, ao contrário desta última, continua a militar pelo partido até hoje.

para ajudar os demais moradores do bairro por meio de doações de livros, móveis e demais materiais usados.

Para poder cursar a faculdade Maria Teresa, que possuía então o ensino fundamental incompleto, procurou completar sua formação escolar por meio do programa de Ensino para Jovens e Adultos (EJA). Com o diploma do ensino médio em mãos, Maria Teresa, com o pretexto de estimular Felipe, seu filho mais velho, que contava então com 19 anos, a entrar na faculdade, começou a frequentar junto com o jovem as reuniões da Associação dos Trabalhadores Sem-Terra (ATST), entidade ligada a partidos de centro-direita que promove a distribuição de descontos em mensalidades de universidades particulares mediante a frequência em reuniões e o pagamento de cerca de vinte reais a cada três meses à associação. Depois de terem frequentado todas as reuniões necessárias e pagado o dinheiro requerido pela associação para conseguir os descontos prometidos, tanto Felipe como Maria Teresa ingressaram em cursos de nível superior entre 2008 e 2009.

Felipe optou por Educação Física pois gostava de artes marciais e tinha um sonho de construir uma academia no Jardim Guarani e oferecer, por meio do esporte, uma alternativa aos jovens do seu bairro que não podiam contar com outras opções de lazer e cultura. De forma análoga ao filho, Maria Teresa se interessou pelo curso de Ciências Sociais, o qual, segundo ela, possibilitaria a aquisição de conhecimentos e habilidades para que pudesse fundar a ONG, e, com isso, ajudar os moradores do Guarani, porém, acabou sendo obrigada a escolher outro curso, pois a faculdade conveniada à ATST não havia conseguido formar turmas de Ciências Sociais. Assim, seguindo a sugestão da secretária da faculdade, acabou optando, um tanto a contragosto, por cursar história no período noturno.

Enquanto cursava a faculdade, Maria Teresa fez uma primeira tentativa de fundar sua ONG no Jardim Guarani. Para realizar a empreitada, contou com a ajuda de Claudemir, seu amigo e vizinho, na arrecadação de vários tipos de materiais, desde livros até móveis usados, para poder distribuir para os moradores do bairro. A iniciativa, no entanto, não foi para frente, pois não havia um terreno que pudessem utilizar para erguer a sede da ONG e guardar as doações. Apesar disso, Maria Teresa, não desanimou e continuou a cursar a faculdade à noite ao mesmo tempo em que trabalhava como funcionária de limpeza em um colégio particular, imaginando como seria possível conseguir o terreno para fundar sua organização.

Tudo parecia ir bem, quando, no ano de 2010, Maria Teresa viveu o que considera um dos piores momentos de sua vida, seu filho mais velho, Felipe, fora preso. A moradora do Guarani ficou em choque, era mais uma difícil provação que precisava enfrentar, talvez a mais difícil de todas. Com uma rotina pesada de trabalho e estudos, precisou reunir todas as suas forças para ajudar o filho e não deixar que sua família desmoronasse, para tanto, recorreu a todos os meios possíveis

para tirar seu filho da cadeia, o que parece ter surtido algum efeito, pois Felipe conseguiu sair da prisão em quatro meses. Contudo, a aflição de Maria Teresa ainda não havia terminado. Depois de ter saído da prisão, Felipe não apenas desistiu de continuar o curso de Educação Física, e da ideia de fundar uma academia no Jardim Guarani, como voltou a participar de esquemas criminosos.

Com a esperança de fazer com que o filho deixasse as atividades ilegais de uma vez por todas, Maria Teresa, em uma atitude desesperada, resolveu comprar, em dezenas de prestações de cerca de 900 reais, um carro novo para Felipe, um *Stilo* vermelho com bancos de couro, um carro de rico, nas palavras do jovem. Porém, a compra do carro, ao contrário do que acreditava, não fez com que seu filho deixasse de participar do "mundo do crime". A ida para a prisão fez com que Felipe justamente reforçasse certas visões de mundo, as quais são razoavelmente compatíveis com a descrição que o sociólogo Daniel Hirata (2011) faz acerca da *vida loka* com base em uma análise de letras do grupo de rap Racionais Mc's. Nas palavras de Hirata, a *vida loka* remete à percepção da vida como guerra:

“A vida é uma guerra mas não apenas porque é difícil vivê-la. Não se trata somente das dificuldades das pessoas para sobreviver e vencer a pobreza. Pensar a vida como guerra é uma maneira de conferir inteligibilidade a todas as relações sociais a partir da ideia do conflito e do enfrentamento. São múltiplos os conflitos que organizam a vida: entre brancos e negros, entre ricos e pobres, com a polícia, com o Estado, com a ideia de sistema, mas também entre homens e mulheres e entre pobres (...). A guerra não é apenas um simbolismo ou uma ideia abstrata, mas diz respeito a confrontos reais, batalhas que fazem parte da vida cotidiana. (...) Além de representar a realidade, a guerra é a maneira pela qual é possível entendê-la. Nesse sentido, *a ideia é de que sempre existiu e sempre existirá uma batalha entre dois grupos sociais, conflito contínuo e permanente, que perpassa toda a sociedade, portanto todos os indivíduos são forçosamente adversários de alguém, é impossível que exista um sujeito neutro.*” (Hirata, 2011, pp. 193-195, grifos meus)

Na guerra da *vida loka* Felipe, jovem negro e morador da periferia, está no grupo social desfavorecido, condição que, segundo suas próprias palavras, pode melhorar, mas não ser eliminada. Para ele, o estudo e o trabalho nunca seriam suficientes para mudar sua inserção subalterna, apenas agindo na ilegalidade seria possível penetrar de alguma forma no universo dos ricos, afinal, era por meio de seus contatos no "mundo do crime" que Felipe conseguia ter acesso a lugares como hotéis e casas noturnas exclusivos, nas quais, se fosse trabalhador, só entraria como

empregado. Em sua visão, no Brasil, ou uma pessoa era rica ou era pobre, não havia meio termo e não haveria neutralidade possível, pois ricos e pobres seriam dois grupos em guerra, na qual, obviamente, os primeiros sempre levam a melhor. Segundo suas próprias palavras, ele seria sempre pobre, a despeito do quanto trabalhasse ou estudasse, e os ricos sempre ricos, porque o Brasil “não teria nascido com a igualdade”:

“você acha que algum dia o Brasil vai ter um maior nivelamento?”¹⁹ Um nível? Nunca. Não. Não muda. Que nem aumentou o meu salário, aumentou o seu também, entendeu? Você não tem o mesmo nível que eu, você não mora no mesmo bairro que eu, você não é minha vizinha, você não mora na minha casa. Sempre que aumentar o meu vai aumentar o seu, porque o mundo é assim, porque o país nasceu assim. O nosso país não nasceu com a igualdade. Alemanha não tem preto, no Brasil tem, ela nasceu assim, tenta mudar... A mudança é assim, a sua qualidade de vida vai melhorar e a minha vai chegar na sua. O hospital que te atende em quinze minutos, daqui um tempo vai atender eu em quinze e você em cinco. Vai melhorar a qualidade de vida, mas a igualdade nunca (risos). Vai melhorar minha qualidade de vida? Sim. Querendo ou não o governo pode tá roubando, pode tá fazendo qualquer outra coisa, mas ele tá dando melhora de vida, tá dando oportunidade, entendeu? Que nem, hoje eu ir no Shopping Alphaville tá fácil, o ônibus passa na porta da minha casa, porque o governo tá dando essa ampla expansão de eu chegar até lá, então eu não dependo de um carro pra ir até lá, eu posso ir de ônibus. Só que construíram outro shopping (risos), e (nesse) eu não vou. A vida vai melhorar, isso eu enxergo. Eu tô enxergando que tá melhorando e vai melhorar pra todos, tanto pobre quanto rico. Só que se melhora pro pobre, fica melhor pro rico.²⁰”

A resignação de Felipe em relação à permanência da desigualdade não diz respeito apenas a uma lógica social e histórica de reposição do antagonismo entre ricos e pobres, mas também a uma lógica individual. Todas as pessoas, ricas ou pobres, sempre acabariam se voltando para os seus próprios interesses econômicos em detrimento de ações voluntárias em prol da coletividade, o que ocorreria inclusive com sua própria mãe. Segundo Felipe, na época em que era criança, Maria Teresa era uma pessoa que ajudava a própria comunidade de forma desinteressada, porém,

19 As falas marcadas em itálico são minhas.

20 Para dar maior fluidez às falas transcritas alguns termos repetitivos ou palavras extremamente coloquiais foram eliminados ou substituídos por outros, sem com isso causar qualquer mudança significativa do conteúdo das mesmas.

recentemente, teria começado a se preocupar apenas com seus estudos e com o desejo de fundar uma ONG própria, deixando de lado as atividades que promovia voluntariamente no bairro no passado. Para Felipe, seria errado alguém querer ganhar dinheiro por meio de ONGs, uma vez que este deveria ser um trabalho exercido de forma voluntária e não-remunerada. Para ele, pessoas que procuram se manter por meio de trabalhos que deveriam ser voluntários, ainda que não sejam mal-intencionadas, acabam se envolvendo, de forma mais ou menos consciente, com algum tipo de ilegalidade. Tudo no país funcionaria dessa maneira, inclusive, todas as ONGs existentes, sendo assim, sua mãe não conseguiria fundar uma ONG sem um esquema ilegal que a sustentasse, crença que Maria Teresa fazia questão de rechaçar:

“Felipe: O fogo que movimenta hoje em dia é o dinheiro. Vamos lá, Racionais ou mesmo MV Bill. Quando eu conheci era de uma forma, com o dinheiro mudou. Por que as mentes deles mudaram? MV Bill...tem que ajudar as crianças, os meninos, Falcão, não sei o que, tirar o desarmamento, fez uma ONG, e olha a mente: abriu uma ONG e mudou pra Ipanema, Copacabana, mora lá. A ONG dele é na favela, pergunta se ele vai lá tomar conta? Pergunta se ele vai lá pegar um menino baleado e ele manusear um menino (...), ele usa um homem da ONG e toda ONG tem o que? Ajuda do governo. Nesses negócios de estelionato, eu conheci uma pessoa. Ela tem uma ONG ali no Jardim Paraná, a gente passou uma semana junto e ela falou da ONG. Aí eu falei: “Você faz o que da vida”? Ela, “não, eu tenho uma ONG”. A dona não trabalha, a dona vive da ONG! Eu acho que a ONG é pra ajudar, certo? Você trabalha e ajuda na ONG, porque se eu for ajudar eu tenho que trabalhar, não tem como ajudar sem trabalhar, tem que dar dinheiro. Aí eu falei, “me explica uma coisa, pra que você abriu a ONG”? Ela falou assim, “eu conheci um cara (prefeito de uma cidade), que ele mandar dinheiro pra fora já não estava dando certo, porque ele estava sendo vigiado (risos). Aí eu tive um diálogo com ele e a gente pegou uma amizade e ele me deu uma dica: “abre uma ONG, você não mora na favela? Você abre a ONG que eu patrocino a ONG. Com um ano de ONG eu vou depositar vinte mil todo mês pra você. Aí eu vou colocar cem e você vai me devolver oitenta”. Ela usa a ONG pra lavar dinheiro! Ajuda? Ela ajuda bastante gente. Só que você tá vendo o que o governo impõe. Por que o governo não fala assim: “Eu vou abrir a ONG”, ou o próprio prefeito, “eu vou abrir, vou colocar os cem lá e você vai gastar os cem mil com a favela onde você mora”. Não, ela fica com vinte e ele com oitenta. Ela ajuda, só que ali ela é ajudada. Então ela se dispôs a fazer pelo que? Pelo dinheiro. Ela não é uma pessoa ruim, pessoa boa, legal, de coração bom, só que querendo ou não ela se deu por dinheiro.

Maria Teresa: Ela quer o benefício. E tanto que o Felipe falou pra mim dela e eu falei pra ele: "eu vou se for uma coisa legal, se for sacanagem não adianta". A mulher ficou de vir falar comigo e até hoje não veio.

Felipe: Não, mas eu falei com ela, todas são iguais.

Maria Teresa: Não senhor. Quando eu tiver a minha não vai ser assim não.

Felipe: Sim, ah tá, tomara que não. Tomara que a senhora venda a televisão, a geladeira e o fogão pra senhora manter a ONG.

Maria Teresa: Não. Pra isso, filho, tem uma diferença. Pra isso, eu estou me preparando pra eu poder eu captar o dinheiro, pra eu manter, não ficar procurando gente sem vergonha, pra querer lavar dinheiro nas minhas costas.

Felipe: A senhora vai abrir uma ONG. ONG ela tem que ter a mão do governo ou a senhora vai ter que ficar milionária, ganhar na mega sena.

Maria Teresa: Mas meu filho, Caixa Econômica é do governo, ela financia ONG. Então se você vai para o lado correto você não vai precisar ficar recebendo dinheiro de gente sem vergonha pra você manter a sua ONG, e lógico que como você está ali pra ajudar às pessoas, você também vai tá sendo ajudado. Você também precisa comer, então seu salário não vai sair de gente corrupta, seu salário vai sair do governo, certo?

Felipe: Então, não existe, que nem eu estou dizendo, não existe nada que o governo esteja envolvido que seja certo. Finalizando o ponto de vista do que eu vejo."

Para Felipe a lógica mercantil, aliada às dinâmicas da ilegalidade, é inescapável e perpassa todas as instituições, inclusive, e principalmente, as governamentais. Afinal, estas seriam controladas por indivíduos concretos que seriam facilmente corrompíveis, como o prefeito, o juiz, o policial, os quais, por sua vez, estabelecem relações ilegais com outras pessoas concretas como o gerente de banco e a "dona da ONG". Até *rappers* atuariam dentro da mesma lógica, pois, segundo Felipe, o dinheiro muda a mentalidade das pessoas. Com sua mãe não seria diferente, daí sua insistência em alertá-la de que não haveria escapatória, e que sem fazer parte de algum esquema ilegal sua ONG teria pouco tempo de vida ou talvez nem mesmo fosse inaugurada.

Maria Teresa não conseguiu convencer seu filho do contrário, afinal, agora, com as gordas prestações do carro novo para pagar, as quais equivaliam praticamente ao salário que no momento recebia como funcionária de limpeza de um colégio particular, seria preciso correr atrás de uma remuneração melhor e deixar os planos da ONG para mais tarde. Em 2012 a moradora do Guarani havia conseguido se formar em uma colação de grau com ares de espetáculo ocorrida em um auditório do Memorial da América Latina na qual estavam presentes Felipe e sua namorada e eu e

meu marido. Feliz por ter conseguido terminar a graduação depois de ter enfrentado tantas dificuldades, começou a buscar oportunidades de emprego que exigissem ensino superior.

Passados alguns meses procurando por vagas, Maria Teresa não obteve sucesso, pois as boas colocações exigiam habilidades que ela ainda não possuía, como domínio de inglês e informática. Além do mais, a ex-militante do PT também não possuía contatos que pudessem indicá-la para uma boa vaga de emprego, de modo que as poucas ocupações disponíveis que poderia conseguir em sua área de atuação eram aquelas cuja remuneração era apenas um pouco maior em comparação com seu emprego atual de funcionária de limpeza, como era o caso do emprego como professora eventual na rede pública de ensino.

Enquanto decidia se seria de fato vantajoso deixar o emprego de faxineira para ser professora eventual, Maria Teresa voltou novamente suas energias para a ideia da construção de sua ONG no Jardim Guarani. Tendo em vista o fracasso de sua primeira tentativa, pensou que, dessa vez, seria necessário obter uma qualificação que lhe fornecesse instrumentos para captar dinheiro de forma legal para fundar e manter uma ONG, o que não ocorreu durante sua graduação em história. Assim, com a ajuda de um padre que conhecia, conseguiu ingressar em um curso de pós-graduação *latu-sensu* na área de políticas públicas ministrado em uma universidade privada católica sem a necessidade de fazer prova, como ocorria com as demais pessoas, e, além disso, foi agraciada com descontos nas mensalidades durante todo o período de formação, cerca de um ano e meio.

Com um diploma de pós-graduação, Maria Teresa imaginava que estaria finalmente preparada para erguer sua ONG e também para conseguir um bom emprego. No entanto, logo no início do curso de pós-graduação sentiu as insuficiências de sua formação escolar, pois tinha bastante dificuldade em acompanhar as aulas e escrever textos acadêmicos. Maria Teresa temia tirar notas baixas em seus trabalhos do curso, pois, se isso ocorresse, seria necessário refazer as disciplinas, o que não só atrasaria sua formação mas também lhe custaria mais dinheiro, de modo que passei a ajudá-la com seus deveres acadêmicos.

Observando as dificuldades enfrentadas por Maria Teresa com o curso de pós-graduação e com a busca por uma boa vaga de emprego, Felipe acreditava que seria impossível que ela conseguisse uma ocupação que não fosse de baixo escalão em sua área de atuação. Afinal, Maria Teresa, assim como ele, era uma mulher negra, moradora de periferia, cujo único contato com as classes médias se dava por meio de religiosos que atuavam em seu bairro, o qual não seria suficiente para fazer com que ela pulasse o muro que divide estas últimas das classes trabalhadoras de imediato, ou até mesmo a longo prazo:

“Posso dar um exemplo? Estudaram duas meninas na mesma faculdade no mesmo ano, se

formaram no mesmo ano. Uma hoje é gerente de plataforma do Bradesco, a outra continua sendo operadora de caixa. Elas se formaram na mesma faculdade, então, assim, o nível de ensino foi o mesmo. Por que uma é gerente de caixa e a outra é gerente de plataforma? Você quer que eu responda? Uma é filha do gerente geral do Bradesco, a outra foi uma amiga dela, que não ficou desempregada por ser amiga. Você tá vendo o nível? Eu sou seu amigo, seu pai é o gerente, você vai ser gerente no lugar dele e eu vou ser um funcionário seu, só que o meu nível pode até ser maior que o seu, de qualificação, só que é o contato que você tem, entendeu? É a influência e o diploma, claro! Você tem que buscar. *(Mas) o diploma, pelo que você está falando, é o mínimo, assim, que você tem que ter? É o mínimo, entendeu? É igual minha mãe, a minha mãe tem o diploma dela, ela é formada. Vê se ela quer largar o trabalho dela pra trabalhar no que ela se formou? Por quê? Ela não conhece ninguém! Ela vai fazer o quê? Ela vai ser funcionária, vai começar lá de baixo, sendo que ela se matou pra tá lá onde tá e vai ter que regredir? O salário que ela ganha é o salário que ela ia ganhar pra trabalhar de professora. Prefiro no que eu tô, que ninguém me queima. Eu vou começar numa área em que eu não tenho experiência? Eu vou sofrer, certo? Até ela pegar ali...quem é que diz que ela quer largar o serviço? Ela não quer! Tá se formando mais ainda, ela tá no doutorado e trabalhando de peão dos outros. Isso não é vergonha nem pra mim nem pra ela, eu falo pros outros, só que a minha mãe ela não tem o contato. Se fosse na área do banco, hoje eu colocaria a minha mãe no banco, tá entendendo? E não precisaria fazer doutorado, não precisava fazer nada. Só ir lá que eu te ponho e você vai ganhar dez, quinze, dezesseis, vinte mil por mês. E minha mãe só está nessa faculdade dela, por quê? *Por causa do padre...* Ela prestou prova? A mulher falou pra ela: “Olha, nunca vi ninguém ganhar cinquenta por cento nessa faculdade, ainda mais sem fazer prova”. Mas tá! Influência. O cara é influente ali, então aí fala: “Eu quero ela aqui!”, e se ela não estiver ali vai ter problema, então as pessoas colocam.” (Felipe, 23 anos)*

Maria Teresa, a despeito das possíveis desvantagens enunciadas por Felipe, acabou se inscrevendo para atuar como professora eventual na rede pública, o que seria, para seu filho mais velho, “começar lá de baixo”. Logo foi chamada para trabalhar em uma escola próxima à região em que morava e acabou decidindo largar seu emprego como faxineira. Ainda que a mudança de profissão tenha alterado seu status simbólico, a ex-militante do PT não só sentia que seu esforço não era recompensado financeiramente, como, além disso, se como funcionária de limpeza Maria Teresa

contava com todos os benefícios de ser celetista, como professora eventual²¹ não tinha direito a nenhuma forma de proteção social.

Ganhando por aula ministrada, para que seu salário fosse maior do que o que ganhava como funcionária de limpeza, ela precisava adotar uma rotina extremamente exaustiva. Acordava cedo para chegar às seis da manhã na escola e por “sorte” não precisava ficar aguardando do lado de fora da escola junto com outros professores eventuais para saber se naquele dia teriam faltado professores, pois os professores responsáveis pelo ensino fundamental, os quais substituíam, faltavam todos os dias. Sua rotina, alimentada pelo alto grau de absenteísmo docente, consistia em dar muitas aulas das mais diversas disciplinas para diferentes turmas, das sete da manhã até as cinco ou seis da tarde e depois ir para o curso de pós-graduação à noite. À rotina desgastante se somavam os desafios de preparar e ministrar aulas para os alunos da rede pública, o que nunca havia feito antes, e assistir aulas e produzir trabalhos para seu curso de pós-graduação, o que fazia com grande dificuldade por conta de sua formação escolar precária. Como Felipe havia previsto, Maria Teresa teve que começar “lá de baixo” de forma árdua, o que acabou fazendo com que seu sonho de fundar a ONG no Guarani ficasse, mais uma vez, em segundo plano.

O sofrimento de Maria Teresa ficava ainda pior em face das difíceis situações que enfrentava com seus alunos, entre os quais não era fácil conseguir respeito. Para ela, seria impossível ensinar qualquer coisa relevante para crianças e jovens que desprezam solenemente qualquer tipo de autoridade, e, segundo dizia, a existência do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) dificultava ainda mais sua tarefa, pois dava “direitos” às crianças de fazerem o que bem entendessem e os professores não podiam fazer nada a respeito, o que apenas aprofundava sua descrença a respeito das futuras gerações.

Maria Teresa sempre se encolerizava quando deparava com crianças ou jovens que considerava mal-educados ou “folgados”, fossem seus alunos ou pessoas próximas, como a namorada de Felipe de quem sempre reclamava. Sua futura nora, que para seu desgosto passara a dormir com seu filho em um colchão na sala de sua casa, não estudava, não trabalhava e tampouco ajudava com os serviços domésticos ou a pagar as contas do lar. Para a Maria Teresa tal situação seria uma prova viva de que a juventude estaria completamente sem rumo, pois além de sua própria

21 Professor eventual, na rede pública de ensino, é aquele que substitui os professores que faltam e recebe apenas por aula ministrada, não possui nenhum benefício trabalhista pois seu vínculo empregatício com as escolas é precário, de modo que é possível dizer que os professores eventuais ocupariam o degrau mais baixo da docência na rede pública. Existem ainda outros dois tipos de professores que, hierarquicamente, estariam acima dos eventuais. Os chamados OFA (Ocupante de Função Atividade) são professores temporários, isto é, se vinculam às escolas em virtude da falta de professores concursados, porém, ao contrário dos eventuais, os OFAs, ainda que não sejam concursados, recebem salário e possuem uma carga de aulas determinada, e, no nível mais alto da carreira estariam os professores concursados, que são aqueles que possuem estabilidade na carreira docente e direito a todos os benefícios correspondentes.

experiência em casa e em seu trabalho na escola, entrariam na conta da perdição juvenil a vontade desenfreada em adquirir bens materiais, o consumo exagerado de drogas lícitas e ilícitas, a hiperssexualização das crianças e dos adolescentes, o envolvimento de vários jovens com a criminalidade, e claro, os funks que ocorriam com alguma frequência no bairro, nos quais justamente apareciam combinados o crime, a droga e a hiperssexualização, além da música alta e carregada de palavrões que, segundo ela e seus vizinhos, impediria os trabalhadores de dormir.

Maria Teresa dizia que Paulo, que é cerca de dez anos mais velho que ela, teria razão ao afirmar que nos tempos da ditadura, por mais que tivessem ocorrido muitas coisas ruins, ao menos havia ordem nas ruas, diferente do que ocorre hoje. Tal clamor por ordem era frequente também nos programas sensacionalistas que Paulo costumava assistir durante os finais de semana pela televisão, os quais exibiam notícias de sequestros, assassinatos, roubos e estupros em São Paulo, sempre acompanhadas de uma narração indignada. Ainda que concordasse com Paulo a respeito da necessidade de ordem, Maria Teresa condenava veementemente tais programas, que considerava exagerados ao difundirem estereótipos equivocados sobre os presos, realidade que ela conheceu bem de perto em 2010, e pedia ao marido que deixasse de assisti-los. Afinal, seu filho mais velho, ainda que tenha passado pela prisão, não poderia ser encaixado em um estereótipo superficial de bandido alardeado pelos repórteres da televisão, pois tinha certeza que Felipe não era uma pessoa má e violenta, mas apenas um jovem que fez algumas escolhas infelizes.

Crete na boa educação que tinha dado aos filhos, Maria Teresa era incansável em fazer com que Felipe deixasse as atividades criminosas e se voltasse apenas para o estudo e o trabalho e incentivava o filho mais novo a continuar estudando e trabalhando. Foi assim que no final de 2012, tais esforços, aparentemente, começaram a dar frutos. Maria Teresa conseguira expulsar a futura nora “folgada” de sua casa e Felipe parecia ter começado a refletir mais sobre as desvantagens da *vida loka* e passado a vislumbrar a possibilidade de se manter de forma contínua em um emprego e retomar a faculdade de educação física. Maria Teresa esperava que o filho mais velho pudesse seguir o exemplo do irmão mais novo, Bruno, que estava trabalhando de forma contínua como monitor de transporte escolar, pensava em terminar o último ano do ensino médio e fazer um curso superior de turismo. Porém, para Felipe, não era fácil renunciar ao que poderia conseguir no "mundo do crime" em troca de uma vida comum de trabalhador e estudante, que para ele seria uma *vida de Zé*, isto é, de otário.

Nas primeiras vezes que conversei com Felipe, no segundo semestre de 2011, ele parecia estar razoavelmente seguro de sua escolha pelo "mundo do crime". Quando fora preso em 2010, teve contato com um rapaz que cumpria pena por *hackear* sistemas bancários em nível internacional, aprendeu alguns truques mais avançados sobre invasão de sistemas eletrônicos e

percebeu que poderia seguir uma “carreira” no "mundo do crime", passando a ter uma atuação mais “profissional”. Para tanto, sua ideia era cursar administração de empresas em uma faculdade privada e usar o diploma para fornecer uma fachada legal às suas futuras atividades criminosas, podendo incrementá-las com o tempo.

Além das baladas, das roupas de marca e das motos, o que também parecia empolgá-lo era a perspectiva de avançar na “carreira” e passar a fazer parte do mundo dos criminosos de colarinho branco que moravam em mansões em condomínios fechados. Felipe tivera acesso a esta realidade por meio de “pessoas importantes” que passara a conhecer no "mundo do crime", como um prefeito de uma cidade do Estado de São Paulo, um juiz, um advogado, um gerente de um grande banco, entre outros. Porém, a realidade da *vida loka* se impôs e, ao final de 2012, as fantasias de Felipe de pular o muro de Alphaville começaram a se desfazer:

“Eu não vou mais fazer isso, não. Parei. Não faço mais nada. Trabalhei um mês, aí depois parei de trabalhar. Agora eu acho que, em janeiro, eu já volto pra lá (para o trabalho). *Desencanou, então?* Ah, pra mim não é vantagem. O meu objetivo não era esse, meu objetivo era dinheiro. Aí o pau já comia, porque antes do dinheiro tinha que passar por várias coisas e eu já passei. Depois que descobre, não tem mais o que fazer. Eu já fui preso, sabe? Continuei depois que eu saí (...), comprei duas motos, uma de cinquenta e uma de quarenta e dois (mil). Uma a polícia levou, dizem que meu parceiro perdeu, (eu perguntei) “perdeu como?”, (ele respondeu) “meu, sumiu a moto”. Até hoje eu não sei onde foi parar a moto. A outra a polícia levou (...). Meu *Stilo* pegou fogo na rua...eu acho que foi por causa do sol, estava parado ali...Aí um amigo meu foi fazer uma besteira ali de furar um caixa eletrônico, não tinha nada a ver com o que a gente faz, só que ele é amigo meu desde quando eu estava preso, ele é de Osasco, e ele ligava aqui, perguntava se precisava de alguma coisa, minha mãe nunca quis aceitar (dinheiro) dele, mas isso é um problema dela né. Aí ele me ligou lá do DEIC (Departamento de Investigações sobre Crime Organizado) e falou, “olha, eu estou com um problema assim, assim, assim, você conhece um advogado?”. E o advogado do crime é o dinheiro, entendeu? Se você tem dinheiro, você tem um ótimo advogado. Aí eu, “o que aconteceu?”, aí ele, “meu, eu estourei um caixa eletrônico”. Aí os caras pediram sessenta mil reais pra ele não assinar o BO (Boletim de Ocorrência). Quando eu estava preso, ele chegou com o dinheiro, mas minha mãe não aceitou. Mas só (pela) intenção dele, eu achei (que) “meu, eu vou dar os sessenta, ele não vai parar, porque não pára, isso é um vício”. Não pára. Eu estou falando pra você, “ah, parei”. Parei de fazer é dificuldade, porque a facilidade se tiver eu faço, sinceramente. Você

está entendendo? (...) Então parar ele não pára, então ele vai devolver teu dinheiro, (mas) quando, também não sei. Foi sessenta ali, cinquenta numa moto, quarenta e duas na outra...quando eu olhei, eu tinha dois mil reais. Foi uma parcela do carro que eu paguei, e uma roupa que eu comprei...fiquei duro de novo. Aí eu falei, “vou procurar meu parceiro, ele deve ter usado o dinheiro dele, guardado”. Está pior do que eu. Por quê? Ele inventou de comprar uma franquia (e) pegou dinheiro com agiota, ele está mais enrolado do que eu. (Mas) eu ainda devo pra minha mãe, a pior coisa que tem também é dever pra ela, ela vem cobrar. Então eu decidi, falei, “meu...eu já tive carro, já tive moto, sem fazer nada errado, e era meu”, (...) quando eu ganhava quatrocentos reais eu conseguia pagar minha moto, conseguia por gasolina. Com tudo isso de dinheiro o tanque do meu carro não estava cheio, a parcela atrasada, pneu furando, aí, agora o carro vai e me pega fogo pra ajudar. Dez mil pra arrumar o carro. Aí agora vem IPVA, vou ter que por no seguro, porque eu vou refazer o motor, então tem que por seguro. Vou gastar uns vinte mil, e mais novecentos da parcela, todo mês, minha mãe financiou, deve faltar mais umas quarenta e cinco ou cinquenta parcelas...(dá) cinco anos.” (Felipe, 23 anos)

A dinâmica instável da *vida loka* parecia ter começado a cobrar um preço muito alto, afinal, ainda que tivesse conseguido comprar roupas de marca, duas motos e frequentar ambientes de *playboy*, Felipe não só ficara preso por alguns meses, como perdera praticamente todo o dinheiro que havia conseguido acumular, ficando ainda no prejuízo por conta do carro novo que pegara fogo e que ainda não havia sido quitado. Seu parceiro no crime também não havia encontrado um destino melhor, pois terminara devendo dinheiro para agiotas.

A trajetória de ambos parece refletir o alerta que Mano Brown, integrante dos Racionais Mc's, fornece aos “guerreiros” justamente na letra de *Vida Loka – Parte I*: “dinheiro é puta e abre as portas dos castelos de areia que quiser”, isto é, o dinheiro compra apenas ilusões, fantasias passageiras (Hirata, 2011, p. 206). Segundo Felipe, quando trabalhava e ganhava 400 reais, conseguia comprar uma moto e pagar por seu combustível, já as duas motos que conseguiu comprar com o dinheiro do crime se “perderam” rapidamente, como se de fato fossem feitas de areia e pudessem ser levadas pelo vento.

Se as motos pareciam ser irreais, a possibilidade de ser preso novamente era bastante concreta. Apesar disso, Felipe afirmou que não tinha a intenção de abandonar completamente o crime, afinal, como já havia dito ao falar do parceiro que roubou um caixa eletrônico, o “mundo do crime” vicia, e, em suas próprias palavras, se houvesse “facilidades” para agir, não pensaria duas vezes. Por outro lado, não queria mais estar imerso na instabilidade da *vida loka*, não queria mais

viajar, meter as caras, como dizia, queria tentar retomar os estudos e o trabalho e conseguir, de alguma forma, conciliar a estabilidade de um salário mais baixo com os altos ganhos instáveis e eventuais do crime. Em um certo sentido é possível dizer que se antes Felipe queria fazer uma “carreira” na ilegalidade, agora ele pensava em abandonar os esquemas que participava de forma contínua, fazer uma carreira profissional “legal” e atuar apenas como “*free-lancer*” no crime. Porém, tais planos oscilavam bastante. Por um lado Felipe parecia querer se graduar e passar a ser um gerente de banco e virar um criminoso de colarinho-branco, como os que havia conhecido, mas ao mesmo tempo, após ter reencontrado um conhecido que agora se locomovia com o auxílio de uma cadeira de rodas, disse ter ficado interessado na possibilidade de trabalhar na AACD (Associação dos Amigos da Criança Deficiente) após concluir sua graduação em Educação Física.

As escolhas de Felipe no que tange ao "mundo do crime" e a vida de trabalhador não eram fáceis. Por um lado sabia, pelo exemplo de sua mãe, que se optasse por trabalhar e estudar, teria uma vida difícil e provavelmente não conseguiria realizar seus desejos de ter uma academia de ginástica e ajudar o bairro ou conseguir um bom emprego em uma instituição como a AACD. Por outro lado, após ter passado pela prisão, ter perdido o dinheiro que juntara e ver que seus amigos acabavam, por vezes, em situações piores que a sua, sabia que a *vida loka* cobraria seu preço.

Felipe ainda não havia voltado a cursar a faculdade depois ter saído da cadeia, mas conseguira arrumar um emprego como motorista de entregas para uma empresa que lhe renderia cerca de mil e quinhentos reais. Porém, infelizmente, antes que pudesse começar a trabalhar e refletir melhor sobre suas escolhas de vida, Felipe fora preso novamente, cerca de uma semana após nosso último encontro em janeiro de 2013. A segunda prisão do filho mais velho foi um baque para Maria Teresa e sua família, mas dessa vez, em comparação com a primeira, ela parecia um tanto mais resignada com a situação e esperava, sem muita convicção, que o filho passasse a ter maior responsabilidade sobre suas ações, tendo em vista que fora preso novamente por algo mais trivial em comparação com a primeira vez.

Depois de atuar como motorista em um assalto a banco coordenado por um amigo de infância, como forma de retribuir um favor que este havia lhe feito quando recuperou uma moto que lhe havia sido roubada, Felipe recusou um segundo convite para dirigir em outro assalto. Porém, o rapaz que o substituiu como motorista neste segundo assalto foi pego e acabou delatando o envolvimento de Felipe e de seu amigo de infância no primeiro roubo ao banco. O amigo conseguiu se safar da prisão ao pagar uma fiança, o que não ocorreu com Felipe, que acabou tendo que ficar na cadeia pela primeira vez em sua vida. Passados quatro meses o jovem foi liberado com a condição de que comparecesse em audiências com um juiz. Como Felipe não cumpriu com o compromisso, tornou-se automaticamente um “foragido da justiça”, passível de ser preso novamente, o que de fato

acabou ocorrendo no início de 2013 quando, ao andar de moto sem capacete em seu bairro, foi detido por um policial que levantou sua ficha criminal.

Ainda que agora o jovem pudesse ficar em regime semiaberto, caso conseguisse um trabalho, isto não ocorreu, assim, Felipe passaria outros nove meses de sua vida encarcerado. Com Felipe preso e sem poder ajudar a pagar as dívidas do carro com o salário que iria ganhar como motorista, Maria Teresa passou a procurar mais uma vez outro emprego que pagasse melhor, e foi assim que a realidade do crime, que já estava presente em sua vida por meio da televisão, do bairro em que mora, e em sua própria família, passou, em março de 2013, a fazer parte também de seu cotidiano profissional. Atraída pela possibilidade de obter um maior retorno financeiro, Maria Teresa resolveu aceitar um emprego como educadora na Fundação CASA (Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente), o qual havia conseguido, segundo suas palavras, “porque ninguém quer fazer esse tipo de trabalho”.

Mesmo com uma rotina menos puxada, pois já havia terminado o curso de pós-graduação, e ganhando um salário um pouco maior, a frustração em relação às futuras gerações que Maria Teresa experimentou em seu primeiro trabalho como professora apenas se aprofundaram. Segundo seu relato, as aulas de cidadania que ministrava não faziam nenhum sentido para seus novos alunos, menores infratores que pareciam pensar apenas em motos, roupas e tênis de marca, e de forma análoga ao que seu filho mais velho dizia, afirmavam saber que por meio do trabalho não seria possível adquirir tais bens em pouco tempo e por isso preferiam entrar para a vida do crime. De acordo com ela, mesmo aqueles que durante o tempo na Fundação mudavam de ideia e pensavam em interromper as atividades criminosas quando saíssem, uma vez do lado de fora eram novamente atraídos pelos mesmos pensamentos.

As frustrações sentidas por Maria Teresa nas esferas pública e privada de sua vida eram, para ela, provas cabais de que o mundo não tinha mais jeito, de modo que passou a corroborar a crença de Felipe de que a busca irrefreada por bens materiais de fato tornava as pessoas facilmente corrompíveis. O partido político no qual depositava suas esperanças teria se corrompido e abandonado os trabalhadores que dizia representar, os jovens seriam, em sua maioria, egoístas, desafortados e folgados, quando não criminosos e/ou drogados, e a CEB Santo Eugênio, que ajudara a construir com tanto esforço, agora vivia vazia. A razão de tudo isso, segundo ela, repousaria no afastamento das pessoas de Deus:

“Pra você viver tem todo um contexto, você tem que...sabe? Acreditar que Deus está vendo, né? Quando você ainda acredita em Deus, você ainda consegue levar uma vida razoável, a partir do momento que você se afasta de Deus, aí é onde vira essa bagunça.

Porque a maioria das pessoas hoje em dia não acreditam mais em Deus. É como a maioria das pessoas dizem: “o inferno é aqui, então eu vou fazer mesmo, porque eu já estou no inferno”. É assim, e aí é onde neguinho apronta horrores...porque acredita que já está no inferno, mas só que esquece que quando morrer, o inferno existe.” (Maria Teresa, 47 anos)

O abandono do projeto do trabalhador

A história de Maria Teresa e sua família é muito ilustrativa das mudanças que ocorreram durante as décadas de 1990 e 2000 nos bairros de periferia de São Paulo descritas pelo sociólogo Gabriel Feltran como o abandono do “projeto do trabalhador”. O projeto do trabalhador foi constituído e sustentado por muitos moradores destes bairros durante as décadas de 1970 e 1980, e consistia na ascensão social via participação em movimentos sociais, autoconstrução da moradia e trabalho fabril (Feltran, 2011). Maria Teresa, casada com um operário, ainda que não tenha precisado construir a própria casa, aderiu ao projeto do trabalhador na época em que era uma engajada dona de casa que se tornou militante de base do PT e que sonhava em ascender socialmente com base nos ganhos materiais auferidos por seu marido e no ativismo político.

A adesão ao projeto do trabalhador pelas classes populares foi possível nessa época por conta de uma conjuntura política e econômica específica que combinava a abertura do regime militar com uma razoável disponibilidade de emprego na indústria. Durante a primeira metade da década de 1970, no auge do regime autoritário, as taxas de crescimento econômico atingiram recordes históricos ao mesmo tempo em que os índices de desigualdade cresciam, fazendo com que o Brasil se tornasse um país mais desigual em relação à década anterior, ou seja, tanto as taxas de riqueza quanto as de pobreza cresceram durante este período. O crescimento da pobreza nas metrópoles brasileiras se materializava no crescimento quantitativo de favelas e habitações precárias, que, por sua vez, passaram a se distribuir espacialmente na cidade de forma peculiar, “empurrando” os pobres, antes concentrados no centro da cidade, para bairros periféricos e afastados, criando, assim, uma dinâmica espacial de distribuição da riqueza e da pobreza que passou a ser descrita pela literatura como “centro-periferia” (Moya 2011).

Este processo foi descrito de forma mais completa e aprofundada pelo cientista político Lúcio Kowarick, um dos principais teóricos da marginalidade da América Latina²², em uma série de textos e artigos, os quais foram reunidos posteriormente em uma de suas obras mais conhecidas, “A

²² A teoria da marginalidade, influenciada pela teoria da dependência (Cardoso; Faletto, 1975), procurava compreender a pobreza urbana a partir das relações de acumulação de capital vigentes em países da periferia, nos quais o desenvolvimento econômico não vinha, necessariamente, acompanhado de uma diminuição das taxas de desigualdade social ou mesmo na expansão de um estado de bem-estar social.

espoliação urbana”. Foi nesta obra que Kowarick (1979) cunhou o conceito de “espoliação urbana” para compreender as dinâmicas sociais e econômicas que explicariam o movimento que deslocou os trabalhadores pobres de habitações alugadas no centro para casas autoconstruídas na periferia de São Paulo. De acordo com o autor, o processo de espoliação urbana poderia ser explicado em função da peculiaridade da acumulação de capital vigente no país, a qual, tendo em vista a combinação entre a inserção periférica do Brasil e o regime ditatorial, abriu a possibilidade de fazer com que a exploração do trabalho pudesse ser aprofundada de modo a comprimir os custos de reprodução da mão-de-obra por meio da transferência dos custos de moradia para o trabalhador e da oferta de equipamentos públicos para o Estado. Assim, se antes os custos de moradia eram embutidos nos custos da reprodução da mão de obra, uma vez que os trabalhadores moravam em casas alugadas no centro da cidade, muitas das quais haviam sido construídas pelos próprios empregadores - as chamadas “vilas operárias” situadas, no caso da cidade de São Paulo, em bairros como Brás e Bexiga -, com a possibilidade da compra de um terreno e da autoconstrução de casas pelos próprios trabalhadores em bairros periféricos, os empregadores poderiam se desincumbir de incluir os custos com moradia no cálculo dos valores da mão de obra, reduzindo-os sensivelmente.

A migração de trabalhadores do centro para bairros de periferia fez com que muitas incorporadoras se aproveitassem da oportunidade para lotear e vender terrenos, ainda que em áreas que não possuíssem os equipamentos públicos necessários para a formação de novos bairros. Tais bairros foram sendo constituídos de maneira desordenada, por conta, principalmente, da atuação das incorporadoras em conjunto com a falta de regulações por parte do Estado sobre a disposição de terras urbanas. Com as migrações em massa de pessoas provenientes de regiões empobrecidas do Nordeste e de Minas Gerais, estes locais passaram a receber, com o tempo, grandes contingentes populacionais, agravando ainda mais a situação.

O crescimento urbano desordenado, aliado à falta de equipamentos públicos básicos, à pobreza e ao aumento das taxas de desemprego, e, principalmente, à vigência da ditadura militar, propiciou uma conjuntura favorável para o surgimento de uma série de movimentos de bairro, mediados por associações e CEBs, que passaram a demandar, inicialmente, equipamentos urbanos ao Estado. Tais demandas, com o tempo, e em função da abertura do regime, passaram a se intensificar e a se combinar com outras demandas dos trabalhadores urbanos, influenciando de forma decisiva, de acordo com Kowarick (2000), os movimentos operários que desembocaram nas famosas greves do ABC no fim da década de 1970. Em 1980, a combinação explosiva entre CEBs, movimentos de bairro, movimentos sindicais e a atuação de intelectuais de esquerda resultou na fundação do Partido dos Trabalhadores (Sader, 1988) e no “modo petista de fazer política”, descrito por Fernando Henrique Cardoso (Cardoso, 1988) como basista e voluntarista, uma vez que, ainda

que tenha constituído um partido político, opunha a “sociedade civil”, sinónimo dos movimentos sociais em ascensão, ao “Estado”, identificado com o regime militar. Foi neste contexto que várias pessoas entrevistadas por mim²³ chegaram em São Paulo há vinte, trinta ou mesmo quarenta anos atrás e, ao irem morara em bairros de periferia, também aderiram ao projeto do trabalhador como Maria Teresa e seu marido, empregando-se principalmente na indústria, construindo a própria casa e depositando alguma esperança na política:

NOME	IDADE	ORIGEM	OCUPAÇÃO
Ana Maria	52	Bahia	Empregada Doméstica/Operária
Carmem	49	Paraná	Empregada Doméstica
Caroline	30	São Paulo	Filha de empregada doméstica/estudante
Cleiton	30	Pernambuco	Filho de operário/estudante
Cleuza	57	Maranhão	Empregada Doméstica/Operária
Dalva	58	Bahia	Operária/Balconista de supermercado/Faxineira
Dulce	52	Minas Gerais	Empregada Doméstica/Operária
Felipe	24	São Paulo	Filho de operário/estudante/operário
Jadson	21	Bahia	Estudante/operário
Manuel	35	Bahia	Trabalhador da Construção Civil/Feirante
Marli	34	São Paulo	Dona de casa
Nilza	41	“Nordeste”	Dona de casa/vendedora autônoma
Raimundo	53	Bahia	Operário
Rita	43	Sergipe	Dona de casa
Roseane	24	São Paulo	Filha de trabalhador da construção civil/estudante
Silvana	38	Minas Gerais	Empregada Doméstica/Arremateira/Vendedora
Tatiana	30	Bahia	Empregada Doméstica

Tabela 1 – Principais ocupações dos entrevistados durante as décadas de 1980 e 1990

Ana Maria, mãe de Daniela, e Carmem, Nilza, Maria Dulce, Silvana, Cleuza e Dalva, vizinhas de Maria Teresa, vieram de regiões empobrecidas do país, principalmente do Nordeste, durante as décadas de 1970 e 1980 em busca de melhores condições de vida, assim como as famílias de Maria Teresa e Paulo o fizeram em décadas passadas. Cleuza e Dalva, assim como Paulo, iniciaram sua trajetória profissional como operárias, a primeira como overloquista no setor têxtil e a última como prensista em uma metalúrgica, ao contrário de Ana Maria, Nilza, Maria Dulce, Silvana e Carmem, que começaram a trabalhar ainda adolescentes como empregadas domésticas. No entanto, devido à razoável oferta de vagas na indústria, Maria Dulce, Ana Maria e Silvana logo passaram a trabalhar como operárias, principalmente no setor têxtil, ocupação que,

23 No Anexo 1 podem ser consultadas as biografias resumidas dos dezessete entrevistados nesta pesquisa.

com exceção de Silvana que fora demitida após apenas nove meses de serviço, exerceram por muitos anos.

Na época, não era incomum para as moradoras da Brasilândia com as quais conversei alternarem períodos trabalhando em fábricas e em casas de família, no entanto, segundo seus relatos, os empregos na indústria eram bem melhores do que o serviço doméstico remunerado, de modo que eram poucas aquelas que deixavam de trabalhar como operárias em troca de um emprego como doméstica. Carmem e Nilza foram as únicas que ao contrário das demais entrevistadas não arranjaram empregos na indústria. Nilza deixou de trabalhar quando se casou, assim como Maria Teresa, mas passou a comprar e revender roupa de cama, mesa e banho de porta em porta, e Carmem continuou trabalhando como empregada doméstica até hoje, tendo trabalhado por um curto período em um restaurante.

Se as mulheres alternavam o trabalho em indústrias do setor têxtil e de metalurgia com períodos como empregadas domésticas, sendo que algumas se tornavam donas de casa, como Nilza e Maria Teresa, os homens que trabalhavam em metalúrgicas o faziam de forma mais estável e diziam receber boas remunerações, como ocorria com o marido de Maria Teresa. Raimundo, amigo e vizinho de Paulo, foi metalúrgico por vinte anos, época da vida que considera muito boa, com o que concordam Felipe e Cleiton, ambos filhos de operários²⁴ que disseram que seus pais recebiam bons salários de modo que suas mães não precisavam trabalhar, diferente do que ocorreu na família de Caroline, filha de Aparecida, que era mãe solteira e precisou trabalhar como empregada doméstica para sustentar os filhos.

Apesar do país ter enfrentado muitos problemas econômicos durante os anos 1980, como altos índices inflacionários, baixo crescimento e taxas razoáveis de desemprego²⁵, foi a década de 1990 que foi sentida por vários entrevistados como a década perdida. Foi a partir da metade dos anos 1990 que, assim como Paulo, muitas outras pessoas não só perderam seus empregos na indústria como ficaram por muito tempo alternando períodos de desemprego e serviços precarizados. Essa foi a época em que, de acordo com o que me disseram Maria Teresa e Daniela, Raimundo se tornou alcoólatra, Ana Maria entrou em uma depressão que durou cerca de dez anos, e Cleuza viu sua família se desmanchar quando uma de suas filhas se tornou moradora de rua e a outra foi morta por conta do envolvimento com o tráfico de drogas no bairro:

24 Cleiton veio de Pernambuco mas foi adotado por uma família que morava em São Paulo há mais tempo cujo pai era metalúrgico e a mãe dona de casa.

25 Dalva, por exemplo, perdeu seu emprego ainda em 1982, quando a metalúrgica em que trabalhava saiu de São Paulo.

“Eu trabalhei uns vinte anos de metalúrgica. Em São Paulo eu peguei firma boa, já trabalhei em firma boa, convênio médico, restaurante bom...depois deu uma caída, você sabe como é a vida né? Às vezes dá uma caída, depois apruma de novo, é assim. (...) (O governo FHC) foi péssimo também, não gostei não, foi uma época que foi péssimo pra emprego, não tinha emprego não, foi péssimo. Foi nessa época que eu fiquei desempregado...entrava em todas as firmas e não tava pegando ninguém, ninguém...não tinha emprego nenhum...Acho que isso depende do governo federal não é? Do governo federal, do governo do Estado...Tem firma que não aguenta muitos impostos, não aguenta, muitas assim fecham. Eu encontrava colegas na rua tremendo de raiva, eu falava “calma rapaz, vai pra casa né? Amanhã é outro dia, não é não?”, as firmas: “não há vaga”, “não tem emprego”. Foi mais difícil, e teve mão do governo, que não foi só assim a economia que tava ruim. Mas todo mundo passa uma fase desempregado não? Já fiz bico também de serralheiro, sabe, a pessoa que é honesta tem que se manter não é não? Nesse negócio de ser por conta, serralheiro, tinha vezes que a gente tinha trampo, tinha dia que tinha e tem dia que não, tinha meses que trabalhava uma semana, tinha meses que às vezes melhorava, mas era assim, só pra não ficar parado, porque a pessoa precisa de uns troquinhos também né? Dava quase nada não...Quando eu precisava eu ia pegar minha reservinha, entendeu? Era um bico, era um quebra-galho né? Nem dá pra calcular, nem dá...” (Raimundo, 53 anos)

“Eu trabalhei na verdade em várias (firmas), porque antes, nessa época, era muito fácil a gente arrumar emprego. Você trabalhava numa indústria, você não gostava do serviço, você já arrumava outro, era muito fácil, trabalhava um ano em uma firma, dois anos em outra...a última firma que eu trabalhei, eu trabalhei dez anos, na verdade foi quase onze anos. Essa era uma fábrica de ternos, de costura...foi a última firma que eu trabalhei...trabalhei dez anos, eu saí de lá foi no ano de 96, teve esse corte onde eles mandaram muita gente embora, aí depois disso eu não consegui mais. Eu fiz teste em outra firma, também de costura, mas aí eu não passei. É...então aí foi complicando, não consegui mais...né...aí deu no que deu. Porque hoje é mais difícil conseguir emprego, as firmas tão muito exigentes, inclusive, essas oficinas de costura, eles tão mais exigentes ainda, além de exigir muita produção, eles exigem muita qualidade. Então, como na minha adolescência eu já tinha trabalhado em casa de família né, aí...não que eu goste, na verdade, eu não gosto, mas...” (Ana Maria, 52 anos)

“Naquela época serviço era muito mais fácil né? Agora, de uns anos pra cá, que o negócio ficou meio complicado, aí, então, quer dizer, com criança pequena e tudo mais, então a gente não tem escolha, sai de um, até arrumar um outro você não pode ficar parada né? Então eu acabei trabalhando mais como doméstica do que em firma. Quando era mandada embora e não achava serviço as colegas arranjavam (serviço) em casa de família né? Nunca gostei de ficar parada, sempre é bom a gente ter o dinheirinho da gente né? (...) Mas a idade bate e...não dá mais pra trabalhar, (...) mais pra trás que tinha mais condições, mas agora as coisas tá apertando né? Mas ainda dá pra gente ir empurrando, o que a gente não pode é desistir” (Cleuza, 57 anos)

Ainda que Felipe e Bruno não tenham tido o mesmo destino das filhas de Cleuza, e Paulo não tenha se tornado alcoólatra ou entrado em depressão profunda, o impacto das altas taxas de desemprego nas vidas de Maria Teresa e de sua família foi muito ruim. Nessa época os empregos na indústria eram raríssimos e as vagas existentes no setor de serviços muitas vezes não ofereciam registro em carteira assinada e salários minimamente condizentes com as funções a serem desempenhadas. Tal situação se prolongou mais ou menos até a metade dos anos 2000, fazendo com que as pessoas fossem obrigadas a aceitar trabalhos precários, como o fizeram não só Maria Teresa, mas várias outras pessoas que entrevistei, como Manuel e o marido de Rita, que haviam chegado em São Paulo durante a década de 1990, e pessoas jovens como Jadson, que abandonou a escola na sexta série e começou a trabalhar para ajudar seu pai. Por vezes nem mesmo empregos precários estavam disponíveis, o que fez com que alguns entrevistados como Nilza e Marli e seu marido fossem obrigados, em momentos de desespero, a sobreviver como podiam:

“Antes era só meu marido (que trabalhava). Só que ele trabalhava com viagem (como motorista). Se ele trabalhasse ele ganhava, se ele não trabalhasse, ele não recebia. Ele ganhava por semana, tinha vezes que ele trazia trinta, cinquenta reais. Quando o ônibus quebrava ele não recebia.” (Rita, 43 anos)

“Quando eu vim para cá eu trabalhava num prédio de ajudante de pedreiro, construindo. Aí nessa época eu ganhava pouco, né, parece que era quatrocentos reais nessa época, quando eu vim para cá. Aí, nessa época, eu trabalhei um ano e seis meses nesse prédio, aí faliu, ninguém recebeu nada, ficou todo mundo por isso mesmo.” (Manuel, 35 anos)

“Meu pai trabalhava na coleta de lixo, no transporte, ganhava uma mixaria e sofria muito,

vamos dizer assim, um salário mínimo, imagina assim um salário mínimo há dez anos, se hoje tá em 550...era metade. Acordava cedo, chegava tarde, trabalhava muito e ganhava uma mixaria. (...) Eu parei de estudar, eu quis trabalhar pra ajudar meu pai, comecei a trabalhar de sapateiro, de colar sapato, em fábrica daquelas botas de bico de aço, (mas) não tava compensando, era muito pra pouco dinheiro, fora a condução, que tinha que pagar a condução, eles não davam, dava os 600 reais secos, aí tinha que tirar o da condução, aí o que você ia ganhar? Era a cara e a coragem.” (Jadson, 21 anos)

“Há uns dez anos atrás, lá pelo ano 2000, ele tava trabalhando...? É, catava papelão na rua, trabalhava de catar ferro na rua...a gente vivia mais era de lanche, porque o que ele ganhava não dava nem pra sustentar, não dava nem pra sustentar, era bem pouquinho...Mas ele sempre gostou de trabalhar nesse negócio de catar ferro velho, ele catava o que, uns duzentos no máximo, se ele passava a noite toda ele catava uns 200, 250, não passava disso, mas sempre gostou de trabalhar...sempre nós tinha uma briguinha assim, mas dá certo...qual é o casal que não briga né?” (Marli, 34 anos)

“Quando meu marido morreu eu fiquei desempregada, porque eu vendia roupa, né, quando ele faleceu, aí a gente faliu, quando ele morreu eu catava papelão e eu sustentava minha casa, meus filhos, nunca ficava, saia sabe? Pra pessoa que não tem medo de enfrentar a vida, sempre tem...Assim, falta alguma coisa porque falta para todo mundo, mas sempre você arruma. Não é igual no Norte, no norte você não arruma tão fácil assim. Aqui é (mais) amigo, é catando papelão, catando latinha, é fazendo umas coisas assim, dá para arrumar.” (Nilza, 41 anos)

Durante as décadas de 1990 e 2000, além do aumento do desemprego, houve também um crescimento exponencial do tráfico de drogas e da criminalidade nos bairros de periferia²⁶. Caroline disse ter perdido vários amigos e conhecidos para as drogas e o crime, uma das filhas de Cleuza, como já fora mencionado, ao se envolver com tráfico de drogas fora assassinada. Não era incomum se deparar com jovens ex-presidiários nas famílias das pessoas que conheci, como o irmão de Roseane, que também é cunhado de Marli, o marido de Tatiana e o próprio Felipe, filho de Maria Teresa.

26 Temáticas como trabalho, tráfico de drogas e ilegalidades, criminalidade, associativismo e tantas outras que perpassam o cotidiano dos moradores de bairros pobres na cidade de São Paulo, tendo em vista as transformações ocorridas a partir dos anos 1990, são discutidas de forma mais aprofundada nas investigações realizadas por diversos acadêmicos compiladas no livro “Saídas de Emergência” (Cabanes; Georges; Rizek; Telles, 2011)

A proximidade com o "mundo do crime" fazia com que todas as pessoas que entrevistei na Brasilândia, com exceção de Ana Maria que morava em uma região mais central do subdistrito, reclamassem muito da violência. As famílias que possuem filhos jovens, principalmente do sexo masculino, temiam que estes fossem atraídos para o crime, se tornassem viciados em drogas, ou ambos. Os próprios jovens relataram ter medo da violência no bairro, inclusive da que ocorre, por vezes, durante os funks realizados nas ruas, uma das poucas diversões da juventude na periferia:

“Eu tenho (medo da polícia), por isso eu perguntei pra você se você era policial, porque às vezes nós toma “enquadrão” da polícia, esses negócio, nós fala: “não, nós não mexe com nada, nós é trabalhador²⁷, nós não tem aquele estudo mas não mata ninguém”, eles fala “ah é, não mata ninguém?”. Mas eles quer forjar, quer colocar droga na sua mão, quer falar o que você não é, que você é traficante, sem você ser...Eles precisam de alguém lá, de algum suspeito, de alguém pra falar “foi esse aqui que fez” e acaba te prendendo sem você fazer nada, quantos não tão preso aí sem serem o culpado? (...) Já me pararam já, mas parou e falou um monte de baboseira que eu não gostei muito, negócio de “onde você mora, não sei que, você é um drogado, que você é isso, você é aquilo”. Mas aí eu (respondia e eles falavam) “ah, você não é nada disso, você é trabalhador é...beleza”, aí fica tipo fazendo uma cara feia, de quem quer complicar a pessoa. É cisma mesmo deles, cisma de alguma coisa. Hoje não pode sair à noite pra lugar nenhum se divertir, em vez de lazer é só briga, morte, você não sabe se vai voltar pra casa ou não, mas de resto algumas coisas é boa. Eu costumava sair bastante, mas minha mãe ficava na janela lá em casa até de madrugada esperando eu chegar, aí eu parei de sair um pouco, fiquei mais caseiro...deixar ela dormindo mais tranquila também né, (porque) tem briga, até morte tem. Terrível.” (Jadson, 21 anos)

“Eu era da Igreja, mas eu saí da Igreja, queria experimentar um pouco o mundo, mas o mundo é muito violento, tô quase voltando pra Igreja. Me afastei um tempo pra conhecer o mundo e agora tô pensando em voltar, o mundo fora não é pra mim não. O mundo fora que eu falo é assim você sair, porque como eu fui criado na Igreja era só Igreja, escola, casa, só isso, então me afastei dela e fui pro mundo, o mundo é de sair assim, mas saia e era muito violência, toda a vez que saia era briga...esse pessoal bêbado assim, então eu vou voltar pra

27 Nos bairros de periferia existe uma oposição trabalhador vs. bandido. São dois mundos, o dos trabalhadores e o dos bandidos, que convivem mas possuem “comunicações” ou, como compreende Gabriel Feltran, “fronteiras de tensão”. Para um melhor aprofundamento da relação entre trabalhadores, criminosos e polícia nos bairros da periferia paulistana cf. Feltran, 2011

Igreja...agora não, mais pra frente pretendo voltar.” (Cleiton, 30 anos)

Ainda que o assunto principal das conversas que tive com os moradores da Brasilândia durante as entrevistas ou informalmente não fosse sobre violência, a “fala da violência” (Caldeira, 2000), medo e desconfiança de espaços públicos e recolhimento ao ambiente privado, acabava aparecendo de uma forma ou outra. Porém, ao mesmo tempo em que os entrevistados reclamavam da violência de forma mais genérica, também afirmavam que o número de homicídios no bairro havia diminuído em anos recentes, pois, segundo o que relatavam, atualmente, já não seria tão comum se deparar com montes de cadáveres no caminho para o trabalho ou para faculdade, ainda que o tráfico de drogas continuasse operando a todo vapor.

A explicação que Felipe me forneceu sobre tal fenômeno é compatível com o que argumentam vários pesquisadores dedicados ao estudo da criminalidade em São Paulo²⁸, isto é, que tal redução se deveria, em grande medida, à atuação do Primeiro Comando da Capital (PCC) como instância moderadora de conflitos:

“Não é só aqui (na Brasilândia), a criminalidade diminuiu (...) em São Paulo inteira. A facção, chamada Primeiro Comando da Capital, inibe a pessoa de poder matar. Eu não sei se você lê a Bíblia, o Primeiro Comando é baseado na Bíblia, então é: “Olho por olho, dente por dente”. Então é vida por vida, se você tirar uma vida você perde a sua. Eu não sou mais bobo do que você, se eu te matar, eu vou morrer, então, é mais viável você estar viva e eu também. E então é assim, não é o bairro, mas aí de uma forma geral. Há muito tempo atrás eu conhecia poucas pessoas envolvidas com crack, hoje, com a criminalidade menor, o tráfico aumentou. Hoje a droga está mais explícita, ainda mais onde eu moro, crianças de 10 anos já sabem usar, fazer e acontecer com a droga. Aí, assim, tem umas visões que para mim não bate, a criminalidade inibir a pessoa a fazer (usar drogas). Hoje ela faz porque ela sabe que não vai acontecer (nada), entendeu?” (Felipe, 23 anos)

Ainda que Felipe não pertencesse “formalmente” ao PCC, é possível dizer que ele *corria junto com o comando*, isto é, possuía amigos e conhecidos que de fato eram *irmãos*²⁹, com quem,

28 Os sociólogos Camila Nunes e Gabriel Feltran e os antropólogos Karina Biondi e Adalton Marques participaram de um debate promovido pelo blog Crime no Brasil em 2010 no qual teceram argumentos a respeito da importância do PCC para a redução do número de homicídios no Estado de São Paulo. Uma parte do debate foi resumida e publicada no blog de Estado de São Paulo em <http://blogs.estadao.com.br/crimes-no-brasil/2010/01/23/16-perguntas-sobre-o-pcc/>

29 Como são chamados os membros batizados (“orgânicos”) do PCC (Biondi, 2010).

eventualmente, trocava informações e dava ou recebia apoio em algumas de suas atividades criminais, daí seus conhecimentos sobre as ações e discursos do grupo criminoso. Provavelmente, por conta de tal contato, a explicação fornecida pelo jovem a respeito do mote no qual se basearia a facção, “olho por olho, dente por dente”, possui ressonâncias com um mito fundador do PCC, que teve bastante repercussão entre seus adeptos e simpatizantes, baseado no livro “Cobras e Lagartos” do jornalista Josmar Jozino (2004). Segundo Jozino, a criação do Comando teria dado início a uma nova era no "mundo do crime" a partir da criação de certas “leis” que foram se consolidando com os anos e passaram a regular conflitos dentro e fora das prisões (Biondi, 2010, p.71).

Com o tempo, os mitos, gírias e o universo simbólico relacionado ao Comando passaram a ter uma penetração cada vez maior entre bairros de periferia, e a autoridade da facção passou a ser reconhecida por pessoas que, diferente de Felipe, não possuíam relação próxima com o “mundo do crime”. Tal autoridade, inclusive, teria passado a ser exercida, em anos mais recentes, de forma mais concreta, por meio da instauração de “tribunais do crime” em vários bairros de periferia da cidade de São Paulo por conta da ascensão do “mundo do crime” à instância normativa legítima entre uma parcela pequena, mas não desprezível, dos moradores (Feltran, 2010).

Levando em consideração o grau de penetração, simbólica e “institucional”, que o PCC alcançou nos bairros de periferia, não é de se admirar que, ainda que o número de homicídios tenha caído, os moradores continuem com medo da violência. Assim, não é incomum que, para se protegerem de um “mundo” fora de casa e do trabalho que teria ficado muito perigoso, muitas pessoas, como Cleiton, por exemplo, encontrem na religião um refúgio, seja em igrejas evangélicas ou católicas. No entanto, a forma que católicos e evangélicos costumam abordar o problema da criminalidade e do tráfico de drogas é diferente e está relacionada com o envolvimento destes com a sociedade civil e a política:

“Zaluar mostra que as relações de católicos e evangélicos com a atividade político-associativa e o crime têm padrões diferentes. Os primeiros não vêem um impedimento imediato em lidar com algum nível de corrupção presente em parte da rede de associações político-civis locais, ao passo que procuram marcar sua distância dos traficantes e combater a entrada de jovens na criminalidade por meio da educação, práticas culturais e capacitação profissional. Já os evangélicos vêem a atividade política como corruptora, e por isso são menos tolerantes quanto à participação nas associações. No que diz respeito ao tráfico, seus esforços se voltam mais para a conversão dos criminosos do que para os problemas sociais dos locais onde o crime se desenvolve e perpetua. A ação dos evangélicos é voltada para a regeneração individual, com pouca ênfase em questões

coletivas: a capacidade mobilizadora evangélica está muito mais direcionada para a conquista das almas” (Almeida; D'Andrea, 2004)

Se a ação dos católicos nos bairros de periferia continua ainda hoje mais voltada às causas sociais da pobreza (Idem, ibidem), ela não possui a mesma radicalidade existente nos anos 1970 e 1980, quando a Teologia da Libertação estava em seu auge (Sofiati, 2009). O crescimento da renovação carismática, cuja “tendência é a de ver o social como um projeto de moralização e isto sob o prisma de um catolicismo voltado para si mesmo.” (Valle, 2004), fez com que a Teologia da Libertação perdesse espaço na Igreja e operasse um recuo programático a partir dos anos 1990, no sentido de privilegiar uma perspectiva mais subjetiva e cultural, assim, “se nas décadas anteriores a prioridade era o social e o político com forte participação na sociedade civil, na década de 1990 há uma inversão desse processo ao se propor uma ação voltada para o cotidiano e o pessoal” (Sofiati, 2009)³⁰.

O avanço de uma religiosidade cristã mais conservadora e voltada para o âmbito pessoal também é reforçada pela crescente penetração das igrejas evangélicas na sociedade brasileira (Almeida; Monteiro, 2001), cujas diversas denominações recebem cada vez mais adeptos entre os pobres que habitam a Região Metropolitana de São Paulo (Almeida, 2004, p.7). Na Brasilândia por exemplo, 34% dos habitantes do sub-distrito se afirmam evangélicos, destes, 28% se dizem pentecostais e 6% não-pentecostais (Datafolha, 2008). É possível dizer que as igrejas evangélicas, em comparação com a atuação da Igreja Católica, são mais conservadoras em termos sociais e políticos, uma vez que compreendem as dificuldades sociais dos fiéis como decorrentes apenas de questões relativas à moral e à espiritualidade, de modo que a eventual atenuação da vulnerabilidade social entre os adeptos de tais denominações ocorre de forma indireta em virtude das regras de comportamento e da solidariedade interna promovidas pelas igrejas (Almeida, 2004) e não da ação social dos religiosos no entorno dos templos. Além disso, existem ainda as igrejas neopentecostais, as quais, além de focalizarem a dimensão pessoal, como as outras igrejas evangélicas, advogam a teologia da prosperidade³¹, a qual encerra uma sobreposição da religiosidade cristã à lógica de mercado de modo a incentivar, explicitamente, a aquisição e fruição de bens materiais por parte de

30 O número de católicos na Brasilândia corresponde a cerca de 52% dos moradores (Datafolha, 2008), ou seja, mais da metade da população. Porém, não é incomum que entre aqueles que se afirmam católicos seja possível encontrar pessoas que seguem outras práticas religiosas e pessoas que se dizem “não-praticantes”, isto é, que não frequentam muito a igreja e, portanto, não partilham das redes comunitárias ligadas ao catolicismo (Almeida; Monteiro, 2001; Souza, 2004).

31 A teologia da prosperidade é a “crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos, (...) (rejeitando) usos e costumes de santidade pentecostais, tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo” (Mariano, 2004)

seus adeptos³².

A maior penetração de uma religiosidade cristã mais conservadora entre os mais pobres, que vem ocorrendo, principalmente, desde a década de 1990, parece estar relacionada ao abandono de um projeto coletivo de ascensão social, o projeto do trabalhador do qual fala Gabriel Feltran. O declínio da adesão a tal projeto, baseado na conquista de direitos de cidadania, na participação nas esferas públicas e na visão de que a pobreza é um problema estrutural que deva ser eliminado por meio da ação política, como defendiam os religiosos da teologia da libertação, deu margem a sua substituição por um projeto de ascensão individual. Na ótica daqueles que aderem à ascensão exclusivamente individual, a pobreza passa a ser um obstáculo a ser superado pelo indivíduo sem que se chame a atenção para a dimensão estrutural de tal fenômeno, como propõe o cristianismo mais conservador, principalmente suas vertentes evangélicas. Tal substituição de um projeto de ascensão coletivo e baseado na política, por outro individual, baseado na moral pessoal, se conecta com transformações ocorridas no que diz respeito ao papel da sociedade civil que tiveram lugar a partir da década de 1990.

Segundo Evelina Dagnino (2004) a Constituição de 1988 teria consagrado o princípio de participação da sociedade civil, a qual seria, em grande medida, um resultado das lutas dos anos 1980 pela expansão da cidadania e do aprofundamento da democracia empreendidas pela sociedade civil contra o regime militar, em que os movimentos sociais populares teriam desempenhado um papel fundamental. No entanto, durante a década de 1990, com a eleição de governos de direita e centro-direita, Fernando Collor em 1989, e Fernando Henrique Cardoso em 1994 e em 1998, assistiu-se a uma reformulação política do conceito de “sociedade civil”.

O conceito de “sociedade civil” era utilizado no Brasil no fim da década de 1970 e durante a década de 1980, principalmente entre intelectuais vinculados ao CEBRAP e ao CEDEC (Lahuerta, 2001), para opor o Estado, ocupado na época pela burocracia ligada à ditadura, aos interesses dos trabalhadores, dos movimentos populares e de todos aqueles que lutavam pela redemocratização do país. Assim, o uso de tal conceito remetia mais a uma especificidade política do contexto do país do que necessariamente a um uso acadêmico rigoroso, no sentido de conceber duas esferas, Estado e “sociedade civil”, como completamente separadas e necessariamente detentoras de interesses conflitantes (Idem, *ibidem*). Na década de 1990, tal conceito teria sido reformulado e alargado para incorporar atores e grupos ligados ao mercado e às classes médias e altas, principalmente durante o octênio FHC, quando ocorreu a explosão do chamado “terceiro setor”, formado por Organizações Não-Governamentais e demais entidades, ligadas a denominações religiosas, a partidos políticos, a

32 Ao contrário do que prega a ascensão do protestantismo tradicional associada ao espírito do capitalismo por Max Weber (Mariano, 1996).

movimentos sociais e a empresas, que passaram a se autoproclamar como representantes da chamada “sociedade civil”.

Tal alargamento do conceito de “sociedade civil” em conjunto com o que foi percebido por vários acadêmicos e ativistas de esquerda como uma predominância de políticas denominadas como “neoliberais”, propiciou o que Dagnino compreendeu como uma “confluência perversa”. Por meio de uma análise baseada em preceitos gramscianos, a autora caracteriza a “confluência perversa” como uma crise discursiva em que o conceito de “sociedade civil”, originalmente utilizado nas lutas por direitos de cidadania e por maior participação política dos movimento populares, passou a ser empregado pelo Estado para se desincumbir da gestão de políticas sociais, repassando-as para ONGs que diziam representar interesses dos mais pobres, ainda que não pudesse ser estabelecida qualquer relação de *accountability* entre tais ONGs, mantidas pelas classes médias e altas, e as classes populares que seriam por elas representadas (Feltran, 2005, p.52), sendo que várias destas ONGs seriam utilizadas por certas empresa apenas para conferir uma fachada moral positiva às suas atividades.

Dessa forma, a pobreza teria passado a ser concebida como um problema de gestão a ser resolvido com ações tópicas, provisórias e limitadas por parte de ONGs, empresas “socialmente responsáveis” e indivíduos de bom coração que se dispusessem a doar seu dinheiro e tempo para causas diversas:

“(…) A ressignificação da participação acompanha a mesma direção seguida pela reconfiguração da sociedade civil, com a emergência da chamada “participação solidária” e a ênfase no trabalho voluntário e na “responsabilidade social”, tanto de indivíduos como de empresas. O princípio básico aqui parece ser a adoção de uma perspectiva privatista e individualista, capaz de substituir e redefinir o significado coletivo da participação social. A própria ideia de “solidariedade”, a grande “bandeira” dessa participação redefinida, é despida de seu significado político e coletivo, passando a apoiar-se no terreno privado da moral. (...) Em grande parte dos espaços abertos à participação de setores da sociedade civil na discussão e formulação das políticas públicas com respeito a essas questões, estes se defrontam com situações nas quais o que se espera deles é muito mais assumir funções e responsabilidades restritas à implementação e a execução de políticas públicas, provendo serviços antes considerados como deveres do Estado, do que compartilhar o poder de decisão quanto à formulação dessas políticas. (...) Principal recurso dessa forma de gestão, o apelo à solidariedade, se restringe à responsabilidade moral da sociedade, bloqueando sua dimensão política e desmontando as referências à responsabilidade pública e ao bem

público, precária e penosamente construídas desde os anos 80 (Telles, 2001). (...) A cidadania é identificada com e reduzida à solidariedade para com os pobres, por sua vez, entendida no mais das vezes como mera caridade.” (Dagnino, 2004, pp. 152-157)

A lógica de funcionamento da sociedade civil atual descrita por Dagnino casa muito bem com o abandono do projeto do trabalhador do qual fala Feltran por um projeto de ascensão individual que passa ao largo da participação política, e nesse sentido, a trajetória de Maria Teresa é exemplar. Ao abandonar o projeto do trabalhador e decidir fundar uma ONG, Maria Teresa se deparou com uma série de barreiras materiais e simbólicas que não estavam presentes quando militava no PT por meio da CEB Santo Eugênio, da qual foi uma das fundadoras, as quais impediram que Maria Teresa conseguisse contribuir individualmente para a melhora das condições de vida dos moradores de seu bairro. Em face de tais dificuldades, Maria Teresa, reunindo forças com base em sua crença em Deus, acabou justamente se voltando então para um projeto de ascensão individual por meio de uma desgastante rotina de estudos e de trabalho, por meio da qual seria possível tentar, ao menos, servir como exemplo para os filhos e garantir uma aposentadoria maior do que um salário mínimo.

Dilemas da ascensão social na Era Lula

Fenômenos ocorridos durante a década de 1990 e meados dos anos 2000 como a perda de espaço dos movimentos sociais, em comparação com os anos 1980, as altas taxas de desemprego, e a influência que a criminalidade, as igrejas evangélicas e as ONGs passaram a exercer entre as classes populares, levaram ao abandono do projeto do trabalhador. No entanto, houve uma alteração importante neste cenário no que diz respeito aos baixos índices de crescimento econômico, o achatamento do salário mínimo e as altas taxas de desemprego e informalidade a partir da segunda metade dos anos 2000 em virtude de medidas adotadas durante os governos Lula (2003-2010), as quais proporcionaram uma redução do nível de desemprego, o aumento de empregos com carteira assinada, aumentos reais do salário mínimo e maior oferta de crédito aos mais pobres. Tal mudança possibilitou que muitas pessoas que haviam abandonado o projeto do trabalhador passassem a aderir de forma um tanto mais sustentável a um projeto de ascensão individual, como o fez Maria Teresa e muitas das pessoas entrevistadas por mim na Brasilândia. A retomada de um projeto de ascensão individual por estas pessoas se relaciona justamente com a discussão sobre o surgimento de uma nova classe média ou de uma nova classe trabalhadora entre economistas e cientistas sociais que teve início entre os anos de 2008 e 2010, exposta na introdução, à qual foram se somando pesquisas

mais recentes.

Em 2012 o debate sobre a ascensão social entre as classes populares ganhou novo fôlego com o lançamento do livro “Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira”, publicado pelo economista Marcio Pochmann, ex-diretor do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). O autor posiciona-se de forma enfática no debate acerca da existência ou não de uma “nova classe média”, afirmando, logo na introdução do livro, que seria um disparate afirmar que o Brasil é um país de classe média, como o fez Marcelo Neri (2008). Pochmann defende que de fato houve um processo de ascensão social da classe trabalhadora, cujos níveis de renda e o potencial de consumo aumentaram a partir de 2004, o que seria possível verificar por meio de uma série de dados compilados em seu livro. Porém, a existência de tal ascensão não significaria que as pessoas, que trabalham, em sua maioria, nos setores de serviços, comércio e construção civil, possam ser pensadas como indivíduos de classe média, como afirma Néri, e nem mesmo de classe média baixa, como afirma Waldir Quadros (2008). Ao contrário, tais pessoas continuariam a fazer parte, como é anunciado no subtítulo do livro, da base da pirâmide social brasileira.

É possível dizer que o posicionamento de Márcio Pochmann se aproxima daquele do sociólogo Jessé Souza, quando Souza afirma que os segmentos populacionais em ascensão seriam parte das classes trabalhadoras, em contraposição à ideia de uma “nova classe média” proposta pelo economista Marcelo Néri e pelos cientistas sociais Amaury de Souza e Bolívar Lamounier. Assim como Jessé Souza, Marcio Pochmann também critica, de forma implícita, pesquisadores que, como Marcelo Neri e Bolívar Lamounier e Amaury Souza, utilizariam de modo interessado e enviesado metodologias e teorias para qualificar os segmentos emergentes como “nova classe média” (Pochmann, 2012, p.7). Além disso, se Neri, Lamounier e Souza atribuem a ascensão social ocorrida durante os governos Lula a uma conjuntura econômica internacional favorável, que teria possibilitado um maior crescimento econômico, Pochmann e Souza afirmam que as transformações sociais foram possíveis principalmente por conta das ações do governo, o qual teria se aproveitado das condições econômicas favoráveis para realizar um crescimento com distribuição de renda, coisas que não ocorrem necessariamente em conjunto, tendo em vista o padrão de crescimento econômico adotado pelo regime militar durante a década de 1970.

Pochmann afirma que as políticas públicas realizadas durante a década de 2000, especificamente a partir de 2004, com intuito de reduzir a pobreza e injetar dinamismo na base da pirâmide social brasileira, como o aumento real do salário mínimo e a criação de novos empregos neste setor, foram exitosas. A distribuição dos empregos criados teria beneficiado principalmente as mulheres, os jovens entre 25 e 34 anos, pessoas não-brancas e trabalhadores das regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste, as quais concentraram metade do total dos novos postos de trabalho, “(...) ao

contrário dos anos 1980, quando as regiões Sudeste e Sul responderam por 56% do total da ocupação para os trabalhadores de salário de base (até 1,5 salário mínimo).” (Idem, p.38). Segundo o autor, entre os beneficiados por tais políticas, isto é, os trabalhadores que recebem até 1,5 salário mínimo por mês, e compõem a chamada base da pirâmide social do Brasil, as profissões que mais cresceram na primeira década de 2000 concentram-se na área de serviços (6,1 milhões de novos postos de trabalho), comércio (2,1 milhões), construção civil (2 milhões), de escriturários (1,6 milhão), da indústria têxtil e de vestuário (1,3 milhão) e do atendimento público (1,3 milhão). Além disso, o crescimento do poder de compra, da formalização do trabalho³³ e dos níveis de escolaridade³⁴ entre os trabalhadores que recebem até 1,5 salário mínimo, teriam sido acompanhados por um aumento de 14,8% da participação dos rendimentos do trabalho na renda nacional, aumento este que apontaria para uma crescente redução da desigualdade de renda.

Tal redução da desigualdade sugeriria, segundo o ex-diretor do IPEA, um aumento da polarização entre os trabalhadores da base da pirâmide social e aqueles que ocupam o topo, os detentores de renda derivada da propriedade³⁵. Porém, ao contrário do que seria esperado em uma conjuntura de aumento da formalização do trabalho e salários melhores, as taxas de sindicalização entre os trabalhadores que recebem salário de base teriam permanecido praticamente estagnadas. De 1999 a 2009 a filiação sindical entre o total de ocupados passou de 12,2% para 13,1%, e entre o total de assalariados formais de 17,1% para 17,3%.

O conjunto de dados reunidos no livro do economista, ao mesmo tempo em que aponta para uma transformação econômica e social importante no país, confirmando, em alguma medida, o diagnóstico de Neri e Quadros, também freia os impulsos excessivamente otimistas ao salientar que a recuperação das classes trabalhadoras não só não vem acompanhada de um crescimento das taxas de sindicalização como também, de um ponto de vista analítico, estes trabalhadores poderiam ser classificados, na literatura internacional, como *working poor* (trabalhadores pobres), ou seja, muito

33 “Os trabalhadores de salário base respondem atualmente por metade do total das ocupações no Brasil; desse universo, mas de 75% são assalariados, dos quais dois de cada três possuem carteira assinada. Depois do interregno na expansão do emprego assalariado formal ocorrido na década de 1990, a formalização das ocupações de salário de base encontra-se em alta. No ano de 2009, o Brasil registrou a maior participação do emprego formal no total da ocupação de salário de base dos últimos quarenta anos.” (Idem, p. 40)

34 “(...) A composição dos trabalhadores de salário de base no Brasil se alterou profundamente. Em 2009, 43% dos ocupados possuíam mais de 9 anos de escolaridade, em comparação com apenas 9% em 1979, 15,1% em 1989 e 23,2% em 1999.” (Idem, ibidem)

35 “Diante da combinação da recuperação do valor real do salário mínimo nacional com a ampliação das políticas de transferências sociais, nota-se que a recente expansão das vagas de salário de base tem permitido absorver enormes parcelas dos trabalhadores na base da pirâmide social, o que favorece a redução sensível da taxa de pobreza em todo o país. Ainda que isso se mostre insuficiente para alterar o segmento intermediário da atual estratificação social, conclui-se que está em curso uma crescente polarização entre os dois extremos com forte crescimento relativo: os trabalhadores na base da pirâmide social e os detentores de renda derivada da propriedade.” (Idem, p.22)

distante de uma nova classe média. Até porque, segundo os dados disponibilizados, as ocupações correspondentes à faixa que vai de 3 a 5 salários mínimos permaneceu praticamente estagnada em relação à década de 1990, e as ocupações de cinco salários mínimos ou mais sofreram uma redução líquida de 3,3%, ou seja, não apenas não estariam sendo incorporados novos indivíduos às classes médias como a oferta de empregos na faixa de cinco salários mínimos teve nos anos 2000 seu pior desempenho em comparação com as décadas de 1970, 1980 e 1990, o que significa que a classe média verdadeira não vem crescendo, como afirma Waldir Quadros (2008), mas está relativamente estagnada ou pode até mesmo estar diminuindo.

A argumentação realizada por Márcio Pochmann de que os trabalhadores da base da pirâmide social melhoraram suas condições de vida e aumentaram seus níveis de consumo, o que não significou que estes teriam começado a fazer parte da classe média, uma vez que esta estaria, inclusive, estagnada ou diminuindo, fez bastante sentido tendo em vista a trajetória da família de Maria Teresa e de praticamente todas as pessoas que entrevistei na Brasilândia que moravam em bairros da como o Jardim Guarani. Ao contrário das regiões mais centrais do subdistrito, ocupadas por pessoas de classe média e média baixa, e de bairros mais recentes, onde residiam pessoas desempregadas e/ou miseráveis, o Jardim Guarani e bairros similares, como a Vila Terezinha e o Jardim Icarai, que até pouco tempo eram bastante precários, começaram a passar por mudanças positivas que envolveram obras de infraestrutura e melhora da oferta de serviços públicos e privados. Seus moradores, trabalhadores pobres que haviam sofrido com o desemprego na década de 1990 e até meados dos anos 2000, começaram a contar com uma oferta razoável de vagas de trabalho nos setores da construção civil e serviços que pagavam por volta de 1,5 salário mínimo ou um mais (lembrando que o salário mínimo teve aumento real de 70% durante os governos Lula,) e puderam ampliar seu potencial de consumo:

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO	ESCOLARIDADE
Ana Maria	52	Empregada Doméstica/Cuidadora	Fundamental Inc.
Carmem	49	Empregada Doméstica	Fundamental Inc.
Caroline	30	Assistente Contábil	Superior Comp.
Cleiton	30	Receptor de mercadorias (supermercado)	Ensino Médio Comp.
Cleuza	57	Diarista	Fundamental Inc.
Dalva	58	Copeira	Fundamental Inc.
Dulce	52	Professora de Artes	Superior Comp.
Felipe	24	Estudante de Ed. Física	Superior Inc.
Jadson	21	Trabalhador da Construção Civil	Fundamental Inc.
Manuel	35	Trabalhador da Construção Civil	Fundamental Inc.
Marli	34	Dona de casa	Fundamental Inc.

Nilza	41	Cuidadora	Fundamental Inc.
Raimundo	53	Metalúrgico	Fundamental Inc.
Rita	43	Cozinheira	Fundamental Inc.
Roseane	24	Funcionária de limpeza	Fundamental Inc.
Silvana	38	Estudante de Serviço Social/Técnica de radiologia	Superior Inc.
Tatiana	30	Diarista	Fundamental Inc.

Tabela 2 – Ocupação e escolaridade dos entrevistados em janeiro de 2013

No entanto, ainda que a vida dos moradores de bairros como o Jardim Guarani tenham melhorado a partir da metade dos anos 2000, alguns velhos problemas permaneceram e novas dificuldades surgiram, como pude observar com base na pesquisa de campo e nas entrevistas que realizei especificamente no Guarani.

O bairro do Jardim Guarani fica ao pé de uma grande avenida que corta o subdistrito da Brasilândia chamada Deputado Cantídio Sampaio, nomeada em homenagem a um político ademarista, de mesmo nome, que se tornou deputado federal pela ARENA na década de 1960 e assim permaneceu por vinte anos durante o regime militar. Em comparação com a região central do subdistrito, a iluminação pública, a limpeza urbana, as calçadas, as ruas e a sinalização de trânsito são visivelmente piores. Devido à falta de sinalização de trânsito era preciso prestar muita atenção ao atravessar as ruas, pois o tráfego de carros, ônibus, vans, e principalmente de motos, era intenso. Os motociclistas não faziam a menor questão de andar de capacete, e por vezes andavam em bandos em grande velocidade, alguns até gritavam, tiravam rachas e davam piparotes com as motos. Depois vim a descobrir que a mãe de uma das pessoas que entrevistei havia morrido atropelada ao atravessar a Cantídio Sampaio ainda nos anos 1980...ou seja, de fato não era um lugar em que se podia andar de forma minimamente despreocupada, ao contrário da região central da Brasilândia.

Além dos motociclistas sem capacete, durante os finais de semana o bairro era tomado por vários jovens com narguilés que se sentavam em cadeiras de praia em frente a enormes equipamentos de som para ouvir música no último volume, muitas vezes tarde da noite, para desespero dos moradores que precisavam acordar cedo para trabalhar. Em dias de festa, como a comemoração do dia da consciência negra promovida pela prefeitura, à qual compareci acompanhada de Maria Teresa, além da presença dos narguilés e da música alta, para horror da fundadora da CEB Santo Eugênio, crianças e jovens bebiam e usavam drogas mais pesadas despreocupadamente.

A polícia, que não parecia ligar muito para o uso de drogas pesadas entre os moradores do bairro, aparecia de vez em quando para multar algum motociclista que andava sem capacete, como

ocorreu com Felipe quando fora preso pela segunda vez, e confiscar motos de jovens que dirigiam sem possuir carteira, como ocorreu com Jadson por duas vezes. Além das ações concernentes a motos e motociclistas fora da lei, não era incomum que alguns policiais realizassem revistas em homens jovens, como havia reclamado Jadson em um trecho de entrevista exposto acima, situação que eu mesma pude presenciar ao andar junto com Maria Teresa no fim da tarde pelo bairro para levar Juliana, aluna de graduação da USP, à casa de Aparecida, onde iria entrevistá-la para sua Iniciação Científica. Tal rotina policial cotidiana parecia se modificar apenas quando os traficantes do bairro entravam em conflito com certos policiais que lá atuavam, o que resultava, invariavelmente, na morte de pessoas de ambos os lados, e, por vezes, em ferimentos ou morte de um ou mais moradores que não estavam envolvidos com a disputa.

No entanto, ao mesmo tempo em que as drogas e a violência faziam parte do cenário do bairro, nos finais de semana, de manhã e à tarde, também era possível observar crianças empinando pipas, jogando bola na rua, pessoas lavando os carros, conversando nas calçadas, fazendo churrasco em frente de casa para os amigos, como fazia Felipe de vez em quando, e andando de forma despreocupada pelas ruas. Isso somado às eventuais comemorações que ocorriam no bairro, como a celebração de uma missa afro a qual fui com Maria Teresa, ou à festa junina de rua em que as pessoas compareciam fantasiadas de caipiras, da qual Rita participou da organização e me mostrou várias fotos depois, e à confiança que Maria Teresa depositava em seus vizinhos ao deixar a porta de sua casa sempre aberta, por vezes passavam a impressão de se estar andando em uma cidade do interior e não em um bairro de periferia de uma das regiões mais violentas de São Paulo.

Esta ambiguidade fazia com que todos os entrevistados que moravam no Jardim Guarani, ainda que assustados com a violência, fossem unânimes em afirmar como o bairro havia melhorado nos últimos quatro ou três anos. As ruas que antes eram de terra batida foram asfaltadas, o córrego que ficava aberto e juntava sujeira e centenas de ratos fora canalizado, e a favela Boa Esperança que ficava em meio ao tal córrego, fora demolida e em seu lugar foram construídos vários prédios pela prefeitura em conjunto com o governo federal como parte do Programa de Aceleração de Crescimento (PAC), os quais foram sendo ocupados ao longo do tempo em que realizei a pesquisa de campo.

Várias pessoas como Claudemir, Rita, Dalva, Nilza, Cleiton e Carmem, que moravam na Boa Esperança, haviam passado a habitar recentemente apartamentos novos. Algumas, como Aparecida, que com a ajuda de sua patroa, mudou-se para um sobrado grande no Jardim Icarai, no qual passou a morar com seus quatro filhos, seu irmão e uma tia, receberam uma indenização e um auxílio aluguel para se restabelecerem em outro lugar. Assim, a maior parte dos moradores se referia ao próprio bairro como um bom lugar para morar e de onde não gostariam de se mudar,

apesar da violência, uma vez que conheciam todo mundo e sentiam bem morando lá.

Não só o Jardim Guarani havia melhorado durante os últimos anos com as obras realizadas, mas, individualmente, várias pessoas que lá moravam melhoraram sua situação financeira. Raimundo e Caroline que estavam desempregados quando os encontrei pela primeira vez em 2011 arrumaram um emprego no ano seguinte, ele como metalúrgico, ela como assistente contábil em um restaurante. Nilza, que estava desempregada, assim como alguns de seus filhos, também começou a trabalhar, de modo que pode comprar móveis novos para a sua casa. Rita, além do emprego como cozinheira, começou a fazer trabalhos esporádicos para um Buffet, Roseane mudou para uma casa maior do que a que morava, localizada ainda no mesmo terreno, e comprou vários móveis e eletrodomésticos novos, Cleuza iria passar a contar com a renda do companheiro da neta, que trabalhava regularmente e, como passaria a morar junto com a família, estava construindo um cômodo a mais na casa. Por fim, Cleiton, que gostava de assistir programas da *National Geographic* na televisão a cabo, havia comprado uma televisão e um sofá maiores na última vez que o vi, no início de 2013. Os demais moradores continuaram nos mesmos empregos e mantiveram estáveis seus padrões de renda e consumo, de modo que ninguém que morava no Guarani havia ficado desempregado depois que iniciei a pesquisa.

Em contraste com o sentimento de ascensão social, ainda que contido, que permeava o Jardim Guarani e bairros similares, como a Vila Terezinha e o Jardim Icaraí, figuravam certos bairros ainda mais distantes e precários em relação ao centro do subdistrito, os quais os moradores que entrevistei classificavam como “muito perigosos”, “lugar de bandidos”, ou ainda de “favelados”, como Cleiton dizia, justamente ele que até pouco tempo morava na Boa Esperança. Apareciam nesta lista lugares como Carombé, Jardim Paulistano e Jardim Damasceno, entre outros, nos quais, provavelmente, não seria possível deixar a porta de casa aberta, lavar o carro ou fazer churrascos na rua durante os fins-de-semana.

A despeito do temor de vários moradores, o filho mais velho de Maria Teresa, no entanto, parecia circular por esses bairros “perigosos” com alguma desenvoltura, pois tinham vários amigos que moravam lá, os quais, por vezes, apareciam na casa de Maria Teresa com suas roupas e tênis de grife e celulares Nextel que apitavam a cada cinco minutos. Maria Teresa, porém, morria de medo desses bairros, dizia não conhecer ninguém que morasse lá, e ficou estarecida quando eu pedi sua ajuda para ir comigo ao Jardim Damasceno entrevistar, no início de 2013, Tatiana, cujo marido havia perdido o emprego, fazendo com que a família toda, que morava de aluguel em Cruz das Almas, bairro da região central do subdistrito, tivesse que se mudar às pressas para um barraco em uma ocupação recente no meio da Serra da Cantareira.

Por conta da minha insistência, Maria Teresa decidiu me acompanhar na ida até a casa de

Tatiana no Damasceno, em uma favela chamada pelos próprios moradores de “Tribo”. Seguindo as indicações de Tatiana, Maria Teresa e eu chegamos em uma rua sem saída que dava para o meio do mato, sem saber o que fazer, perguntamos pela “Tribo” e um senhor nos disse para seguir em frente no meio do mato mesmo que haveria uma passarela. Nessa hora Maria Teresa ficou horrorizada e quis voltar para trás, mas argumentei que já que havíamos chegado até lá poderíamos tentar prosseguir. Depois de atravessar o mato, passar pela tal passarela, que na verdade era uma pinguela, de subir e descer alguns morros de lama nos quais se encontravam alguns barracos esparsos parecidos com moradias indígenas - daí provavelmente o nome de “Tribo”, e subir uma longa escada improvisada, chegamos à casa de Tatiana.

Enquanto Maria Teresa bebia o segundo copo de água e descansava do percurso, Tatiana começou a falar desenfadadamente dos problemas que passara a enfrentar quando o marido, ex-presidiário, fora despedido de uma fábrica de bonés quando seus empregadores descobriram que ele possuía uma doença grave e então eles precisaram se mudar do local onde moravam de aluguel. O barraco que eles haviam comprado na favela por dez mil reais não tinha piso instalado e eles tiveram que gastar um dinheiro que não possuíam para a colocação do mesmo, o que, tendo em vista a pouca renda obtida por Tatiana por meio de serviços como diarista, trouxe dificuldades grandes para o sustento da casa. Tatiana não podia trabalhar todos os dias da semana porque precisava levar o marido para se tratar em um hospital que ficava muito longe de onde morava, e sempre que saía de casa ficava preocupada que os vizinhos pudessem invadi-la enquanto estivesse fora ou que algo pudesse ocorrer com seus filhos, a despeito das regras que o PCC havia estabelecido para a convivência dos moradores daquela ocupação, pois lá ocorriam muitos conflitos. Tatiana disse que tentava não comprar nenhuma briga, o que seria bastante difícil em vista das ameaças constantes que dizia receber dos vizinhos, um dos quais teria furtado a lâmpada da porta da frente de seu barraco enquanto estava acesa. Além do medo da vizinhança, Tatiana ficava apavorada cada vez que chovia, pois alguma das várias árvores da Serra da Cantareira que circundavam a ocupação poderia cair sobre sua casa e matar quem estivesse dentro, como havia ocorrido com o primeiro barraco que havia procurado para comprar na mesma favela.

Depois de passarmos cerca de duas horas na casa de Tatiana, eu e Maria Teresa saímos em meio a uma garoa que começava a cair e que fez com que um emaranhado gigantesco de fios que funcionava como ligação de luz para a ocupação pegasse fogo, o qual, felizmente, foi apagado por um dos moradores. Na volta para casa de Maria Teresa, percebemos que poderíamos ter chegado à “Tribo” por um caminho mais fácil do que o que havíamos feito, o que fez com que Maria Teresa, ao mesmo tempo que achasse graça da “aventura” despropositada, praguejasse algumas vezes contra um homem que ao querer ajudá-la a subir um dos morros de lama teria tentado roubar seu

relógio, e emendasse ao final de suas frases repetidas vezes: “aquele lugar é muito perigoso, você é louca de ter ido lá”.

Tais experiências vivenciadas durante a pesquisa de campo, somadas às percepções das pessoas que conheci e entrevistei, apontavam para uma espécie de tipologia dos bairros compreendidos pelo subdistrito da Brasilândia: aqueles que concentravam uma maioria de pessoas de classe média-baixa e que se localizavam próximos à região central e mais antiga, os que eram habitados principalmente por pessoas mais pobres, mas cujos os equipamentos urbanos haviam melhorado e os próprios moradores teriam alcançado uma situação financeira melhor, e, finalmente, os bairros nos quais se localizavam ocupações recentes, extremamente precárias, habitadas por pessoas em situação de pobreza extrema. Assim, os trabalhadores pobres, que haviam se beneficiado em anos recentes da criação dos empregos no setor de serviços e construção civil, do aumento do salário mínimo, da maior oferta de crédito e das obras do PAC, moravam em bairros como o Jardim Guarani, que até pouco tempo atrás eram mais parecidos com o Jardim Damasceno do que com a região central da Brasilândia, e eram essas as pessoas que haviam sido impactadas pelos avanços da Era Lula no que tange aos processos de ascensão social, o que não teria ocorrido com os moradores de bairros de classe média baixa ou média.

Daniela, filha única de dona Ana Maria, sempre frequentara com a mãe, que havia se separado do marido quando Daniela era ainda criança, a Congregação Cristã do Brasil, uma igreja evangélica pentecostal³⁶. Religiosa e disciplinada, afinal, como disse para uma amiga também evangélica, “Deus não concede graça se não houver esforço”, conseguiu, trabalhando e estudando, entrar na Universidade de São Paulo, época em que ajudava financeiramente a mãe que estava desempregada e com depressão³⁷. Aos dezesseis anos se casou com Renato, também frequentador da mesma igreja, que havia conseguido se formar no Mackenzie com uma bolsa de estudos. Ambos se mudaram para um apartamento na Avenida Itaberaba, na Freguesia do Ó, e tiveram dois filhos, porém, com dificuldades para encontrar empregos que correspondessem, em termos financeiros, às suas aspirações, tendo em vista suas formações acadêmicas, decidiram se mudar para uma cidade no interior de São Paulo em dezembro de 2012. Daniela e Renato, ao contrário dos moradores do Jardim Guarani, não foram beneficiados por quaisquer políticas dos governos Lula, pois não só ingressaram na faculdade ainda durante o mandato de FHC, como também não conseguiram achar

36 A Congregação Cristã do Brasil seria, segundo Foerster, 2007, uma igreja pentecostal *sui generis* pois não modificou seu hinário em virtude do avanço da música gospel, não possui estratégias de marketing via rádio e televisão, mantém uma regra de que suas lideranças não devem se candidatar a cargos políticos e os cultos não devem servir como plataforma para políticos ou partidos.

37 Muito provavelmente Ana Maria conseguiu se manter na região central da Brasilândia, mesmo tendo ficado dez anos desempregada, de 1996 até 2006, por causa de Daniela. Atualmente, a renda e ocupação de Ana Maria são as mesmas de várias outras mulheres que habitam o Jardim Guarani.

empregos satisfatórios tendo em vista sua formação escolar.

De forma análoga, pessoas com formação superior que habitam o Jardim Guarani, também enfrentavam muitas dificuldades de encontrar empregos compatíveis com seu grau de escolarização. Caroline, filha de Aparecida, ainda que tenha ascendido socialmente ao deixar a favela Boa Esperança e passar a morar em um sobrado grande e confortável no Jardim Icarai, não conseguiu dar continuidade a tal processo e ingressar na classe média, como ocorreu com Daniela e sua família. Após ter passado cerca de dois anos desempregada depois ter se formado em uma faculdade privada, período em que pensou em mudar-se para o interior de São Paulo, conseguiu, no final de 2012, um emprego como auxiliar de contabilidade em um restaurante. Apesar do que o nome do cargo indicava, Caroline me contou que fazia toda a contabilidade do estabelecimento, um restaurante fino que ficava em um bairro de classe alta, um trabalho que, segundo relatou, não era fácil, e pelo qual recebia mil e duzentos reais mensais, exatamente a mesma quantia que ganhava Manuel, vizinho de Maria Teresa, que estava empregado na construção civil como instalador de telas em edifícios. Manuel, no entanto, também sentia que seu salário não compensava a função arriscada que desempenhava trabalhando sempre em prédios muito altos, e por isso já havia manifestado várias vezes ao patrão que queria sair do emprego.

Ainda que tanto Caroline como Manuel estivessem insatisfeitos com seus salários, no caso de Caroline a decepção com tal situação parecia ser maior. Ao contrário de Manuel, que poderia encontrar um emprego que pagasse uma quantia similar, porém com um nível de periculosidade menor e que exigisse não mais do que escolaridade que já possuía, o ensino fundamental incompleto, Caroline não possui perspectivas de encontrar um emprego melhor do que o atual. Sua mãe, Aparecida, que se esforçou muito para fazer com que todos os seus filhos pudessem fazer faculdade e não caíssem na criminalidade ou ficassem viciados em drogas, o que de fato havia conseguido, trabalhando como empregada doméstica ganhava mais do que a filha que havia passado pela faculdade e feito cursos de línguas e de formação profissional. Assim, ao contrário do que seria o esperado, Aparecida, que, segundo Maria Teresa, já estava sofrendo com algumas doenças decorrentes do trabalho físico intenso, precisava continuar trabalhando todos os dias pois, do contrário, não conseguiria sustentar sua casa e continuar pagando as parcelas referentes ao carro que Caroline usava, ou seja, seus filhos, ainda que fossem todos formados e estivessem trabalhando, não eram capazes de reunir dinheiro suficiente para que a mãe pudesse se aposentar.

De forma análoga à família de Aparecida, Dulce também enfrentava certas limitações em seu processo de ascensão individual. Dulce, assim como Maria Teresa, terminou seus estudos por meio do EJA, se formou em artes plásticas em uma universidade privada e virou professora OFA da rede pública, trabalhando para escolas do Estado e da prefeitura ao mesmo tempo para conseguir

juntar dinheiro suficiente para comprar uma casa própria, pois ela e seu filho moram, atualmente, em uma casa localizada em um terreno da prefeitura, isto é, em um terreno irregular. Como não era professora concursada, seus vencimentos eram mais baixos em comparação com os professores concursados, de modo que tinha muita dificuldade em juntar a quantia necessária para comprar uma casa, ainda mais tendo em vista que o bairro do Jardim Guarani e áreas adjacentes haviam se valorizado por conta das obras que revitalizaram a região, o que tornava o valor dos imóveis cada vez mais alto. Dulce tentou por várias vezes prestar um concurso público para melhorar suas condições de trabalho e seu salário, porém, sua formação escolar, assim como a de Maria Teresa, era insuficiente tendo em vista o nível de exigência dos concursos públicos para professor, inclusive, como nunca conseguia se classificar, Dulce e Maria Teresa, chegaram a pensar que tais concursos fossem manipulados. Em dezembro de 2012, sem conseguir encontrar uma casa em uma região próxima da onde residia, mudou-se para Franco da Rocha às pressas, sem nem mesmo se despedir de seus vizinhos.

Assim, ainda que as condições de vida dos trabalhadores que moram no Jardim Guarani tenham de fato melhorado em comparação com o período anterior de desemprego e baixos salários, estes não possuem muitas esperanças a respeito de uma possível ascensão social para a classe média, seja por meio do trabalho, e, ao que parece, principalmente por meio do estudo. Se no passado o diploma poderia ser considerado um passaporte razoavelmente seguro para a classe média, atualmente, a julgar pela insatisfação daqueles que concluíram suas faculdades, como Caroline, Dulce e a própria Maria Teresa, tal tendência parece ter mudado.

Seria possível argumentar que a posse de um diploma, se não garante bons empregos, ao menos indica que seu portador possui maiores níveis de letramento em comparação com os que não o possuem. Entretanto, as dificuldades que Dulce e Maria Teresa enfrentam para passar em um concurso de professor para a rede pública apontam para sérias dificuldades em superar certas deficiências de formação escolar. Maria Teresa, consciente de que sua formação deixa a desejar, se matriculou em curso de pós-graduação *latu-sensu*, para tentar reverter tal problema, porém, ao contrário do que esperava, teve muitas dificuldades em terminar o curso e não sentiu uma melhora significativa em sua formação escolar. Felipe, filho mais velho de Maria Teresa, ao perceber que o diploma não teria feito com que sua mãe melhorasse seu “nível acadêmico” e conseguisse boas oportunidades de trabalho, uma vez que ao trabalhar como professora eventual ela não passou a ganhar muito mais em comparação com o salário que recebia como servente de limpeza, dizia não possuir muitos estímulos para continuar na faculdade:

“Hoje o que vale é o nível acadêmico, eu bato numa tese com minha mãe que ela acha que

é alguma coisa mais que eu (porque tem diploma). Ela só paga pra ter aula com o professor, se eu quiser, eu fico vinte e quatro horas na internet e aprendo o dobro que ela, de graça, só é vontade minha. Só que não tenho vontade, não vou dizer que é falta de estímulo porque ela me estimula a fazer, (mas) pra mim estudar, chegar num nível assim, eu vou ter que dar mais de noventa por cento da minha vida pra isso se concretizar. Então, é mais fácil as escolhas fáceis, certo? (risos). É melhor não, deixa pra depois, mas por quê? Falta de oportunidade? Não é. Minha mãe me dá oportunidade. Só que a faculdade vai dar oportunidade pra dez e nós somos em cem. Noventa vai se prejudicar, e isso machuca mais e mais a pessoa. Então a pessoa fica sem estímulo, independente de ter outra pessoa que o ajuda. Se uma hora eu conseguir um dinheiro eu vou fazer minha faculdade, mas olha a diferença, eu não tô dando nem dez por cento do meu eu pra fazer aquilo. Tem pessoas que dá noventa, são merecedoras (de uma vaga em universidade pública)” (Felipe, 23 anos)

Para Felipe a posse de um diploma “pago” parece não fazer muita diferença tanto em termos acadêmicos como no que diz respeito ao aumento das oportunidades de ascensão social para a classe média, tais ganhos só seriam conseguidos, com muito esforço, “dando noventa por cento da vida”, por meio de uma vaga em uma universidade pública ou de uma universidade privada de prestígio, como foi o caso de Daniela e Renato. Porém, como cursar uma universidade pública ou privada de prestígio é tido como um privilégio entre as classes populares, o tipo de diploma que se pode ter acesso mais facilmente e mediante pagamento parece representar, segundo argumenta Felipe, pouco mais do que um objeto de consumo entre outros, como carros, viagens, e televisões caras, que, pagos em várias parcelas a muito custo, não significam muita coisa em relação à ascensão social de seus possuidores para a classe média.

A aparente “equalização” de oportunidades de consumo promovidas pelo aumento do salário mínimo, e, principalmente, pelo aumento da oferta de crédito, pode passar a impressão de que os níveis de consumo das classes trabalhadoras são parecidos com os das classes médias, pois aquelas poderiam ter acesso a viagens, carros, móveis e eletrodomésticos, e, até mesmo diplomas. A situação, porém, parece ser mais complexa. A socióloga Claudia Sciré, (2009), aponta em sua dissertação de mestrado sobre consumo popular, baseando-se em dados de uma pesquisa de campo em bairros de periferia, a ocorrência de um fenômeno chamado “financeirização da pobreza” entre as classes trabalhadoras. Segundo Sciré,

“(…) os bancos, através de suas financeiras e associação com as redes de varejo, entram em

cena, fornecendo possibilidades ainda mais facilitadoras de crédito. Ao fornecerem aos seus possuidores a possibilidade de dispor da existência de uma quantia de crédito além dos rendimentos mensais, os cartões tornam-se elementos cruciais na gestão do orçamento doméstico, ou seja, muitas famílias já calculam os gastos contando com a presença de uma renda “a mais” que não corresponde àquela que verdadeiramente possuem. Os dados de campo permitem afirmar que realmente se trata de uma nova forma de organização e gestão dos rendimentos mensais com base em cálculos para gerir os recursos através de uma administração dos limites dos cartões. (...) A financeirização e seus artefatos possibilitaram a aquisição de bens sob uma lógica que dissocia o acesso ao consumo dos rendimentos efetivos do trabalho. (...) Mostrou-se que gastos excessivos com cartões e cheques podem gerar endividamento das famílias e o comprometimento do orçamento doméstico. É assim que as vidas passam a ser completamente capturadas pelas dívidas, de forma que são as faturas dos cartões a pagar e os juros aí presentes que acabam estruturando os destinos do orçamento doméstico.” (Sciré, 2009, pp.149-153)

É claro que, como afirma Marcio Pochmann (2012), o aumento da renda do trabalho leva necessariamente a um aumento do consumo, pois os trabalhadores não poupam, mas sim, gastam tudo o que ganham. Dessa maneira, poder-se-ia pensar que faz pouco sentido caracterizar tal processo de ascensão atual das classes populares como “financeirização” da pobreza, ou, de forma mais genérica, falar em ascensão via consumo, uma vez que todo o processo de ascensão social estaria necessariamente vinculado à expansão do consumo. Porém, o que torna peculiar o atual processo de ascensão social experimentado pelos moradores do Jardim Guarani e demais pessoas das classes trabalhadoras em processo de ascensão é a centralidade do endividamento:

“O povo ganha muito pouquinho, tem que aumentar mais isso daí e abaixar mais os preços, por que aonde que a gente vai parar com esses preços tão altos? Igual do meu esposo, o que ele recebe vai mais pra pagar as dívidas, porque despesa é bem pouco viu, bem pouco...No caso do meu marido o que ele pega é bem pouco, não dá nem quase pra sobreviver, porque paga as dívidas, paga as dívidas e ainda fica devendo mais dívida.” (Marli, 34 anos)

“Essa classe média que o governo fala nada mais é do que os consumidores, não é uma classe média que ela tem condições, ela tem porque o governo facilita, a própria sociedade facilita. Mas se você olhar a conta dela é tudo endividado, é tanto que o governo está

percebendo isso, ele já está começando a implantar situações para que futuramente isso acabe, porque ele sabe que no futuro vai ser só endividados, no futuro não vai ter gente que tenha. Tem uma outra onda que vem aí, que ainda não estourou, que é a onda do cartão de crédito lá. Já está proibido de eles mandarem cartão de crédito, eles não mandavam toda hora? Porque todo mundo tem que ter, eu concordo, só que a forma que eles fazem engana, porque você paga num produto três vezes mais. Existe uma parceria por causa dos impostos, se a empresa não repassar o que tem que repassar para o governo, não está de acordo, então ela tira em cima do que ela vende para você.” (Silvana, 38 anos)

“Mas aí eu não vou dizer que a culpa é do governo de existir agora essa classe consumista como diz você. Eu até que compreendo, eu não vou criticar essa classe consumista, como diz você. Você sabe por quê? Porque isso é sonho, mesmo endividados, são sonhos que eles estão conseguindo realizar. Por que, qual é a pessoa que não gosta de ter a sua casa arrumada? (...) Antes era mais difícil de comprar um carro assim. Por quê? Para você comprar um carro, você tinha que ter no mínimo um salário, ao invés de você ganhar um salário mínimo, você tinha que ganhar três. Aí quando aquele salário acompanhava o valor da prestação do carro, você podia comprar, e hoje não, hoje eles dizem que facilitam, não sei o que, a gente sabe que tem mais juros, você entendeu? (...) Não estou isentando o governo de nada, mas a culpa é mais do consumidor do que do próprio governo, porque você sabe que o seu salário não acompanha aquela prestação, certo?” (Maria Teresa, 47 anos, em resposta à argumentação realizada por Silvana no trecho acima)

“Você tem que manter um controle também do quanto você ganha e do tanto você vai gastar...quem nem, você ganha 800 reais e tá endividando em 1200, 1300, como você vai pagar isso aí? Sendo que tem uma compra, conta de telefone, de água, aí você junta tudo isso aí e deu 1200 e você recebe 800, aí complicou, como você vai pagar? Mas as pessoas às vezes não conseguem se controlar, que nem, no caso mesmo, meu pai e minha mãe põe tudo na ponta do lápis, quando vai chegando os negócios pra pagar eles vai somando, pra depois não chegar lá na frente e tá apertado ou tá faltando dinheiro, preferem não ter, ficam com o necessário, o que dá pra manter, nem a mais nem a menos. Algumas pessoas não fazem algumas prestações e o nome acaba sujando né? Não paga, o nome suja, por causa de uma mixaria, mas essa mixaria a gente não tem, e o nome da pessoa acaba sujo, a pessoa faz uma compra à prestação pra pagar em dez, doze, sei lá, e não consegue comprar nada porque o nome tá sujo, tá devendo mil e duzentos lá na frente e não tem como pagar.”

(Jadson, 21 anos)

“As pessoas estão ficando consumistas, elas estão tendo carros, (acesso a) shoppings, lojas, tênis, só que elas fazem em sessenta vezes. Então tem pessoas que devem a vida duas vezes. A vida da pessoa fica como um produto que fica menos útil. Como diz um amigo meu: “ela pode nascer de novo pra poder juntar, ela vai morrer, vai nascer de novo e não vai pagar a dívida que ela tem.” Então na verdade o pobre não tá tendo nada. Só quem tá ganhando são os empresários. As lojas te dão a liberdade de ter, você pode ter, mas você pode manter? Eu conheci um moleque que o pai dele tem dinheiro, ele também. Pra comprar um tênis de seiscentos reais ele espera o ano inteiro, eu tenho dois. Ele tem uma renda de mais ou menos uns quinze mil, juro pra você, e eu não tenho uma renda de nada. E ele tem uma renda de quinze mil, mas eu vejo no pé dele e falo: “Ah! Se você pode, eu também posso”, vou lá e compro. A gente se repara com ele assim: ele é rico, eu sou pobre, mas eu tenho uma coisa da mesma forma que ele. Tudo meu é parcelado. Você tá vendo a diferença? Então é assim, uma questão de visão. Se você enxergar, você não faz. Se você não enxergar, você fez, mas na hora que bate...” (Felipe, 23 anos)

Ainda que tenham existido de fato ganhos de renda reais (acima da inflação) por parte dos trabalhadores entrevistados, mesmo que a percepção destes por vezes possa ser a oposta, o que acentua e caracteriza de forma decisiva o processo de ascensão social do qual fazem parte é o endividamento. Mesmo que algumas pessoas, como os pais de Jadson, consigam evitar as dívidas, a maior parte dos entrevistados, como por exemplo Felipe, Marli, Maria Teresa e Aparecida, para ter acesso a uma esfera de consumo de bens que antes eram pouco ou nada acessíveis, já que seus ganhos salariais não possibilitariam, de forma sustentável, tal acesso, acabam se endividando, e tais dívidas fazem com que o orçamento fique comprometido de tal maneira que, muitas vezes é preciso arranjar formas de conseguir mais dinheiro para não ficar com o nome sujo, como fez Maria Teresa ao começar a trabalhar na Fundação CASA, ou ainda continuar trabalhando e ignorar dores e sinais de esgotamento físico, como ocorre com Aparecida. De acordo com Sciré (2009),

“Não se trata de fazer um julgamento moral em relação à expansão do consumo aos pobres, mas de indagar quais as consequências sociais que este processo de estruturação das vidas a partir das dívidas engendra. (A financeirização da pobreza) é uma lógica na qual a valorização desse capital parece se alimentar da própria condição de escassez que, em princípio, caracterizaria a condição de pobreza: é isso o que parece estar em jogo no

princípio do endividamento que rege as práticas de consumo acionadas, promovidas e expandidas no capitalismo contemporâneo. Cabe, então, questionar a forma e o sentido de uma situação que não deixa de ser de pobreza (devido às condições de moradia e escassez de recursos), mas que convive com padrões globalizados e financeirizados de consumo ” (Idem, p.153)

Para evitar níveis de endividamento que comprometam em demasia o orçamento doméstico, é preciso ter disciplina e organização, como apontou Jadson, as quais, podem, eventualmente, vir a ser reforçadas com muita fé em Deus. No início dos anos 2000 Tatiana após um périplo místico-religioso, ingressou, por meio de uma mulher chamada Maria, na Igreja Universal do Reino de Deus³⁸, igreja que seu marido frequenta até hoje, justamente quando precisou trabalhar muito para juntar dinheiro para viajar e recuperar suas filhas que haviam sido retidas por seu ex-marido em Pernambuco após uma separação turbulenta:

“Você não faz ideia do que eu fiz durante esses cinco anos pra ter minhas filhas de volta. De tudo o que você possa imaginar, em tudo quanto foi buraco, eu entrei. Eu entrei em favela, eu entrei em Igreja, eu entrei em macumba, eu entrei em espírita...tudo quanto era lugar que falava que “você vai ter suas filhas de volta” eu ia. E tudo quanto era dinheiro que eu pegava, eu pegava pra trazer minhas filhas de volta. Na época que eu conheci a Maria, eu vim morar aqui e juntava o dinheiro das caixinhas pra poder buscar minhas filhas, eu trabalhava à noite, sem registro, num salão de forró que era restaurante durante o dia, era um salão que era 24 horas porque o forró lá ia até às dez da manhã...” (Tatiana, 30 anos)

Ainda que tenha conseguido recuperar suas filhas e sobrevivido a um ataque à casa de forró que trabalhava em que seu chefe foi assassinado, o que considera como um “salvamento de Deus”, Tatiana acumulou várias dívidas. Além de ter perdido todo o seu dinheiro da caixinha com a morte

38 A Igreja Universal do Reino de Deus é a principal igreja neopentecostal do país e prega a teologia da prosperidade. Assim como outras igrejas do mesmo tipo, seus cultos são “(...) centrados em promessas de concessão divina de prosperidade material, cura física e emocional e de resolução de problemas familiares, afetivos, amorosos e de sociabilidade. (...) Com tal estratégia, (...) atraem e convertem majoritariamente indivíduos dos estratos pobres da população, muitos deles carentes e em crise pessoal, geralmente mais vulneráveis a esse tipo de prédica.” (Mariano, 2004). De acordo com Lima, 2007, “semanalmente, os fiéis se reúnem para o culto à prosperidade, nos quais ouvem sobre a legitimidade da abundância (...). Nesse dia, os termos e a lógica empregados no culto são os mesmos da semântica do mercado.”, no entanto para a pesquisadora os fiéis não seriam manipulados pela Igreja, uma vez que “ênfatizam noções como “escolha” e “decisão”, caras ao imaginário individualista moderno da igualdade e da liberdade, e com muita recorrência ancoram sua explicação para as “mudanças” de vida resultantes da “entrada na fé” na “atitude” profissional que puderam assumir a partir do que ouviram na Igreja.”.

do chefe, segundo ela um valor que somava cerca de oito mil reais, acabou se endividando com parentes, conhecidos, bancos e com uma empresa para a qual trabalhou como vendedora de porta em porta. Quando estava conseguindo pagar a maior parte destas trabalhando como diarista, seu marido perdeu o emprego no final de 2012 e ela e sua família precisaram se endividar novamente para pagar o atual barraco em que moram. Tatiana continua acreditando em Deus, o qual foi mencionado mais de vinte vezes em uma hora e meia da última entrevista que me concedeu, mas parece ter perdido a fé na Universal, a qual deixou de frequentar após a mudança para a “Tribo”.

No caso de Tatiana, o problema do endividamento se somou ao problema de saúde de seu marido que fez com que este fosse demitido pela empresa em que trabalhava, o que fez com que sua família abandonasse a pequenina casa em que moravam de aluguel e passassem a morar em um dos piores lugares da Brasilândia. Assim como Tatiana, Jadson também passou por muito aperto quando perdeu seu emprego na crise de 2008, em plena Era Lula:

“Eu fui operador de máquina injetora, fazia brinquedo, pratinho, colherzinha de festa, tinha carteira assinada, inclusive eles me mandaram embora, acertaram direitinho. *Por que mandaram embora?* Por causa daquela crise...falaram que ia ter crise e mandaram milhares e milhares de pessoas embora, e aí eu não vi crise nenhuma até hoje, só prejudicou as pessoas. Inclusive eu, me mandaram embora por causa disso, eu fiquei quatro anos desempregado. (...) Esses anos todos que eu fiquei parado, correndo atrás de serviço...não arrumei nada, fiquei na rua, dependendo de bico, até pegar latinha eu acabei pegando, já peguei já...tava precisando. Eu cheguei a ver uma senhora ali, uma moça, passando com a bolsa cheia de dinheiro...outros vai lá assaltar...eu fiquei pegando latinha na rua. Tinha uma pedreira ali na frente, aí jogava lixo, jogava tudo esses negócio e aí nós ia lá e pegava, vasculhar os lixos, no caso era um lixão, era bem aqui de frente, fechou...e eu pegava esses negócios.” (Jadson, 21 anos)

Além do teto que impede as pessoas de ascender para a classe média e do endividamento, o processo de ascensão social atual também fica comprometido pela falta de um estado de bem-estar social mais forte que impeça a continuidade da lógica da espoliação urbana pensada por Kowarick no final da década de 1970³⁹, a qual se relaciona com a situação que Tatiana e sua família vem enfrentando, e da lógica de mercado, em termos mais gerais, que permitem que pessoas como Jadson possam regredir rapidamente a condições de pobreza absoluta. Ainda que os aumentos reais

39 Com a diferença importante de que não vivemos mais sob uma ditadura militar e o arrocho salarial que foi praticado no Brasil durante décadas deixou de existir a partir dos anos 2000.

do salário mínimo, o aumento da oferta de crédito, as baixas taxas de desemprego entre as classes populares e as políticas de transferência de renda sejam ganhos inegáveis, problemas como a perda do emprego ou complicações de saúde já são mais do que suficientes para fazer com que as pessoas se vejam forçadas a enfrentarem situações análogas às de Jadson e à da família de Tatiana. Nesse sentido, a realidade da maior parte dos que vivem no Jardim Guarani hoje parece ainda continuar mais próxima daquela dos habitantes do Jardim Damasceno do que dos moradores do entorno da Rua Parapuã ou da Freguesia do Ó.

O senso-comum das classes trabalhadoras em ascensão: radicalidade ou conservadorismo?

As trajetórias e experiências compartilhadas pelos moradores da Brasilândia expostas acima, a despeito de diferenças geracionais, mostram como, apesar das melhoras recentes proporcionadas pelo governo federal, os moradores dos bairros do subdistrito que ficam ao pé da Serra da Cantareira parecem experimentar uma frustração permanente. Se por um lado o desemprego diminuiu e o salário mínimo aumentou, os níveis de endividamento cresceram, ainda que mais pessoas moradoras de bairros de periferia consigam cursar uma faculdade, tal esforço não parece reverter financeiramente, embora o nível de homicídios tenha caído, tal queda parece se explicar por um maior controle destes pelo PCC, cuja atuação se mostra ainda mais explícita e ostensiva em locais mais desamparados pelo poder público. E, finalmente, ainda que os equipamentos públicos em bairros como o Jardim Guarani tenham melhorado, a insuficiência dos mesmos ainda continua. As creches não atendem a demanda dos bairros, o transporte público precário faz com que alguns trabalhadores optem por ir à pé para o trabalho, como faz Jadson, e outros, que com muito esforço conseguem comprar um carro, acabam ficando parados no trânsito congestionado, como Caroline. Os jovens não possuem locais de lazer ou para praticar esportes, e, ao fazer festas na rua, os *funks*, ouvem reclamações dos outros moradores e por vezes são vítimas de violência de traficantes ou da repressão da polícia. As drogas rolam solto e em qualquer hora do dia não é difícil topar com *nóias*, dos quais os moradores parecem sentir ao mesmo tempo pena e medo.

Tendo em vista tal cenário, os entrevistados, principalmente os mais jovens que ainda sonham com uma vida de classe média ou média-alta, como Felipe, Caroline e Tatiana, não possuem boas perspectivas de vida. Trabalhar pesado para pagar dívidas, depender de serviços e equipamentos públicos cuja melhora nunca parece chegar perto de satisfazer minimamente a demanda, pagar uma faculdade e não conseguir um bom emprego, e a possibilidade muito próxima e real de ver filhos, amigos e conhecidos envolvidos com atividades criminosas, os quais, se o fizerem (e mesmo não o fizerem) podem ser presos ou mortos, certamente não são fatores que

contribuem para uma visão otimista da realidade atual, e, em decorrência disso, de melhores possibilidades futuras.

Em face de tudo isso, parece não sobrar muitas dúvidas a respeito da classificação de tais pessoas como trabalhadores pobres, pertencentes à base da pirâmide social brasileira, ou pelo menos muito próximo desta, como argumenta Pochmann e não como nova classe média. No entanto, os avanços ocorridos durante os governos Lula seriam suficientes para compreender que estaria em formação não uma nova classe média, mas sim uma nova classe trabalhadora?

Para o ex-diretor do IPEA, ainda que os padrões de renda e consumo de tais setores tenham melhorado significativamente a partir de 2004 por meio dos benefícios concedidos durante o governo Lula, tal avanço não seria suficiente para falar em uma nova classe trabalhadora. Levando menos em consideração modificações de nível estrutural, Jessé Souza, possui uma compreensão diferente da de Pochmann e defende a formação de uma nova classe trabalhadora com base em uma análise bourdieusiana das disposições mentais e emocionais das pessoas em processo de ascensão social, compreendidas por Souza como “batalhadores”, disposições estas que estariam ausentes entre indivíduos muito pobres que Souza classifica de forma irônica como “ralé”, os quais, por conta de tal ausência, ao contrário dos “batalhadores”, não conseguiriam ascender socialmente e continuariam vivendo na pobreza extrema. Tal diferenciação existente entre as disposições mentais e emocionais dos “batalhadores” e da “ralé” ocorreria em virtude da atuação de diversos fatores, como uma estrutura familiar mais ou menos sólida e a adesão a religiões que incentivem uma autoimposição de sacrifícios para conseguir ascender socialmente, como seria o caso de certas denominações evangélicas (Souza, 2010).

A discussão sobre a emergência ou não de uma nova classe e sobre a classificação das classes trabalhadoras durante os governos Lula foi realizada também pelo cientista político André Singer e pelo sociólogo Ruy Braga em obras que foram lançadas no segundo semestre de 2012, mesmo ano da publicação do livro de Pochmann. Singer (2012) se apoia no diagnóstico, formulado por autores como Francisco de Oliveira, em “Crítica à razão dualista” (1974), de que a formação social brasileira se caracterizaria por um desenvolvimento no qual modernidade e atraso se combinariam potencializando-se mutuamente. Assim, como assinala o crítico literário Roberto Schwarz em “Um seminário de Marx” (1999), as mudanças econômicas, sociais e políticas viriam sempre acompanhadas pela conservação, ou mesmo pelo reforço, de velhas estruturas de poder e dominação. Uma das principais consequências de tal padrão de desenvolvimento capitalista seria a existência de uma massa de trabalhadores, marginalizados do mercado de trabalho formal, cuja remuneração estaria abaixo dos níveis de reprodução da força de trabalho. Esse contingente, que abrangeria uma grande parcela da população brasileira, foi caracterizado pelo cientista político

uspiano, com base em trabalhos do economista Paul Singer realizados entre os anos 1970 e 1980, como uma fração da classe trabalhadora: o subproletariado.

O subproletariado seria, em termos marxianos, uma “sobrepopulação relativa”, isto é, um contingente populacional excedente gerado pelo próprio capitalismo. Porém, nas condições do subdesenvolvimento brasileiro, essa sobrepopulação seria também “superempobrecida” e “permanente”. Tais condicionantes impediriam que essa fração de classe pudesse se organizar autonomamente em sindicatos ou partidos, ao contrário do que ocorreria com o operariado mais qualificado e formalizado. A novidade do que Singer chamou de lulismo estaria em incorporar o subproletariado ao mercado interno por meio da já citada combinação de políticas de transferência de renda, aumento do salário mínimo e expansão do crédito, de modo que, com o tempo, segmentos do subproletariado poderiam formar um novo proletariado, isto é, uma nova classe trabalhadora, formalizada e mais qualificada, que então possuiria condições para mobilizar-se coletivamente.

Tal previsão acerca da formação de um novo proletariado é posta em dúvida pelo sociólogo Ruy Braga (2012). Ainda que o autor aponte para a emergência de uma série de movimentos grevistas que vem ocorrendo sob a vigência do lulismo (Braga, 2012, p.244), estes ocorreriam principalmente devido à condição precária em que vivem os trabalhadores e menos em função do crescimento da formalização ocorrido nos últimos anos. Para Braga, a precariedade seria uma condição estruturante da classe operária de países como o Brasil, que se industrializaram sob o fordismo periférico, daí a denominação de “precariado” proposta pelo autor para caracterizar os trabalhadores precarizados no país. Singer também aponta tal condição estrutural de precariedade ao descrever o subproletariado como uma população superempobrecida e permanente, desse modo, a distinção entre subproletariado e precariado se daria, segundo Braga, por duas razões, uma sócio-ocupacional e outra que diz respeito à possibilidade de mobilização destas populações.

Em relação à primeira, para o sociólogo, o precariado compreenderia os trabalhadores precarizados, excluídos o lumpemproletariado (mendigos, ladrões, prostitutas...) e a população pauperizada, a qual, segundo Marx, seria “o asilo dos inválidos do exército ativo dos trabalhadores e o peso morto do exército industrial de reserva” (Marx, p. 748 apud Braga, 2012). O precariado viveria espremido entre a possibilidade de pauperização e o aprofundamento da exploração econômica, diferenciando-se dos setores mais qualificados, mais bem pagos e tendencialmente mais estáveis da classe trabalhadora, englobando, dessa forma, populações classificadas como flutuantes, latentes e estagnadas. Já o subproletariado compreenderia as populações latente e estagnada, mas não a flutuante, além de abrigar também a população pauperizada e o lumpemproletariado, setores que não fariam parte do precariado. Um elemento comum entre as duas classificações seria relativo ao nível de renda destes segmentos, entre um e dois salários mínimos mensais individuais (Braga,

2012, p. 28).

No que diz respeito à possibilidade de mobilização, Braga afirma, com base principalmente em pesquisas realizadas junto ao setor dos teleoperadores (atendentes de *telemarketing*) no Brasil, que o precariado, diferentemente do subproletariado, que seria tendencialmente mais passivo e conservador politicamente em comparação com o proletariado, se mobilizaria e faria reivindicações. Sua inserção precária seria justamente o motor daquilo que o autor chama de “inquietação operária”, a qual impeliria os trabalhadores precarizados a lutarem por seus interesses. Assim, o aumento da formalização e do salário mínimo, ainda que melhorem as condições de vida do precariado, não implicariam na formação de uma nova classe trabalhadora ou mesmo na incorporação massiva do precariado aos segmentos da classe trabalhadora mais qualificados e mais bem pagos e, por causa disso, em um aumento de reivindicação e mobilização. No entanto, segundo Singer, o subproletariado seria sim capaz de se mobilizar, o melhor exemplo disso seria justamente o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), o qual teria a capacidade de atrair esta população e organizá-la em torno da luta pela terra (Singer, 2012, p.79), porém, o que o cientista político procura ressaltar é que, sem a existência de vínculos formais de trabalho, a possibilidade de que estes trabalhadores venham a se sindicalizar e promoverem greves ficaria comprometida, daí a importância concedida pelo autor à posse da carteira assinada, inclusive tendo em vista as greves promovidas pelo setor dos teleoperadores às quais Braga faz menção.

Segundo o sociólogo uspiano, tal divergência em relação às possibilidades de mobilização estaria apoiada em uma diferença de ênfase em diferentes momentos da luta política dos trabalhadores. A concepção baseada na noção de subproletariado, inicialmente utilizada por Paul Singer,

“ênfateizou o que Gramsci chamou de momento “realista” – ou seja, o momento da correlação de forças vinculada à estrutura social – nossa noção de precariado busca levar igualmente em conta o “construtivismo” da formação da consciência política do proletariado precarizado. (...) Tanto o momento realista quanto o construtivista são igualmente necessários para a análise da experiência classista do precariado brasileiro em seu devir histórico” (Braga, 2012, p.26)

Assim, é possível compreender que as duas classificações propostas são complementares, ainda que exista tal diferença de ênfase em um momento realista e outro construtivista, afinal os dois autores compartilham uma compreensão marxista da dinâmica de classes, o que os diferencia de forma mais acentuada da abordagem realizada por Jessé Souza, a qual foi baseada na obra de

Pierre Bourdieu. Para Ruy Braga o conceito de “batalhadores” utilizado por Souza, implicaria, em termos sociocupacionais, em uma classificação que englobaria, além das populações correspondentes ao precariado (flutuante, latente e estagnada), microempresários e trabalhadores profissionais, e excluiria a população pauperizada e o lumpemproletariado, os quais compõem o subproletariado.

André Singer, em “Os sentidos do lulismo”, menciona a obra de Souza de forma neutra, ao contrário de Ruy Braga, que critica a abordagem do autor de “A nova classe média ou...”. Para o sociólogo uspiano, a classificação de uma parcela da classe trabalhadora como “batalhadores” não teria sido bem justificada, pois, em sua pesquisa, Souza teria escolhido uma amostra baseada em um conjunto heteróclito de pessoas inseridas em mercados locais ou regionais, pouco representativa do atual modelo de desenvolvimento do país, cujo motor não recairia no micro-empendedorismo das classes populares e sim nos bancos, nas mineradoras, na indústria energética (petróleo), no agronegócio e na construção civil (Idem, p.27). A única coisa que de fato seria comum a essas pessoas seria a avaliação elogiosa das políticas públicas do governo federal, o que teria o problema de reduzir o comportamento político destas populações à participação eleitoral, como se a precariedade fosse uma condição inevitável e a desigualdade social só pudesse ser minorada a partir da adesão ao lulismo, interpretação que ignoraria a história de lutas das classes subalternas brasileiras (Idem, p. 28).

Ainda que exista diferenças entre as abordagens propostas por Souza, Singer e Braga para compreender o momento atual das classes trabalhadoras é possível dizer que todos procuram analisar não apenas as mudanças na estrutura social, mas também características mais subjetivas associadas com certas frações de classe⁴⁰, as quais ajudariam a explicar se a formação de uma nova classe trabalhadora estaria em curso ou não. Para Jessé Souza seria a presença ou não de certas disposições mentais e emocionais que classificaria os trabalhadores pobres como “ralé” ou “batalhadores”, os quais, por conta disso, formariam uma nova classe. Singer aponta que o subproletariado seria mais conservador em relação ao proletariado, pois o primeiro não desfrutaria da possibilidade do segundo de se mobilizar por meio de sindicatos, de modo que, o lulismo, ao incorporar segmentos significativos do “subproletariado” ao proletariado, por meio da criação massiva de novos empregos estaria abrindo a possibilidade, de formar uma “nova classe trabalhadora”. Já Braga afirma que o “precariado” possuiria uma “inquietação operária” em virtude de sua própria inserção precária no mercado de trabalho, o que disporia tal segmento a um

40 De forma análoga ao que fizeram Lamounier e Souza (2010) ao pesquisarem as visões de mundo de trabalhadores pobres em processo de ascensão que estes consideraram em sua pesquisa como uma nova classe média.

comportamento mais radical independentemente de desfrutar ou não de acesso a sindicatos.

Souza, ao contrário de Singer e Braga, não realiza seu raciocínio pensando em termos de uma possível mobilização política por parte do que chama de “batalhadores”, de modo que o papel da ideologia no que diz respeito à compreensão do momento atual das classes trabalhadoras não faz parte de seu argumento. Já para os autores uspianos, a ideologia seria um aspecto bastante importante para compreender o que chamam, no caso de Singer, de subproletariado e proletariado, e no de Braga, de precariado.

Nesta investigação, apesar de não ser meu objetivo compreender se está em não em formação uma nova classe trabalhadora, compartilho do posicionamento de Singer e Braga quando estes afirmam a relevância da ideologia para poder entender o momento atual dos segmentos em ascensão das classes subalternas e considero que a ideologia é central para correlacionar tal entendimento com o comportamento político e eleitoral destes. O conceito de ideologia é bastante controverso na literatura e pode compreender significados os mais variados que vão desde falsa consciência, nos termos propostos por Karl Marx, até visões de mundo, concepção utilizada por Karl Mannheim. Entre os muitos autores que fizeram o uso do conceito de ideologia para compreender o comportamento político das classes populares se destaca o intelectual marxista sardo Antonio Gramsci, que formulou um conceito de ideologia em conjunto com a noção de hegemonia, a qual corresponde ao momento da formação do consenso na sociedade civil que permite que uma classe ou fração de classe exerça a direção intelectual e moral do conjunto da sociedade, processo este que não prescinde da coerção por meio do Estado (Gramsci, 2006).

Segundo Jorge Larraín (2008), Gramsci compreende que a ideologia se expressa em quatro diferentes níveis intelectuais: o filosófico, o religioso, o senso comum e o folclore. A filosofia seria a forma mais coerente, sistemática e rigorosa de ideologia, e portanto, figuraria como o nível de maior complexidade intelectual em comparação com os demais. A religião, ainda que não conte com tal rigor e sistematicidade em comparação com a filosofia, constituiria um nível ideológico “chave” na análise do marxista sardo, pois seria neste nível em que a ideologia seria de fato “vívida”, uma vez que a religião constituiria, além de uma visão de mundo, uma grande fonte de orientações práticas para a ação. A religião seria exitosa se construísse pontes entre um sistema filosófico e as crenças de um povo, daí a importância desse nível ideológico tendo em vista a ideia de hegemonia proposta por Gramsci, pois neste nível seria possível que a filosofia pudesse, de alguma maneira, se tornar senso comum.

Para Gramsci, o senso comum seria uma combinação heteróclita de visões de mundo mais incoerente e desarticulada em comparação com a religião, porém seria a mais disseminada entre as classes dominadas, seria o “folclore da filosofia”, tendo em vista que o nível ideológico

correspondente ao folclore seria o nível menos complexo e articulado de todos. Por ser construído ao longo do tempo a partir de experiências de socialização e práticas culturais que costumam estar profundamente enraizadas em tradições regionais ou nacionais das classes subalternas, o senso comum pode ser contraditório, podendo, por vezes, ofuscar problemas da sociedade sob o disfarce de preconceitos diversos (Harvey, 2006, pp. 39-40). No entanto, Gramsci não considera que o senso comum seja apenas um depósito de valores conservadores ou atrasados, uma vez que nele sempre existiria um “núcleo racional” ou “crítico” que o autor denomina como “bom senso”, o qual poderia ser potencializado por filosofias voltadas para a transformação social⁴¹. Desse modo, o senso comum não seria rígido, e as crenças conservadoras e críticas que o comporiam e nele coexistiriam poderiam ser reforçadas ou não por determinadas experiências comuns vividas pelas pessoas em um determinado período de tempo e pela influência de Igrejas, movimentos, partidos políticos e outras organizações.

É possível compreender, a partir do que propõe Gramsci a respeito da ideologia das classes populares e do conceito de hegemonia, que existiriam momentos críticos em que certos elementos do senso comum podem ser articulados de forma a dividir a sociedade entre aqueles que se percebem como explorados e as classes dominantes, fazendo com que possa se constituir então a classe trabalhadora. No caso do Brasil, de acordo com o economista Marcio Pochmann, ao falar da obra de Eder Sader, “Quando novos personagens entram em cena”, tal momento teria ocorrido durante as décadas de 1970 e 1980:

“O instigante livro de Eder Sader, “Quando novos personagens entram em cena”, complementa a interpretação sobre a singularidade do auge da economia industrial combinada com mobilidade social por meio de uma preciosa análise a respeito da formação de um novo sujeito social coletivo, responsável pelo protagonismo da luta pela redemocratização e da nova forma de fazer política no Brasil. A partir do entendimento sobre o difícil cotidiano das classes populares na década de 1970 numa grande metrópole como São Paulo, a obra apresenta as condições de organização social e renovação do sentido da política. Problemas específicos encontrados nos locais de trabalho ou de moradia eram transformados em plataforma do movimento social reivindicativo, capaz de motivar conflitos e lutas de empoderamento de novos agentes sociais” (Pochmann, 2012, p.9)

41 É preciso ressaltar que para Gramsci esse processo de constituição de uma nova hegemonia não se daria de modo espontâneo, seria necessária a ação de um sujeito coletivo, o partido, e dos chamados intelectuais orgânicos, isto é, os quadros organizativos formados pelos próprios grupos subalternos. (Larraín, 2008)

A confluência da teologia da libertação e das greves foi dinamizada pela conjuntura política da democratização, facilitando a criação de um inimigo comum: o Estado autoritário ocupado pelos militares do regime. A existência de um inimigo comum facilitou a convergência de uma série de pautas e reivindicações dos mais diversos movimentos sociais que fizeram com que, naquele momento, os diversos movimentos populares se unissem como classe trabalhadora um torno de um projeto em comum e conseguissem formar um poderoso instrumento de luta por meio da fundação do Partido dos Trabalhadores. Vários intelectuais procuraram compreender este período borbulhante da história política recente do país a partir da interpretação do historiador Edward Palmer Thompson sobre o processo de formação da classe trabalhadora em combinação com as teorias sobre hegemonia desenvolvidas por Gramsci (Feltran, 2005), referências que, acredito, continuam atuais e podem ajudar a elucidar o momento político presente como procurarei mostrar nesta investigação.

A abordagem marxista-histórica proposta por Thompson para compreender o processo de formação da classe trabalhadora, ainda que não tenha se consolidado em um conceito definido e acabado de classe, proporcionou enormes ganhos na compreensão das dinâmicas de classe ao longo do tempo. Thompson demonstra, em sua obra “A formação da classe operária inglesa”, como diversas influências, valores religiosos, ideais políticos, eventos históricos e particularidades regionais e culturais, culminaram na percepção, por parte das classes trabalhadoras na Inglaterra, de que havia um inimigo comum, o que fez possível que estas pudessem se unificar em uma classe trabalhadora em determinados momentos históricos. Para Thompson a classe não deve ser compreendida como uma “coisa” que possa ser medida ou operada matematicamente, mas sim como uma relação fluida encarnada em pessoas e contextos reais:

“Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. (...) A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e *articulam a identidade de seus interesses entre si*, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente.” (Thompson, 1987, pp.10-12, *grifos meus*)

Esta articulação de interesses com base em experiências comuns que marcaria a formação da

classe trabalhadora pode ser compreendida, em termos ideológicos a partir da concepção de ideologia de Antonio Gramsci explicitada acima. Tanto as classes dominantes se apoiariam no senso comum para forjar sua hegemonia sobre os grupos subalternos, como os próprios grupos subalternos poderiam, a partir do mesmo senso comum, construir uma contra-hegemonia que os organizasse em torno de interesses comuns e opostos aos dos grupos dominantes, de forma análoga ao que foi descrito na passagem acima citada de E. P. Thompson.

No Brasil, o processo de formação da classe trabalhadora por meio da confluência entre movimento sindical, movimentos de bairro, CEBs e intelectuais de esquerda que ensejou a fundação do Partido dos Trabalhadores em 1980, apesar de ter perdido muito de sua força inicial durante a década de 1990, marcou de forma profunda o universo simbólico e ideológico da população brasileira com a “criação” do modo petista de fazer política ou de governar, o “petismo”, que combina mobilização e participação, ética e transparência e “boa governança” (Baiocchi et al., 2012). Porém, o abandono do projeto do trabalhador, o qual andava de mãos dadas com o petismo nos anos 1980, por uma nova forma de ascensão social individual nos governos Lula, período durante o qual o PT foi se distanciando do petismo, acarretou uma perda de horizontes políticos coletivos que invariavelmente conduz a uma frustração com a política e com as possibilidades de emancipação por parte das classes populares hoje em dia.

Este quadro atual de frustração em relação à política possivelmente possui algum tipo de relação com o fortalecimento de certas crenças presentes no senso-comum das classes populares ligados à resignação em relação a uma possível diminuição da desigualdade no país. Entre as pessoas que entrevistei na Brasilândia, era muito comum a percepção de que se os pobres melhoram um pouco de vida, os ricos também melhoram, e o abismo que separa os dois grupos continua a existir, de forma análoga ao que havia exposto Felipe de forma mais direta anteriormente. Tal resignação assume ares ainda mais conservadores entre certos entrevistados quando estes afirmam não acreditarem que os ricos devam deixar de serem ricos, e que o problema seria a existência de “maus-ricos”. Segundo tal percepção, a desigualdade social brasileira seria então um problema moral, alguns ricos deveriam ajudar os pobres, mas não o fazem porque são egoístas, autocentrados, patrões que não são “bons” com seus empregados, ou que, segundo a argumentação de Evelina Dagnino exposta acima, não abrem ONGs para ajudar os pobres:

“Eu acho que sempre vai ter (desigualdade), assim como tem pessoas muito pobres, tem pessoas muito ricas, eu acho que sempre teve e sempre vai ter. Tem muito rico que é muito egoísta, quanto mais ele tem mais ele quer ter, não é mesmo? Se eles pensassem mais nos pobres: “não, eu tenho isso que tá sobrando, deixa eu ajudar aquele que é mais pobre, tem

que fazer alguma coisa por eles”, se eles pensassem assim seria ótimo, seria muito bom, mas infelizmente eles não pensam, então por isso nunca vai ser igual.” (Ana Maria, 52 anos)

“(Os ricos deviam) ser mais humildes, os ricos gostam de humilhar muito os pobres, por isso que da minha terra eu não saio, na minha terra eu morro, sair daqui pra ir pra um lugar chique não, eu prefiro ficar aqui porque o chique gosta de pisar muito nos pobres, coitados dos pobres viu...” (Marli, 34 anos)

“Pobreza vem de família, sua família é pobre você vai indo, vai batalhando, é de gerações né...porque não tem oportunidade, mas uma hora aparece...Quem é rico, ou é porque a oportunidade apareceu ou porque ele já veio de uma família e ele já herdou da família, sendo rico eu quero que continue rico porque foi uma coisa que eles conquistaram. Lá de atrás teve um que foi indo, conquistando, conquistando e chegou lá, e aí foi passando pra frente. Tendo oportunidade, depende de cada um. A oportunidade depende de cada um porque você tem que procurar, você tem que se interessar por elas, estudando, você tem que ser alguém...mas, eu não posso falar isso aí porque eu também não tive...(pausa)...acho que eu até tive oportunidade mas eu não reparei, não ligava muito, ia pra escola assim e nunca tive aquilo na cabeça, sabe quando você põe a coisa, “quero fazer isso e vou”...hoje eu podia ter uma vida bem diferente, estudando né?” (Cleiton, 30 anos)

“Eu acho que elas (as pessoas) poderiam continuar sendo ricas, mas pensar um pouco nos pobres né? Tipo, se você tem dez mil, você não necessita de mil, por que você não doa mil? Eu penso dessa forma. Eu acho que deveria ter aquele negócio, meio troca de família, trocar os ricos pro bairro dos pobres e os pobres pros bairros dos ricos pra eles verem como é que é, pra eles darem valor no que eles têm, porque às vezes eles tem tanto dinheiro que nem dão valor. Igual eu acho uma afronta a pessoa dizer pra mim “ah, na minha casa eu gasto dez mil de água”. Eu queria dez mil emprestado pra mim dar entrada numa casa, né? Então uma casa tem trinta quartos, às vezes você vê na televisão casas de pessoas que se tornam uma afronta pra você, porque você queria estar na casinha do cachorro deles. Eu acho absurdo, tem tanto dinheiro gasta com tanta besteira, muitas vezes com plástica, quando tem tanta gente precisando de um aparelho pra tomar uma inalação. Se um dia eu ganhasse um dinheiro muito alto, eu ia querer ajudar as pessoas, porque eu já ajudo as pessoas com o que eu ganho, então eu acho que as pessoas que têm muito dinheiro

deveriam pensar no próximo, porque todo mundo vai morrer um dia, então acho que deveriam pensar muito nos outros. Essas pessoas não acreditam muito na justiça de Jesus, de Deus, mas ela tarda mas não falha, ela vem, na melhor hora. O Brasil não é só de pobre, tem muita gente que tem dinheiro no Brasil, tem muito empresário, e um dia quem sabe eu vou ser uma empresária né? Eu vou continuar batendo no pé, que tem que correr por quem não tem. (...) Todo mundo precisa de todo mundo, independente de ser pobre ou rico, se você é rico você tem um jardineiro, tem um faxineiro, tem um motorista, mas você precisa deles, então eu acho que tem que ser uma comunidade.” (Tatiana, 30 anos)

Tal posicionamento conservador, porém, não é livre de tensões. Marli afirma que pessoas como ela sentem-se humilhadas em bairros chiques, e, segundo Tatiana, o comportamento dos ricos aparece como uma afronta, afinal, segundo afirma, os cachorros destes seriam melhor tratados do que as pessoas pobres. No entanto, o sentimento de inconformidade com a humilhação e a afronta não se dirige diretamente aos ricos ou a um sistema social injusto, pelo contrário, afinal, de acordo com Cleiton, os ricos deveriam continuar ricos porque em algum momento aproveitaram oportunidades e conquistaram o que possuem, afinal, como disse Tatiana, quem sabe um dia ela mesma não vira empresária? No entanto, a livre-iniciativa e o trabalho duro parecem não bastar para a concretização do *american dream* por parte dos brasileiros mais pobres:

“*Você acha que o governo devia ajudar as pessoas a melhorarem de vida ou cada um devia se virar?* O governo devia ajudar, acho que devia dar só uma forcinha, porque tem muita gente que relaxa, fica de boa, o governo devia ajudar, mas acho que já ajuda um pouquinho. Posso falar isso aí pela prefeitura, porque ela fez isso aqui né (os prédios), então acho que ela ajudou um pouquinho...é do PAC, o PAC fez eles, tão entregando agora. Tinha até num jornalzinho da prefeitura falando: “olha estamos fazendo isso, depende de vocês agora”, então acho que ela ajuda um pouco.” (Cleiton, 30 anos)

“Eu moro nesse lugar aqui e peço a Deus todo dia que meus filhos não se desviem. Aí você fala, a culpa é de quem? Aí eles vão dizer, “a culpa é sua que foi pra favela”. Não, a culpa é do político que não deu oportunidade, não deu casa para o pobre morar, porque chegaram, fizeram aquele negócio do Minha Casa, Minha Vida e eu fui uma das pessoas que me iludi muito. Eu fui na Caixa pra tentar o Minha Casa, Minha Vida, só que como que eu vou comprar uma casa se eu tenho que pagar mais do que o que eu ganho? Se eu não tenho como comprovar uma renda? Então é muito bonitinho você chegar na televisão e

dizer, “fiz o programa Minha Casa, Minha Vida”, mas por que todo mundo está aqui na favela, não é? Não veio nenhum aqui perguntar pra mim. Não dão oportunidade, entendeu? Eles tratam o pobre como bicho, quando eles arrumam uma oportunidade, arrumam um negocinho lá no meio da mata, lá em Poá. E como você vai vir trabalhar aqui?” (Tatiana, 30 anos)

Para todos os entrevistados o governo é responsável por oferecer oportunidades⁴² e ainda que a insuficiência dos serviços públicos seja patente, como ilustra o caso de Tatiana, ninguém é a favor da suspensão da gratuidade destes ou da privatização de empresas públicas, a não ser em um ou outro caso pontual e isolado⁴³, opinião que também foi encontrada na pesquisa conduzida por Lamounier e Souza (2010) sobre as visões de mundo da “nova classe média”. Se os ricos podem continuar a ser ricos, o governo deve intervir na economia para não deixar que os pobres fiquem mais pobres, para tanto o Estado deve intervir, por exemplo, no que diz respeito a diminuição de preços e criação de empregos, principalmente em situações de crise, como argumenta Jadson com base em sua própria experiência:

“Que nem o exemplo da crise, a crise financeira afetou o país, nós vai mandar não sei quantas pessoas embora, o que eles ganharam isso? Ganharam mais o país mais parado, poucas pessoas trabalhando, muitas pessoas nas comunidade pararam, pegando latinha na rua, pegando plástico, umas pessoas ainda acabavam se envolvendo em droga, tudo quanto é de ruim, bebida, jogado na rua...Devia continuar, segurasse, porque querendo ou não o governo tem dinheiro, querendo ou não eles tem dinheiro, então eles tinham que segurar. Esse negócio da crise aí foi uma furada com as pessoas. Falaram que em 2008 quem tinha sido mandado embora ia receber umas parcela, não sei o que, e eu fui lá pra receber essas tal parcela aí e eu não tava na lista de receber. Fiquei desempregado e esses anos todos que eu fiquei parado, correndo atrás de serviço, não arrumei nada, fiquei na rua, dependendo de bico, até pegar latinha eu acabei pegando.” (Jadson 21, anos)

42 Tal crença coincide com o que foi constatado em uma pesquisa promovida pelo IUPERJ publicada em 2004 sobre as imagens da desigualdades no Brasil: “mesmo que a sorte seja invocada para esclarecer por que alguns tem tanto e outros nada, uma questão distinta diz respeito à atribuição de responsabilidades para se fazer frente à desigualdade e à pobreza. A que atores caberia, por exemplo, intervir para atender às graves carências sociais? Aqui a visão dos brasileiros coincide em ampla medida com a de suas elites. Para ambos, o Estado é, incontestavelmente, o ator responsável por soluções para o problema da desigualdade” (Reis, 2004, p.9)

43 Em relação à previdência pública Marli e Roseane disseram que preferiam receber o dinheiro retido para a aposentadoria pois desconfiam do governo, e Caroline é a favor da privatização de empresas públicas porque acha que as empresas privadas são mais eficientes, uma vez que não há estabilidade do servidor público.

Tais medidas devem ser realizadas por meio do governo justamente para evitar o enfrentamento direto com as classes dominantes por parte das classes subalternas, uma vez que, segundo os entrevistados, a corda sempre arrebenta do lado mais fraco. Assim, as pessoas que são contrárias à atuação de movimentos de enfrentamento direto, como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra) e o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), não são contrárias às pautas destes movimentos, pois acreditam que o governo deva fazer as expropriações necessárias para as reformas agrária e urbana (as quais por vezes são confundidas pelos mesmos), justamente para evitar confrontações diretas:

“Só na televisão eu já vi passando do Movimento Sem Terra...mas agora eu não entendo o que eles tanto querem, porque eu vejo (o governo) dando terra pra eles plantarem mas eu não sei se a família é muito grande, não entendo muito bem...e acho errado também eles invadirem terra dos outros, porque tem muito fazendeiro bravo por aí, porque você sabe que os fazendeiros se pegarem invadindo as terras eles atiram né? Então eu se fosse do MST não teria coragem de invadir fazendeiro. Eu não sou contra eles invadir terra do Estado porque tem bastante, mas fazendeiro assim, se você invade a terra de algum fazendeiro acho que morre, porque assim é dele, às vezes é da família, isso aí vem há muito (tempo), então eu mesmo se tivesse terra assim eu não ia gostar, não sei se ia atirar, mas ia tentar conversar com eles pra vê se dava um jeito pra eles ir pra outro lugar. (...) *Você é a favor da reforma agrária?* (...) eu sou a favor disso aí (...) tinha que passar uma pra eles construírem nelas...construírem casa assim...” (Cleiton, 30 anos)

“Eu acho que o que é seu é seu, o que é meu eu tenho que correr atrás. Se você teve aquela coisa, você suou para ter, então se é sua é sua, eu não preciso invadir o que é seu. Eu sou (contra), é a mesma coisa de eu pagar aluguel na sua casa e depois não querer sair, não é? Eu acho, eu sou contra isso aí, pegar as coisas dos outros, não. Se for do governo eu sou a favor, se não for do governo não, se tiver dono eu sou contra. É igual, eu tenho dez casas, eu comprei tudo, são minhas, aí vem outro e invade? (...) *Você é contra a invasão, mas você é a favor da reforma agrária, é isso?* É se eu estou com a terra, não estou usando... (...) *Você vê por aí tem tanta terra que ninguém usa, para que aquela terra parada ali?* (Maria Teresa) É o que a Rita está falando, eu estou entendendo assim, ela é a favor da reforma agrária, por quê? Porque não está sendo uma coisa invadida, está sendo uma coisa que o governo se apropriou e ele...(Rita) Está doando para a população.” (Rita, 43 anos)

Os argumentos que aqueles entrevistados que são contrários à atuação direta de movimentos sociais utilizam são a violência decorrente dos enfrentamentos, “os fazendeiros se pegarem invadindo as terras eles atiram”, e a ilegitimidade, “o que é seu é seu, o que é meu eu tenho que correr atrás. Se você teve aquela coisa, você suou para ter, então se é sua é sua, eu não preciso invadir o que é seu”.

A violência obviamente é um desestímulo para integrar qualquer tipo de ato, passeata ou ocupação propostos por movimentos sociais no Brasil, principalmente os populares. Se os manifestantes podem fazer uso de algum tipo de violência nos enfrentamentos, a força utilizada para reprimir as mobilizações e protestos é sempre muito desproporcional, especialmente tratando-se de pessoas pobres, como ficou patente no caso de reintegração de posse de uma ocupação ocorrida no interior de São Paulo que ficou conhecido como “Pinheirinho” e como demonstram os altos índices de violência relativos a conflitos no campo⁴⁴. Inclusive, é preciso levar em consideração que os moradores de periferia já vivem em seu bairro uma violência cotidiana, o que provavelmente reforça ainda mais o medo em participar de movimentos sociais tendo em vista a desconfiança existente em relação à polícia. Afinal, se os moradores da periferia já são percebidos pela sociedade como bandidos, se estes passam a participar de movimentos de enfrentamento direto, tal percepção poderia se acentuar ainda mais e poderia justificar, aos olhos das classes dominantes, o extermínio explícito destas pessoas, o qual eventualmente já ocorre sem que estas tenham feito nada:

“É por isso que eu digo, hoje em dia, viver em São Paulo ou em qualquer lugar do Brasil, você não pode confiar na polícia. Você só pode confiar em Deus. Os nossos políticos não fazem por onde, não fazem um salário digno para os caras, os caras se metem com coisa errada pra ganhar mais, matando todo mundo, e quem fica no meio desse rolo todo é o cidadão. E depois diz, “não, a polícia está agindo pelo certo”. A polícia gosta muito de acobertar as coisas, eu digo, porque é muito fácil quem está lá fora, quem tem dinheiro falar: “não, tem que ter a polícia”. Agora vem morar dentro da periferia pra você ver como é. (Maria Teresa) Pra ver como a gente é destrutado, até mesmo pela polícia.” (Tatiana, 30 anos)

44 Segundo Oliveira, 2001, “Os conflitos sociais no campo brasileiro e sua marca ímpar, a violência, não são uma exclusividade apenas do século XX. São, marcas constantes do desenvolvimento e do processo de ocupação do país. (...) A violência tem sido a principal característica da luta pela terra no Brasil. (...) Entretanto, se a violência gera a morte, gera também as formas de luta contra a morte. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é produto dessa contradição.” Para ver detalhes sobre os índices de violência ocorridos em conflitos no campo cf. Oliveira, 2001

Além da violência, o outro argumento que costuma ser mencionado de forma repetitiva em várias falas de pessoas contrárias aos movimentos é o da ilegitimidade das ocupações. É importante ressaltar que ilegitimidade não se confunde com ilegalidade, uma vez que as pessoas defendem ocupações que ocorram em propriedades do Estado, pois estas não teriam dono, “se for do governo eu sou a favor, se não for do governo não, se tiver dono eu sou contra”, ou até mesmo porque estas seriam mais abundantes do que as propriedades particulares, “eu não sou contra eles invadirem terra do Estado porque tem bastante”. A ocupação de terras de propriedade do Estado, das quais os donos são, no limite, o próprio povo, é percebida como sendo legítima, ainda que seja ilegal, até porque, segundo a percepção dos entrevistados, se o Estado falha em proporcionar moradia para a população, esta se vê obrigada pelas circunstâncias a utilizar tais locais para construir suas próprias casas obrigando o Estado a ter que correr atrás do prejuízo em um momento posterior, por meio da regularização das posses e/ou da construção de moradias populares, situação que faz parte do cotidiano de muitos moradores de bairros de periferia, até mesmo daqueles que estão empregados e passaram pela educação superior, como Dulce:

“Eu não posso parar de trabalhar porque eu quero comprar uma casa para mim. *Hoje vocês pagam aluguel então?* (Não), aqui é favela, isso aqui é invasão, desse lado todo é invasão, do lado de baixo não. Ali, onde a Maria Teresa mora, ainda tem uns que são, tem muitas casas boas, mas são invasão. Então aquela parte assim dali, você vai, até chegar lá na frente, no final das ruas, do lado de baixo é invasão. Não parece, mas é, e aqui também é.” (Dulce, 52 anos)

Se ocupar as terras do Estado seria legítimo, ainda que seja ilegal, ocupar terras particulares não seria, uma vez que os ricos ou os grandes proprietários não deveriam ser culpados pelas adversidades enfrentadas pelo povo. Afinal, segundo estes entrevistados, os ricos teriam o *direito* de serem ricos, de terem dez casas se quiserem, como disse Rita, ainda que existam pessoas sem teto. Ao governo cabe justamente resolver tais problemas, contudo, sem tocar nos privilégios dos ricos, pois estes teriam conquistado legitimamente o que possuem, o que resulta em uma matemática curiosa:

“*No Brasil tem grandes proprietários de terra e tem pessoas que são pequenos agricultores. Você acha que o governo devia incentivar mais os grandes ou os pequenos?* Eu acho que os pequenos, assim num acordo pra poder juntar os pequenos com os

grandes, aí os pequenos (podem) fazer uma coisa maior pra eles também, o governo devia ajudar os pequenos a crescer, (aí) eles podem conseguir ficar grandes também né? *Aí ia ficar todo mundo grande? Aí ia ficar todo mundo grande. E aí como é que faz? Não tem terra pra todo mundo ficar grande, se um é grande, o outro é pequeno... É, é verdade... (pausa)...assim o grande vai ver que o pequeno também consegue se levantar né, e assim vai a população pra frente.*” (Roseane, 24 anos)

“ Eu acho que o rico tem que continuar rico e os pobres enriquecer... *Você acha que tem então como as pessoas que são muito ricas continuarem do jeito que são, que elas não precisam ter menos dinheiro, é isso? Isso...dá, se as pessoas abrir o coração também e saber compartilhar com os próximos...os ricos, os pobres também, o pouco que eles ganham, compartilhar também.*” (Jadson, 21 anos)

De acordo com o antropólogo Darcy Ribeiro (1978),

“em sua visão ingenuamente realista, estas massas marginalizadas não questionam formalmente a ordenação social global. Segundo sua percepção da realidade social são os pobres que vivem dos ricos – e não o contrário – porque são estes os únicos que podem dar empregos e esmolas. Nesse sentido, desejariam que houvesse mais ricos e ricos melhores para lhes proporcionarem maior número de empregos e empregos melhores e para que a caridade não fosse tão sovina” (Idem, p.241)

A concepção de que os ricos possuem o direito de serem ricos é muito difundida no Brasil pelas classes dominantes por vários meios, mas parece ser reforçada junto aos mais pobres principalmente por meio da ideologia conservadora cristã. Tanto em sua versão católica tradicional, que prega que o dever dos ricos para com os pobres deve se realizar por meio da caridade⁴⁵, como em suas mais recentes versões neopentecostais, as quais enaltecem a prosperidade material de tal modo que o dinheiro passa a ter um valor teológico positivo, tornando-se objeto de cultos especiais (Mariano, 1996), o conservadorismo cristão parece atingir de alguma forma praticamente todos os

45 A caridade cristã, a assistência aos desprivilegiados da sociedade que não visa interesses pessoais e recompensas materiais, foi difundida em nosso país pela Igreja Católica “objetivando o equilíbrio e a harmonia entre os diferentes segmentos sociais, evitando, assim, o perigo de conflitos e revoltas daqueles que se encontram na miséria. (...) Segundo seus defensores, a caridade possibilita uma relação de união e comunhão com o outro (...) garantindo a salvação ao rico e ao pobre (...), ao primeiro, porque ajuda, e ao segundo porque aceita o que lhe é oferecido. Não concebe o conflito e a discórdia entre quem tem mais e quem tem menos. Aliás, onde a caridade se faz presente, as desavenças desaparecem.” (Silva, 2006)

entrevistados⁴⁶.

Se por um lado estas crenças religiosas conservadoras habitam o senso-comum, é possível dizer que elas coexistem com outras crenças que são mais críticas da ordem social existente, e que provocam as tensões mencionadas anteriormente relativas a sentimentos de humilhação e inconformidade. Tatiana, por exemplo, acredita que os ricos não deveriam deixar de existir, pois estes empregam as pessoas, mas ao mesmo tempo relatou durante as entrevistas inúmeras situações de trabalho em que se sentiu humilhada por seus empregadores. Pedira demissão de um emprego na área de *telemarketing* em que era instruída a enganar deliberadamente as pessoas, confrontara um patrão que insinuou que ela poderia roubar sua arma para vender a criminosos do bairro, executara a limpeza de um jardim com as próprias mãos porque o jardineiro da família para a qual trabalhava havia faltado, e fora coagida pela atual patroa, para a qual trabalha como diarista, a votar no PSDB na última eleição, caso contrário seria despedida.

Se existem bons padrões no mundo, Tatiana certamente possui dificuldades em encontrá-los, assim como empregadas domésticas que, como ela, seriam “oprimidas”, pois aceitam trabalhar por um valor abaixo do que seria o correto. Não só as empregadas domésticas, mas operários, como foi seu marido até o fim do ano de 2012, também trabalhariam em troca de salários muito pequenos em face do lucro das empresas:

“(…) as diaristas e as domésticas oprimidas me apoiam. *Por que você diz as diaristas e as domésticas oprimidas?* Porque tem muita diarista e muita doméstica que não ganha o que uma diarista ganha, que é cem reais por dia, cento e vinte, se contenta com setenta, oitenta, então faz parte do mesmo quadro que eu, tá precisando muito, aceita o que a pessoa oferece. Mas elas concordam com tudo o que eu falo, elas só não tem a mesma coragem que eu tenho pra falar pros padrões né? Mas eu espero que elas mudem, porque todo mundo tem o direito de se expressar, independente de ser patrão ou funcionário, tem que se expressar sim. E se os funcionários trabalham de uma forma honesta, trazem lucro pra empresa, então acho que eles tem que correr atrás do benefício deles também. Porque eu acho que a empresa cresce pro funcionário, o funcionário cresce pra empresa. Então eu acho uma coisa muito justa você trabalhar numa empresa e ter aquele tanto por cento de lucro, participação nos lucros, meu marido não recebe isso, eu acho errado. Você ajuda a

46 Além de exercer influência sobre as percepções acerca das injustiças sociais, o cristianismo também aparece no que diz respeito a assuntos relativos à esfera privada. Em relação à legalização do aborto a religiosidade é mais implícita, pois as pessoas justificam uma posição contrária em relação aos casos não permitidos por lei recorrendo a argumentos como a ausência de responsabilidade do casal, porém, no que diz respeito às opiniões sobre a união civil entre homossexuais, aqueles que a desaprovam utilizam explicitamente passagens da Bíblia para justificar suas posições.

empresa a subir você também deveria ganhar, (mas) geralmente não é assim, a empresa sobe e seu salário continua na mesma, né?” (Tatiana, 30 anos)

Tais sentimentos de injustiça e opressão influenciam as crenças de Tatiana a respeito do direito de expressão dos mais pobres e da participação dos operários de uma fábrica nos lucros das mesma, o que parece razoavelmente contrastante para alguém que afirmara anteriormente que o egoísmo e a ostentação dos ricos seriam resolvidos apenas mediante uma justiça extraterrena. A convivência de crenças mais conservadoras e mais críticas no senso-comum provoca invariavelmente certas tensões, o que acaba transparecendo não apenas nas falas mas nas próprias ações das pessoas. Tatiana, assim como os outros entrevistados, afirmou que os problemas sociais dos pobres deveriam ser resolvidos pelo governo e não por movimentos de ação direta, no entanto, ela mesma já participou de uma ocupação do MTST na Avenida Nove de Julho em São Paulo. Ainda que o saldo da experiência não tenha sido positivo, e Tatiana seja crítica a respeito da organização das ocupações, ela afirma que não é contra tais tipos de movimento.

Assim como Tatiana, Jadson, Marli e Cleuza também apoiam a ação de movimentos como o MST e MTST:

“Eu acho que se tá lá em vão o terreno eles tem que pegar a parte deles e fazer uma casa ou uma plantação, mesmo que tenha dono ou não, porque se o dono tá improdutivo lá, (tem que ir) pra quem precisa mesmo.” (Jadson, 21 anos)

“Acho que eles tão certos, tem que invadir mesmo, fazer um canto pra eles, vai deixar eles na rua? (Tem que) tirar o povo da rua né, eu acho que o povo que vive na rua tinha que ter um cantinho pra eles, porque hoje em dia ficar na rua é fogo viu, as criançada no meio da rua, criança no meio da rua não dá certo...tá enchendo de lixo, melhor eles invadirem, com certeza, da terra também...plantarem pra eles mesmos...eu sou a favor deles” (Marli, 34 anos)

“Eu sou a favor porque tem muita gente que não tem onde morar...*Tem gente que fala assim “ah porque vai invadir lá a terra de outra pessoa, eu sou contra”, ou tem gente que fala “ah esses movimentos são muito violentos, eu sou contra...”* Olha, violência eu creio que tem né? Porque a pessoa não tem onde morar e não tem onde plantar então quer fazer alguma coisa, o dono reaparece, aí que gera violência. É que nem muitas casas abandonadas que tem por aí, a pessoa tá desempregada, aí não tem o dinheiro nem pra

comer, pra se sustentar e nem pra pagar aluguel, é despejado, não tem pra onde ir, aí invade aquela casa, tá vendo que tá lá há muito tempo ninguém, mas, de repente, não demora muito, o dono aparece né? Aí que complica as coisas porque a pessoa acha que tem que deixar ela ficar né? *E a senhora seria a favor...?* Eu acho que não só eu, acho que muita gente, porque não tem como não ter violência, porque a pessoa é de ficar naquela que não quer sair, o dono não vendeu, tá lá abandonada, mas aí fica...assim que ele sabe que foi invasão aí já começa a violência né? Porque não precisava tanto, é a situação que obriga a pessoa a fazer isso.” (Cleuza, 58 anos)

Nessas falas defende-se o direito que aqueles que não tem onde morar ou que não tem terra para plantar possuem de ocupar propriedades alheias, ainda que, como ressaltaram Jadson e Cleuza, tais propriedades tenham “dono”. Aqui não apenas só o argumento da ilegitimidade cai por terra, como a violência é problematizada por Cleuza, quando esta diz “não precisava de tanto, é a situação que obriga a pessoa a fazer isso”. Tatiana também reclamou da violência que ocorreu na ocupação da qual participou, porém, segundo Cleuza, a situação “obrigaria” as pessoas a reivindicar seus direitos de moradia de tal forma que estas acabam optando por participar de tais movimentos a despeito da violência que possa ocorrer.

De forma análoga à divisão provocada entre os entrevistados no que tange a legitimidade dos enfrentamentos diretos via ocupações ensejadas pelos movimentos de moradia e terra, a reivindicação de melhores salários por meio de greves e as manifestações de rua, ainda que fossem atividades legais, também geraram polêmica entre os entrevistados:

“Acho que esse negócio de greve complica mais as pessoas, porque às vezes você tá esperando uma conta pra pagar e não chega, quando chega você não tem aquele dinheiro pra tá pagando, aí vem outra por cima ainda né? Nós estamos esperando uma conta que até agora não veio por conta da greve (do correio). Atrapalha bastante. *Como é que você acha que as pessoas podiam fazer então pra melhorarem os salários delas?* Entrarem em um acordo pra tarem pagando parcelado pra poder receber, porque prejudica bastante quando eles entram em greve. *E você é a favor que as pessoas façam manifestação de rua pra reivindicar alguma coisa?* Não, não sou não, sou bem contra, porque eles param lá, fica aquele trânsito no meio da avenida, e tem gente que tá querendo chegar em casa, ixi...prejudica mais ainda. (Devia) entrar num acordo, conversar, pra não tá fazendo aquela manifestação no meio da avenida, no meio da rua. *E quando o acordo não sai, não dá certo?* Aí é aquele quebra pau né, todo mundo, aí complica mais ainda, aí eles não saem de

greve, eles não fazem acordo e assim fica prejudicando mais ainda as pessoas. *Então o que você faria se você lá, se todas as auxiliares de limpeza falassem “a gente tá ganhando pouco, a gente quer ganhar mais” aí vão lá tentar fazer um acordo e eles falam “não, a gente não vai dar mais pra vocês”?* Eu ia falar “então me manda embora”, eu falava “então vamos entrar num acordo, vocês me mandam embora, pagam o que vocês me devem e eu caço outro”, entrar em greve não, preferia procurar outro emprego.” (Roseane, 24 anos)

“Eu acho muito absurdo, greve, igual correio de greve, sabe, um monte de conta pra pagar, correio de greve, esses negócios de ônibus, pra que ficar pondo greve de ônibus? Eu sou contra, não tem precisão disso, na minha opinião não tinha que existir isso daí não. *Vamos supor, seu marido tá trabalhando lá, e aí ele e as pessoas que trabalham com ele falam “a gente devia ganhar mais, a gente tá ganhando muito pouco, então vamos tentar fazer alguma coisa pra ganhar mais”, o que você acha que eles deviam fazer, já que você é contra a greve?* Eu acharia que eles tinham que fazer igual eles também, ficar de greve também, não ir trabalhar, porque eles não querem saber de pagar, trabalha, trabalha, trabalha e aí quando vai chegar no final do mês, desconta tudo e vem pouquinho, então eles deviam fazer o mesmo que o povo faz, ficar de greve também, eu sou contra quem fica de greve, mesmo sendo contra eu apoiaria eles de greve também” (Marli, 34 anos)

“Eu entraria (em greve), mas...parando pra pensar, não é uma boa ideia, porque greve só dá em confusão, polícia dá tiro de borracha e não resolve nada, às vezes você manifesta lá, mas depois acaba ficando com prejuízo, quem leva na cabeça é o trabalhador, se esforçou, se esforçou e de nada ajudou. *E manifestação de rua?* Eu faria, podia ajudar, mas que nem eu falei, eu acho que não ia adiantar muito também. Eu ia sim, mas dependendo de contra quem nós ia protestar a pessoa ia tá lá no bem bom tranquilo e ia ter o poder da polícia nas mãos e “mete o tiro de borracha neles pra parar com essa palhaçada”, pra ele é palhaçada mas pra nós é negócio sério, e não ia adiantar em nada, só ia se machucar, tomar prejuízo e ia ficar na mesma. Então...não tem uma solução, difícil” (Jadson, 21 anos)

Na época em que eu entrevistei os moradores da Brasilândia pela primeira vez, no segundo semestre de 2011, várias greves estavam ocorrendo, como a dos bancos e a dos correios. Tendo em vista este cenário, não era surpreendente que algumas pessoas se irritassem e afirmassem que eram contrárias a greves em geral, como fizeram Roseane e Marli (ainda que esta última tenha sido a

favor de que seu próprio marido faça greve se for preciso). Afinal, greves, manifestações e participação em movimentos sociais como o MST e o MTST sempre acarretam algum tipo de ônus para os trabalhadores, tanto para os que participam como, a depender do tipo de ação, para aqueles que não estão envolvidos diretamente. O que pode variar é a intensidade da repressão policial, à qual se conecta o problema da legitimidade de tais ações mais do que a questão da legalidade, uma vez que muitas greves e manifestações, que são ações legítimas e legais, por gerarem violência, provavelmente acabam sendo percebidas como ilegítimas, de forma análoga ao que ocorre com ocupações de terras para moradia ou cultivo. Tanto as ocupações que são realizadas em propriedades do Estado como em propriedades privadas seriam ilegais, porém, ao olhos dos entrevistados, as primeiras, que praticamente não sofrem repressão, seriam necessariamente mais legítimas, ao contrário das últimas, as quais costumam ser violentamente combatidas.

Cleiton, Roseane⁴⁷, Rita, Raimundo, Ana Maria e Carmem são contrários a enfrentamentos diretos com as classes dominantes por meio de movimentos sociais como MST e MTST e manifestações de rua, por conta da ilegitimidade e da violência decorrente das ocupações. Contudo, Raimundo, Ana Maria e Cleiton, ao contrário de Roseane, Rita e Carmem, são favoráveis a greve pois acreditam que estas são um direito legítimo dos trabalhadores, crença que, para Cleuza, Tatiana Jadson, Dulce, Silvana e Manuel, se estende a todas as formas de enfrentamento direto, ainda que Tatiana e Jadson sintam-se desestimulados pela violência gerada em tais confrontações.

O restante dos entrevistados se posiciona de formas mais singulares. Dalva por exemplo é a favor de greves, manifestações e do MTST, mas não do MST, Nilza é a favor do MST, apesar de dizer que empresários pegam carona no movimento, mas não do MTST, porque haveria maiores facilidades para se conseguir uma casa atualmente. Marli seria a favor dos movimentos e de manifestações, mas ficou tensionada em relação à questão das greves. Caroline é contra greves do setor público, mas é a favor que o povo no Brasil se expresse da mesma forma que o faz o povo na Argentina, e Felipe é cético em relação a todas as formas de enfrentamento pois acredita que sempre haveriam interesses escusos por trás de movimentos, greves e manifestações que fariam com que os trabalhadores saíssem sempre prejudicados.

Considerando as trajetórias dos entrevistados, é provável que certas experiências de vida particulares tenham influenciado em alguns posicionamentos. Raimundo e Ana Maria por exemplo, foram operários por muito tempo e tiveram contato com sindicatos e greves⁴⁸, e Cleiton, filho

47 A mãe de Roseane inclusive teria feito um convite à filha para participarem juntas de uma ocupação do MTST no centro da cidade, o qual foi recusado por Roseane que disse preferir tentar construir sozinha sua casa.

48 Ao contrário de Ana Maria, Raimundo chegou a ser sindicalizado durante o período em que trabalhou como metalúrgico entre os anos 1970 e 1990.

adotivo de um metalúrgico, chegou a trabalhar na mesma firma que o pai como aprendiz, assim, todos estes, ainda que sejam contrários a ocupações e manifestações, acreditam que as greves sejam um direito legítimo. Nilza talvez acredite que seja mais fácil conseguir uma casa, e daí sua posição especificamente contrária ao MTST, porque ela e sua família tiveram sucesso em conseguir um apartamento do governo, e Caroline é contrária a greves no setor público provavelmente por ter cursado comércio exterior e, por meio do curso, ter entrado em contato com ideias favoráveis à eficiência do setor privado em comparação com o setor público. Finalmente, Felipe é cético em relação a todas as formas de enfrentamento com as classes dominantes porque acredita que sempre existiriam lideranças corruptas que se beneficiariam dos movimentos e das greves em detrimento de suas bases, isto é, todas as pessoas, mesmo lideranças dos trabalhadores seriam corrompíveis, crença que se acentuou a partir de sua maior proximidade com o “mundo do crime”.

Na formação do senso-comum experiências individuais interagem com influências relacionadas a ideologias mais sistemáticas transmitidas pelo contato com instituições como igrejas, universidades, associações, sindicatos e partidos, produzindo certas configurações que podem mudar a depender das circunstâncias econômicas e políticas. De forma análoga a um caleidoscópio, cujos mesmos elementos podem formar figuras mais ou menos diferentes a depender da movimentação do brinquedo, as pessoas podem assumir posicionamentos mais conservadores ou mais radicais enfatizando crenças diferentes, e por vezes contraditórias, que compõem seu senso-comum, de modo que a estabilidade de tais posicionamentos depende tanto da continuidade ou descontinuidade de certas conjunturas políticas e econômicas, e do maior ou menor contato com instituições que atuam como veículos ideológicos.

No caso do Brasil, por exemplo, a influência da teologia da libertação durante os anos 1970 e 1980, propagada por religiosos de esquerda que atuavam nos bairros de periferia e em locais remotos do país, foi muito importante para difundir crenças religiosas radicais baseadas na mobilização das comunidades em que atuavam. Segundo o cientista político Lúcio Kowarick, como já foi mencionado acima, tal movimento foi bastante importante para impulsionar as greves que passaram a ocorrer na época:

“É o caso, por exemplo, da greve metalúrgica deflagrada em São Paulo em 1978, cuja trajetória começa anos antes, em lutas moleculares, que passam por aglutinações de bairro ligadas à Igreja Católica e só mais tarde pela oposição sindical metalúrgica. As lutas levadas adiante por inúmeros grupos que reivindicavam melhorias urbanas construíram, também, práticas organizativas que serviram para o surgimento desse primeiro grande conflito operário após um decênio de autoritarismo, cujo vigor não pode ser explicado

apenas a partir das fábricas ou do sindicato, que, muito ao contrário, neste caso posicionou-se contra a greve.” (Kowarick, 2000, p.35)

Tendo em vista as experiências dos moradores do Jardim Guarani, é possível dizer que a influência religiosa provavelmente pesa mais do que a de sindicatos e associações de moradores na formação das crenças que habitam seu senso-comum. Nenhum dos moradores tinha contato com qualquer tipo de associação de bairro, e aqueles que foram ou são sindicalizados atualmente pareciam sustentar uma relação mais utilitária com os mesmos:

“*O senhor disse que já foi sindicalizado né? Eu fui sócio, mas eu nunca precisei, eu nunca fui em greve também não, já participei, mas agitar não, pra mim fazer tumulto em porta de firma, nunca fiz não. O senhor nunca foi fazer piquete? Não, não, não, parou a firma fica em casa, chegava a chefia, conversava com o superior “não, fica em casa assim pra não furar a greve”, (porque) aí dava briga com os outros né? Pra mim ficar agitando lá não, quebrando coisa de firma, bagunçando, parando as outras firmas também não...Olha, eles ia muito no barulho de sindicato (...) aí não dá, não é não? (Raimundo, 53 anos)”*

“*Eu faço parte do sindicato, da construção civil (...) Eu sou porque eu tenho os dente tortos e aí lá tem benefício...E você sabe a qual central sindical que o seu sindicato é filiado, se é da CUT, CONLUTAS? Nossa, agora você me pegou...Força Sindical, do Paulinho? Isso, acho que é dessa. (...) E você costuma ir nas reuniões do sindicato, tem reunião? Não, eu vou começar a ir agora porque é o último domingo do mês que tem os negócios, tem premiação, você pode ganhar uma televisão, uma moto, um monte de coisa...aí é no último domingo do mês que sempre tem os negócio, sorteio...aí eu só vou no último domingo do mês.” (Jadson, 21 anos)*

As únicas instituições de tipo associativo que a maior parte dos moradores realmente costumam frequentar mais são as igrejas⁴⁹, e, aparentemente, é o cristianismo, em sua versão católica ou evangélica, que parece ser uma das ideologias mais preponderantes que atuam na formação do senso-comum dos habitantes da Brasilândia.

De acordo com Juçara Zottis, militante da Associação Cantareira que coletou a maior parte

49 Segundo Lavallo, (2001) apud Almeida, 2004, o associativismo entre os mais pobres que habitam a Região Metropolitana de São Paulo seria predominantemente religioso, uma vez que 70% dos mais pobres que participam de algum tipo de associação, participam de uma associação religiosa.

das histórias políticas de todos os bairros de periferia da Zona Norte, algumas das quais foram expostas aqui, a Igreja Católica, por meio das Paróquias e CEBs, mesmo hoje, procura se envolver mais com a realidade social circundante nos bairros de periferia da Zona Norte, confirmando o que afirmam os estudos sobre religião mencionados acima. Ainda que de forma assistencialista, ao contrário das igrejas evangélicas presentes nos bairros de periferia hoje, que parecem se isolar dos problemas sociais cotidianos dos locais em que se encontram:

“As igrejas pentecostais e as evangélicas, elas chegam depois, quase todas elas chegam quando os bairros já estão formados. E recentemente, elas até chegam em áreas como o Jardim Paraná⁵⁰, mas não se envolvem, eles vem com outro espírito, que é salvar a alma, que é resgatar a pessoa para Jesus, então eles não tem esse olhar para o problema social. Recentemente teve um pastor no Jardim Paraná que se envolveu, e eu acho que ele continua ainda (até dei os parabéns um dia para ele) na luta lá contra o rodoanel, mas porque o rodoanel ia passar bem no meio da igreja dele. Eu até brinquei: “você está lutando pelo povo, ou lutando pela sua igreja?” Até hoje ainda, eu acho que a igreja católica é uma referência na região ali, graças a Deus nós temos padres que tem esse compromisso social, se você for olhar em todas aquelas paróquias ali, são padres que tem um histórico, que tem um compromisso social. Então acho que esse é o motivo que o pessoal tem esse reconhecimento com a Igreja Católica. Se você olhar na história, nós temos aí, eu acho que a Assembléia de Deus da Ana Maria, a Igreja Cristã na Ana Maria e a Igreja Cristã no Damasceno que são as mais antigas, que foram chegando logo depois que eu, bem no início, mas vieram com essa proposta delas, nos relatos da comunidade você nunca ouve falar que os responsáveis por essas igrejas tenham se envolvido em alguma luta popular, você nunca ouve essa referência das histórias do pessoal. E depois foram chegando as demais, hoje nós temos Igrejas em cada esquina, as neopentecostais então são a maioria. A maioria são todas pequenas igrejas neopentecostais, ministérios que vem de outras regiões, é um pouco isso.”

Tal percepção a respeito da ação da Igreja Católica é endossada por Célia e Maria Teresa, duas ativas frequentadoras da CEB Santo Eugênio desde a década de 1980, época em que a CEB começou a ser constituída. Célia ainda é militante do Partido dos Trabalhadores, ao contrário de Maria Teresa que abandonou a militância partidária na metade dos anos 2000:

50 O Jardim Paraná é uma das ocupações mais recentes da Brasilândia que se localiza bem no meio da Serra da Cantareira.

“Maria Teresa: Querendo ou não, quando você é da igreja, você acaba se envolvendo com os problemas dos outros, não é? Porque assim, quando acontece alguma coisa...

Célia: Vem na comunidade. Eles vem na comunidade.

Maria Teresa: Eu estou um pouco afastada, mas a Célia sabe melhor do que eu. Quando acontece alguma coisa, o primeiro lugar que as pessoas, independente de ser ou não católicas, aonde elas vão? Na igreja. Agora eu acho que até parou um pouco. Mas a igreja tem que abraçar tudo e a todos. Porque às vezes os outros estavam sem gás, corria atrás da Célia, porque a Célia que administra o dinheiro da comunidade. “Célia, estou sem gás.” “Ah, Célia, não sei quem está doente, estou sem remédio.” Então, quer dizer, de certa forma, a igreja acaba dando assistência no bairro, mesmo que involuntária.

Célia: Mesmo que nossas comunidade sejam pobres, mas elas tem aquela visão de que a igreja tem como ajudar, entendeu?

Maria Teresa: Eles acham que a igreja acaba fazendo o serviço social. Às vezes, sem estar dando importância, mesmo sem saber, a igreja acaba fazendo um serviço que seria o serviço do governo, no caso, a igreja acaba fazendo, no bairro onde ela está instalada. É o que acontece com as comunidades de base. Querendo ou não, Santo Eugênio acaba dando assistência aqui no bairro, e as outras acabam dando assistência lá no bairro que eles moram.

Célia: Porque cada comunidade tem a sua...

Maria Teresa: Você acaba se envolvendo com a vida das pessoas, as pessoas acabam procurando, achando que “não, a igreja tem que ajudar”. Se bem que é obra da igreja, porque, querendo ou não, já que você serve a Jesus, você está ali para ajudar.”

Por vezes, além de auxiliar o bairro em que estão localizadas por meio de serviços de assistência social, como relatam Célia e Maria Teresa, as CEBs, quando ocupadas por padres, freiras e religiosos leigos mais afinados com a teologia da libertação, promovem ações mais politizadas. No final da década de 1970, o padre Guilherme chegou à Brasilândia para servir na Igreja Santo Antônio, na Rua Parapuã, a primeira igreja construída no subdistrito, e, nessa época, era ele o responsável por dar assistência a todas as Comunidades de Base da Brasilândia. Assim, durante a década de 1980, quando a favela Boa Esperança se formava no Jardim Guarani e ainda não existia a CEB Santo Eugênio, era o padre Guilherme que rezava, na própria favela, as missas aos domingos,

“Maria Teresa: E nisso, ele acabou ficando aqui, com a gente, ele ficou muito tempo com a gente.

Célia: Ele tirava o pessoal da rua que morava embaixo das pontes, dava assistência. A nossa comunidade está na condição que está hoje, espremida lá, porque ele era muito bonzinho. As pessoas chegavam, sem teto, e ele dava um terreno da comunidade, (na verdade) o terreno é da Prefeitura, mas foi a comunidade que abraçou. Quando as pessoas chegavam, sem teto, o que o padre Guilherme fazia? Doava um pedacinho do terreno para as pessoas, as pessoas construíam, moravam, quando estavam estabilizadas, vendiam ali e iam para outro lugar melhor. A nossa entrada da comunidade quase não dá pra encontrar, porque ela está espremida, tanto o terreno da frente, como o da direita, da esquerda, as pessoas pegaram mesmo. E o culpado de tudo isso foi o Padre Guilherme, viu Maria Teresa? As pessoas moravam, depois vendiam para terceiros. Porque ele dava para a pessoa morar, não para depois a pessoa vender, mas ele fazia de boca também, o contrato dele era de boca: “quando você sair, você devolve para a igreja.”, ele falava desse jeito. A pessoa vendia para terceiro e ia embora. O padre Guilherme também gostava de alguma política...

Maria Teresa: O padre Guilherme e a irmã Natalvina, eles andavam assim, tête-à-tête os dois, um em cima do outro, o Padre Guilherme e a irmã, e eles apoiavam o PT, sempre apoiaram o PT.”

Com o tempo foram se constituindo outras Paróquias e CEBs na Brasilândia além da Igreja Santo Antônio. Atualmente a Paróquia Santa Ana Maria, localizada na Vila Terezinha, bairro vizinho ao Jardim Guarani, é a paróquia responsável por três CEBs além da Santo Eugênio: a CEB São Joaquim, responsável pelo bairro do Carombé, a CEB Nossa Senhora de Nilza, pelo bairro Vila Isabel, e a CEB São Manuel, pelo Jardim Icaraí. Porém, se nas décadas de 1970 e 1980 várias Paróquias e CEBs reuniam religiosos politizados dispostos a se unir aos moradores no enfrentamento de causas coletivas, durante os anos 1990 houve uma queda do ativismo religioso e vários padres novos, que não se envolviam com política, vieram substituir os anteriores, justamente o que ocorreu na CEB Santo Eugênio. Após a saída do padre Guilherme, a CEB Santo Eugênio recebeu três padres, os dois primeiros não possuíam nenhum tipo de envolvimento político com o bairro, e o último, ainda que não apoiasse nenhum partido específico, ao menos se envolveu com a fundação da Rádio Cantareira, uma rádio comunitária que atualmente é sediada na Associação Cantareira. No entanto, curiosamente, de 2001 até 2009, um padre politizado chamado Neno passou a atuar na CEB Santo Eugênio, o qual, assim como padre Guilherme, apoiava o PT. Assim, com a

acolhida do padre Neno, parlamentares do PT ligados a questão de moradia, Paulo Teixeira e Simão Pedro, passaram a atuar na região, e, durante a prefeitura de Marta Suplicy, a favela Boa Esperança entrou na lista da prefeitura para receber obras de urbanização:

“Essa obra foi para dois anos, está com quatro anos a urbanização aqui, das primeiras reuniões que aconteceram para o morador na nossa comunidade, não é, Maria Teresa? O primeiro lugar que eles vieram fazer reunião com as famílias (foi) na comunidade, por que? A comunidade acolhe, a comunidade tem lugar para as pessoas sentarem, tem banheiro, tem água para as crianças, para o pessoal. Então o Padre Valdiram, uma pessoa muito boa sabe, ele acolhe o pessoal da Prefeitura que está pedindo espaço para fazer a reunião, para as pessoas não ficarem no sol, não ficarem na chuva. A comunidade não é só minha, nem da Maria Teresa, nem da Célia, nem do Padre Valdiram⁵¹. É do povo. Então a gente tem que abrir os braços para a comunidade, para o povo.” (Célia, 49 anos)

Após 2009, com a saída do padre Neno, e a entrada de um padre que não é envolvido com política, a CEB voltou ao esquema mais tradicional de assistencialismo no bairro. No entanto, ainda que os religiosos politizados tenham atuado na CEB Santo Eugênio em períodos espaçados de tempo, sua influência parece ter atingido, de alguma forma, o imaginário político de alguns de seus frequentadores, tendo em vista a união entre práticas religiosas progressistas e a linha ideológica-programática seguida pelo Partido dos Trabalhadores, união esta que justamente, é defendida por Gramsci ao afirmar que seria justamente por meio da religião que filosofias radicais, como era a do PT dos anos 1980, atingiriam o senso-comum. Cleuza, Silvana e Dulce, ainda que não tenham se filiado ao PT e militado no bairro da mesma forma que Maria Teresa o fez, também frequentam a CEB Santo Eugênio e aderem ao programa ideológico do PT⁵². Assim, ainda que elas apontem problemas nos governos petistas mais recentes, continuam não só a votar no partido da estrela para eleições majoritárias como também possuem posicionamentos favoráveis a pautas progressistas e à mobilização popular:

“Então você diria que você é petista? Sim, diria, sim, diria com toda firmeza. (Maria Teresa) Com toda a sujeira? (Silvana) Com tudo que há. (Maria Teresa) Olha a boca dela, “tudo que há”. (Silvana) Alguns fatos não ajudam, alguns fatos que explodem aí, errados,

51 Padre Valdiram é um dos padres que atua na região da Brasilândia atualmente.

52 Dulce, inclusive, chegou a conhecer a irmã Natalvina, trabalhou na Pastoral da Criança e ministrava aulas de catequese na CEB ainda em 2011.

apesar de algumas coisas erradas é o partido que te dá segurança, não é muito burguês entendeu? Não é um partido totalmente burguês, é um partido mais povo, que olha mais a classe trabalhadora. Mas é assim, sempre que a pessoa parte para um ideal diferente, sempre há alguma coisa que volta tudo de novo. Isso acontece há anos, Marx já dizia. (Maria Teresa) Você é marxista? (Silvana) É, eu sou. Eu gosto de Marx, tudo o que ele falava ontem, hoje é verdade...mundo capitalista, o trabalhador capitalista, escravo do seu próprio trabalho. E hoje é o que a gente vê, nós somos escravos de nós mesmos.” (Silvana, 38 anos)

“Eu voto no PT, para dizer pra você, não porque eu acho que eles são melhores, é assim desde que comecei a votar, eu sempre votei no PT. Então, independente de quem está lá, eu estou votando no PT, porque eu ainda acho assim, apesar dos pesares, é um partido do povo, então eu voto, mas não acreditando totalmente que ele vai melhorar minha vida, entendeu? (...) Eu acho que o imposto devia ser cobrado só dos empresários, dos grandes empresários, não da gente, trabalhador, que você ganha tão pouco e eles ainda descontam o imposto de você, desconta muito do trabalhador. Eu acho que devia mudar isso daí. Eu acho que luz é muito caro para o brasileiro, a água também, entendeu? É aqui onde falta água e aqui onde falta luz, no centro da cidade nunca falta água, o pessoal troca a água de piscina todo dia e não falta água. Eu acho que melhoraria se o governo Dilma diminuísse, acabasse com esses negócios de imposto, do pobre, do trabalhador...diminuísse o valor nas contas de luz, de água para a gente pagar. Então é coisas assim que eles deviam pensar mais.” (Dulce, 52 anos)

“*Mas a senhora prefere votar em alguém do PT, ou tanto faz?* Não, só do PT. *Por quê?* É um partido aí que eu achei que devia só votar neles. Então, digamos, se o Lula algum dia mais tarde ele (quiser) se reeleger de novo, eu voto nele de novo. Porque ele fez... não fez muito, mas fez bastante coisa. (...) *E a senhora se manifestaria (na rua)?* Se tivesse alguma coisa assim aqui no bairro por uma coisa justa eu ia entrar também no meio!” (Cleuza, 58 anos)

A ideia de que o povo deve se mobilizar para conseguir seus direitos é bastante estimulada em CEBs e Paróquias que ainda hoje contam com padres mais engajados politicamente, os quais costumam apoiar o PT, ainda que a atuação destes seja mais rara em comparação com o período do auge da teologia da libertação. Além do que Juçara conta sobre a atuação da Igreja Católica

atualmente na região da Zona Norte como um todo, e do que Célia e Maria Teresa relataram a respeito do envolvimento político do Padre Neno na CEB Santo Eugênio em tempos mais recentes, pude constatar *in loco* a atuação de um padre engajado.

No final do mês de novembro, em 2011, Maria Teresa me convidou para assistir a celebração de uma missa afro que seria realizada em comemoração do dia da consciência negra em uma Paróquia no Morro Grande. Nesse dia Aparecida e Maria Teresa, que além da CEB também frequenta terreiros de candomblé, pois sua mãe era mãe de santo, se vestiram com roupas com motivos africanos e dançaram e cantaram ritmos de candomblé acompanhadas por várias outras pessoas vestidas da mesma forma e pelas pessoas sentadas nos bancos da Igreja que batiam palmas no ritmo da música. No fundo da Igreja havia uma bandeira enorme de Zumbi dos Palmares e assim que a música terminou vários militantes do movimento negro se pronunciaram em prol de sua causa. Depois de muitos discursos nos quais figuraram várias aproximações entre Zumbi e Jesus, chegou o padre visivelmente animado para celebrar a missa, o qual, imediatamente após o fim do ato religioso, começou a falar vivamente sobre os problemas que uma comunidade da Zona Norte estava enfrentando por conta das obras do Rodoanel e pediu para que todas as pessoas assinassem um abaixo-assinado contra os malefícios que estavam sendo causados pelas obras. Depois da missa, Maria Teresa ainda me levou a uma festa das pessoas da Igreja, e, bastante empolgada com a celebração de Zumbi, me contou toda a história de Santo Dias, um famoso líder operário do ABC morto nos anos 1970.

Tal episódio indica que os padres engajados possuem uma influência não apenas no que tange a mobilização dos moradores mas também na transmissão de uma cultura popular de lutas e de resistências, encarnada na simbologia de Zumbi, Santo Dias e outros heróis das classes subalternas⁵³, os quais são sempre comparados explícita ou implicitamente com Jesus. Às vezes tais associações são ainda mais abertas, como na Paróquia localizada no Jardim Damasceno, onde mora atualmente Tatiana, cujo santo que dá nome à Paróquia é São Manuel Operário, padroeiro dos trabalhadores.

É claro que existem outras influências além das Paróquias e CEBs que reforçam posicionamentos mais progressistas, como por exemplo a peculiaridade de Silvana frequentar o

53 De acordo com Gramsci, “As classes subalternas, por definição, não são unificadas e não podem se unificar enquanto não puderem se tornar “Estado”: sua história, portanto, está entrelaçada à história da sociedade civil, é uma função desagregada e descontínua da história da sociedade civil e, por este caminho, da história dos Estados ou grupos de Estados” (Gramsci, 2002, pp. 139-140)

curso de graduação em Serviço Social, onde provavelmente teve algum contato com a obra de Karl Marx, e daí se afirmar marxista. Da mesma forma também existem certas experiências particulares que podem levar os moradores a possuírem posicionamentos mais conservadores a respeito de certos temas a despeito de terem entrado em contato com freiras e padres engajados por meio das CEBs.

Caroline, filha de Aparecida, frequentou a CEB Santo Eugênio e teve bastante contato com religiosos politizados que lá militavam como o Padre Neno e, especialmente, com uma religiosa leiga chamada Maria Ferreira, diretora da creche, criada com o auxílio de irmã Natalvina, que chegou a concorrer como vereadora pelo PT:

“Maria Ferreira era a mulher que tocava violão na Santo Eugenio...você não chegou a conhecer ela. Faz muito tempo, quer ver, vai fazer uns 6, 7 anos que ela faleceu. Uma pessoa maravilhosa, ela dava crisma, catequese e ela tocava violão também. *Ela era freira?* Não. Ela tinha duas filhas, ela trabalhava com as freiras na creche, ela era diretora da creche. Mas assim, em si parecia até uma freira mesmo, porque era uma pessoa tão bondosa que ensinava a gente, dava um incentivo, era uma mulher muito inteligente, fez pós, fez tudo, tanto que ela ia se candidatar para ser vereadora do bairro, eu acho que era pelo PT. Acho que ela faleceu em 2006, era a época do Padre Neno ainda, que estava aqui na Paróquia. Ela incentivava muito a gente, a Paixão de Cristo nós já apresentamos, ela que comandava tudo, nós fizemos todinho, todas as encenações e ficou muito bonito. Um menino que parecia Jesus Cristo, ele deu aquele grito, na hora que ele morre, né? Ele deu aquele grito, ficou bem legal, muito, muito, muito emocionante. E com ela que a gente ia fazendo... Ela levava a gente para os lugares, para as igrejas, e a gente ia apresentando e fazia apresentações no final do ano, mas somente em igreja mesmo, nada com partido.”
(Caroline, 30 anos)

Ainda que como Cleuza, Silvana e Dulce, Caroline afirme possuir preferência pelo PT e seja simpática a manifestações populares, a jovem era, ao mesmo tempo, a única entrevistada que defende as privatizações no setor público, provavelmente porque cursou Comércio Exterior na faculdade, onde deve ter tido contato com ideias favoráveis a uma suposta maior eficiência das empresas privadas. Além disso, Caroline contou que perdera o contato com a maior parte de seus colegas de faculdade, mas continuava recebendo diariamente várias correntes de e-mail com mensagens raivosas contra Lula e Dilma, a maioria das quais eram explicitamente mentirosas, e quando lhe perguntei se achava que o conteúdo das mensagens era verdadeiro, ela respondeu “eu

realmente fico em dúvida...talvez seja verdade”.

Assim como Caroline, Felipe, filho de Maria Teresa, também frequentou a CEB Santo Eugênio e chegou inclusive a dar aulas de catequese, porém, ao entrar em contato com o "mundo do crime" passou a adotar algumas das posturas relacionadas a *vida loka*, como a ideia da vida como guerra, mencionada acima. Dessa forma, Felipe compreende que, ainda que existam pessoas que gostariam de ajudar o próximo, haveriam sempre outras querendo levar vantagem, de modo que todas as formas de expressão e ação política seriam necessariamente “contaminadas” e, portanto, ele procura manter uma postura cética em relação a qualquer tipo de manifestação popular político-partidária.

É claro que não é somente a frequência em Paróquias e CEBs que levam certos moradores a preferirem o PT, ainda que todos os entrevistados que possuem um envolvimento maior com a CEB Santo Eugênio simpatizem com a agremiação, com exceção de Felipe, que afirma não possuir preferência partidária, apesar de sempre ter votado no PT. Tanto Tatiana, Jadson e Rita, católicos⁵⁴, como Cleiton, evangélico, possuem preferência pelo PT, mas não frequentam atualmente nenhuma Igreja, dizem apenas acreditar em Deus, de modo que é possível dizer que a própria atuação do partido no país e na cidade pode servir como um espécie de referência ideológica indireta para as pessoas em geral⁵⁵.

A prefeitura da sexóloga petista, elogiada por vários entrevistados, marcou o cenário político de São Paulo com medidas de impacto para as classes populares da cidade, entre as quais figuram, por exemplo, o bilhete único e o programa renda mínima, do qual Tatiana é beneficiária atualmente. Além disso, a prefeitura da petista também deu continuidade a programas populares como o Leve-Leite de Maluf, do qual Jadson se lembra com entusiasmo, uma vez que sua família foi beneficiada. No caso específico do Jardim Guarani, foi realizado, durante a gestão de Marta, e com apoio da CEB Santo Eugênio, por meio da influência de padre Neno, o cadastramento dos moradores que habitavam a favela Boa Esperança para que as obras de reurbanização e a construção de moradias populares pudessem ser realizadas. Entre os moradores que foram beneficiados posteriormente pela construção de novos prédios estavam justamente Cleiton e Rita e sua família, curiosamente, ambos não disseram que a reurbanização da favela foi iniciada na gestão de Marta, Cleiton apontou o

54 Ainda que Tatiana tenha frequentador por algum tempo a Assembléia de Deus e a Igreja Universal ela afirma ser católica e não evangélica.

55 O PT é o partido que costuma ser mais identificado pelos brasileiros em geral como o que possui o maior comprometimento com o combate da desigualdade social, , em comparação com os demais partidos. (Santos; Vilarouca; Scalon, 2004, p.203)

bilhete único como o principal trunfo da prefeitura petista e Rita disse que a política havia realizado um bom trabalho durante a prefeitura, mas não mencionou o cadastramento.

Tal adesão ao PT por parte de pessoas mais pobres poderia ser lida a partir da teoria da escolha racional. Os autores brasileiros que aderem às explicações fornecidas pela teoria da escolha racional, como Carreirão, 2000 e Zucco, 2010, por exemplo, consideram que as eleições funcionam de maneira análoga ao mercado, ou seja, os eleitores, da mesma forma que os agentes econômicos, procurariam maximizar seus benefícios materiais por meio do voto. Assim, a opção por tal ou qual partido e/ou candidato estaria ligada à probabilidade de que as políticas a serem executadas pelo candidato, uma vez eleito, beneficiassem economicamente o eleitor. Teoricamente a distribuição de informação seria igual para todos os eleitores e assim todos poderiam, com base nas informações que possuem, escolher de forma racional seus candidatos e/ou partidos, porém, na prática, os custos de obtenção das informações seriam altos pois demandariam tempo dos indivíduos. Para minimizar estes custos informativos, os partidos, ao se identificarem como esquerda, centro ou direita, liberais ou conservadores, fariam uso de ideologias como “atalhos informativos”, de modo que cada partido sinalizaria de forma “sintética” aos eleitores não só seus programas mas também o que de fato fariam uma vez que estivessem no governo, diminuindo, desta maneira, o custo da obtenção de informações por parte dos cidadãos⁵⁶. Ou seja, até mesmo autores que fazem uso da teoria da escolha racional não descartam inteiramente o papel da ideologia para diferenciar os partidos e orientar os eleitores em suas escolhas, ainda que o conceito de ideologia que estes autores usem seja diferente daquela proposta em abordagens marxistas como a do italiano Antonio Gramsci.

É claro que a preferência por um partido, ainda que este seja o PT, que é um dos partidos mais ideológicos do sistema político brasileiro (levando em consideração apenas os grandes partidos), não se traduz imediatamente em uma adesão ideológica dos eleitores às suas principais bandeiras, mas pode atuar como um veículo ideológico no sentido de acentuar certas crenças e tendências, principalmente entre pessoas que dizem se interessar por política. Este é o caso de Tatiana e Jadson, ambos se dizem interessados por política e não só preferem o PT, mas também são favoráveis, ainda que de forma crítica, à mobilização popular por meio de greves, manifestações e movimentos sociais, uma das principais bandeiras do petismo. Tatiana procura ter acesso a jornais e revistas que falem de política e Jadson tirou seu título de eleitor com 16 anos para poder votar em Marta Suplicy. Já Rita e Cleiton, que são contrários a mobilizações populares (Cleiton é apenas

56 Cf. Downs, 1999. O modelo proposto por Downs foi pensado para dar conta do sistema político norte-americano que se organiza em torno de dois partidos. Para compreender o funcionamento desta mesma lógica para países pluripartidários como o Brasil, ver Sartori, 1982

favorável ao direito de greve), dizem não se interessar por política, inclusive Rita afirmou que na última eleição votou em um candidato a parlamentar que viu em um folheto que pegou na rua e hoje nem se lembra do nome deste.

Além das igrejas, católicas e evangélicas, das universidades⁵⁷ e dos partidos, outro veículo ideológico com poder de alcance, provavelmente, muito maior que os últimos entre os mais pobres, atualmente, são os veículos midiáticos, principalmente a televisão aberta. A televisão, que quase sempre estava ligada em todas as casas que entrei na Brasilândia, independentemente da hora do dia, era citada várias vezes nas entrevistas como fonte de informação sobre governantes, candidatos, corrupção, violência nos bairros do centro e da periferia da cidade, e outros tantos diferentes assuntos. Só para ficar com alguns exemplos, Cleiton e Manuel diziam conhecer o MST apenas pela televisão, Caroline contou em detalhes uma denúncia de corrupção política realizada pelo programa CQC (Custe o que Custar) da Rede Bandeirantes, relativa a um político que atua em um município que faz parte da Região Metropolitana de São Paulo, e foi pela influência de novelas que Dalva lembrou a época da ditadura militar no Brasil e Tatiana decidiu usar certas táticas para revidar a violência do ex-marido, experiência que a marcou de tal modo que chegou a influenciar, indiretamente, sua opinião sobre ditaduras em geral:

“Tem gente que fala que o Brasil era melhor na ditadura militar... Ah não, eu não sou dessa época, eu não lembro. (Maria Teresa) Mas você pegou um pedacinho...(Dalva) Ah, não sei, eu era criança, ou às vezes eu morava no interior, nem tinha televisão, nem sabia o que era isso. (Maria Teresa) Mas você lembra o que os militares faziam? (Dalva) Não, não lembro. Eu estou lembrando agora nessa novela que eu vejo passar⁵⁸. Então, durante a ditadura militar muitos oficiais do exército torturaram e mataram muitas pessoas no Brasil. Você é a favor que esses militares que fizeram isso sejam punidos hoje ou não? Que sejam punidos, que fiquem na cadeia. Porque eles faziam muita maldade com as pessoas, às vezes até gente inocente.” (Dalva, 58 anos)”

57 Aqui se fala apenas em universidades por conta dos casos de Caroline e Silvana, as quais provavelmente entraram em contato com certas filosofias durante seus cursos universitários, porém, todo o sistema escolar poderia ser compreendido como um aparelho ideológico, ou seja, um veículo difusor de ideologia, de acordo com o que propõe o autor marxista Louis Althusser (Larraín, 2008).

58 A novela que Dalva fez referência chama-se “Amor e Revolução”, cujo enredo principal versava sobre a estória de amor entre uma militante da guerrilha armada e um militar progressista durante o período da ditadura militar no Brasil. Durante a novela, que foi exibida pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) do dia 5 de abril de 2011 até 13 de janeiro de 2012, eram mostradas cenas fortes de tortura de militantes de esquerda e demais pessoas consideradas suspeitas por oficiais do Estado autoritário.

“Eu fui na delegacia, dei parte dele. Eu tava grávida e ele me bateu tanto que eu sofri um aborto...de tanto que ele me bateu. Aí eu falei “eu vou entrar no mundão e vou enfrentar ele de qualquer jeito, eu vou pro tudo ou nada”. Eu comecei a molhar a cama onde ele dormia, ele chegava de madrugada, ele deitava na cama e a cama tava molhada, aí eu falo, “gente, novela influencia a gente”, porque na época eu assistia uma novela que tinha uma mulher que chamava Helô e o marido dela chamava Sérgio, não sei se vocês lembram dessa novela⁵⁹, ela cortava a roupa dele e colocava dentro de uma mala, ela era tipo psicopata, ela tinha um ciúmes doentio dele, e eu comecei a fazer tudo o que ela fazia. Você lembra? Eu comecei a fazer tudo o que ela fazia, cortava a roupa dele de tesoura, molhava a cama onde ele ia dormir, colocava copo atrás da porta pra quando ele entrar eu ouvir o barulho, tava sempre preparada pra quando ele fosse me bater, comecei a enfrentar ele, eu comecei a ficar numa situação tão desesperadora que eu comecei a procurar todas as saídas, tudo o que eu via assim eu começava a fazer, até que chegou num ponto insustentável que não deu mais. A gente teve que se separar mesmo porque um ia acabar matando o outro, ele tentou me matar duas vezes. (...) *Você acha que o Brasil era pior ou melhor na ditadura?* Pior, com certeza, porque eu acho que tem que ter liberdade de expressão né? O Brasil ainda vive na ditadura, os homens se acham ditadores, se acham donos das mulheres, eu acho isso errado. Lógico, já modernizou bastante, tem homem que já é mais moderninho, mas sempre fica aquele negócio, é tipo uma ditadura. Então eu acho que agora tá bem melhor. *Então você acha que se o Brasil voltasse a ser uma ditadura...* Eu ia lutar contra, eu ia lutar contra, eu acho que não se faz o que eles (militares) fizeram com os seres humanos, eu acho que eles não são nem seres humanos, não tem coração e eu fico assim indignada mesmo. Se eu pudesse estar junto na hora da punição eu ia lá com o chicote, e olha que eu sou contra a violência.” (Tatiana, 30 anos)

A presença constante das telenovelas na casa de várias das famílias que conheci parecia disputar espaço apenas com programas policiais sensacionalistas:

“Rita: Quando eu sento assim, eu vejo um pouco de jornal, o que está acontecendo, depois a novela, desenho, um pouco de tudo.

Maria Teresa: Você não fica vendo aquele cara que banca todo mundo? Como é que ele chama? O Datena, lá.

⁵⁹ A novela que Tatiana faz referência chama-se “Mulheres Apaixonadas” e foi exibida no horário nobre da televisão aberta pela [Rede Globo](#) entre [17 de fevereiro](#) e [11 de outubro](#) de [2003](#).

Rita: Não, não gosto muito não.

Camila: Qual jornal você vê?

Rita: é da Band, né?

Maria Teresa: Aquilo é uma nojeira, só fala de violência.

Rita: É mais é violência que está no mundo, ele não está mentindo.

Maria Teresa: Mas, não do jeito que eles colocam, gente.

Rita: Mas é uma coisa que está acontecendo, tem vezes que você fala, não está acontecendo isso, mas está.

Maria Teresa: Você fica com trauma até do seu vizinho, porque você só vê lá falando que o vizinho estuprou não sei quem.

Rita: Mas é a realidade, porque você não está vendo aqui, mas em outro bairro está acontecendo.

Maria Teresa: Só ele que acha aquelas coisas que ele fala, onde que aquele homem arranja tanta tragédia para passar naquele jornal dele, pelo amor de Deus. Só no jornal daquele homem é que é aquelas tragédias. Todos os dias, presta atenção para você ver. O cara não fala nada que não seja tragédia. Quem assiste aquilo fica traumatizado, você não sai nem na rua. Se você começar assistir aquilo ali uma semana todinha, todo dia no mesmo horário, quando chegar na semana seguinte você não sai na rua, porque você vai ficar doente de trauma, você vai ficar com Síndrome do Pânico, porque é só tragédia. É triste aquilo ali, aquele homem devia ser cortado, eu não sou contra mostrar a violência, mas não de uma forma exagerada como aquele homem faz, ele exagera. Meu marido assistia. Eu chegava em casa, nossa, o Paulo estava (assistindo). Cortei, minha filha, falei, pare de ver isso aí. Isso aí é quem gosta de ver a desgraça dos outros, porque o homem fazia barbaridade na televisão.

Rita: Tem vez que você fala não, mas está acontecendo. Você passa naquele centro ali, você vê o pessoal na droga, aí você olha, assim, catando lixo, lá do lixo mesmo, sabe, comendo.

Maria Teresa: Não, Rita. Isso aí a gente sabe. Mas, tem que passar na televisão todos os dias?

Rita: Passa na televisão, você fala não está acontecendo isso, mas se você for ver está acontecendo.

Maria Teresa: Ah minha filha, isso é tragédia, agora se você assiste tudo isso, você tem coragem de deixar seus filhos em casa?

Rita: Então, é a realidade.”

É inegável a influência da televisão na formação do senso comum dos moradores da Brasilândia e das classes populares em geral. No entanto os entrevistados parecem nem sempre aceitar de forma acrítica aquilo que é transmitido nos jornais, e eventualmente desconfiam de que o conteúdo veiculado corresponda, de fato, como diz Rita, “à realidade”, como o faz Maria Teresa acima, e como criticam Felipe em relação à cultura e Tatiana em relação às propagandas de políticos que aparecem na televisão:

“Sabe por que tem o funk? (...) O funk existe pra inibir o rap. O funk, ele discrimina as mulheres, discrimina bairro, discrimina a nossa convivência em si (...). O rap não fala mal de você, ele não fala mal de mim, ele fala mal do governo. Isso ofende o governo. A mídia favorece o funk, o governo favorece o funk da forma deles. Mas favorece por quê? Pra inibir quem o ofende. Então assim, tem umas formas que se parar pra pensar, começa a entender. Vou te dar uma forma prática de você entender. Já ouviu falar do MV Bill? Ele só batia na tese contra o governo, batia na tese contra o governo. O espaço fechou, só que ele era a influência no país. MV Bill apareceu porque ele falava a verdade da realidade que acontecia com ele, (...) ele falou uma vez, numa música dele que hoje não toca mais, (...) que ele não abria as pernas pra mídia e pra televisão, ele disse, da boca dele, nunca (ninguém) ia ver ele na televisão. No Faustão ele (já) foi 12 vezes. Comercial da Nextel, ele é o garoto propaganda. Hoje as músicas dele já não falam mal mais do governo, a música dele só fala da favela, parece um funk, a mesma coisa dos que você conhece, Racionais, MV Bill, Ao Cubo. Esses negócios que hoje fala da própria pessoa, ele chega assim, estou falado de mim mesmo, já não interessa mais você. Então esses aí têm espaço na mídia, tem espaço em shows, tem espaço... Quem fala mal do governo hoje sou eu. É igual o funk. O funk falar mal da mãe do cara pode, falar mal da mulher do cara pode, aí também tem os funks que falam mal do governo, esses aí são proibidos, chamam de proibidão. Chamam por quê? Porque falam mal do governo.” (Felipe, 23 anos)

“Eu acho que a pessoa que é pobre tem que ter um caráter dela, pra ela não cair em enganação. Porque política é enganação, é marketing. Você vê na televisão, eu falo porque eu trabalhei com telemarketing, é muito ruim, você tem que enganar os outros, você vende um produto pra um fulano enganando ele, aí depois ele te liga querendo cancelar e ali tem um contratinho que ele não leu né, que é um ano pra poder cancelar. Então eu acho que política é telemarketing, eles falam muito bonito na televisão né, eu falo pro meu marido,

eles falam tão bonito e no dia-a-dia não é nada daquilo.” (Tatiana, 30 anos)

A realidade da televisão parece dificilmente corresponder razoavelmente àquela vivida pelas classes subalternas, segundo apontam Maria Teresa e Felipe. Quando esta aparece nas novelas é estetizada, nos programas policiais, segundo Maria Teresa, é exagerada, e na fala de políticos, segundo Tatiana, é uma enganação, sem falar na maior parte dos comerciais que mostram apenas pessoas brancas de elite em um país em que a maioria da população é pobre e praticamente metade se considera parda ou negra, as quais ainda costumam ser vítimas dos piores estereótipos (Roso; Strey; Guareschi; Bueno, 2002). Isto acontece porque as próprias pessoas que pertencem aos estratos populares possuem atualmente um controle praticamente inexistente sobre o conteúdo veiculado nos programas de televisão (Aldé, 2004, p.206). Assim, de acordo com Juçara Zottis, militante da Associação Cantareira, uma das principais demandas existentes quando chegou à Brasilândia na década de 1990 era a criação de formas alternativas de comunicação, principalmente no que tange à sociabilidade e à política da região⁶⁰:

“(…) A comunidade não sabia de nada das coisas que aconteciam, porque, assim, era muito difícil você ter acesso a uma rádio. Por exemplo, o pessoal ouvia muito, na época, uma rádio que eu já nem lembro o nome, mas era uma rádio comercial, nada você podia colocar lá de graça, tudo tinha que pagar, tipo, um aviso, uma festa, uma coisa, tudo tinha que ser pago. Aí eles começaram a pensar um jeito de fazer uma comunicação mais popular no bairro, pensaram num informativo, mas foram ver que a dificuldade de leitura era muito grande. Então eu acho que o jornal informativo não é o caminho, a internet nem se pensava na época, nem tinha internet, mal tinha o telefone. Aí eles começaram com essa ideia, por que a gente não põe uma rádio comunitária. A gente fez uma pesquisa, nós lançamos uma pesquisa nos bairros do entorno do Jardim Vista Alegre, tentando atingir o maior número possível de comunidades, todos os seguimentos, grupos culturais, o pessoal ligado a movimentos sociais, as comunidades, algumas igrejas. Eu lembro que teve duas igrejas da Assembleia de Deus e uma Deus é Amor, que se pronunciaram em favor da rádio. E aí foi 100% de aprovação. Tem que ter sim, uma rádio comunitária, que tem que ter a voz da comunidade. Em setembro de 1995 a gente colocou ela no ar, muito precário, precaríssimo, lá a gente tinha, pouquíssimos equipamentos, e aí foi assim que a gente foi construindo a

60 De acordo com Aldé, 2004, “A atribuição, por parte dos receptores, de um papel central à mídia na vivência e conhecimento da política não tem como contraponto, aparentemente, uma mídia que desempenhe esse papel democraticamente. Enquadramentos restritos limitam as possibilidades de discurso dos cidadãos sobre a política; a homogeneidade dos atalhos ou enquadramentos disponíveis na esfera pública gera distorções no processo democrático.” (Idem, p.203)

rádio, a comunidade inteira contribuindo, o pessoal montou o clube dos associados da rádio para ajudar a manter os meninos lá trabalhando. Daí, a comunidade foi se envolvendo, desenvolvendo outros projetos, e aí a gente foi tocando a rádio, a gente tocou ela assim, desse jeito, até dezembro de 2006. Várias vezes a gente foi perseguido, foi difícil. E no ano de 2009 a gente foi denunciado pela Anatel, a gente não sabia, o processo rolou à revelia, sem a gente saber. (...) A gente conseguiu não colocar o nome dos companheiros e o processo foi arquivado. (...) Aí passou, mas a comunidade sempre teve uma participação muito ativa, muito ativa assim, de participar, de contribuir, de ajudar nas festas, nas promoções, nos eventos, até hoje, eles continuam assim. Eles tem o reconhecimento pela rádio.”

Segundo Maria Teresa, os moradores da Brasilândia participam dos programas da Rádio Cantareira, inclusive ela própria, no início da rádio, fez vários programas, e a rádio, a qual, de acordo com a ex-militante do PT, de fato é ouvida pela população dos bairros. Assim, em um certo sentido é possível pensar que, atualmente, em termos de influência ideológica, o cristianismo conservador está para a televisão aberta assim como a teologia da libertação está para a rádio comunitária, isto é, nos termos de Gramsci, uma disputa de hegemonia e contra-hegemonia pelo senso-comum.

Ainda que sejam muitas as variáveis que influenciem na formação do senso comum das classes populares brasileiras, foi possível até aqui mapear algumas das que provavelmente possuem um maior peso no que diz respeito aos moradores dos bairros de periferia de São Paulo como a Brasilândia, levando em consideração as especificidades de cada região.

A religião cristã, em suas expressões mais conservadoras, parece possuir influência moral razoável a respeito dos posicionamentos adotados em relação à desigualdade social e ao direito dos ricos de assim permanecerem, assim como no que tange a temáticas de esfera privada. Contudo, a atuação de religiosos alinhados com a teologia da libertação que apoiavam ou ainda apoiam o PT, em Paróquias e CEBs de bairros de periferia, também parece ter tido alguma influência, principalmente no que diz respeito à expressão e à mobilização das classes subalternas na defesa de seus direitos. O incentivo à luta das classes populares na conquista de seus direitos também é realizado pela associação Cantareira tanto em seu site, como por meio do jornal que costumava publicar, e que inclusive serviu de fonte para este trabalho, e claro, pelos programas da Rádio Cantareira. Porém, são poucos os canais de informação alternativos que estimulem a participação das pessoas na formulação de seus conteúdos, como faz a Rádio da Brasilândia, a maioria

esmagadora dos veículos midiáticos, principalmente a televisão aberta, a qual exerce uma influência ideológica inegável entre as classes trabalhadoras, são controlados por algumas poucas famílias de elite, e, para piorar o quadro, por um sem número de políticos, trazendo consequências funestas para a democracia brasileira”⁶¹.

Além dos sistemas de crenças difundidos pela religião e pela mídia, algumas pessoas, possivelmente, também entraram em contato com outras visões de mundo ao ingressarem na universidade, como, por exemplo, Caroline e Silvana, ou formularam certas percepções sobre o mundo em que vivem a partir de experiências marcantes. Como, por exemplo, foi o caso de Felipe ao entrar em contato com o "mundo do crime" e adotar vários de seus “valores”, ou mesmo de Tatiana, que após ter sofrido ameaças de morte do ex-marido e ter tido coragem para enfrentá-lo passou a conceber a dominação masculina como ditadura, relacionando-a com a ditadura militar no Brasil.

Por fim, é possível dizer que a ação de partidos políticos, como o PT, também parecem impactar a formação do senso comum dos moradores da Brasilândia em particular, e daqueles dos bairros da periferia de São Paulo em geral. As filosofias radicais do petismo que dizem respeito à mobilização das classes populares marcaram o imaginário político, principalmente entre aquelas pessoas que entraram em contato com religiosos progressistas que apoiavam o partido por meio das

61 “O mais nítido dos impasses para um sistema de comunicação mais democrático e ético no país está na superfície da sua estruturação como negócio: o mercado fica concentrado em poucas redes, controladas por escassos grupos empresariais. Com uma agravante: grande parte desses grupos são familiares, fato que faz prevalecer uma gerência do negócio público (comunicar) muito mais próximo do regime privado. Calcula-se, hoje, que sete grupos controlem 80% de tudo o que é visto, ouvido e lido nos media brasileiros. (...) O alcance desses grupos impressiona. (...) No país, há 41,1 milhões de domicílios com aparelhos de TV, número superior aos lares com refrigeradores. Em média, há 1,25 televisor por domicílio, e o brasileiro fica cerca de 3 horas por dia em frente ao aparelho, de segunda a sábado, conforme apurou o Datafolha em setembro de 2000, quando do cinquentenário da TV no país. (...) Para além de grupos empresariais e familiares, as maiores empresas de comunicação no país concentram-se também nas mãos da classe política. Deputados e senadores, governadores e prefeitos detêm concessões públicas de emissoras de rádio e TV, controlam jornais e não poucas vezes usam esses meios para amplificar suas vozes junto ao eleitorado, ampliar seu poder na sua zona de influência. Levantamento da Folha de S.Paulo, de 2001, revelou que 24% das empresas de radiodifusão são de políticos. Significa dizer que a cada quatro emissoras, uma está sob as asas de algum detentor de mandato. Os números impressionam mais ainda com os dados de um estudo empreendido pelo Partido dos Trabalhadores (PT), divulgado há dois anos. Segundo a pesquisa, de 1999 a 2001, foram outorgadas 3315 concessões para exploração de sinal no país e 77,6% delas beneficiaram políticos: 37,5% para filiados ao PFL, 17,5% para os do PMDB, 12,5% para o PPB, 6,3% para o PSDB e 3,8% para o PDT. A distribuição indica que as concessões foram – mais uma vez – usadas como moeda de barganha política entre os partidos que davam sustentação ao governo no Legislativo. (...) A pesquisa revelou que cinco governadores e que 47 dos 513 deputados federais eram proprietários diretos de emissoras de rádio e TV. (...) Em algumas regiões do país, o domínio político dos meios de comunicação é condição fundamental para manter a hegemonia de grupos e de oligarquias. Isso se dá com nitidez no Norte e Nordeste (...) Num terreno minado como este, o espaço para a crítica é ínfimo, quase inexistente. A política coronelística, que impunha o chamado “voto de cabresto” nas primeiras décadas do século 20, agora se reedita apoiada em mais tecnologia: via satélite, pela internet ou em publicações de qualidade gráfica e técnica. Através do simbolismo e do imaginário, as consciências são conquistadas e a autonomia de pensamento – e por conseguinte a crítica – é anulada.” (Christofolletti, 2003)

CEBs, Paróquias e Pastorais Sociais, como nos casos expostos acima. Fora do governo o partido parece depender mais da exposição da mídia, de sua militância e de demais canais de propagação ideológica, porém, quando está no governo, as próprias ações e programas realizados se tornam veículos para a adesão de eleitores ao partido e mesmo, de forma mais indireta, de sua ideologia. Assim, nos próximos capítulos será explorada a relação entre ideologia e voto, levando em consideração, em um primeiro momento, a passagem do “petismo” para o “lulismo”, e, posteriormente, as opções realizadas pelos moradores na eleição para a prefeitura e câmara municipal de São Paulo de 2012.

O declínio do petismo e a ascensão do lulismo

Em termos político-partidários, o abandono do projeto do trabalhador corresponde justamente ao abandono do projeto de transformação radical da sociedade brasileira promovido pelo Partido dos Trabalhadores. O petismo, ainda que não tenha desaparecido por completo, foi declinando nos bairros de periferia em virtude do desemprego e da perda de importância das CEBs e das associações de moradores, abrindo espaço, nos anos 1990 e 2000, para a atuação de igrejas evangélicas e ONGs como formas alternativas de sociabilidade ao "mundo do crime".

Ainda que a ação progressista de lideranças da igreja católica pareça ter impactado na adesão de alguns moradores do Jardim Guarani ao PT, provavelmente a penetração do partido e do “petismo” no bairro é mais fraca e menos antiga em comparação com bairros de periferia localizados na zona leste e sul da cidade, os quais, por serem mais próximos das cidades que compõem o ABC, ao contrário da Brasilândia, provavelmente foram afetados por um efeito de propinquidade. Assim, tanto o deputado estadual como o vereador mais conhecidos pelos moradores da Brasilândia que conversei e entrevistei são do PSDB, tendo em vista que dois dos entrevistados chegaram a cantar para mim o *jingle* de campanha dos políticos tucanos fora do período eleitoral. O primeiro, Celino Cardoso, se elegeu pela primeira vez em 1994 e vem se reelegendo desde então, e o segundo, Claudinho, conseguiu maior destaque político há cerca de 10 anos atrás, mas já havia atuado junto com Celino em movimentos sociais e campanhas eleitorais já no fim dos anos 1980 e início dos 1990⁶², corroborando o depoimento de Maria Teresa e Célia, as quais afirmaram que ambos já atuavam no bairro desde a década de 1980.

O panorama da política brasileira dos anos 1980 parece ser razoavelmente nebuloso para as pessoas que entrevistei que já podiam votar nessa época, entre as quais nenhuma conseguiu se

62 Ver: <http://www.tucano-sp.org.br/vereadores/claudio.htm>

lembrar da época da ditadura militar, de forma análoga ao que ocorreu com Dalva⁶³. Os entrevistados mais velhos tiveram bastante dificuldade para recordar de lideranças políticas e partidos, e, no melhor dos casos, com muito esforço, lembravam do PMDB e de Orestes Quécia, mas de forma bastante confusa. O cenário político começou a ficar mais claro com a primeira eleição presidencial direta, em 1989, em que as pessoas diziam ter votado em Collor ou em Lula. As pessoas que votaram em Collor disseram ter se arrependido e se sentido enganadas pois acharam que Collor era o candidato que faria algo pelo povo e, quando este chegou ao poder, teria traído tais expectativas. Entre estas pessoas havia desde Ana Maria, que se declarou malufista e que tinha preferência por candidatos de direita e centro direita, até Silvana, que possui preferência pelo PT, frequenta a CEB atualmente e se diz marxista. Entre aqueles que afirmaram terem votado em Lula em 1989 estava Nilza, que afirmou que já naquela época sabia que Lula era o “verdadeiro” candidato do povo. Além da lembrança ruim de Collor, os mandatos de FHC, ainda que tenham sido menos comentados, também não parecem ter despertado muita simpatia. Para Raimundo o governo do tucano seria responsável pelo aumento de desemprego que prejudicou muitos trabalhadores como ele, como mencionou acima, Silvana se arrependeu de ter votado no ex-professor da USP em 1994 e Caroline diz que votou em FHC por ser ingênua:

“Silvana: Antes de ele ganhar, ele falou que estava a favor da sociedade, da classe baixa, que ele tinha uns projetos lá...(…) ele é um bom sociólogo, mas só que quando ele estava lá, ele falou: “retiro o que eu disse”.

Maria Teresa: Como sociólogo ele é ótimo, mas como presidente ele foi uma merda. O cara é de uma inteligência fora de série...Fernando Henrique, ele é muito inteligente...

Silvana: Ele tem uma inteligência muito grande mesmo, mas só que ele usa para ele...

Maria Teresa: Não, não é só para ele não, você sabe que ele é dos empresários, né? Foi por isso que ele privatizou tudo.

Silvana: Eu não gostei por causa disso, das privatizações, que até hoje tudo é privatizado, né? O governo passou a mão na época do Fernando Henrique, hoje já não tem mais... e vai

63 A “amnésia” dos brasileiros em relação à ditadura militar também aparece em um estudo comparado realizado por pesquisadores canadenses sobre a relação entre imaginários políticos e religiosos na América Latina: “O Brasil apresenta um número excessivo de respostas na opção “sem opinião” (...), nos enunciados sobre os desaparecidos políticos, sobre os antigos ditadores, sobre a reconciliação nacional, e sobre a força popular para destituir ditadores. (...) No Brasil a forte impregnação da noção de “consolo” e “perdão” presente no campo religioso também parece ser transferida para o campo político. Exemplo disso é uma relativa “amnésia” em relação aos ditadores e certa resignação da opinião pública diante dos políticos corruptos.” (Oro, 2009)

piorar, né? Porque a saúde já está sendo tudo privatizado.”

“Como eu era nova então eu nem sabia direito, não entendia de... Porque assim, quando a gente é novo, como a gente faz? A gente vai pela ideia dos outros. Aí falava “não, o Fernando Henrique, ele é muito inteligente, é um sociólogo”. Eu vou votar no sociólogo então, o cara é inteligentíssimo, vai mudar o país, porque a gente tem essa coisa na cabeça, vai mudar o país, mudar o país para melhor...apesar de não ter sido um presidente tão ruim” (Caroline, 30 anos)

Rita, que assim como Silvana, votou no político tucano em 1994, afirmou que não votou em Lula porque em Sergipe, onde residia naquela época, o PT não possuía muita penetração. A única pessoa que entrevistei, além de Rita, Silvana e Caroline, que optou pelo tucano e não parece se arrepender, foi Carmem, que votou em FHC tanto em 1994 como em 1998 e que não tem uma opinião negativa sobre seu governo, o qual se resumiu a qualificar de forma lacônica como “bom”, justificando sua opção de forma pouco entusiasmada limitando-se a afirmar: “votei por votar mesmo”.

De forma análoga ao panorama brasileiro, o cenário político da cidade de São Paulo também começou a ficar nítido com a eleição de Erundina já no final da década de 1980. Todos os entrevistados com mais de quarenta anos votaram na ex-prefeita com exceção de Ana Maria, a única entrevistada que se declarou malufista, e de Nilza, que parece ter confundido as gestões de Erundina e Marta, de quem também não gosta:

“Aquela Erundina também, eu nunca votei nela, porque ela fez muita taxa, ela fez muita taxa, ela chegou protegendo, nossa! É só taxa, taxa de lixo, taxa disso, taxa daquilo, é tanto, que fizeram greve, a cidade quase morre afogada em lixo por causa dela, aqui mesmo, nossa! Até enchente teve, os lixeiros fizeram greve. *Na prefeitura da Erundina, nos anos 80?* Isso...isso fica no histórico da pessoa, eu não votaria nela nunca.” (Nilza, 41 anos)

Os entrevistados que votaram em Erundina, ao contrário de Nilza, não se arrependem, e alguns disseram ter gostado de sua gestão e afirmado que a escolheriam novamente. Caroline, que embora não tenha votado na eleição de 1988, pois tinha apenas sete anos, disse ter boas lembranças da merenda escolar e que se Erundina se candidatasse novamente poderia contar com seu voto. Ainda que Erundina tenha sido lembrada pelas pessoas com mais de quarenta anos, e até mesmo por Caroline, o que realmente parece ter marcado de forma aguda a percepção a respeito da política da

cidade foi o malufismo.

Desde pessoas mais velhas até aqueles que passaram a votar recentemente, todos fizeram referência ao político de direita. O registro geral tende a ser negativo, de modo que seis entrevistados, praticamente um terço do total, listam Paulo Maluf como um dos políticos dos quais menos gostam e apenas uma entrevistada, Ana Maria, se declara malufista. Ainda que tenha sido mencionada a “queda em desgraça” de Maluf após o fracasso da gestão de Celso Pitta, os nomes dos políticos de direita não foram ligados de forma muito enfática a escândalos de corrupção pela maior parte dos entrevistados, como costuma ocorrer entre o eleitorado de classe média.

Não é possível dizer se confrontos como a “pancadaria da Freguesia do Ó”, a qual ocorreu quando Paulo Maluf era governador do Estado nos anos 1980, tenham também reforçado a percepção negativa do político de direita pelos entrevistados, pois nenhum dos moradores mais velhos chegou a citar tais conflitos. De qualquer forma, Tatiana, por exemplo, apesar de ser bastante jovem na época em que Maluf foi prefeito, apontou a ROTA (Rondas Ostensivas Tobias Aguiar) como uma força policial truculenta cujas atividades lhe deixaram mal impressionada:

“O Maluf eu não votaria nele, porque eu não gosto do Maluf. Eu não gosto do Maluf por um conjunto de coisas, ele na época do Pitta, eu era menor ainda, eu lembro que eu tinha uns catorze, quinze anos na época do Pitta, e ele falava, se o Pitta não for um bom prefeito, nunca mais votem em mim, então o cara não tem palavra. Porque pra um nordestino, palavra vale mais que um pedaço de papel. Aí o cara vai, faz toda a bagunça que o Pitta fez e vai lá, que Deus o tenha em um bom lugar, mas vai lá, eu não gosto de falar mal de quem já morreu, e se candidata de novo? Eu não gosto. E outra coisa, o Maluf ele fez muita coisa boa, só que tem um problema, ele generalizou na segurança, ele colocou segurança, mas colocou uma segurança que eu acho assim, polícia tem que ser pra proteger o cidadão, só que a polícia dele foi mal treinada. Tipo assim, atira primeiro, pergunta depois. Tem muita gente que é presa e é inocente. (...) Tô falando da ROTA. (...) Eu não gostei mesmo do Maluf. Maluf eu não gostei mesmo por causa de casos que eu vi sobre a ROTA que pra mim ficou...Me marcou, né? A violência deles me marcou.” (Tatiana, 30 anos)

Em termos de impacto no imaginário político das pessoas, pensando no âmbito das eleições municipais, a única gestão que parece ter sido, até o presente, uma rival à altura do malufismo é a gestão de Marta Suplicy.

Principalmente para as pessoas que tem até 30 e poucos anos, algumas das quais já nasceram em São Paulo e são filhas de migrantes, a gestão de Marta Suplicy parece ter sido bastante

marcante. Quando os entrevistados mais jovens debutaram eleitoralmente, alguns contando apenas com 16 anos⁶⁴, o malufismo não estava mais em seu auge e o octênio FHC estava chegando a termo ou já havia terminado. Desse modo, a segunda gestão petista na cidade, 2001-2004, encabeçada por Marta Suplicy, parece ter sido um divisor de águas para os moradores do bairro. Todos os entrevistados, principalmente os mais jovens, sabiam de cor e salteado as políticas da petista que beneficiaram a população mais pobre: renda-cidadã (por vezes confundida com o bolsa-família), vai-e-volta (transporte escolar), leve leite (programa iniciado na gestão de Paulo Maluf) e, o mais famoso de todos, o bilhete único. O nome de Marta, associado a todas estas políticas, era mencionado espontânea e exaustivamente por vários entrevistados, até mesmo Ana Maria, malufista, disse ter votado em Marta, apesar de não gostar dela, por conta da instituição do bilhete único. Muitas vezes bastava eu iniciar a entrevista ou mesmo uma conversa informal dizendo que estava fazendo uma pesquisa sobre política que as pessoas já se declaravam eleitoras da ex-prefeita e passavam a enumerar todas as políticas citadas acima, concedendo destaque especial ao bilhete único, como o fez Jadson:

“Pra mim a maioria (dos políticos) só rouba e alguns ajudam, é o caso da Marta. A Marta eu vejo ajudando, na escola tem o leve-leite, bilhete único, ajudou bastante, salário bolsa-família, esses negócio aí, ajudou bastante. Foi uma das prefeitas que eu vi que fez alguma coisa, porque de resto ninguém fez nada, só falam, só falam atrás de voto e não resolvem nada.” (Jadson, 21 anos)

A gestão da petista parece ter influenciado tanto as pessoas mais velhas que vinham votando em partidos distintos sem uma preferência específica, quanto as pessoas mais novas que passaram a votar em anos recentes, no sentido de criar ou acentuar uma tendência a votar em políticos do PT para cargos executivos. No caso específico do Jardim Guarani, a coincidência da eleição de Marta Suplicy com a atuação do padre Neno na CEB Santo Eugênio, o qual, além de apoiar o PT, possuía contatos com parlamentares do partido, fez com que o bairro fosse especificamente beneficiado com o cadastramento dos moradores realizado pela prefeitura para obras de urbanização e de construção de moradias populares, de modo a reforçar o impacto da gestão de Marta entre os habitantes do bairro. Assim não é surpresa que a gestão da petista tenha sido bem avaliada por vários entrevistados e que a ex-prefeita tenha sido citada como a política preferida de seis destes, sendo

64 Três entrevistados mencionaram terem tirado o título de eleitor com 16 anos, Caroline, Jadson e Felipe, os dois últimos afirmaram que o fizeram justamente para poder votar em Marta Suplicy.

que apenas Nilza, que considera a petista muito agressiva⁶⁵, e Teresinha, que é malufista, a colocaram entre os políticos dos quais menos gostam. Ainda que Marta goze de boa reputação entre a maior parte dos entrevistados, e tenha inclusive criado ou reforçado a adesão de eleitores ao PT, isso não parece ter tido muito efeito no que diz respeito ao crescimento do petismo.

Ao contrário de Erundina, que foi eleita no embalo da redemocratização com auxílio de uma militância petista engajada e de regras eleitorais vigentes que não previam segundo turno, Marta ganhou a eleição, em grande medida, por conta da rejeição ao malufismo. Segundo Limongi e Mesquita (2008), na eleição de 1992, após a prefeitura de Erundina, o PT perdeu parte de seu eleitorado entre aqueles das camadas mais pobres para o malufismo, contrariando a esperança de que um governo voltado para tais segmentos faria com que estas pessoas passassem a ser eleitores fiéis do PT. Porém, após os escândalos de corrupção gerados durante as prefeituras malufistas, principalmente no mandato de Celso Pitta, o qual chegou até a ser afastado do cargo, o malufismo perdeu sua força como representante da direita e da centro-direita e passou o bastão para o PSDB, que havia nascido como um partido de centro-esquerda, e que, com os anos, realizou um movimento para a posição de centro-direita. Diante desta movimentação, no segundo turno em 2000 que ficou entre Marta Suplicy e Paulo Maluf, 52,1% dos eleitores do PSDB votaram no PT, e 28,4% votaram no ex-arenista. Segundo os autores, nem todos os eleitores malufistas que haviam optado pelo PSDB em 2000 voltaram a votar em Maluf no segundo turno, assim, nesta eleição, Marta Suplicy teve a maioria dos votos em todos os distritos da capital paulista.

No início dos anos 2000, época da eleição de Marta, a efervescência em termos de mobilização e participação que havia nos bairros de periferia na década de 1980 havia diminuído bastante. Isso ocorreu em virtude de vários fatores, entre eles estavam as altas taxas de desemprego, a queda de ativismo por parte dos religiosos católicos, o crescimento das taxas de criminalidade e a própria atuação do PT, que ao longo da década de 1990 foi se profissionalizando, afastando a militância de base e prescindindo de sua atuação (Secco, 2011), processo que se acentuou ainda mais na cidade de São Paulo durante a gestão de Marta Suplicy com o fortalecimento de máquinas eleitorais. Assim, o modo petista de fazer política ou de governar, o petismo, baseado na tríade: mobilização e participação, ética e transparência e “boa governança” (Baiocchi et al., 2012), começou a ficar com uma de suas pernas bamba, a da mobilização e participação.

A outra perna do petismo, a ética e transparência, se enfraqueceu no ano seguinte ao término da gestão de Marta Suplicy, em 2005, com o escândalo de corrupção que ficou conhecido como “mensalão”. A grande repercussão do caso na época abalou o governo federal e o partido,

65 Em referência a campanha realizada contra o então candidato a prefeito de São Paulo Gilberto Kassab em 2008.

resultando em perda de mandatos e de quadros parlamentares que depois migraram para o PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), além de também ter impactado a militância de base e eleitores, até então, fiéis ao PT. Maria Teresa, ainda que não tenha deixado de votar totalmente no PT, decidiu abandonar a militância por conta do “mensalão”, e Raimundo, metalúrgico desde a década de 1970 e eleitor fiel do Partido dos Trabalhadores, ficou desencantado com o partido depois do mensalão, e, por causa disso, passou a votar desde então sistematicamente nos partidos de oposição:

“Olha, eu votei no PT um tempão bom, depois eu mudei, mas eu votei no PT um tempão, um tempão mesmo, muitos anos eu votei no PT, depois eu sai. Às vezes a gente vota muitos anos num partido depois acha que...vê que...né? Votei no Lula por muitos anos (risos), muitos anos viu? Agora mesmo quando o Kassab entrou eu votei no Kassab, votei no Serra também, Alckmin, o Geraldo, eu acho competente...*Mas por que que o senhor resolveu mudar assim?* (pausa) É...umas coisas assim...a razão...não, a gente tava assistindo...foi muita corrupção, foi muita corrupção... mensalão, teve mensalão de todo o tipo né? Mensalãozinho, mensalão de não sei de que, mensalão 1, 2, teve um pequenininho né? Um mensalaõzinho, foi daquele Cavalcanti lá né? *Então foi na época do mensalão que o senhor decidiu mudar, é isso?* Foi, foi” (Raimundo, 53 anos)

Para alguns militantes mais antigos, como Juçara, da Associação Cantareira, a perda do entusiasmo com o PT teria apenas se acentuado com a denúncia de corrupção de 2005. A fundadora da Rádio Cantareira, que começou a militar no PT ainda adolescente em sua cidade natal em Santa Catarina, passou a se sentir desapontada com a legenda de esquerda ainda no início dos anos 2000 por conta de políticos petistas que, segundo afirma, fariam qualquer coisa para ganhar as eleições:

“Eu comecei, mais ou menos, o meu trabalho, eu tinha uns quatorzes, quinze anos, na época que estava, assim, surgindo os movimentos sociais. E no Sul do país era muito forte a organização, na verdade, iniciou com a Pastoral da Terra, que é a pastoral da Igreja Católica na qual eu sou pertencente, essa denominação religiosa deu início ao movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra que é o MST. No início da militância eu inclusive fui secretária do Partido dos Trabalhadores quando eu não tinha idade ainda lá no Sul, porque a maioria dos dirigentes eram pessoas da roça, eles não sabiam ler e escrever, e como eu era uma jovem muito militante, muito atuante, eles me colocaram como secretária, mas eu não podia, legalmente, ser né. (...) Então, assim que o Partido dos Trabalhadores foi fundado, eu sou uma das que fundou, depois daqui de São Paulo, na minha região lá, (...) lá, ele

fundou uns três anos depois que tinha fundado aqui na cidade, que foi um dos primeiros lugares. Eu sempre fui militante do Partido dos Trabalhadores, uma época muito forte mesmo né, partidária mesmo, ia para as reuniões de diretório...Ultimamente, uns oito, dez anos para cá...senti muitos desencantamentos com o Partido dos Trabalhadores também. Eu ainda acredito que dentro do partido tem coisas boas que ainda vale a pena preservar né, então eu tento me ligar dentro do partido a alguns parlamentares ou pessoas (com as quais) eu tenho mais afinidade nas questões éticas e que ainda não tem no vale tudo como jeito de se ganhar uma eleição, então eu sou ainda nesse sentido.”

Com o enfraquecimento de duas de suas principais bandeiras, a mobilização e participação, e a ética, o PT continuou a sustentar com mais força apenas a ideia da “boa-governança”, o que é pouco para diferenciar o partido de forma mais acentuada das demais agremiações em termos ideológicos, o que o tornava uma legenda mais parecida com a outras.

De acordo com a maior parte da literatura nacional e internacional sobre partidos, sistemas partidários e estudos eleitorais o declínio da ideologia petista já seria algo esperado. Tendo em vista a diferenciação promovida por Maurice Duverger (1970) entre partidos de quadros e partidos de massas, é possível dizer que o Partido dos Trabalhadores teria sido o único partido de massas que conseguiu se estruturar e atuar legalmente de forma contínua no Brasil⁶⁶. Em um primeiro momento a existência de um partido de massas no Brasil, ainda que tardia, foi percebida como algo positivo pela literatura nacional (Meneguello, 1989) e internacional (Keck, 1991), uma vez que poderia abrir espaço para a promoção de uma série de mudanças no país. No entanto, o PT rapidamente seguiu o destino inexorável dos partidos de massa em democracias estáveis previsto por parte da teoria política (Przeworski, 1989), e se “normalizou” (Hunter, 2007; Secco, 2011). A “normalização”, processo inevitável pelo qual atravessariam todos os partidos, fossem de quadros ou de massas, causaria a degeneração destes em *catch-all parties*. Tal conceito, cunhado por Otto Kirchheimer (1966), indicaria a perda das ideologias sustentadas pelos partidos, fossem estas conservadoras, liberais ou socialistas, em troca de um discurso pluriclassista que procurava atingir a todos os eleitores de forma indistinta.

Tal processo, julgado de forma crítica por Kirchheimer, passou a ser compreendido de forma cética por Richard Katz e Peter Mair (1995), os quais avaliaram que a perda inexorável de vínculos dos partidos com a sociedade civil, sustentados principalmente pelos partidos de massa, não seria um problema tão grande. Afinal, para estes autores, os partidos deveriam ser avaliados menos por

66 Tendo em vista a cassação e o histórico de prolongada ilegalidade do Partido Comunista do Brasil e o fim do antigo Partido Trabalhista Brasileiro com o golpe militar em 1964.

suas ligações com a sociedade civil e mais em face de suas relações com o Estado, noção embutida na criação de um novo conceito para classificar os partidos, o partido cartel. Para Katz e Mair o conceito de partido-cartel sinalizaria o estágio final de uma espécie de trajetória evolutiva inescapável no qual ocorreria uma maior partidarização do Estado e uma menor partidarização da sociedade (Mair, 1995 apud Floriano, 2008).

Para Angelo Panebianco (1995, apud Floriano, 2008), a desideologização dos partidos não seria completa, ainda que estes pudessem ser considerados como partidos cartéis como propõem Katz e Mair. Em um processo que o autor chama de *articulação de fins*, em oposição à *substituição de fins* proposto por Robert Michels (1969, apud Floriano, 2008), os objetivos originais do partido seriam substituídos por objetivos oficiais mais brandos, fazendo com que a ideologia explícita e manifesta do partido fosse trocada por uma ideologia implícita e latente. A manutenção de alguma forma de ideologia seria necessária para fomentar a lealdade dentro do partido por meio de incentivos coletivos, distribuídos igualmente entre os membros da agremiação, e seletivos, recompensas normalmente materiais destinadas apenas a certos indivíduos. Para que a crença nos fins oficiais do partido não fosse abalada e sua sobrevivência organizacional não se tornasse ameaçada, seria preciso que o partido equilibrasse de forma razoável a distribuição de incentivos coletivos e seletivos entre seus adeptos.

Além de reforçar a coesão interna, a ideologia também seria importante para demarcar o território político externamente perante outras instituições e o eleitorado. Para tanto:

“a ideologia só terá credibilidade se for traduzida em uma *linha política* que expressa os meios práticos e imediatos que estão sendo empregados na consecução dos objetivos ideológicos últimos. Centro simbólico da identidade partidária, a *linha política* estabelece a atuação tática do partido, em termos de alianças políticas e sociais, posição frente ao governo (apoio ou oposição), posicionamento frente a temas prementes, etc. A linha política, ao manter a credibilidade da ideologia, sustenta a distribuição de incentivos de identidade. Se ela não mostrar um grau mínimo de coerência com a ideologia, ou se cair em descrédito, levando o partido a derrotas, a elite majoritária que propôs essa linha perderá a capacidade de prover incentivos coletivos (...)” (Panebianco, 1995, apud Floriano 2008).

Se a desideologização do PT já vinha acontecendo desde a década de 1990 por meio da adoção de uma lógica de articulação de fins, como propõe Panebianco, é possível dizer que a denúncia de corrupção em 2005, além de ter repercussões negativas entre o eleitorado em geral,

aprofundou ainda mais um sentimento de descontentamento e desesperança em relação a militantes e eleitores fiéis ao partido, Tendo tal cenário em vista, a reeleição de Lula em 2006, pouco tempo depois da denúncia do mensalão, foi recebida por muitos como uma completa surpresa, afinal, como Lula teria conseguido ganhar tendo em vista o declínio constante do petismo, acentuado pela denúncia de corrupção em seu primeiro governo?

Com base em *surveys* que utilizam uma classificação dos indivíduos em faixas de renda, de forma análoga aos estudos promovidos pelos economistas Marcelo Néri e Waldir Quadros, os cientistas políticos Wendy Hunter, Thimoty Power e César Zucco, afirmam que os programas de transferência de renda tiveram um papel fundamental na votação em massa recebida por Lula no primeiro turno de 2006 por parte dos eleitores oriundos das “classes E e D”, vários deles beneficiários do programa, o que explicaria sua vitória imprevista (Hunter; Power, 2007; Zucco, 2010).

Com respeito especificamente à relação entre voto e renda, a pesquisa realizada por Elizabeth Balbachevsky e Denilde Holzacker, em 2002, ano em que Lula se elegeu presidente pela primeira vez, apontou que não houve grandes diferenças entre os votos oriundos dos eleitores das “classes A, B, C, D e E”. (Balbachevsky e Holzacker, 2007). No entanto, na eleição seguinte, em 2006, a estratificação social teria sido o fator mais importante para analisar o padrão da votação. Dessa maneira, se em 2002, 46,9% dos eleitores da classe média alta votaram em Lula no primeiro turno, em 2006 a votação destes mesmos setores no candidato petista, também no primeiro turno, caiu para 38,1%, no entanto, no que se refere aos eleitores das “classes D e E”, considerando tais faixas de renda como correspondentes à parcela da população que as autoras entendem por classe baixa, a opção por Lula passou de 52,9% em 2002 para 77% em 2006, e em relação ao voto da "classe C", de 2002 para 2006, o voto em Lula teria tido um aumento muito pequeno, passando de 58,9% para 62,8%⁶⁷.

A partir destas constatações, é possível dizer que a ascensão das camadas mais empobrecidas da população, que ocorreu após o ano de 2004, segundo Neri, Quadros e Pochmann, e que corresponde ao período do primeiro mandato de Lula, provavelmente está relacionada com a opção por Lula por parte dos eleitores das faixas de renda D e E em 2006. Segundo Hunter e Power, o eleitorado brasileiro teria feito uso na eleição de 2006 do chamado *pocket voting*, ou seja, aqueles que foram beneficiados pelas políticas de distribuição de renda do governo, como aumento do

⁶⁷Cabe lembrar que a metodologia utilizada por Balbachevsky e Holzacker divide as classes em classe baixa, média-baixa, média-média e média-alta, sendo que as “classes D e E” se localizaram principalmente na classe baixa, e assim sucessivamente. Na elaboração desta classificação as autoras levaram em conta a renda, a escolaridade e a posse de computador e TV à cabo, de modo que podem existir pequenas diferenças entre esta metodologia e outra que só leve em conta a renda, o que não retira a força do argumento.

salário mínimo, bolsa-família, e demais benefícios sociais, teriam optado em sua maioria por Lula, argumento que foi corroborado por Zucco, que, por sua vez, afirma que existiria uma forte correlação entre recebimento do bolsa-família e voto em Lula. Enquanto isso, os setores de rendimentos mais altos, que, de acordo com Quadros, 2008 e Pochmann, 2012, que teriam permanecido praticamente estagnados em relação à ascensão dos setores de renda mais baixa, fizeram a opção, em sua maioria, pelo candidato da oposição, Geraldo Alckmin, do PSDB. Assim, para estes autores, os eleitores que votaram em Lula o fizeram por motivos exclusivamente econômicos, e não-ideológicos, como também argumentam Balbachevsky e Holzacker.

Em um primeiro momento, os moradores que entrevistei na Brasilândia pareciam corroborar a argumentação realizada pelos cientistas políticos acima. Tatiana e outros entrevistados me responderam que a fórmula para vencer as eleições no Brasil seria muito simples, os pobres eram mais numerosos, portanto, tudo se resumia a uma questão de cálculo: políticas direcionadas para a população pobre necessariamente resultariam em mais votos. No entanto, se isso parece ser tão óbvio, por que então todos os políticos não procuram fazer políticas que beneficiem o povo, e com, isso, possam sempre vencer as eleições? Por que com o PT seria diferente? Neste momento praticamente todos os entrevistados foram unânimes em afirmar que a relação entre o PT, Lula e o Nordeste era a resposta:

“Eu prefiro o PT, por mais coisa errada que eles fazem, eles pensam um pouquinho nos pobres, tudo bem que quando eles pensam nos pobres, eles pensam “o voto vai primeiro”, pobre tem mais filho, tem mais gente pra votar, tem muito pobre, tem muita gente pra votar na família pobre, então, acho que por mais que eles pensam no voto eles pensam de alguma forma no pobre, né? Eu acho que eles fazem, eu gosto do PT não é só por isso não, é que eu brinco muito, mas por causa da minha cidade lá no Nordeste, o PT fez muito lá. Então, muita gente pode dizer assim “ah, o PT fez uma esmola no Nordeste”, mas se você for no Nordeste pra passar quinze dias, igual eu passei quinze dias quando eu fui buscar minhas filhas, você vai dizer “o PT é um Deus grego”. Por isso que eu tiro o chapéu pro povo do Nordeste, o povo do Nordeste eles idolatram o PT, porque o que eu tenho aqui pro povo do Nordeste eu sou milionária, e eu passo o maior sufoco. Eu passei quinze dias no Pernambuco, posso dizer pra você, sabe o que que o pessoal comia lá? Preá, é um tipo de porquinho sem rabo, então eu precisei ir lá pra ver o que é sofrimento. Porque é o que eu falo pro meu marido, “você acha que nós estamos sofrendo, sofrer, nós sofremos lá, lá o povo não tem colchão, lá é assim, você põe as tábuas da cama, põe um pano em cima e deita”, então lá não tinha banheiro, lá não tem coleta de lixo. Então são coisas que aqui pra

gente a gente acha que tá ruim, pra eles lá seria luxo. Lá o Lula fez banheiro para as famílias carentes, não tinha água encanada, o povo sobe numa escada de madeira pra colocar água numa caixa e tomar banho frio. E o povo é feliz, você acredita? Só deles terem o prazer de abrir um chuveiro que eles só veem na televisão, eles são felizes. E ele fez cisterna, porque lá não tem água, lá a gente pede a água emprestado. Eu bebi água que as vacas tomavam banho dentro. Aquela água...meu marido gosta muito de roupa branca, eu falei pra ele “é pobre, mas é metido a rico”, ele gosta de roupa branca impecável, ele lavou a camiseta no barreiro e a camiseta ficou amarela. Sabe o que é todo o dia você caminhar como daqui no Paulistano⁶⁸ pra você tomar banho? Lá era assim, tinha que caminhar todo o dia pra chegar no banheiro e tomar banho, se chegava e tinha um bicho lá dentro da água ou você tomava lá mesmo ou ficava sem tomar banho. Então eu acho que eles fizeram alguma coisa porque, eu ainda acho que é muito pouco o que eles fizeram, mas foram os únicos que fizeram. Passou quantos políticos por aí e não fizeram nada disso? Eles fizeram, eles fizeram essas cisternas, quando chove o povo aproveita, só que acho que São Pedro anda meio triste com o povo nordestino porque quase nunca chove. Então lá o caminhão de água é cinquenta reais e não enche a cisterna. Mas quando você tem dinheiro, os aposentados tem dinheiro, o bolsa-família também, já compra um caminhão de água, pelo menos você já pode tomar uma água né? Então eles deram carrinho de boi pro pessoal, com dois boizinhos, então é o meio de transporte do povo. *E por que você acha que eles fizeram e os outros não?* Eu acho que por eles ser um pouco de lá, eles pensaram um pouquinho né, eu acho que foi por isso que eles fizeram. Eu acho que foi mais pelo presidente Lula, pela condição de vida que ele teve, eu acho que foi por isso que ele fez. O povo, todo mundo gostava dele. Eu gosto, eu gosto porque ele fez, ele fez alguma coisa pelo meu povo, não foi nem por mim, mas foi pelo meu povo. Então eu acho que ele fez pouquinho mas ele fez, ele deu iniciativa, ele deu o pontapé (inicial). Igual o povo fala, “mas já tinha o bolsa-escola”, mas o bolsa-escola era o que? Quinze reais por criança? O bolsa-família é um pouco mais né, igual, fizeram uma limitação até três filhos, ele já aumentou até cinco. Pobre tem muito filho gente, não tem jeito, ou é por situação igual a minha que fui obrigada ou por qualquer outra situação, mas pobre tem muito filho, e eu acho que as crianças não tem que pagar pelo erro dos adultos. (Tatiana, 30 anos)

É possível verificar pela leitura deste trecho da entrevista de Tatiana como a passagem

68 Jardim Paulistano é um bairro que compõe o subdistrito da Brasilândia que está a seis ou sete quilômetros de distância da onde Tatiana morava na época da entrevista.

realizada entre a fala sobre o PT e sobre Lula é feita praticamente sem mediações, como se PT e Lula fossem sinônimos. Foram várias pessoas que afirmaram que gostavam de Lula menos pelo o que o ex-metalúrgico havia feito diretamente para elas e mais por conta de políticas feitas para pessoas mais pobres e/ou nordestinas. Assim, além de menções referentes à importância do bolsa-família na vida dos mais pobres, também eram citadas melhorias que estavam sendo feitas no Nordeste, como as que Tatiana apontou:

“(O Lula) trabalhou bem, ele inventou muita coisa para a população pobre, em São Paulo não, mas lá para o Nordeste ele fez bastante coisa. Agora, há uns dois anos atrás eu fui por lá e muita questão melhorou lá por causa dele, então eu acho ótimo. Aquelas pessoas que tinham, às vezes, nem o que comer, esse negócio de renda mínima, eu não tenho, não me ajudou, mas ajudou muita gente lá (que) é pobre, depende desse dinheiro, então, é uma ajuda. (Maria Teresa): Mas o que fazia antes, antes dele dar essa ajuda a essa gente? (Rita) Passava fome, o trabalho é o que? Lá o pessoal vive de que? De plantio. Lá o pessoal reclama de chuva. Se não teve chuva, então tem que viver só com aquilo ali mesmo. Então, vamos dizer, você não tem nada para comer, mas você vai lá no banco e tira aquele dinheirinho, já é uma ajuda, eu acho que é uma ajuda, para muita gente ele ajudou bastante.” (Rita, 43 anos)

“Eu sempre voto no Lula. Ah, eu achei que ele trouxe alguns benefícios assim para o país...foi bom o Lula. *Quais os benefícios você acha que...* Para mim lembrar assim, para eu ver ...hum... ah, sei lá, o Lula fez umas coisas assim no Nordeste, que foi levar água para o povo, isso aí foi muito bom, eu acho que foi o melhor, que ficar sem água, não é fácil, que é uma coisa simples mas foi uma grande coisa, aqueles poços artesanais, está maravilhoso.” (Dulce, 52 anos)

“*Tem alguma política que o Lula fez nos governos dele que você gostou?* Ele fez, na minha parte aqui não afetou em nada, mas o que ele fez no Nordeste, eu sei que foi um negócio num rio que ele fez, uma trans...*A transposição do Rio São Francisco?* Isso, então como ele fez bastante no Nordeste, não sei se é por ele ser do Nordeste...” (Cleiton, 30 anos)

Raimundo, que havia passado a votar em políticos tucanos após o “mensalão”, também disse que nunca falaria mal de Lula, e continuaria votando nele caso viesse a se candidatar novamente por

conta do que o seu governo proporcionou ao povo nordestino. Mesmo Caroline, que ao contrário de Tatiana e Raimundo que são baianos, Rita que é sergipana, e Cleiton que é pernambucano, não possui nenhuma relação familiar com o Nordeste, constatou que muitas coisas haviam mudado nesta região do país quando visitou João Pessoa, na Paraíba, em uma viagem paga pela empresa em que trabalhava:

“Por que eu votei no Lula? Por que aí eu vi realmente, o Nordeste coitado do Nordeste, o Nordeste não comia, gente, era aquela pobreza danada, e aí eu votei no Lula por essa questão...comeu-se direito, pobre conseguiu comer. E eu votei no Lula nos dois mandatos dele. Tem muita gente, tem muito deles também que...não sei, escutei, eles falaram assim, que no Nordeste o Lula é considerado como um Deus. Eu fui ao Nordeste o ano retrasado, e assim, você não pode falar mal do Lula. Fiquei bem no centro ali (...) aí eu perguntei (para um homem) “como é que era aqui?”, ele pegou e falou: “aqui, moça, a gente está comendo muito bem”. Eu falei: “ah é?”, ele falou assim: “é, o nosso Lulinha. Aqui, (com) o nosso Lulinha, a gente está conseguindo plantar mais, a gente está conseguindo sobreviver”. E começou a explicar, ele falou: “olha, faz tempo que a gente não come bem igual nós estamos comendo agora na época do Lula, com a seca e com tudo mais, mas a gente está tendo uma ajuda muito boa dele”. E assim você vê que o pessoal... não pode falar mal dele lá, você arruma briga, eles enfrentam mesmo. Ele pegou e falou assim: “aqui não, aqui a gente glorifica o Lula, o Lula aqui para a gente é um Deus”. Eu falei, “é, nesse caso, ele sabe o que está falando”. Porque eu já havia escutado muito em jornal, em revistas essas coisas que estava muito bem, o Nordeste estava crescendo mais, tanto que tem uma reportagem que diz que futuramente o Nordeste ele vai ser São Paulo, ele vai ser melhor do que São Paulo, ou seja, o emprego aumentou bastante, ele falou para mim também que aumentou bastante o emprego lá no Nordeste.” (Caroline, 30 anos)

Fossem seus laços com o Nordeste mais ou menos fortes, todas as pessoas que falavam bem do governo de Lula o faziam sempre em referência ao Nordeste, e não a políticas feitas durante os mandatos do ex-presidente que as beneficiaram diretamente, quando poderiam tê-lo feito. Curiosamente, várias das pessoas que entrevistei moravam no já referido conjunto de prédios construído pelo PAC em parceria com a prefeitura de São Paulo, como Rita, Nilza e Cleiton, e em frente à rua havia uma placa gigantesca que anunciava que aquela obra havia sido realizada pelo governo federal em conjunto com a prefeitura, além disso, Nilza chegou a ser beneficiária do Bolsa Família por algum tempo. De certo não foi por vergonha ou falta de memória, afinal, as pessoas

faziam questão de citar políticas realizadas durante a prefeitura de Marta Suplicy em São Paulo das quais foram ou ainda são beneficiárias, como Tatiana, que recebe dinheiro do renda mínima, mas porque de fato a opção das camadas populares por Lula transcende uma explicação puramente econômica para o voto, o *pocket voting*, proposto pelos autores que se utilizam da teoria da escolha racional. Segundo os entrevistados, Lula não teria apenas ajudado as pessoas mais pobres apenas em troca de votos, mas porque ele mesmo, diferente de praticamente todos os grandes políticos brasileiros, teve uma trajetória de vida similar a muitos moradores da Brasilândia, saiu do Nordeste, onde passava fome, se tornou operário no estado de São Paulo e mesmo depois de ter se tornado presidente teria continuado ligado ao povo:

“(...) que eu gostei foi o Lula, porque ele foi uma pessoa simples, porque ele era pobre, porque você vê até as opiniões dele é de pessoas humildes, ele era uma pessoa assim para o povo. Vamos ver, o Serra, o Serra é uma pessoa já...“amiga”...então ele fala de uma forma toda...é diferente do Lula, o Lula trabalha mais para a população mais pobre. Então, vamos dizer, o Serra, o Geraldo, pode ser...bem, falando assim...o Lula é uma pessoa humilde, é uma pessoa que ganhou mas você não viu assim empolgado de tudo eu achei. Eu acho que ele não mudou em nada depois, se fosse outra pessoa pobre, nossa, não ia nem ligar. Ele não, ficou a mesma pessoa, no meio do povão não usou segurança, não mudou, continua popular.” (Rita, 43 anos)

“Eu votei no Lula (desde 1998) porque ele passou uma situação bacana, tanto que, ainda cheguei a ir nos comícios dele, nossa, nós fomos eu e a minha tia lá da Freguesia, “vamos lá no comício do Lula?”, “Vamos!”. Eu cheguei a ir em vários comícios dele. E ele passava uma popularidade, até hoje né? Que encantava! E aí eu votei nele por isso. Ele passava uma segurança...para mim eu achava que ele gostava de nós pobres, ele gosta de pobre. Não sei se ele vai fazer, mas ele gosta, pela simplicidade dele, pelo jeito dele falar, pela forma que ele tratava, podia estar enganada, mas...eu acho que ele foi bom, bom negociador, tem muita lábia, né, ele tem muito...não tem muita lábia para falar, é para resolver, ele vai lá e resolve, entendeu? O que tiver que fazer ele vai lá, domina e faz. O que é incrível é isso, né, que ele tem lábia. Ele tem segurança naquilo que ele quer. E isso ele passou, foi muito importante. Muita gente o criticou, mas eu acreditei muito. Acreditei muito, sempre votei no Lula.” (Silvana, 38 anos)

“Quando era eleição daquele Collor, nossa, logo de cara eu já falei mesmo, nele eu não

voto nunca. *Ah, no Collor, você não votou nele?* Não. Acho que a conversa da pessoa agrada a gente, no Lula eu, nossa, votei nele várias vezes. *Você gosta do Lula?* Gosto, porque, tipo, ele é uma pessoa pobre, uma pessoa que batalhou, passou pela pobreza, então, a pessoa para saber o que é um pobre, ele tem que ter sido pobre. Ele sabe se colocar na pele dos outros. *E por que você não gosta do Collor?* Porque ele era muito riquinho, muito bobinho. (...) *Então você sempre gostou do Lula desde 89?* Sempre mesmo, desde as histórias que a gente via que ele era metalúrgico, essas coisas, sempre pensava assim, ele deve ser uma boa pessoa, nordestino, sofreu muito, deve saber mais ou menos o que os outros passam.” (Nilza, 41 anos)

“Eu gostei do governo do Lula. Eu acho que ele foi um presidente que fez alguma coisa pelos pobres. Eu acho, assim, ele ajudou as pessoas porque ele é mais para o lado da população pobre, não é? *Então o político que você mais gosta é o Lula?* É, do governo dele. Eu gostei da Marta...o povo fala do Maluf, eu gostei da época do Maluf. (...) No governo dele, quando ele era prefeito, como a Maria Teresa falou, a merenda melhorou, nas escolas. *E você votaria de novo nele?* Agora não, porque, como a Maria Teresa falou, na época ele foi uma coisa, depois ele foi ficando...depois ele foi fazendo coisa errada. (...) E outra, eu não sabia disso, que ele, nos comícios, ele passava na rua, cumprimentava as pessoas, e depois o segurança dele dava álcool para ele passar na mão. O povo que fala, eu não votaria mais nele. Ele passa sim, não é criança que falou, é gente que via ele fazer isso.” (Dalva, 58 anos)

“Minha família toda é petista. Minha mãe ama o Lula, ela ia morrer porque o Lula está doente, sabe? O Lula subia em um avião, Maria Teresa, ela ficava rezando, que ela é muito católica a minha mãe. Sempre eles foram petistas. Então, eu fui crescendo, já é raiz na família. (...) Eu gosto muito, sou filiada ao PT. E tem que ter amor por aquilo que a gente é e faz, não adianta eu sair do PT, ir para outro partido, se eu não gosto, não é? Não faço isso. Então a minha vida toda vai ser petista. Meus filhos são petistas, assim vai. Está na raiz, está no sangue. Eu não sei até quando eu vou poder ficar votando no PT, até o dia que Deus quiser.” (Célia, 49 anos)

A adesão em massa por parte das classes populares brasileiras a um político que esteve, desde o início de sua carreira, ligado a um partido de esquerda, é incomum no Brasil, e pode ser um indício de um realinhamento político nacional, tese defendida pelo cientista político André Singer

(2012). Para Singer tal realinhamento teria se dado com a reeleição de Lula em 2006 a partir da mudança ocorrida em relação às preferências políticas do subproletariado, a base da pirâmide da qual fala Pochmann, ensejando a ascensão de um novo fenômeno na política brasileira, o lulismo.

Tendo em vista que Lula é um ex-líder sindical oriundo do Partido dos Trabalhadores, agremiação que surgiu como fruto das experiências políticas mais radicais que tiveram lugar no país desde o período da redemocratização e que continua sendo a principal referência partidária da esquerda no Brasil, é possível dizer que o lulismo representa uma inovação política importante. Afinal, segundo Scott Mainwaring, Rachel Meneguello e Timothy Power, as bases dos partidos conservadores “populares”, em oposição aos partidos de direita programáticos, que apelavam para o clientelismo e personalismo no Brasil, eram formadas por pessoas que pertenciam às camadas mais pobres e menos escolarizadas da população e que se concentravam em zonas rurais e pequenos municípios (Mainwaring; Meneguello; Power, 2000). Este padrão podia ser observado em relação ao recrutamento de parlamentares de direita nas regiões mais pobres do país e na eleição de Collor em 1989, cuja maior votação foi justamente entre os eleitores mais pobres e menos escolarizados, sendo que Lula recebeu naquela eleição parte considerável de seus votos das classes médias e altas em comparação com o então candidato do PRN. Nas eleições de 1994 e 1998 o eleitorado pobre novamente optou pelo candidato que estava à direita de Lula, e em 2002 a votação recebida pelo petista ainda não foi marcada por uma grande preferência dos mais pobres em relação aos eleitores das classes médias e altas, de modo que 2006 pode ter sido de fato o ano que marcou o realinhamento político destas parcelas da população.

Além disso, jogam água no moinho da tese do realinhamento político as constatações mais recentes de que o eleitorado do PT, a partir de 2005, teria aumentado no Nordeste, e, no Sudeste, teria diminuído entre os eleitores de classe média e aumentado entre os eleitores mais pobres (Venturi, 2010). Assim, levando em consideração que o sistema partidário brasileiro está mais estável e a democracia está mais consolidada, e, tendo em vista a confirmação da tese do realinhamento político, seria possível pensar que a situação do Brasil poderia estar caminhando em direção à famigerada análise de Lipset e Rokkan (1967) a respeito das eleições em países europeus, ao contrário da conclusão que Mainwaring, Meneguello e Power haviam chegado em sua pesquisa realizada no ano 2000⁶⁹? Isto é, passaria a existir no Brasil uma divisão do eleitorado entre, de um lado, uma massa assalariada, com rendas mais baixas, votando em candidatos mais progressistas e,

69A pesquisa conduzida por Mainwaring, Meneguello e Power os levou a concluir que “(...) as bases sociais conservadoras brasileiras não correspondem ao modelo de formação de sistemas partidários de Lipset e Rokkan (elaborado para a Europa Ocidental), com base nas clivagens sociais. Na Europa Ocidental, a maioria dos eleitores privilegiados gravitava em torno dos partidos conservadores. No Brasil, os eleitores mais ricos não mostram lealdades aos partidos conservadores.” (Idem, p.84)

de outro, eleitores economicamente mais privilegiados votando em candidatos mais conservadores?

Como o lulismo seria um movimento político “bifronte”, apresentando uma face mais conservadora e outra mais progressista, ou como quer André Singer, duas “almas”, misturando elementos ideológicos de esquerda e direita, seus resultados ideológicos e eleitorais são de difícil previsão. De qualquer forma, o que é possível dizer é que, de acordo com Singer, tal realinhamento, ainda que não tenha operado uma divisão ideológica da sociedade brasileira entre esquerda e direita, parece ter ensejado uma polarização entre dois campos: o lulismo, representado pelo PT e os partidos da base aliada do governo federal e sustentado, em termos eleitorais e ideológicos, pelo subproletariado, com forte base no Nordeste, e o anti-lulismo, sustentado, principalmente em termos ideológicos, pelas classes médias e altas, com base no Sul/Sudeste, representado pela aliança PSDB/DEM/PPS.

Diferente do petismo, projeto de democratização da sociedade via engajamento das classes populares, o lulismo é um fenômeno eleitoral centrado no carisma do ex-presidente Lula que independe, com a exceção do momento do voto, da participação política das classes subalternas, mas que, a despeito disso, provocou mudanças no país e no cotidiano das classes trabalhadoras, principalmente no que diz respeito ao aumento de empregos, do salário mínimo e da criação do programa Bolsa-Família. Porém, por ser principalmente um fenômeno político-eleitoral, o lulismo não incide, como ocorria com o petismo, na sociabilidade dos bairros de periferia das grandes cidades, atualmente realizada por meio de ONGs, igrejas evangélicas, ou mesmo pelo crime organizado, sendo mais visível, em termos de participação política, nas urnas do que nas ruas.

Ao contrário do petismo, que possuía como horizonte político uma transformação radical da sociedade brasileira, o lulismo existiria “(...) sob o signo da contradição. Conservação e mudança, reprodução e superação, decepção e esperança num mesmo movimento” (Singer, 2012, p.9). Desse modo, em vez de mirar em uma transformação estrutural da sociedade brasileira, o lulismo operaria no sentido de incluir as classes populares aos poucos no mercado interno ao mesmo tempo em que alargava ainda mais os benefícios ao sistema financeiro, movimento que aparece nas próprias declarações de Lula. Ao mesmo tempo em que o ex-sindicalista afirmou que os banqueiros nunca haviam lucrado tanto como o fizeram nos anos de seu governo, também disse que nunca antes nesse país um presidente havia feito tanto pelos mais pobres. Nesse sentido, o lulismo parecia tornar real a curiosa matemática que vários moradores da Brasilândia operavam, isto é, de que era possível deixar que os ricos continuassem ricos, ficando ainda mais ricos, ao mesmo tempo em que os pobres melhoravam de situação, até o momento em que, como disse Roseane em relação aos proprietários rurais, todos poderiam se tornar magicamente grandes.

No entanto, como foi argumentado acima, a crença na legitimidade do enriquecimento

contínuo das classes altas a despeito da existência de um grande contingente de pessoas muito pobres não é livre de tensões, uma vez que o senso-comum, o tipo de ideologia mais disseminado entre as classes dominadas, segundo Gramsci, é contraditório. Afinal, o direito de possuir de modo ilimitado a maior parte das riquezas do país consubstanciadas em propriedades urbanas e rurais é questionada por entrevistados que apoiam formas de mobilização mais radicais, como ocupações de prédios e terras, os quais, eventualmente, até se utilizam destas para fazer valer seus direitos, como o foi o caso de Tatiana e da mãe de Roseane. Se tais elementos de injustiça e inconformismo presentes no senso-comum das classes populares eram reforçados pelo petismo, ideologia que incita a mobilização e participação políticas do povo, o lulismo, ao se afastar do petismo, poderia ser então reduzido a uma lógica conservadora que acentuaria a crença de que não seria preciso agir politicamente, pois o Estado sempre proveria os benefícios dos quais os povo necessita?

Não necessariamente. O lulismo, diferente do petismo, é um fenômeno político-ideológico ambíguo e contraditório como afirma Singer, pois se por um lado possui de fato elementos que podem reforçar crenças mais conservadoras, por outro constrói simbolicamente, com base no carisma de Lula e em medidas concretas durante seu governo que beneficiaram os mais pobres, uma forte polarização entre povo e elite que pode, a depender das circunstâncias, ser potencialmente disruptiva. Tal polarização da sociedade teria ocorrido recentemente em países da América Latina como a Venezuela, a Bolívia, o Equador e, parcialmente, na Argentina, sendo que estes governos, principalmente o do falecido presidente Hugo Chávez, costumam ser rotulados como populistas pela mídia e por vários analistas políticos. Assim, seria possível classificar o lulismo também como um populismo ou não?

O populismo é um conceito de uso tão amplo como polêmico que pode abrigar os mais variados significados. Nas acepções veiculadas de forma menos rigorosa na linguagem política cotidiana, a noção de populismo costuma ser empregada como um rótulo pejorativo associado a ideais como demagogia, personalismo, autoritarismo e manipulação das massas. Nos meios acadêmicos, o conceito de populismo assume diversos conteúdos. Pode ser tido como fase de transição entre a sociedade tradicional e a moderna (Germani, 1973; Di Tella 1969); como superestrutura política do processo de acumulação por substituição de importações (Cardoso; Faletto, 1970; Ianni, 1991); como bonapartismo oriundo de um vácuo de hegemonia (Weyland, 2003); como política econômica expansionista (Dornbusch; Edwards, 1992); como um estilo político de relação líder-massas (Weyland, 2000; Roberts, 2012); e por fim, como forma do discurso político-ideológico, a qual se notabilizou por meio da obra do teórico político argentino Ernesto Laclau (1979, 2004), a qual utilizarei, daqui em diante, como referência, uma vez que esta concepção, dentre todas as citadas acima, é a que privilegia de forma mais explícita o plano

ideológico na própria formulação do conceito de populismo, plano este que é central na análise realizada nesta investigação.

Com base na argumentação desenvolvida por Ernesto Laclau (1979)⁷⁰, não seria possível classificar o lulismo como um fenômeno populista análogo aos populismos latino-americanos atuais, a não ser que este de fato aprofundasse a polarização entre classes dominadas e elites. Para Laclau, o populismo articularia um conjunto de interpelações democrático-populares como um todo antagônico à ideologia do bloco de poder⁷¹, porém, tal articulação do povo como ator coletivo poderia se dar a partir de diferentes bases de classe e, portanto, poderia ter diversas orientações ideológicas, as quais poderiam, inclusive, variar no tempo (conservadoras, liberais, socialistas, etc.)⁷². O lulismo justamente articularia um “nós”, o povo, ou os pobres, contra um “eles”, as elites, ou os “ricos”, porém tal polarização, como afirma André Singer, se daria quase exclusivamente em momentos eleitorais, não sendo, como outras variantes de movimentos populistas, como o peronismo, que serviu como exemplo empírico para as teses de Laclau, um discurso que ensejou uma polarização social aguda, mobilizando peronistas e anti-peronistas. Sendo assim, é possível dizer, que o lulismo não seria, por enquanto, segundo os critérios de Laclau, um populismo de fato, mas apenas em potencial.

Ainda que o lulismo não possa ser caracterizado como um populismo nos termos propostos

70 Faço uso aqui da primeira formulação de Ernesto Laclau sobre populismo que está no quarto capítulo de seu livro “Ideologia e política na teoria marxista” (1979), a qual resultou de uma combinação singular do conceito de hegemonia de Antonio Gramsci com a definição de ideologia como interpelação discursiva de Louis Althusser. Mais tarde este autor afastou-se do marxismo assumindo posições pós-estruturalistas e inaugurando aquilo que ficou conhecido como teoria da análise do discurso (Laclau; Mouffe, 1985). Recentemente o teórico argentino voltou ao tema do populismo redefinindo-o como uma lógica que polariza a sociedade em dois campos antagônicos, a qual se confundiria com a própria lógica da política, ampliando, dessa maneira, o conceito formulado em 1979 (Laclau, 2004). Minha opção pela primeira versão se justifica por dois motivos. Em primeiro lugar, estou de acordo com seu principal crítico latino-americano em que sua eliminação do conceito de classe ou de determinação em última instância, já que tudo se reduziria ao discurso, acaba inviabilizando um projeto de teoria social crítica, como proposto na tradição marxista (Borón, 2001). Além disso, como ressalta Michelle Barrett (1996) há uma certa descontinuidade entre a proposta teórica de Laclau e Mouffe (1985) e seu uso para fazer análises políticas concretas, tal uso não se diferenciaria muito de análises marxistas mais “convencionais”. Tendo isso em vista, não pretendo fazer aqui uma análise discursiva do material coletado, mas sim uma análise de conteúdo utilizando os conceitos de Laclau (1979) de uma forma mais livre.

71 Bloco de poder, ou bloco no poder, é um conceito que o autor argentino retira da obra do teórico grego-francês Nicos Poulantzas, segundo o qual o estado capitalista é sempre dirigido por um conjunto de classes ou frações de classes no qual uma destas detém hegemonia. Laclau discute mais diretamente a contribuição de Poulantzas no segundo capítulo. Cf. Laclau, 1979.

72 Laclau adverte que não é qualquer apelo ao “povo” que constitui um discurso populista, os discursos populistas se caracterizariam justamente pela já referida articulação de tais interpelações como um todo antagônico à ideologia dominante. Assim, um discurso clientelista, por exemplo, poderia fazer uso de interpelações democrático-populares porém, neutralizando seu antagonismo potencial, da mesma maneira, outras formas de discursos hegemônicos poderiam absorver interpelações populares neutralizando sua potencialidade disruptiva. Assim, para Laclau, a classe dominante não é hegemônica na medida em que imponha seus próprios conteúdos ideológicos às demais classes, mas na medida em que é capaz de absorver as interpelações das classes subalternas neutralizando-as. Cf. Laclau, 1979

pelo teórico argentino, justamente por evitar uma polarização social mais forte, ao mesmo tempo, deixa latente a possibilidade de que tal polarização venha a ocorrer. Getúlio Vargas, por exemplo, realizou uma movimentação ideológica durante os anos finais de seu último governo em direção à esquerda, polarizando a política brasileira entre varguismo e anti-varguismo, o que culminou na presidência de João Goulart e, devido a intensidade do grau da polarização, em um golpe de Estado. Porém, para constituir-se como populismo, o discurso varguista precisou se apoiar em uma medida forte o suficiente que desse início a polarização da sociedade entre um campo popular e a ideologia dominante, no caso, na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), o que fez com que Getúlio, com o tempo, passasse a ser reconhecido por seus seguidores como “o pai dos pobres”⁷³.

Lula, ao contrário de Getúlio, que era um estancieiro do Sul do Brasil, é ele mesmo alguém que não apenas foi um retirante nordestino pobre, operário do ABC, mas que mesmo durante, e depois, da passagem pela presidência teria conservado e ampliado seu apelo popular. Como afirma Rita, Lula “(...) no meio do povão não usou segurança, não mudou, continua popular”, assim, ao contrário de Getúlio, o político petista faz parte do próprio “povão” que o elegeu em 2006, o que eleva seu carisma a um outro patamar, de forma análoga ao que foi, por exemplo, a figura de Eva Perón para o povo argentino.

Ainda que Lula possua uma identificação diferenciada em relação às classes populares, mais por conta de sua história e menos por conta das políticas efetuadas durante seu governo, em comparação com Vargas⁷⁴, a potencialidade do lulismo de aprofundar a polarização efetuada atualmente entre dois campos políticos, o lulista, campo popular, e o anti-lulista, campo anti-popular, e com isso mobilizar os setores subalternos não se realiza por ora⁷⁵. Isso ocorreria porque dentro do campo popular identificado com Lula, o campo “lulista”, as classes trabalhadoras estariam excluídas do bloco de poder, tendo em vista uma analogia entre o que se chama aqui de

73 Ao comparar peronismo e varguismo, Laclau enfatiza a radicalidade do antagonismo promovido pelo primeiro com as oscilações e a moderação do segundo ao longo de toda a sua trajetória. Para este autor, por diferenças estruturais das duas formações sociais, Getúlio não teria como se apoiar em uma base operária para antagonizar as oligarquias rurais, dependendo de um complexo sistema de alianças que envolvia parte das oligarquias. Assim, o getulismo alternaria um discurso paternalista e conservador, em momentos de tranquilidade, e um discurso populista em momentos de crise, como ocorreu durante os anos finais de seu último governo. Porém, a dificuldade de sustentação de um discurso populista no Brasil durante o período 45-64 seria bem exemplificado pelo suicídio de Getúlio e a queda de Goulart uma década mais tarde. Cf. Laclau, 1979.

74 Em que pese a maior força de seu carisma devido às suas origens, Lula não deixou, ao contrário de Getúlio, um legado institucional sólido em termos de ampliação de direitos sociais. Mesmo que se possa argumentar que políticas como o Bolsa-Família hoje são quase intocáveis, o fato é que elas não representam e ainda não são percebidas, em grande medida, como direitos. Ao contrário do que ocorreu com a CLT, o que ajuda a explicar a persistência desta última, mesmo com as tentativas de flexibilizá-la ou extingui-la nos governos FHC.

75 É preciso lembrar que o período histórico 45-64 tem características marcadamente diferentes do atual que favoreciam a polarização política ideológica, com por exemplo a guerra fria em âmbito mundial e o processo de desenvolvimento indústria vivido pelo país.

“campo popular” ou “lulista” com o que o cientista político da Unicamp Armando Boito Jr. (2012) denomina como frente “neo-desenvolvimentista”.

A partir da chegada do PT ao poder executivo, teria sido constituída uma frente política denominada como “neo-desenvolvimentista”, a qual teria tido início ainda na década de 1990, e “que foi a base ampla e heterogênea de sustentação da política de crescimento econômico e de transferência de renda encetadas pelos governos Lula da Silva e Dilma Rousseff” (Boito Jr., 2012, p.3). O prefixo “neo” utilizado pelo autor serve para indicar uma analogia com o período da política brasileira de 1930-1964, qualificado por este como “desenvolvimentista e populista”, tendo em vista, que, a despeito das inúmeras mudanças que ocorreram de 1964 até hoje, tanto naquela época como atualmente existiria uma instável frente política ampla e policlassista que sustentaria uma política de desenvolvimento.

Para o cientista político, a instabilidade da frente desenvolvimentista se daria por conta de suas características peculiares, pois, apesar de abrigar as classes trabalhadoras (baixa classe média, o operariado, o campesinato e trabalhadores da massa marginal), estas estariam excluídas do bloco de poder, o qual seria dirigido pela grande burguesia interna brasileira. A frente, que, segundo Boito Jr., mantém uma relação de tipo populista⁷⁶ com a massa marginal, teria viabilizado a ascensão política desta grande burguesia dentro do bloco de poder, facultando-lhe, assim, a direção do mesmo e a aproximação com amplos setores populares.

Contrapondo-se à frente neo-desenvolvimentista estaria o campo neoliberal ortodoxo, que seria análogo ao que denomino aqui como campo anti-popular, ou “anti-lulista”. Para Boito Jr., este campo representaria o grande capital financeiro internacional; a fração da burguesia brasileira integrada e subordinada a este capital; setores dos grandes proprietários rurais e a alta classe média atuante nos setores público e privado, mais principalmente neste último. Segundo o autor, o antagonismo entre a frente neo-desenvolvimentista e o campo neoliberal ortodoxo não seria forte o suficiente para elevar o nível de polarização social, como ocorreu com o “velho” desenvolvimentismo varguista. Ao contrário deste último, o neo-desenvolvimentismo seria um programa menos ambicioso uma vez que não rompe com as limitações do capitalismo neoliberal. Assim, em comparação com o “velho desenvolvimentismo”, o “neo-desenvolvimentismo” ensejaria um crescimento econômico mais modesto e uma menor capacidade de distribuir renda, conferiria menor importância ao mercado interno e ao desenvolvimento do parque industrial local, e atuaria dentro dos constrangimentos da divisão internacional do trabalho ao reativar a função primário-exportadora do capitalismo brasileiro e ser dirigido por uma fração burguesa que não age como

76 O conceito de populismo empregado por Boito Jr é distinto daquele formulado por Laclau, mais afeito a noções como bonapartismo ou poli-classismo.

força nacionalista e anti-imperialista.

Dessa forma, a polarização social ensejada pelo lulismo apareceria principalmente nos momentos eleitorais, nos quais, a maior parte das classes trabalhadoras adere ao campo popular, lulista, ou à frente “neo-desenvolvimentista”, e as classes médias e altas ao campo anti-popular, anti-lulista, correspondente ao que Boito Jr. chama de campo neoliberal ortodoxo. A divisão entre estes dois campos antagônicos porém, não correspondem diretamente a uma oposição clara entre esquerda e direita. O campo lulista, atualmente, em termos político-ideológicos, abriga partidos que podem ser considerados como sendo de centro-esquerda, centro, centro-direita e de direita. Além do próprio PT, fazem parte atualmente da base governista os seguintes partidos: PMDB, PSB, PCdoB, PDT, PP, PTB, PRB, PHS, PTC, PTdoB, PMN, PSC, e o recém criado partido de Gilberto Kassab, o PSD. O campo lulista abriga hoje 14 dos 19 partidos existentes, de modo que há espaço inclusive para políticos que até então eram reconhecidos como adversários notórios do petismo como Fernando Collor, Paulo Maluf, José Sarney, entre outros.

Tendo em vista a amplitude ideológica dos partidos que passaram a compor a base governista, e, em decorrência disso, as posições que passaram a ser adotadas pelo governo, alguns petistas deixaram o partido para formar o PSOL. Além disso, atualmente, Marina Silva, ex-PT e ex-PV, em conjunto com Heloísa Helena, ex-PT e ex-PSOL, recolhem assinaturas para formar um novo partido, cujo nome seria Rede Sustentabilidade. Tanto o PSOL como o futuro Rede, seriam, assim como o PSTU e o PCO, partidos que, de certo modo, apesar de terem deixado o PT, não teriam abandonado, em um certo sentido, o petismo, assim como Luiza Erundina não o fez ao sair da agremiação e se filiar ao PSB. Dessa forma, tais políticos, ou partidos, fariam parte, atualmente, em termos político-ideológicos, de uma esquerda, ou centro-esquerda, no caso do futuro Rede, anti-lulista, ainda que não integrem o campo neoliberal ortodoxo, o qual seria composto principalmente por três partidos: PSDB, DEM e PPS:

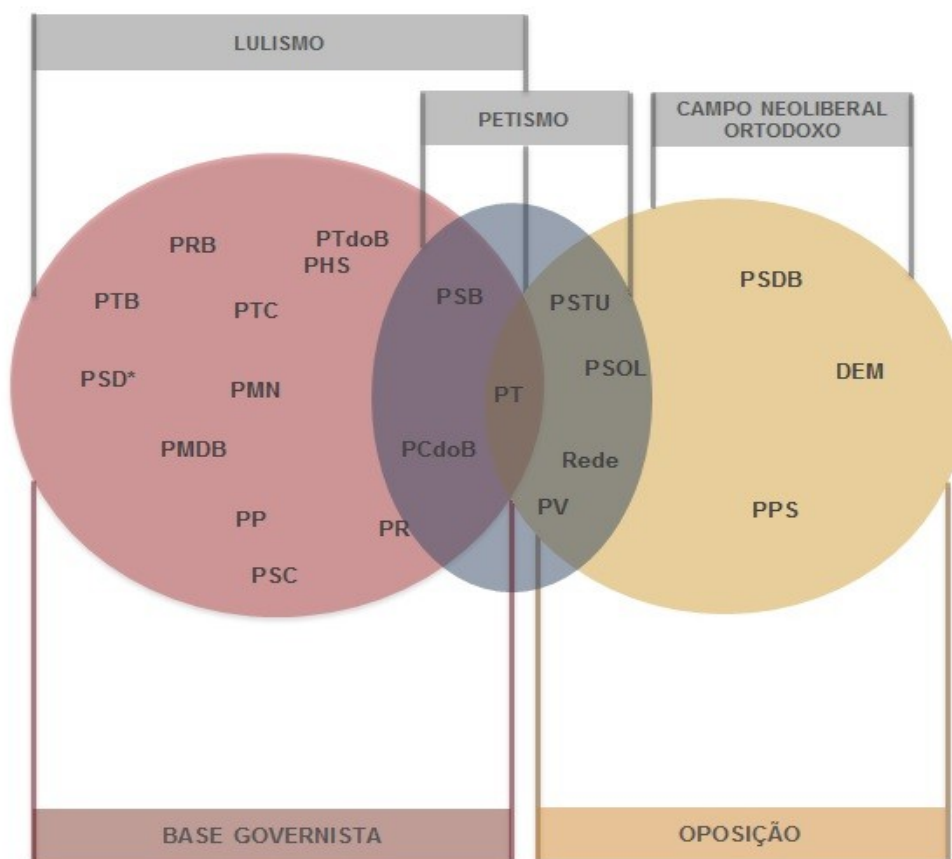


Figura 2 – Gráfico Lulismo, petismo e anti-lulismo

O campo anti-popular, ou anti-lulista, possuiria tanto uma esquerda, formada pela intersecção deste campo com o petismo, como uma direita, composta principalmente pelo PSDB, DEM e PPS. De forma análoga, o campo popular, ou lulista, também possuiria uma esquerda, formada pela intersecção deste com o petismo, e uma direita, formada pelos partidos que não possuem qualquer relação com o petismo e que podem, inclusive, ser anti-petistas. Tal configuração política por um lado reforça algumas posições por parte dos entrevistados em relação a suas opiniões sobre políticos e partidos, e por outro faz com que seja difícil compreender, e apoiar, certas alianças contraditórias.

O PSDB, que passou a ser o principal adversário do PT nas eleições presidenciais a partir de 1994, passou a fazer parte do campo anti-lulista, reforçando ainda mais sua imagem de partido ligado às elites (Santos, 2004; Paiva; Braga; Pimentel, 2007):

E você disse que você acha que o PSDB é partido mais de rico...Pode ser que eu tenha

uma ideia errada, eu tô estudando muito pra procurar saber, mas eu acho que sim. Porque você vê mais os comícios, eles vão fazer passeata aonde? Na Paulista. Eu sou o tipo de pessoa que não gosta de andar na Paulista, sinto vergonha de andar na Paulista. Porque você anda na Paulista dá impressão que você é uma mendiga...na Paulista você só vê gente...eu fui na Paulista duas vezes, uma vez eu fui procurar emprego, eu nem quis mais a vaga, porque eu conheci a Paulista e não gostei. E uma vez eu fui com o meu marido, todo mundo lá te olha meio que pra baixo, entendeu? Não gostei.” (Tatiana, 30 anos)

“Você estava falando então do PSDB, o que você acha então do PSDB? É o PSDB eu acho que, não estou dizendo todos, mas eu acho que a maioria, eles ficam igual o Serra. Tudo bem, o Serra fez um negócio legal para a saúde, mas eu acho que eles ficam muito em cima, tem que ter mais, tem que mexer mais a fundo, tem que ir mais, não ficar só na parte de cima, na parte dos ricos, eu acho que tem que descer um pouco mais. Você acha então que é um partido que...Que só pensa em rico. Ai, eu acho...não sei, posso estar errada. Mas é minha opinião.” (Caroline, 30 anos)

A percepção de que o PSDB representa as elites não é incomum entre os entrevistados, porém, isso não impede necessariamente que pessoas que dizem possuir preferência pelo PT votem em políticos do PSDB ou de seu partido aliado, o DEM. Embora ocupem o campo anti-lulista, os políticos destes partidos nem sempre são percebidos necessariamente como anti-populares. Como já foi exposto acima, a maior parte do entrevistados não é necessariamente “anti-ricos” ou “anti-elites”, pois haveriam bons ricos e maus ricos, os bons seriam aqueles que ajudam os pobres, e os maus seriam egoístas e arrogantes em relação às camadas populares. Collor e Maluf eram candidatos a bons ricos e conseguiram ganhar as eleições com um discursos pseudo-populares que logo caíram por terra devido a governos malsucedidos e escândalos de corrupção que fizeram com que a popularidade de ambos decrescesse vertiginosamente. Ao contrário destes últimos, Fernando Henrique fez poucos esforços para possuir algum apelo popular, de modo que praticamente se tornou símbolo de uma elite arrogante e egoísta⁷⁷, ao contrário de seu colega de partido Geraldo Alckmin.

Ainda que Geraldo Alckmin não fale em descamisados, como Collor, ou possua programas de governo como o Leve-Leite e o Cingapura, levados a cabo nos governos malufistas, sua popularidade entre os entrevistados é muito grande. As pessoas não apenas votavam no político

⁷⁷ A arrogância e elitismo atribuídos a Fernando Henrique Cardoso se devem, entre outras coisas, a algumas afirmações preconceituosas emitidas pelo ex-presidente, como as de que o povo brasileiro é caipira e de que os aposentados, com menos de cinquenta anos, são vagabundos.

tucano para o governo do Estado, ou até mesmo para presidente, caso de Manuel, Ana Maria e Carmem, como também o colocavam entre seus políticos preferidos, como fizeram sete entrevistados, entre os quais estavam Cleiton e Jadson, que possuem preferência pelo PT. Quando questionadas sobre porque Alckmin era um de seus políticos preferidos, as pessoas se limitavam a dizer apenas que o consideravam “bom” ou “simpático”, isto é, a preferência pelo político ocorria, provavelmente, em virtude apenas de um julgamento moral. Geraldo Alckmin encarnaria a figura do bom patrão, do católico tradicional, médico nascido no interior de São Paulo, caridoso, que, discreto, trabalharia humildemente pelo bem geral, pobres inclusos, ao contrário de Fernando Henrique que é ateu, pecado mortal na política brasileira, e ainda por luxo é considerado arrogante.

Sem o mesmo apelo moral da figura de Alckmin, os parlamentares do PSDB que atuam no bairro da Brasilândia também auxiliariam os mais pobres, porém de forma mais aberta e explícita do que o político de Pindamonhangaba. Claudinho e Celino, ao contrário de Alckmin, não eram preferidos por nenhum dos entrevistados, porém, eram conhecidos de todos os moradores do bairro e recebiam muitos votos em virtude da distribuição de bens e benefícios dos mais diversos entre a população da Brasilândia e bairros adjacentes:

“Você sabe que eu já tenho meus candidatos assim, certos, que eu voto. Sabe sempre quem eu voto para vereador? O Celino, eu sempre voto nele. Sabe por quê? (...) Ele ajuda o pessoal do bairro. A minha tia, quando a minha tia precisava de remédio, ela ia lá, ele dava. *Mas como assim ele dava? Ele fez uma farmácia popular?* Não, ele não fez. Eu não sei se ela dá uma autorização, dá dinheiro, não sei. Eu sei que minha tia sempre vai lá (no escritório de Celino).” (Dalva, 58 anos)

Ainda que Celino e Claudinho fossem tão conhecidos no subdistrito da Brasilândia, que, como já fora mencionado acima, dois moradores conseguiram lembrar-se do *jingle* dos candidatos em um ano não-eleitoral, seus eleitores não conseguiam saber a qual partido pertenciam. Tal situação costuma ocorrer com políticos pertencentes à direita popular, assim como Paulo Maluf e Fernando Collor, inclusive Geraldo Alckmin, e mesmo entre as pessoas que eventualmente se lembravam do partido deste último isso parecia ser menos importante em comparação, por exemplo, com aqueles que possuíam preferência pelo PT, afinal, nenhuma pessoa que gostava do político tucano possuía preferência pelo PSDB.

A inclusão de certos políticos ao campo popular ou anti-popular, sejam de direita ou esquerda, pode ocorrer sem que estes tenham chegado ao governo, no entanto, quando ascendem ao poder, seus governos são testes quase definitivos no que tange o caráter popular ou anti-popular de

seus ocupantes. Os políticos petistas, ao contrário do restante, costumam possuir uma vantagem inicial, uma vez que o PT passou a ser considerado ao longo dos anos, desde sua fundação, como um partido do povo, dos trabalhadores. Tal característica é uma herança do petismo, que fez com que o partido se diferenciasse do restante devido aos três princípios já mencionados, mobilização, ética e boa-governança. A atuação dos movimentos sociais, associações de bairro e religiosos progressistas fizeram com que o petismo pudesse penetrar nas classes trabalhadoras moradoras dos bairros de periferia aos poucos sem a necessidade de grandes máquinas clientelistas ou de alianças duvidosas. O ideário petista foi conquistando seu espaço no campo popular de modo a influenciar decisivamente no processo de formação da classe trabalhadora no Brasil em moldes thompsonianos, nesse sentido, a atuação de religiosos cristãos progressistas foi importante na “ativação” do núcleo de bom-senso do senso-comum das classes populares em torno da luta por direitos iguais, reforçada pela crença de que a justiça do Reino de Deus pudesse, em alguma medida, se realizar na terra. Dessa forma, ao contrário do que costuma ocorrer com políticos de direita, os políticos petistas são sempre prontamente identificados com seu partido pelas pessoas, sendo que, para alguns entrevistados, por vezes, o pertencimento ao PT é tão ou mais importante do que os próprios políticos em si.

Atualmente, com o declínio do petismo e a ascensão do lulismo, a crença no PT como um partido diferenciado dos demais se enfraqueceu. Se antes o petismo era uma força política de esquerda que se opunha claramente a quaisquer movimentos de direita, o lulismo, ao incluir partidos de direita no próprio campo lulista, como, por exemplo, o PP, partido de Paulo Maluf, que disputou o campo popular com o petismo por muitos anos na cidade de São Paulo, fez com que as diferenças entre esquerda e direita se tornassem nebulosas. Hoje o PT enfrenta dificuldades para resgatar as bandeiras da mobilização e da ética que sustentavam o petismo, o que decepciona eleitores e militantes do partido pré-lulismo como Raimundo, Dulce, Cleuza, Caroline, Silvana, Maria Teresa e Célia, e a predominância da lógica lulista no partido faz com que o apelo radical e de esquerda que havia no petismo se perca em um “vale-tudo” eleitoral, o qual, de acordo com Juçara Zottis, traz consequências negativas para os bairros de periferia da Zona Norte de São Paulo:

“Eu vejo assim também, a questão do nível dos debates políticos, muito frágeis, muito frágeis eu acho também essas disputas políticas que existem. Essa é uma das coisas que me levou a não ser mais aquela militante, assídua, de reuniões do partido, é porque eu não aguento mais esse tipo de papo, você vai lá, é aquela mesma...e você vê que a coisa não avança. Você vai numa reunião dessas é mais para você entender porque o fulano está com

o ciclano, porque que o ciclano agora está com o beltrano, entender esses conchavos políticos que não faz o meu jeito. Então o debate, a qualidade do debate político, ele é muito fragilizado, bastante, você vê lá, às vezes, o pessoal briga por coisas muito pequenas, enquanto esquecem que tem uma região que precisa de um projeto político, de uma intervenção mais séria, é um pouco nesse sentido que eu vejo a política na região.”

Ainda que a marca da origem do Partido dos Trabalhadores somada à consagração de Lula como liderança popular faça com que muitas pessoas continuem preferindo a agremiação, o lulismo desnorteia ideologicamente, e por vezes, eleitoralmente, eleitores que aderiram mais recentemente ao PT, como Tatiana, Jadson, Rita e Cleiton, e, por vezes, até mesmo eleitores mais antigos, como Silvana, Caroline, Dulce e Maria Teresa. Além disso, também traz dificuldades para que eleitores que são apenas “lulistas” passem a votar no PT de forma mais consistente, como Nilza e Dalva, ou voltem a optar pelo partido, no caso de Raimundo, e para que eleitores que votam, eventualmente ou preferencialmente, em candidatos do campo anti-lulista, como Ana Maria, Manuel e Carmem mudem de opinião.

Os desencontros entre petismo e lulismo nas eleições municipais de 2012

É possível dizer que a cidade de São Paulo pode ter representado uma espécie de vanguarda em relação ao que ocorreu em nível nacional em 2006, no que diz respeito à correlação entre voto no PT e no PSDB/DEM com a estratificação social dos eleitores. A preferência dos mais pobres pelo candidato do PT, que se manifestou de forma mais acentuada em âmbito nacional apenas em 2006, já vinha ocorrendo em São Paulo há alguns anos atrás, de acordo com os levantamentos de Fernando Limongi e Lara Mesquita, segundo os quais, a partir do início da década de 1990, os eleitores mais pobres começaram a optar pelo PT em oposição aos partidos de direita ou centro-direita, opção esta que foi se consolidando com o passar dos anos (Limongi e Mesquita, 2008). No entanto, os autores não entram no mérito de como tais preferências dos mais pobres pelo PT, ou das classes médias e altas pelo PSDB, foram e continuam a ser constituídas.

Nesta investigação, para compreender como se formam tais “preferências” dos eleitores na cidade de São Paulo, mais especificamente dos setores das classes trabalhadoras que ascenderam socialmente durante os governos Lula, utilizo teorias e conceitos que se relacionam com o que certos pesquisadores da área de estudos eleitorais classificariam como uma abordagem sociológica (Singer, 2000), para o estudo de fenômenos políticos, também chamada de sociologia política, e que pode abranger análises das mais diferenciadas em termos conceituais e teóricos. Apenas no âmbito

dos estudos produzidos na USP, por exemplo, foram utilizadas diferentes teorias para explicar o voto com base em análises de cunho sociológico, como as investigações inspiradas na obra de Pierre Bourdieu realizada pelo sociólogo Antonio Flávio Pierucci (1993, 1994) na década de 1990, a abordagem de Oliveiros Ferreira (1960, 1962), inspirada em conceitos de autores como Georges Gurvitch na década de 1960, e interpretações de cunho marxista empreendidas por Azis Simão (1956) na década de 1950, Francisco Weffort (1968) na década de 1960 e, atualmente, por André Singer (2009, 2012).

Como é possível perceber pelas datas em que os acadêmicos aqui arrolados produziram suas pesquisas, o campo dos estudos eleitorais seguiu uma trajetória análoga àquela da disciplina da ciência política no Brasil. O uso da sociologia política para o estudo do voto teve início no Brasil por volta do anos 1950, sendo que na USP um dos primeiros estudos produzidos nesta área foi o de Aziz Simão, sendo seguido, na década de 1960, por Oliveiros Ferreira e Francisco Weffort. Nesta época o termo “comportamento eleitoral” não era ainda utilizado nas obras destes autores, o estudo de eleições era referido como “sociologia eleitoral”, por Ferreira, ou de forma mais genérica como “sociologia política”, como acima referido. Durante as décadas de 1970 e 1980 as vertentes do behaviorismo e da teoria da escolha racional, formuladas pela academia estado-unidense por volta dos anos 1950, foram se tornando cada vez mais presentes na literatura brasileira, trazendo consigo a denominação de “comportamento eleitoral”, tradução literal de *electoral behavior*, termo utilizado pelo behaviorismo norte-americano para compreender fenômenos políticos⁷⁸.

É possível dizer que um dos últimos estudos no campo da ciência política que pensaram o voto pela ótica sociológica nesta época foi uma pesquisa de Fernando Henrique Cardoso de 1975 (Cardoso, 1975), e, o último cientista político a “dialogar” com esta foi Fábio Wanderley Reis (Reis, 2000). A retomada do enfoque sociológico de forma mais enfática se deu apenas muito recentemente por André Singer em seu artigo sobre o fenômeno do “lulismo” que foi publicado no final de 2009 (Singer, 2009), e, posteriormente, de forma mais aprofundada, em seu livro “Os sentidos do Lulismo” (Singer, 2012), uma vez que o próprio autor, em seu doutorado, publicado em livro no ano 2000, ainda trabalhava com uma “mistura” entre behaviorismo e sociologia política.

Esta divisão dos estudos eleitorais em três “vertentes”⁷⁹ não implica necessariamente em divergências teóricas/metodológicas irreconciliáveis que façam com que não seja possível utilizar elementos desses diferentes enfoques em conjunto em um mesmo estudo, inclusive, alguns

78 Para ver mais detalhes acerca do behaviorismo na ciência política cf. Katzelson; Milner, 2002

79 Seria possível também pensar em uma quarta vertente relacionada aos estudos de geografia eleitoral e geoespacial, como a pesquisa realizada recentemente por exemplo por Soares; Terron, 2008, porém tal vertente seria mais voltada para a aplicação de técnicas específicas e não se relacionaria com uso de teorias ou conceitos especiais.

cientistas políticos no Brasil já fizeram tais misturas, como por exemplo é o caso de Singer, mencionado acima. Porém, é preciso ressaltar que, a maior centralidade conferida à análise das clivagens sociais para compreender fenômenos políticos como o voto enseja uma discussão teórica “clássica” que diferencia sobremaneira a utilização de abordagens de cunho sociológico daquelas de orientação behaviorista ou baseadas na teoria da escolha racional: a questão de agência e estrutura.

Para a teoria da escolha racional, os eleitores seriam agentes que fariam escolhas, mais ou menos informadas, visando a maximização de benefícios dentro de um campo previamente estruturado por meio de escolhas realizadas anteriormente pelos políticos. Ou seja, os eleitores fariam seus cálculos dentro dos marcos dados a partir de estratégias partidárias prévias, como bem apontam Fernando Limongi e Lara Mesquita em seu artigo de 2008 ao descrever a dinâmica dos padrões eleitorais existentes na cidade de São Paulo desde a década de 1980 até os dias atuais. Este enfoque teórico enfatiza de forma bastante evidente a agência dos eleitores, isto é, o eleitor faz sua escolha independente de qualquer tipo de determinação anterior, tal como pertencimento a uma região geográfica específica, raça, religião, gênero, classe ou grupo social de qualquer ordem, assim, se padrões podem ser observados na votação de pessoas pobres em Lula, por exemplo, isso se explica não por uma semelhança no que diz respeito a localização destes indivíduos na estrutura de classes, ou na região geográfica do país em que se encontram, e que poderia produzir visões de mundo ou ideologias semelhantes que os levassem a preferir Lula e não outros políticos, mas apenas na medida em que as escolhas realizadas pelos eleitores coincidentemente visam a manutenção de tais ou quais políticas, como por exemplo o programa Bolsa Família. A relação entre eleitor e político seria necessariamente “interessada”, no sentido de não existirem valores ou crenças que influenciem o voto, sejam estas baseadas em algum tipo de visão de mundo religiosa, classista, ou mesmo carismática, de modo que se estes valores ou carismas existem eles possuem pouca importância, o que existiria de fato seria apenas uma troca interessada entre voto e benefício material entre eleitor e político, de modo que o agente faria escolhas pensando apenas em seu próprio interesse individual⁸⁰.

Na abordagem behaviorista a ênfase na agência ou na estrutura é menos óbvia do que aquela existente na teoria da escolha racional, afinal, para esta vertente a maioria das pessoas se guiariam por “imagens” dos partidos e/ou dos políticos, ou seja, por motivações pouco racionais, de modo que a agência destas parece ficar um tanto “obscurecida”⁸¹. As pesquisas mais recentes que se

80 Cf. Kitschelt, 2000; Stokes; Dunning, 2008; Cox s/d

81 Um exemplo disso seria o que Fabio Wanderley Reis chamou de “síndrome do flamengo” para caracterizar a adesão das camadas populares em massa a um determinado candidato carismático, isto é, os eleitores agiriam de forma análoga a uma torcida de futebol. (Reis, 2000)

baseiam nestas abordagem, como as produzidas por Lavareda (2009) e Pimentel (2007), são aquelas que enfatizam o aspecto emocional da escolha dos eleitores e que estão associadas a investigações voltadas para a elaboração de estratégias de campanha baseadas em princípios de *marketing* eleitoral, de modo que a explicação do voto se dá pelo sucesso de determinadas campanhas em “acionar” gatilhos emocionais específicos da maioria dos eleitores ou, em uma eleição mais acirrada, da parcela de eleitores que atuará de forma decisiva no pleito em questão, assim, o que mais interessa compreender é justamente o impacto das imagens dos políticos e dos partidos difundidos pelas campanhas entre os eleitores⁸².

Assim, falar em agência aqui depende da concepção de racionalidade e/ou de capacidade de decisão em face de, como sugere o título da obra de Antonio Lavareda, “emoções ocultas”. Se se considerar que as emoções despertadas obscurecem os reais interesses dos eleitores fazendo com que estes votem por motivações que não são baseadas em seus interesses individuais “reais”, então é difícil pensar em uma ênfase na agência destes. Porém, se as emoções e/ou o carisma transmitido por um certo político e/ou partido podem ser consideradas como elementos que apenas aumentam ou enfatizam a “vontade” em votar em tal ou qual candidato e/ou partido, isto é, apenas *fortalece* uma decisão baseada, primordialmente, na maximização de benefícios. Assim, por exemplo, vota-se em Lula, como recompensa pelo Bolsa-Família e o carisma deste serve apenas para “enfatizar” tal decisão, aí é possível pensar que a agência do eleitor está apenas recebendo um “reforço” e não sendo nublada por fatores de outra ordem que “fogem” ao seu controle, ou seja, em um sentido que sugere uma espécie de manipulação das massas por meio da propaganda política. Para Pimentel, 2007, as campanhas enfatizariam a segunda alternativa, isto é, a do reforço de decisões anteriormente tomadas pelos eleitores. De qualquer forma, o voto de acordo com classe, religião ou qualquer outro marcador social desta ordem ficaria restrito a grupos pequenos de eleitores cujos sistemas de crenças fossem mais coerentes em função de seu pertencimento e/ou contato intenso com tais influências, de modo que a ênfase na estrutura social seria utilizada como explicação apenas para parcelas muito reduzidas do eleitorado.

É possível dizer então que se o behaviorismo e a teoria da escolha racional enfatizam a agência em detrimento da estrutura para compreender as motivações que informam o voto, o exato oposto ocorre em análises de cunho sociológico. Ainda que qualquer cientista político saiba que a

82 Dois exemplos disso seriam a campanha de Lula para a eleição presidencial de 2002, “Lulinha Paz e Amor”, pensada para transmitir uma imagem de Lula mais amena e “simpática” em oposição à imagem extremamente “ideologizada” de sindicalista “agressivo” e “radical”, veiculada nas campanhas anteriores, e a campanha de Gilberto Kassab (DEM/PSD) para a eleição municipal em São Paulo em 2008, que visou transmitir uma imagem de que o candidato representava o “novo”, que estava “acima” da política e que estava preocupado “de fato” com a boa administração da cidade e não com “querelas políticas mesquinhas”.

inserção social das pessoas possui um papel importante na formação das “preferências” dos eleitores, para abordagens de cunho sociológico tal inserção é fundamental e estruturante das análises que venham a ser feitas a respeito das motivações do voto, considerando desta forma, a estrutura social, as relações sociais, as experiências de vida, e por vezes, a depender do país em questão, dimensões étnicas, culturais e religiosas, para compreender os motivos que levam as pessoas a optar por candidatos progressistas ou conservadores. Assim, a sociologia política imputa à ideologia um papel de destaque para compreender os movimentos político-eleitorais da população, diferentemente do behaviorismo e da teoria da escolha racional, para as quais a ideologia recebe pouco destaque nas análises realizadas sobre eleições e é considerada como uma variável explicativa dentre outras que influenciam o voto.

Para a teoria da escolha racional, os discursos ideológicos dos partidos figuram apenas como “atalhos informativos”, assim, ainda que a palavra “trabalhador”, por exemplo, possa ser associada a Lula e auxiliar a escolha de um eleitor que deseja depositar seu voto no político petista, esta funcionaria mais como um “rótulo” de um produto do que como um sistema de crenças articulado. O que de fato mobilizaria os indivíduos em direção a um ou outro candidato seriam as vantagens econômicas a serem obtidas ou não. No que se refere ao behaviorismo, apenas alguns eleitores votariam com base em um sistema de valores estruturado ideologicamente, enquanto a massa do eleitorado se guiaria por imagens partidárias, rótulos ou frases prontas atribuídas aos candidatos e aos partidos como: “partido dos pobres”, “partido dos trabalhadores”, “o candidato que defende o povo”, sem que estes rótulos se conectassem com sistemas ideológicos coerentes⁸³.

A existência de crenças inarticuladas, ou mesmo contraditórias, entre a maior parte da população, também foi apontada por Antonio Gramsci para compreender o tipo de expressão ideológica mais comum entre as classes populares, o qual chamou de senso-comum. Porém, ao contrário do que prevê a teoria da escolha racional, assim como o behaviorismo, segundo Gramsci, seria possível fazer com que tal conjunto de valores e crenças pudesse passar a ter um sentido específico por conta da ativação do que o autor chama de núcleo de bom-senso existente no senso-comum das classes subalternas, o qual poderia ser ativado pela ação de partidos e intelectuais orgânicos oriundos das camadas populares, como ocorreu durante os anos 1980 no Brasil com o

83 No caso específico do Brasil, por exemplo, a votação recebida por Lula por parte dos mais pobres se explicaria justamente pela associação do presidente a uma imagem de “candidato dos pobres” ou “candidato que defende o povo”, fazendo com que este setor da população se identificasse com Lula e optasse por votar no ex-sindicalista, sem que isso se traduzisse necessariamente em uma identificação destes eleitores com os valores defendidos pelo PT ou mesmo com valores progressistas. Esta situação foi caracterizada por Fábio Wanderley Reis como “síndrome do Flamengo” (Reis, 2000), ou seja, os eleitores votam no candidato que se identifica mais com os pobres e/ou com o povo, e, no caso de 2006, este candidato teria sido Lula.

surgimento do petismo. No entanto, a reorientação do PT durante os anos 1990, no sentido de adotar uma lógica de articulação de fins, como propõe Panebianco, 2005, para ganhar as eleições e permanecer no governo, fez com que o petismo fosse perdendo espaço no partido e na sociedade. Ainda assim, a agremiação de esquerda procura manter ainda algum tipo de vínculo ideológico com seus membros e suas bases para que possa garantir uma estabilidade tanto interna como externa, tentando alcançar uma espécie de equilíbrio entre a manutenção de suas bases e a conquista de mais eleitores durante as eleições, o que certamente não é algo fácil.

Durante as eleições de 2012 para a câmara municipal e prefeitura de São Paulo, foi possível observar tanto as dificuldades do PT em resgatar elementos do petismo, como os pontos fortes e fracos da lógica de articulação de fins lulo-petista. O declínio do petismo e o predomínio da lógica de articulação de fins promovida pela legenda de esquerda tiveram início na cidade de São Paulo antes do realinhamento de 2006 e também do primeiro governo Lula e da instituição do Bolsa-Família como o carro chefe das políticas lulistas. Marta Suplicy, após ter derrotado o malufismo, o grande antagonista do petismo na cidade, implementou políticas públicas que beneficiavam diretamente as camadas mais pobres da população e que logo se tornaram símbolos de sua gestão, como a renda mínima e o bilhete único. Isso fez com que a sexóloga petista oriunda da elite paulistana, a despeito de sua defesa de pautas polêmicas como a legalização do aborto e ampliação de direitos para a população LGBT, entrasse definitivamente para o campo popular e ganhasse a confiança de muitos eleitores, principalmente dos mais jovens, como Jadson, Cleiton, Caroline e Tatiana.

Ao mesmo tempo em que a figura de Marta foi popularizada, passando a contar com o desprezo de grande parte das classes médias e altas da cidade, a lógica de distribuição de cargos e da atuação de máquinas clientelistas em bairros de periferia parecem ter se fortalecido em seu governo. Condenadas pelo petismo por, como afirmou Juçara Zottis, fragilizarem o debate político, tais práticas acabaram afastando alguns dos militantes petistas que haviam conseguido resistir à década de 1990, como a própria Juçara, que afirmou em 2011 que suas decepções com o partido já eram anteriores aos governos Lula, “(...) uns oito, dez anos para cá senti muitos desencantamentos com o Partido dos Trabalhadores”. Nesse sentido, é possível dizer que o governo de Marta Suplicy foi uma vanguarda da lógica de articulação de fins petista, uma espécie de “martismo”, uma vez que dividiu as preferências dos eleitores paulistanos entre, pessoas pobres moradoras de bairros de periferia que possuíam simpatia pela petista, e indivíduos de classe média e alta moradores de bairros mais centrais que sentiam aversão a ex-prefeita (Frizzo, 2013), além disso, ao mesmo tempo, desapontou militantes do petismo, tendo em vista a forma com a qual a política do partido passou a ser conduzida na cidade.

A despeito do desconforto sentido por alguns militantes petistas com os rumos do partido, o governo de Marta, ao privilegiar as camadas populares, ganhou a adesão de muitos habitantes dos bairros da periferia sem a necessidade de concorrer com o malufismo no campo popular, pois este se encontrava em decadência. Desse modo, segundo o já citado estudo de Limongi e Mesquita (2008), as bases eleitorais do PT e do PSDB passaram a se organizar, respectivamente, entre eleitores de baixa educação e baixa renda, e eleitores com maior educação e rendimentos, de modo que o conflito entre PT e PSDB passa a ser mais polarizado do que fora o conflito entre o PT e o malufismo, já que a retirada do malufismo de cena reverteu “(...) em um aprofundamento da penetração do PT entre os eleitores de baixa renda e uma maior dificuldade do PSDB em crescer entre estes” (Idem, p. 66). As bases eleitorais passaram então a ser muito mais estáveis e tanto o PT como o PSDB passaram a necessitar de um esforço muito maior para recrutar novos eleitores em relação ao cenário eleitoral passado. Dessa forma, Marta, que havia ganhado de Maluf com o voto de mais da metade dos eleitores que optaram pelo PSDB no primeiro turno em 2000, ao disputar com o próprio PSDB o segundo turno das eleições de 2004, não conseguiu ganhar a eleição, pois durante seu governo passou a ser vista com antipatia pelas classes médias.

José Serra, que ganhou o segundo turno contra Marta nas eleições de 2004, deixou a prefeitura após dois anos para assumir o governo do Estado de São Paulo em janeiro de 2007, de modo que Gilberto Kassab, então filiado ao DEM, vice de Serra, assumiu a segunda metade do governo municipal. Na disputa eleitoral de 2008, Marta Suplicy concorreu pela terceira vez à prefeitura de São Paulo contra Kassab, que já era, na época, prefeito, mas que, apesar disso, era razoavelmente desconhecido entre os paulistanos. No entanto, o que poderia ter parecido, a princípio, como uma desvantagem para o político de direita, foi um de seus principais trunfos na eleição, uma vez que, ao ser desconhecido de grande parte da população, pode ser anunciado por seus publicitários como uma novidade política em relação ao petismo/”martismo” e ao malufismo, ainda que tivesse participado do governo de Celso Pitta como secretário de planejamento, sendo responsável pela elaboração do Plano Diretor da cidade⁸⁴.

Nas grandes metrópoles brasileiras “novidades” no cenário político, como foi anunciado Gilberto Kassab, costumam ser bem recebidas pela população (Santos, 1978; Zucco Jr. 2010). O grau de insatisfação geral com as condições precárias dos equipamentos e serviços públicos

84 Tal vantagem de Kassab nas eleições de 2008 foi confirmada pelo cientista político Jairo Pimentel em matéria do Estado de São Paulo do dia 18 de outubro de 2008 “Para Jairo Pimentel, a rejeição é um fator cumulativo na vida política dos candidatos, que pode ser amenizado ou não com o tempo. “Do mesmo jeito que se entusiasma em relação a partido e candidato, as pessoas também criam rejeições de longo prazo.” Quando o candidato começa a corrida eleitoral pouco conhecido, é mais fácil amenizar possíveis rejeições por meio da publicidade. Segundo o cientista político, Kassab conseguiu amenizar sua rejeição por meio da publicidade. Já Marta sofre uma grande rejeição e perde apenas para a do deputado Paulo Maluf (PP-SP), candidato derrotado neste primeiro turno.”. Em: http://www.estadao.com.br/nacional/eleicoes2008/not_cid262213,0.shtm

somados ao trânsito congestionado, à poluição, à violência e ao estresse do cotidiano é praticamente permanente, fazendo com que a população, principalmente os moradores de bairros de periferia, fiquem sempre descontentes em relação às políticas executadas pelos prefeitos, pois estas, ainda que sejam benéficas, acabam sendo sentidas pelos habitantes como se fossem pequenos curativos colocados em uma fratura exposta.

Gilberto Kassab foi um político cuja imagem foi inteiramente moldada por publicitários com base em um forte apelo emocional (Pimentel, 2010), de forma análoga ao que ocorreu na campanha de Fernando Collor de 1989 para a presidência. Ambos foram apresentados ao público como candidatos inteiramente “novos”, sem ligação com nenhum movimento político previamente existente, de modo que, ainda que Kassab não falasse em “descamisados” como Collor ou se apresentasse como um candidato anti-sistema, como fez Jânio Quadros ao disputar a prefeitura de São Paulo na década de 1950, conseguiu ganhar a maioria dos votos em alguns bairros de periferia que haviam optado por Marta Suplicy em 2004.

O petismo, ainda que fosse restrito a pessoas mais próximas de movimentos sociais e religiosos progressistas, fazia com que a adesão ao PT fosse mais coerente tanto no plano ideológico como eleitoral, de modo que nenhum dos entrevistados que teve contato com a CEB Santo Eugênio, por exemplo, votou em Gilberto Kassab em 2008, ainda que o petismo estivesse em baixa. No entanto, a propaganda de Kassab foi bem recebida entre aqueles que não possuem preferência partidária e entre algumas pessoas que eram neo-petistas, como Tatiana, que apesar de preferir o PT, considerar o PSDB como partido de elite, e não gostar de Paulo Maluf, votou em Kassab. Isso provavelmente ocorreu por que Tatiana possui um grau de insatisfação muito alto com suas condições de vida e acreditou, com base em peças de propaganda, que Kassab poderia ser a solução para os problemas da cidade por ser “novo” em relação aos partidos e políticos que já conhecia, ainda que o associasse com o PSDB:

“(...) Eu acho que o melhor partido é aquele que pensa em todos assim, de uma forma geral. Porque tem partido, eu já vi partido, não vou citar nomes, mas que ele gostava da Paulista, ele ficava mais na Paulista, e aí você vê partido que vem mais pro lado de cá. Lógico, os caras vem meio com nojinho de por o pé no chão né, mas vem... *E qual partido que você acha que...* o PSDB, eu acho que eles é mais partido pra rico, apesar que agora o Kassab tá pondo o pé na lama né? Tô começando a tirar o chapéu pra ele, porque ele tá começando a por o pé na lama. Antes eu fazia muita piada, passava as enchentes, passou um bairro aí que deu uma enchente, aí passava as pessoas no barco, e eu falava que quem tava no barco é o Kassab, pra não por o pé na lama (risos). Agora não, agora ele começou,

não sei o que aconteceu com ele, ele deve ter tomado um choque, acho que agora ele tá se interessando mais pelos os pobres, ele tá pondo o pé na lama, to gostando de ver.⁸⁵(...) *Em 2008, que foi a última eleição, no segundo turno, foi a Marta contra o Kassab, você lembra quem você votou?* Kassab, porque eu achei que ele ia trazer melhorias né, mas eu fiquei meio decepcionada com ele. É igual eu falo, parece que ele tá acordando agora, mas na época eu votei nele porque eu pensei: “não, vamos mudar, vamos ver se ele vai fazer melhorias mesmo”. Porque ele fez uma propaganda até muito bonita né? Mas eu acho que ele deixou a desejar, agora que ele tá melhorando, acho que ele deixou muito a desejar, eu fiquei meio revoltada assim, com essa situação das casas terem inundado, e o descaso, vou te dar um auxílio aluguel e você fica uma semana e espera e fica uma semana na rua. (...) Tudo o que você perguntar pra mim vai girar em torno de habitação, porque eu acho que, igual o programa Minha Casa Minha Vida falou que foi pra pobre, só que se você vai procurar fazer o programa você vai ver que tem que ganhar acima de 1.500 reais...quem é esse baixa renda que eles fizeram esse programa? (...) Então são coisas que você fica assim indignada, porque você fala que tá fazendo pra baixa renda mas cadê a baixa renda? Eu sou baixa renda, recebo renda mínima, cadê minha inscrição? Então é uma cobrança, meio que particular, uma revolta assim né, se o programa é pra baixa renda eu não acho que você tem que ganhar cinco salários mínimos.” (Tatiana, 30 anos)

Tatiana foi a única pessoa que disse preferir o PT e votou em Gilberto Kassab, porém, os três entrevistados que são “lulistas”, isto é, gostam de Lula mas não possuem preferência pelo PT, Dalva, Nilza, e Raimundo, também votaram no ex-prefeito. Dalva o fez porque acreditou que ele foi o responsável pela construção do conjunto de moradias populares em que habita atualmente, ainda que sua prefeitura tenha apenas terminado as obras, em parceria com o PAC, referentes ao projeto iniciado na prefeitura de Marta Suplicy com a intermediação de Padre Neno e de parlamentares pestistas. Nilza votou em Kassab por não gostar de Marta, assim, como o fez Ana Maria, e Raimundo, que optou pelo fundador do PSD pois, decepcionado com o PT após o mensalão, passou

85 Tatiana faz referência às visitas que o Gilberto Kassab passara a fazer em locais da cidade que foram alagados em 2010, após os protestos dos moradores. Segundo notícia publicada no R7 Notícias em 10/01/2010, “o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab (DEM), voltou a ser vaiado neste domingo (10) pelos moradores da região do Jardim Pantanal (zona leste), alagada há mais de um mês devido às chuvas. Eles protestaram com faixas e reclamaram do valor oferecido da bolsa-aluguel (de R\$ 300), considerado insuficiente. O local vem sendo castigado pelas chuvas desde o dia 8 de dezembro do ano passado, quando ruas começaram a ficar imersas em água e esgoto. (...) Durante a visita na região, Kassab conversou com moradores e afirmou que o governo irá trabalhar para melhorar o acesso ao CEU Três Pontes no período das chuvas. Kassab percorreu três bairros acompanhados pelo subprefeito de São Miguel, Milton Persoli, Elisabete França, Superintendente de Habitação Popular da Secretaria Municipal de Habitação, e Jair Paca de Lima, coordenador da Defesa Civil.” Em: <http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/moradores-do-jardim-pantanal-voltam-a-vaiar-kassab-20100110.html>

a votar sistematicamente em políticos de oposição ao partido, sendo que o único candidato que faria com que voltasse a optar pelo PT seria o próprio Lula, nesse sentido Raimundo seria uma espécie de lulista radical.

É possível dizer que o Partido dos Trabalhadores, ainda que goze das preferências de boa parte dos entrevistados, em face do declínio do petismo e a ascensão do lulismo, está perdendo sua capacidade de servir como o partido de esquerda que ordena o sistema político, como o fazia em décadas passadas. Sistemas políticos desordenados podem abrir espaço para “aventureiros”, de modo que, no caso específico da cidade de São Paulo, mesmo eleitores mais antigos e/ou fiéis ao Partido dos Trabalhadores, como Dulce, refletem eventualmente sobre a possibilidade de votar em outros candidatos para cargos majoritários:

“Eu acho que eu votei no Kassab. Será? Ah, não, eu votei na Marta, com certeza. Se fosse hoje, talvez eu votaria nele, não na Marta. Eu gosto dele, do trabalho dele na Prefeitura. E vendo pelo salário que ele paga, eu gosto, eu acho legal o jeito que ele trata o professor, melhor do que o governo. A Prefeitura trata melhor a gente, tem mais benefícios para o professor. *Você acha que foi por causa do Kassab ou já tinha?* Não, isso já não é Kassab. Se tivesse a outra (Marta) seria a mesma coisa...na época da Erundina era bem melhor, né? A gente ganhava acho que três salários mínimos na época. Depois foi abaixando, quase que a gente não estava ganhando nem um salário mínimo mais. *Você disse que votaria no Kassab, ele não pode ser candidato, mas, se ele fosse, você acha que você votaria nele agora?* Aí, depende do concorrente, entendeu? Agora, no Serra, nunca, eu não gosto do Serra, eu nunca votei nele. Eu acho que chega do partido dele, chega, o PSDB já torrou, ele acaba com a educação. Se mudar o partido, muda. Esse povo até agora não acordou... (pausa)...que é o partido do Kassab, entendeu? Esse partido não serve não, pode tirar.”
(Dulce, 52 anos)

Logo após ter afirmado que poderia votar em Gilberto Kassab a depender do concorrente, Dulce diz que nunca votaria em Serra ou ninguém de seu partido, pois este acabava com a educação. Curiosamente, após uma curta pausa, chegou a formulação de que o PSDB era, de certa forma, o mesmo partido de Kassab, tendo em vista provavelmente o apoio de Serra ao ex-prefeito, associação que não foi automática quando falou sobre Kassab das primeiras vezes. Não foi apenas Dulce que possui preferência pelo PT e teve contato com a CEB, na época em que esta era politicamente atuante no bairro, que não fez uma avaliação ruim da gestão de Kassab e cogitou votar em políticos que não fossem do PT. Caroline frequentou a CEB Santo Eugênio e foi bastante

influenciada por religiosos que lá militavam, porém, ainda que afirmasse sua preferência pelo PT, disse ter gostado da gestão de Kassab, além de pensar em votar em Chalita na próxima eleição para prefeitura em 2012:

“Eu fico mais assim, pelo PT, pelo Partido do Trabalhador. *E me fala assim, que políticos que você mais gosta?* Não só pela questão do lanche na escola, mas me chamou atenção a Erundina, que também tinha uma preocupação com aquela criançada, que se via que muita gente ia para a escola com fome de casa, passava fome em casa, então era muito complicado, então a Erundina, o Lula também, a Dilma, a Marta também, acho que o Kassab também. O Kassab eu gostei dele nessa parte aí de pegar e enfrentar mesmo, igual esses dias ia ter paralisação por petróleo, para eles colocarem gasolina essa coisas toda, a greve de combustível, então foi um momento muito complicado. *Você gostou então da prefeitura dele?* Eu gostei, apesar de não ter votado nele. Agora vai ser esse Gabriel Chalita, eu acho que ele é do PSDB. Eu fui na palestra dele com a minha mãe, (uma palestra) da Zilda Arns, da Pastoral da Criança, e assim, é um cara muito inteligente, fala muito bem, eu gostei dele, mas só que eu acho que ele é do PSDB...Se tiver ele, eu vou votar no Chalita, porque eu gostei mais do Chalita assim, do jeito de conversar, por ser um professor. Na faculdade eu li um livro dele, um livro muito interessante, que ele falou sobre a fome no Brasil, nossa um livro totalmente interessante, eu achei muito bom, muito bom mesmo.” (Caroline, 30 anos)

De uma forma análoga a Dulce, Caroline não apenas diz ter gostado de Kassab, mas afirma que votaria em Chalita, ainda que achasse que este pertencia ao PSDB, partido que, em suas palavras, “só pensa em rico”. Ou seja, ainda que ambas tenham tido contato intenso com a CEB, preferência pelo PT, e achem que o PSDB é um partido que não as representem, e liguem Gilberto Kassab e Gabriel Chalita a esse mesmo partido (mesmo que ambos não pertençam de fato ao PSDB), tanto Caroline como Dulce dizem que poderiam votar em candidatos não-petistas. Assim, é possível dizer que a confiança que elas depositam no PT, como inclusive já havia apontado Dulce anteriormente, pode ser insuficiente para impedir um eventual voto em um candidato que não seja do partido.

É claro que, por maiores que sejam a decepção com o PT e a revolta com as atuais condições de vida, dificilmente um prefeito que fez uma gestão ruim consegue se reeleger, uma vez que sua imagem fica mais difícil de ser reconstruída por publicitários. Ainda que Caroline tenha gostado de algumas coisas da gestão Kassab, apontando-o como um de seus políticos preferidos, e Tatiana

tenha afirmado que após o episódio das enchentes o ex-prefeito teria começado a se interessar mais pelos pobres, Cleiton, Silvana, Marli e Roseane afirmaram que Kassab estava entre os políticos dos quais menos gostavam:

“Ele (Kassab) que tirou as casinhas daqui tudinho, botando os pessoal assim pra casa de aluguel (...) eu nunca, nunca dou meu voto pra ele porque eu não gostei dele não, ele fez muitas coisas que o povo não gostou, eu não votaria nele nunca, nunca votaria nele” (Marli, 34 anos)

“Kassab...ele toma atitude que nossa, igual ele fez que teve essa greve dos coveiros, ele queria demitir todos, não tem conversa com ele, não tem acordo, não tem nada, o que ele coloca na cabeça, ele é muito cabeça dura, ele não consegue ver o outro lado dos outros, porque entrou, ele quer fazer do jeito dele, tem que ser do jeito dele, se não for...” (Cleiton, 30 anos)

“Ah, aquele Kassab lá...Kassab eu não votaria não, porque eu não vou muito com o que ele fala não. Às vezes ele fala bem pouco, não gosto não...ele podia falar das escolas, dos professores, como vai nas escolas, os alunos, essas coisas, de botar segurança nas escolas, podia falar nisso. Às vezes a pessoa não quer nem votar nele por causa do jeito dele de não falar muito, eu acho que deve ser isso.” (Roseane, 24 anos)

“*Me fala o que você está achando da prefeitura do Kassab...* Uma bosta. Desculpa pela palavra (risos).” (Silvana, 38 anos)

Ainda que a prefeitura de Gilberto Kassab possa ter recebido críticas, também recebeu o benefício da dúvida de Dulce e Tatiana, e alguns elogios de pessoas como Caroline e Raimundo, de modo que é possível dizer que, no geral, a avaliação de sua prefeitura entre os entrevistados foi polêmica. Em um certo sentido, Kassab, que já era percebido por certas pessoas como pertencendo ao PSDB, teria, após sua gestão, confirmado para alguns entrevistados sua pertença ao campo anti-popular, como Cleiton, para quem o ex-prefeito era intransigente e não conseguiria ver o lado dos outros, como teria ocorrido na greve dos coveiros e nas remoções de pessoas das quais fala Marli. O caráter anti-popular de Kassab seria tão marcante para Felipe, por exemplo, que o jovem, em uma conversa informal, chamou o ex-prefeito de *playboy*. Para Felipe era óbvio que Kassab não governaria para as pessoas mais pobres de São Paulo, por isso possui dificuldade em entender como o político de direita teria sido eleito sem o votos dos moradores de periferia:

“O policiamento onde você mora está ótimo porque o Kassab colocou, no seu bairro tá tudo gostoso pra você, pra você o Kassab é o máximo pra mim já não é. Pra mim ele me dificulta várias coisas. Que nem eu dependia do meu carro pra ir ali, o rico só anda de tanque cheio, pra ele dois três dias de greve (greve dos combustíveis) não é nada, pra mim não, dependo todo dia pra por dez reais de álcool. Porque a ROTA quando prende na Vila Mariana, Vila Maria, Pompéia, Angélica, sai na televisão? Quando é Brasilândia a ROTA mata? Tá entendendo? Ele está sendo um ótimo prefeito pra você, pra mim não. O Kassab sempre foi rico, entendeu? O que ele tá fazendo, como é que eu posso dizer, a minha revolta é a revolta dele. Se você foi assaltada dez vezes na porta da sua casa, sua casa paga um IPTU absurdo, seu apartamento está sendo oprimido por causa daquele barzinho que está aberto até à noite...O que ele tá fazendo é uma revolta que ele tinha quando ele não tinha o poder e ele não podia fazer nada, agora ele pode e ele tá fazendo, só que ele deixa claro, “eu nunca dependi de nada de vocês, da população”, e não vai depender nunca, a família dele tem status, não vai falir, porque ele é uma pessoa estudada, ele é uma pessoa que sabe fazer dinheiro, tá entendendo? (...) O PT ajuda o povo porque o povo é maioria do eleitorado, então é mais fácil eu começar ganhando por baixo do que eu começar por cima. (...) Se você catar e sentar com pessoas e perguntar “você votou em quem?” é raro alguém dizer que votou no Kassab, só que o cara ganhou (risos), como é que o cara ganhou se ninguém votou nele?” (Felipe, 23 anos)

Ainda que tenha conseguido se eleger prefeito de São Paulo contando com a maioria dos votos em alguns bairros de periferia, como disse Tatiana, “porque ele fez uma propaganda até muito bonita”, Kassab deixou a prefeitura com baixa popularidade⁸⁶. Mesmo tendo sido percebido como “novidade” no cenário político, Kassab não fez nenhuma política de corte popular, como as que foram realizadas na gestão de Maluf, e tampouco conseguiu construir uma imagem de *bonus pater familias* como Geraldo Alckmin. Sem apelo popular não há político de direita que sobreviva por muito tempo, a menos que passe a integrar o sistema de distribuição de cargos do governo de turno, como fez Kassab ao sair do DEM, fundar o PSD (Partido Social Democrático) e passar a integrar, ao lado de outros políticos conservadores como Maluf e Collor, a direita do campo-lulista.

Em 2012, das quatro principais candidaturas para as eleições municipais em São Paulo, três eram de partidos que faziam parte da base do governo, a de Fernando Haddad (PT), Gabriel Chalita (PMDB) e Celso Rusomano (PRB), sendo que apenas José Serra (PSDB) integrava o campo anti-

86 Cf. <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2012-09-06/com-popularidade-baixa-em-sao-paulo-kassab-faz-campanha-pelo-pais.html>

lulista. Para diferenciarem-se entre si e de José Serra, as candidaturas do campo lulista apresentavam-se como “novidades”, Russomano⁸⁷ e Chalita⁸⁸ em relação ao PT e ao PSDB, e Haddad como um candidato “novo” em relação ao velho PT⁸⁹. O recurso ao elemento de novidade faz sentido em eleições em grandes metrópoles para candidatos que, como Kassab, são menos conhecidos do público e/ou cujos partidos não possuem penetração suficiente no eleitorado, no caso de Haddad, ainda que fosse desconhecido da maior parte dos paulistanos, a insistência no elemento de novidade de sua candidatura parecia estar mais relacionada a mudanças que o partido havia sofrido por conta do lulismo.

Haddad, assim como Dilma Rousseff, era um quadro técnico do PT, que havia sido Ministro da Educação durante o governo Lula, que ganhou proeminência após o caso do “mensalão”, tendo em vista o afastamento de várias antigas lideranças do PT do governo. Com a reorganização dos espaços de poder dentro do partido, as disputas entre candidaturas importantes passaram a ser mais explicitamente influenciadas por Lula, em uma tentativa de “renovar” o PT (Secco, 2011). Haddad, apesar de ter trabalhado na prefeitura de Marta Suplicy, não possuía uma trajetória política própria ligada explicitamente ao petismo, de modo que sua transformação de quadro técnico para candidato a prefeito da maior cidade do Brasil precisou ser operada principalmente por Lula. Em comparação com as candidaturas de Marta Suplicy, a de Fernando Haddad era cem por cento lulista.

A lógica do lulismo, adiantada em alguma medida pela prefeitura de Marta Suplicy (2001-2004), fora colocada totalmente em prática na campanha de Fernando Haddad. Se antes Marta havia ganhado as eleições por conta de uma oposição clara entre malufismo e anti-malufismo, isto é, em termos ideológicos, a direita contra centro e esquerda unidos, na campanha de Haddad não só era difícil fazer oposição explícita a Russomano e Chalita, uma vez que as duas candidaturas estavam ligadas a partidos da base do governo, como, para reforçar ainda mais o confuso espectro político-ideológico atual em que esquerda e direita convivem dentro do campo lulista, a aliança com Paulo Maluf no plano federal passou a existir também no plano municipal, reunindo petismo e malufismo em uma só candidatura.

A aliança com Maluf, contudo, não impediu que outro candidato tentasse ocupar o espaço político do malufismo em 2012, “roubando” votos do PT em bairros de periferia. Celso Russomano, ex-malufista que ingressou no PRB em 2011, conhecido por atuar como repórter popular, principalmente nas pautas de defesa do consumidor, conseguiu reunir mais de 30% das intenções de

87 No jingle da campanha de Celso Russomano diz-se: “*Com São Paulo para mudar, meu prefeito é Celso, o novo que vai chegar...*”

88 Ver trecho da propaganda de Gabriel Chalita na p.182.

89 A campanha de Fernando Haddad tinha como slogan principal a frase “Pense Novo”.

voto durante setembro de 2012 com base apenas em seu apelo popular prévio, ameaçando disputar o segundo turno das eleições daquele ano com Fernando Haddad do PT ou José Serra do PSDB. Sua candidatura, porém, parece ter ameaçado mais Fernando Haddad do que José Serra, uma vez que Russomano, almejando ser o Maluf do século XXI, possuía a vantagem de integrar, assim como o próprio Paulo Maluf, a base governista. Desse modo o candidato do PRB poderia, talvez até de forma mais eficaz que Kassab, ganhar votos em bairros de periferia que tendencialmente votam no PT.

Se Russomano foi atrás dos votos dos mais pobres, Gabriel Chalita foi atrás dos votos das classes médias. Ex-tucano, ex-PSB, o político católico se filiou ao PMDB de Michel Temer um ano antes das eleições municipais. Filiado ao movimento católico de Renovação Carismática conhecido como “Canção Nova”, expressão religiosa do conservadorismo que disputa espaço dentro da Igreja com a teologia da libertação (Comblin, 1983; Ceris, 1995, apud Valle 2004) e, fora dela, com o neopentecostalismo (Machado, 1998, apud Valle 2004), Chalita era candidato a ser uma espécie de jovem Geraldo Alckmin, de quem havia sido secretário da juventude e depois da educação, com a diferença de que não pertencer mais ao PSDB seria, segundo sua campanha de televisão, uma vantagem:

“(...) Será que a picuinha entre PT e PSDB vai permitir que a cidade mais importante do Brasil seja governada por uma pessoa que usa o sofrimento do povo, mas não mostra nenhuma saída pra resolver esse sofrimento? Os dirigentes do partido do Russomano são da Igreja Universal. Será que é uma boa misturar religião com política? Olha, todas as vezes em que o cansaço com os políticos falou mais alto do que a razão, São Paulo acabou escolhendo Prefeitos muito piores do que os políticos que a cidade rejeitava. Foi assim com Pitta, foi assim com Kassab. São Paulo agora não pode sair de um buraco pra cair em outro. Eu sou do PMDB, o maior partido do Brasil (...), o meu partido é da base da Presidenta Dilma e também tem uma ótima relação com o Governador Alckmin. A minha ida para o segundo turno é a única garantia de unir PMDB, PSDB, PT e os outros partidos contra uma aventura.” (Horário Eleitoral Gabriel Chalita 24.09.2012)

Chalita tentou aparecer como candidato de centro na tentativa de receber os votos de eleitores das classes médias descontentes com o PT e o PSDB, os quais, segundo Limongi e Mesquita (2008), passaram a decidir as eleições em São Paulo após a decadência do malufismo. Sua capacidade de atrair votos, no entanto, não foi suficiente para levá-lo ao segundo turno, provavelmente porque vários eleitores potenciais de Chalita acabaram dando preferência para Serra

ou para Haddad, que apareciam mais à frente nas pesquisas, como ocorreu com Caroline.

Caroline, apesar de se dizer petista, foi a única entrevistada que pensou em votar em Chalita antes mesmo de ter início o período eleitoral, pois o achava, com o perdão do trocadilho, carismático. Porém, disse que carisma não bastava para eleger alguém para a prefeitura, era preciso crescer nas pesquisas. Como Caroline tinha associado Gabriel Chalita ao PSDB e se dizia petista há um ano atrás, perguntei a ela se o partido dos candidatos fazia diferença, ao que respondeu que, na verdade, sentia-se decepcionada com o PT:

“Então, eu estava votando muito na questão do PT. Só que o PT me deixou desanimada porque agora ele se aliou ao Maluf, o Maluf se aliou a ele, não sei. O Lula quis, não é? Então me deixou um pouco desanimada. No Serra eu não voto porque ele tem esse problema (...), o Serra ele não dá, não dá porque toda vez ele sai. E estou agora no Gabriel Chalita também (...) *Você falou da aliança com o Maluf...* Ah, eu nunca gostei do Maluf, desde pequenininha eu nunca... acho sujo, sabe? Acho uma pura falsidade, porque o Lula fez tudo, aí pegou, virou oba oba. Ficou vazio. Aí o pessoal, “ah, ele está roubando, está isso, aquilo”. Então você poxa, acreditou, acreditou, acreditou no cara... tudo bem, ele ajudou um pouco o Brasil, principalmente o Nordeste, o Lula no Nordeste ele é querido, tudo bem, mas só que aí ele vai e faz uma aliança com um cara que você sabe que roubou, até que foi tudo...tudo bem, porque ninguém é santo, todos roubam, mas só que a ficha dele está todinha, foi até preso, está com um monte de processos em cima, aí ele vai se aliar a um cara desse? Então me poupe, não é? Então deixou a desejar. Essa parte aí do Lula aí, essa parte do PT, ficou sujo. *Você acha que se ele não tivesse feito essa aliança você acha que votaria no Haddad?* (...) Aí eu iria ver, mesmo não tendo feito nada, mas sendo petista e votando sempre no PT, só que eu ia ficar indecisa entre o Chalita e ele. Mas de qualquer jeito eu iria verificar quem foi o Fernando Haddad, o que ele fez, o que deixou de fazer.” (Caroline, 30 anos)

Durante o período eleitoral foi tirada uma foto de Lula, Haddad e Maluf se cumprimentando sorrindo, o que fez com que Caroline se sentisse mal, pois, para ela, que cresceu gostando de Erundina, o malufismo sempre fora adversário do petismo em São Paulo. Quando soube que Erundina, representante do velho PT, ainda que tivesse passado a atuar pelo PSB, deixou de ser candidata a vice de Haddad por conta da aliança com Maluf, Caroline sentiu-se representada por tal ato, como se o petismo tivesse acusado o golpe:

“Na época da Erundina o ensino era muito bom também, as coisas eram mais firmes. Uma vez ela visitou a escola, eu era novinha, eu acho que eu tinha uns nove, dez anos...pra mim a Erundina foi a melhor. Aí depois passou muito tempo veio aquele Pitta lá, que ele acabou morrendo, ladrão também. E foi a coisa do Maluf, não é? (...) Se fosse ela, pode ter certeza que eu ia votar nela, se ela fosse vice do Haddad, (...) se fosse a Erundina, ele teria o meu voto. Porque aí se ele saísse ficava a nossa vice Erundina. *(Mas) Ela não aceitou...* Por causa da aliança com o Maluf, não é? Eu acho que ela está certíssima. Porque o Lula devia tomar vergonha na cara dele, naquela barba dele, que não tem mais barba, tomar vergonha e não ter feito aquilo, porque ele viu o que o Maluf fez. Então eu achei a atitude dela muito boa. Mulher de opinião. Pra mim, está certíssima. Pra mim está muito bom, certo, o que ela fez está certo. Só que o Lula não... mesmo assim ele quis, porque o Maluf também, lógico, o que ele está querendo é aliança com algum...ninguém está querendo, ele está correndo daqui, está correndo de lá. Vamos dizer que é como se fosse um Collor, entendeu? Eu acho que ela fez certo. (...) Esses dias mesmo a minha mãe estava falando, “ah, se bobear esse Russomano acho que vai ganhar”. Porque a gente fica tão frustrada algumas vezes, igual agora com o Lula, a gente fica frustrada. Então isso vai te deixando...o povo vai ficando triste, essa é a verdade. O povo vai começar a anular, não vota, vota em branco (...)” (Caroline, 30 anos)

Ainda que o partido de Maluf já fizesse parte da base governista no nível federal e Erundina soubesse da aliança no nível municipal quando aceitou ser vice de Haddad, a fotografia de Lula e Haddad junto de Maluf explicitou a mesma. Tal explicitação representava, simbolicamente, um desencontro entre o petismo e lulismo, ao contrário do que ocorreria se Maluf não estivesse na chapa e Erundina fosse vice de Haddad, o que apontaria para um encontro entre petismo e lulismo. Caroline culpou Lula pela aliança com Maluf, e, não à toa, disse que ele que deveria tomar vergonha em sua barba, uma vez que a barba de Lula sempre foi associada à radicalidade do PT, de modo que a perda da barba de Lula significaria, para ela, a “normalização” do partido. Como afirmou a jovem, a lógica de “oba-oba” do lulismo fez com que a disputa política perdesse o sentido: “porque o Lula fez tudo, aí pegou, virou oba oba. Ficou vazio. (...) agora com o Lula, a gente fica frustrada. Então isso vai te deixando...o povo vai ficando triste, essa é a verdade”.

A frustração com a política foi manifestada de forma mais explícita, como o fez Caroline, apenas entre as pessoas que possuíam preferência pelo PT, como Tatiana:

“Eu não posso negar que eu sempre gostei muito do PT, (...) eu não vou mentir que eu

sempre gostei do PT, mas eu fiquei muito decepcionada com o negócio do mensalão. Palhaçada, né. Você confia num político, você sai da sua casa, vai lá, dá o seu voto, aí depois você fica chateada. (Maria Teresa) Mas você votou no Zé Dirceu? (Tatiana) (Negativa) Mas faz parte do mesmo partido, né? Eu fiquei muito chateada. Eu sempre gostei muito do PT, não vou mentir, desde a época que o Lula era pobrezinho. Então eu sempre gostei, eu sempre vi que ele tinha muita garra pra correr atrás, entendeu? Mas eu não vou dizer pra você que eu não me decepcionei. Eu achei que assim, na época do governo dele, porque ele não é mais o presidente, mas na época do governo dele ele fez muito pelo meu pessoal do Nordeste. Então muita gente... eu tenho patrão que chegou a falar pra mim que ia me mandar embora se eu não votasse no outro partido, (...) chegou pra mim e falou, “você tem que votar no PSDB e ponto. Se eu descobrir que você não votou no PSDB eu te mando embora.” (Tatiana, 30 anos)

Caroline e Tatiana se diziam frustradas com o partido por questões que envolviam uma das principais bandeiras do petismo, a ética, mesmo que soubessem que, ao contrário do PSDB, o PT seria mais favorável às classes populares. Maria Teresa, que justamente havia desistido de militar pelo PT por conta do “mensalão”, assim como Caroline, também reclamou da aliança com Maluf e pensava em votar em Celso Russomano por conta da decepção com o PT.

Assim como Maria Teresa, outros tantos moradores de periferia, petistas ou não, também pensaram em votar em Russomano, daí os altos índices de intenção de voto alcançados pelo candidato. A subida do político do PRB nas pesquisas refletiu o declínio do petismo e a prevalência da lógica operada pelo lulismo, a qual fazia com que as diferenças entre esquerda e direita na política ficassem menos discerníveis, o que, em São Paulo, abre mais espaço para políticos de direita, que tentam se afirmar como populares ao disputarem terreno em bairros de periferia em que o PT tendencialmente conta com a maioria dos votos, como havia ocorrido com Kassab e, agora, ocorria novamente com a candidatura de Russomano.

Tendo em vista a ascensão meteórica de Russomano e o descenso do petismo, a campanha de Fernando Haddad, assim como a de Gabriel Chalita, alterou sua estratégia inicial. Passou a criticar explicitamente o político do PRB e, para tentar estimular a militância petista, afastou Paulo Maluf das aparições públicas ligadas à candidatura, reforçou a presença de Marta Suplicy na

campanha⁹⁰ e passou a promover comícios em bairros de periferia, alguns com a presença de Lula, para afastar a influência de Celso Russomano⁹¹. Após a realização de comícios em bairros de periferia das Zonas Sul e Leste, redutos mais antigos do PT, foi programado um comício para o dia 22 de setembro no subdistrito da Brasilândia, região que representaria a periferia da Zona Norte, faltando quinze dias para o primeiro turno, o qual foi realizado no dia 7 de outubro de 2012.

O comício foi marcado para às 16 horas no Jardim Iracema em um local chamado Calçadão do Iracema, na região central do subdistrito da Brasilândia, nas proximidades da rua Parapuã. Por volta das 18hs já haviam chegado vários pequenos grupos de militantes com enormes bandeiras que representavam candidatos e candidatas a vereadores pelo PT ligados a diversos bairros do subdistrito e também de outros bairros de periferia da Zona Norte:

“(Locutor) Eu estou vendo muita cara conhecida aqui, muita gente. O pessoal do Diretório, a Cecília, o pessoal aí...Pessoal, vamos aí, cabeça erguida, a vitória está com a gente, está com a militância, está com o nosso trabalho de todo dia. Agora aqui temos a campanha que eu estou vendo aqui pessoal, do companheiro Zé Carlos, da Verinha... Cadê a Verinha? Legal, legal, legal. Aí, vamos lá. Então vamos todo mundo...Aí Zé Carlos. A vice-presidenta....e do Donato. Aí, vamos lá pessoal. Donato é o nosso presidente do Diretório Municipal. Tião aqui a frente, força Tião. Oh meu Deus, eu estou vendo lá no fundo o Ítalo. Aí, vamos todo mundo gritar. Aqui na frente, o professor Giba, vamos levantar bandeira. Vamos aí professor Giba, força. Olha, do lado direito aqui. Olha o Paulinho. Paulo Cirilo, vamos lá. Força. Lá atrás, Zé Américo. Cadê o companheiro Zé Américo?A bandeira...isso, ergue. Agora todo mundo junto...É PT. É vitória. Vamos lá pessoal. A força da Freguesia, Brasilândia, vamos mostrar a força do Vista Alegre, Elisa Maria, Vila Penteado, a Vila Brasilândia, Damasceno. Vamos todo mundo aqui. Ali do Cantagalo, escondido, aí pessoal, aqui é a militância, é o trabalho de todo mundo junto. O Jaraguá, aqui da nossa região norte. Perus, Pirituba, que mais? Vamos aí. Estou esquecendo

90 “Um dos principais cabos eleitorais do PT em São Paulo, a senadora Marta Suplicy (PT-SP), escolheu o dia 17 de setembro para fazer campanha na rua em prol do candidato petista à Prefeitura de São Paulo, Fernando Haddad. “Vou entrar com tudo. Temos oito comícios para fazer, começando no dia 17 (deste mês)”. A senadora, no entanto, não informou onde serão esses comícios. Marta também contou que passou a manhã desta segunda-feira gravando programas de Haddad que serão exibidos no horário eleitoral gratuito. Ela não antecipou, porém, quando eles irão ao ar. “Já sei, mas não posso dizer. Essa semana começa.”” (Fonte: O Estado de SP - 03.09.12)

91 “O ex-presidente Lula anunciou que fará dois comícios neste sábado em São Paulo. O alvo é a Zona Sul, para marcar presença num dos tradicionais redutos petistas que anda cedendo votos para Celso Russomanno. Lula irá ao Capão Redondo, às 17h, e ao Grajaú, às 19h.” (Fonte: http://columistas.ig.com.br/poderonline/2012/09/12/lula-fara-dois-comicios-para-haddad-neste-final-de-semana_-12.09.12)

alguma? Elisa Maria, Jardim Teresa, Cachoeirinha, a nossa região querida. Casa Verde. A menininha me lembrou, Casa Verde. Pessoal, toda região norte está contemplada com a força e com o nosso sentido. Todo mundo paulistano. Jardim Paulistano do Alto, e Jardim Paulistano do Baixo. Tião. Pessoal, esqueci algum vereador aqui? (...) Nós temos uma campanha forte no Morro Doce. Pessoal, o Morro Doce é uma região muito afastada, e o PSDB está trabalhando lá, quem puder, de Perus, Pirituba, ajudar o Morro Doce, vai lá, dando a sua campanha, e mostra a nossa força. É a força do PT, é a força do trabalhador. Aqui mostra a militância da zona norte e noroeste.”

Após ter realizado a enumeração de todos os grupos de militantes presentes, passou-se à apresentação dos candidatos e candidatas a vereadores. Professor Giba ressaltou que participou dos mutirões realizados no governo de Erundina ainda como estudante da Escola Politécnica, dizendo que era preciso resgatar os projetos do primeiro governo do PT na capital. Verinha, militante há vinte anos do PT na Brasilândia, se disse orgulhosa de ter sido criada no Elisa Maria e de ser militante do movimento de moradia. Tião ressaltou que foi o responsável pela lei do Vai-e-Volta, um dos programas sociais da gestão Marta Suplicy e Maria Natavidade disse que nenhum partido tinha uma militância como a do PT, e que era preciso acordar cedo e bater de porta em porta para eleger Haddad. Falaram ainda mais três candidatos a vereador pelo PT, Zé Carlos, Roberto Guido e Francisco Chagas, além de Cratos, candidato a vereador pelo PCdoB, e logo passaram a discursar os deputados do PT, Ênio Tatto, deputado estadual e Carlos Zaratini e Paulo Teixeira, ambos deputados federais.

Todos os deputados, além de citarem várias vezes os nomes de Lula e Dilma e falarem da importância da militância do PT, ao comentarem sobre os partidos que compõem a coligação da campanha de Haddad fizeram questão de excluir em suas falas o PP (Partido Progressista), partido de Paulo Maluf, e ressaltar a participação de agremiações progressistas:

“(...) Eu tenho certeza absoluta que a militância do PT, do PCdoB, do PSB e do PT vai levar o Haddad para o segundo turno, tenho certeza absoluta. E no segundo turno a gente ganha, porque a gente tem o melhor programa, a gente tem o melhor candidato, e a gente tem os melhores apoios. Nós temos o Lula que foi o melhor presidente do Brasil, temos a Dilma que está dando um show, que é uma grande presidenta, que ninguém acreditava, e que hoje tem mais de 80% de aprovação. E nós temos uma coisa que eles não tem, essa militância que está aqui, que vem pra praça, que não fica dentro dos gabinetes com medo de ir pra rua. Só o PT que vem fazer comício na rua. É graças a militância nossa, a força, a

coragem, e a certeza que nós vamos levar o Haddad para o segundo turno.” (Ênio Tatto)

“O comício do 13, dos partidos aliados, do PCdoB, do PSB, dessa nossa grande frente aqui na Zona Norte e em toda São Paulo. Dizer a vocês, gente, que o nosso partido, os nossos candidatos estão crescendo no Brasil inteiro. Nós estamos avançando, vamos ganhar muitas cidades, vamos avançar muito. E sabe por quê? Porque o nosso governo, do presidente Lula e da presidente Dilma, é um governo que olha para o povo, que olha para os que mais precisam, que olha para aqueles que lutam todos os dias no seu trabalho.” (Carlos Zaratini)

“Primeiro vocês foram responsáveis pela eleição da Luiza Erundina. E quando a Luiza Erundina foi prefeita de São Paulo a escola era boa, a saúde era boa, o ônibus era bom. E isso foi importante pra São Paulo. Mais tarde vocês elegeram outra mulher na prefeitura de São Paulo, Marta Suplicy. E a Marta fez os CEUs, fez o Bilhete Único, construiu muitos corredores de transporte em São Paulo. Nós, na moradia, fizemos muita moradia em São Paulo, regularização fundiária, as COABs, demos os títulos das COABs, e a Marta foi uma grande prefeita. Foi ou não foi? Mais tarde vocês elegeram o Lula presidente. E o Lula, somado com o que ele e a Dilma já criaram de empregos, foram vinte milhões de empregos no Brasil de carteira assinada. Muita gente aqui veio do Nordeste, não veio? Antigamente o povo vinha do Nordeste pra São Paulo, trabalhava duro em São Paulo, guardava um dinheirinho, tinha que construir a casa, tinha que educar os filhos, e mandar o dinheiro para o Nordeste. Não é isso? Mas com o Lula o Nordeste está melhorando muito. O povo está vivendo com dignidade. (...) E a elite brasileira não quer que a gente fortaleça o povo brasileiro, a esquerda brasileira, o PT, o PCdoB, o PSB, e todos os nossos aliados que levam direitos para o povo brasileiro.” (Paulo Teixeira)

Para incentivar a militância petista, as falas dos deputados invisibilizaram a direita lulista e ressaltaram o pertencimento do PCdoB e o PSB à esquerda do campo popular/lulista, sendo que imediatamente após seus discursos, para reforçar a mensagem, foram apresentados no palco os presidentes dos diretórios municipais do PSB, PCdoB e PT, além do presidente nacional do PT, Rui Falcão que afirmou:

“Nós temos um programa de TV maravilhoso, mas só a TV não ganha eleição. E é por isso que nós precisamos da militância do PT, do PCdoB, do PSB, dos partidos que estão nessa

campanha conosco pra construir a vitória e uma grande mudança na cidade de São Paulo. O novo e a mudança estão com Fernando Haddad. O novo não é novidade, o novo é uma nova cidade, é melhor condição de vida para o povo, é participação popular, é o resgate do tipo de governo que a Marta fez em São Paulo. E é por isso que ela está no palanque conosco. E o Haddad é o candidato do presidente Lula e da presidenta Dilma.” (Rui Falcão)

Para marcar os vínculos do petismo com o lulismo, além de falar em governo com participação popular, uma das bandeiras do petismo, como fez Rui Falcão, Luiza Erundina, uma das lideranças mais ligadas ao jeito petista de fazer política foi citada várias vezes durante o comício. Ainda que tenha deixado a campanha de Haddad, a prefeitura da atual deputada do PSB foi lembrada não apenas nas falas de Professor Giba, Francisco Chagas, Ênio Tatto e Paulo Teixeira, mas também nos discursos de todas as lideranças do PT que se seguiram à fala de Falcão, Eduardo Supliy, José Eduardo Cardoso, Marta Suplicy e, claro, do próprio Fernando Haddad, apesar deste ter ressaltado muito mais a gestão de Marta Suplicy, da qual participou como secretário de finanças.

O resgate da memória da gestão de Erundina e a insistência em dizer que a militância era vital na campanha porque faria com que Haddad vencesse a eleição e, por isso, seria mais importante dos que as caríssimas campanhas de televisão, visavam não apenas empolgar os militantes presentes no comício mas também ressaltar um diferencial que o PT vem perdendo: o petismo. A origem e a história do PT em tempos de lulismo são lembradas, ainda que de forma instrumental, em uma tentativa de ressaltar que o PT não é um partido como os outros, de reforçar o tênue vínculo que, no imaginário dos eleitores que preferem o PT, como os entrevistados nesta pesquisa, ainda ligariam o partido à defesa dos trabalhadores. Afinal, é justamente a diluição das diferenças entre o PT e os outros partidos realizada pela lógica do lulismo que afastava não apenas os eleitores mas até mesmo militantes antigos, principalmente no caso específico das eleições de São Paulo, tendo em vista não apenas a aliança com Maluf como a coincidência curiosa entre o julgamento do “mensalão” e o período eleitoral, o qual era alardeado pela grande mídia e pela campanha de José Serra, trazendo de volta o gosto amargo da perda da bandeira da ética entre eleitores que possuem preferência pelo PT, como Caroline, Tatiana e Maria Teresa, fazendo-os titubear em optar pelo partido novamente.

O movimento forçado do lulismo, representado pela candidatura de Haddad, com o petismo, ainda que superficial e instrumental, era necessário face à proximidade do dia 7 de outubro e da possibilidade de perder a eleição para Celso Russomano. Ao contrário de José Serra, que, naquele momento, era considerado pela campanha petista como uma carta fora do baralho, e de Chalita, que

não era sequer mencionado, Russomano ameaçava de fato ir para o segundo turno, e se isso acontecesse era bastante provável que eleitores das classes médias e altas, assim como vários moradores de bairros de periferia, votassem no político do PRB e este ganhasse a eleição, ao contrário de José Serra, cuja alta rejeição era motivo de zombaria e que certamente perderia a eleição caso disputasse o segundo turno.

Para a sorte do PT, ainda que Celso Russomano contasse com um apelo popular grande, sua campanha fora amadora o suficiente para fazer uma proposta, na área de transporte público, completamente destoante da realidade da cidade: uma tarifa de ônibus proporcional à distância percorrida. Tal proposta obviamente prejudicaria justamente aqueles que habitam distantes bairros de periferia e precisam se deslocar por vários quilômetros para chegar ao local de trabalho. Assim, em pouco tempo, Russomano passou a ser ridicularizado pelos outros candidatos e suas intenções de voto começaram a cair, porém, dada a proximidade do dia da eleição era preciso que estas caíssem suficientemente para fazer com que ficasse fora da disputa do segundo turno:

“(…) Gente, vocês sabem que o Serra quer voltar a ser prefeito, não sabemos por quanto tempo, provavelmente por mais um ano, que foi o tempo que ele ficou quando foi eleito. (...) Eu tenho medo que a rejeição a ele, que está hoje 46%, ganhe no primeiro turno, e aí acaba a eleição. (...) Agora, a nossa preocupação é outra. Nós temos que ir no segundo turno, mas nós temos que ganhar a eleição, não é ir para o segundo turno, é ganhar a eleição! E nós temos um fenômeno que nós temos que saber lidar, que é o Celso Russomano. Então eu vou falar, não aqui fazendo um ataque pessoal, não é o nosso interesse, mas eu pergunto pra vocês na política, a discussão é política. Vocês sabem quantos CEUs o Celso Russomano prometeu fazer? Vocês sabem quantos quilômetros de corredores de ônibus o Celso Russomano prometeu fazer? Vocês sabem quantas escolas de tempo integral, ou quantos hospitais, o Celso promete fazer? O problema todo é que vocês não sabem, eu não sei, mas tem uma coisa pior, ele não sabe. (...) Gente, São Paulo não é uma cidade que dá pra amador tocar. (...) Ele fala que não tem partido, que não faz proposta, que não tem padrinho, que não tem apoio, que não tem nada. É um candidato muito engraçado, porque ele não tem nada. Parece aquela casa de Vinícius de Moraes, não tinha teto, não tinha nada, então é um candidato que não tem nada, não tem nada. Ele propôs sabe o quê? Que você pagasse a tarifa de ônibus de acordo com a distância. Sabe o que isso vai acarretar? Que você que mora aqui vai pagar mais cara a tua tarifa de ônibus do que alguém que mora na Vila Mariana, ou no centro de São Paulo. Tem cabimento uma coisa dessa? Agora eu pergunto, é por mal? Não é por mal. Eu sou capaz de apostar que

não é por mal. Não é pra favorecer o rico e prejudicar o pobre. É porque a pessoa não tem noção.(...) Nós sabemos fazer. Nós já fizemos e sabemos fazer. Não é a toa que todos os governos nossos são bem avaliados. A Marta hoje ainda é reconhecida como a melhor prefeita de São Paulo. O presidente Lula saiu como melhor presidente da história do Brasil. E a Dilma, em apenas um ano e meio, dois agora, de governo, chegou no mesmo patamar de aprovação do Lula. É dessa origem que a gente vem, e essa origem que nós vamos respeitar pra governar, mudar pra melhor, e transformar a cidade de São Paulo num lugar melhor pra viver. Pra isso vocês precisam nos ajudar. É a militância do PT que vai ganhar essa eleição, não é a televisão, não é o rádio, é a nossa militância. (...) Agora é hora de trabalhar. São quinze dias de trabalho, e oito anos de sossego e prosperidade. Vale a pena ganhar essa eleição. Vamos pra luta. Vamos ganhar essa eleição. Um abraço e até a vitória.” (Fernando Haddad)

O lulismo prescinde da atuação da militância petista para ganhar as eleições a não ser quando a vitória está ameaçada, quando então um encontro com o petismo é forçado na tentativa de resgatar o ímpeto militante do velho PT. De acordo com Haddad, “são quinze dias de trabalho, e oito anos de sossego e prosperidade”, ou seja, a militância é requisitada apenas em face da possibilidade de perder as eleições, devendo trabalhar incessantemente por quinze dias para depois descansar por oito anos, afinal, para o candidato, a lógica do lulismo seria tão eficaz que permitiria com sossego sua reeleição caso conseguisse chegar ao poder.

Derrota do petismo, vitória do lulismo,?

A tática lulista surtiu o efeito desejado. Após uma disputa apertada, Haddad venceu o pleito conquistando a maior parte dos votos dos moradores de bairros periféricos da capital. Assim, como seria esperado, Haddad foi o candidato preferido entre os moradores entrevistados por mim, dos quais, de quinze pessoas⁹², nove votaram no político petista no primeiro turno, e doze no segundo:

92 Dulce mudou-se para Franco da Rocha e Jadson não conseguiu se encontrar comigo nas diversas vezes que tentei entrevistá-lo novamente.

Tabela 3 – Preferência partidária e voto dos entrevistados nas eleições municipais de 2012

NOME	PREFERÊNCIA	VOTO 1o TURNO	VOTO 2o TURNO	VEREADOR
	A PARTIDÁRIA			
Ana Maria	Não possui	PSDB	PT	“Candidato do bairro”
Carmem	Não possui	PT	PT	Não se lembra
Caroline	PT	PT	PT	“Candidato do bairro - Alex Motta (PSOL)”
Cleiton	PT	PT	PT	Legenda do PT
Cleuza	PT	PT	PT	“Candidato do bairro – Tião” (PT)
Dalva	Não possui	PT	PT	Claudinho (PSDB)
Dulce	PT	X	X	X
Felipe	Não possui	PT	PT	Branco
Jadson	PT	X	X	X
Manuel	Não possui	PSDB	PSDB	“Candidato do PSDB”
Marli	Não possui	PT	PT	“Candidato do bairro - Bezerra de Taipas”
Nilza	Não possui	PRB	PT	Não se lembra
Raimundo	Não possui	PSDB	PSDB	“Candidato do bairro - Alex Motta (PSOL)”
Rita	PT	PT	PT	“Candidato do sindicato - Marindo Pincel – PT”
Roseane	Não possui	PMDB	PSDB	Não se lembra
Silvana	PT	PT	PT	“Candidato da ATST – Fábio” (PSDB)
Tatiana	PT	Branco	Branco	Branco

A despeito das reclamações a respeito da aliança com Paulo Maluf, da perda da bandeira da ética e da frustração com a lentidão das mudanças sociais, a imagem do PT ainda conseguiu fazer com que muitos de seus simpatizantes votassem em Haddad.

É claro que além da preferência partidária, em quaisquer eleições sempre existem muitas variáveis de ordem mais genérica que influenciam o voto para cargos executivos. Além da já mencionada tendência de moradores de grandes centros urbanos votarem em candidatos que sejam de oposição ou se apresentem como “novidades”, existe também o chamado “voto retrospectivo”, ressaltado pela teoria da escolha racional, isto é, o ocupante de um governo mal avaliado tem menos chance de ser reeleito ou de eleger candidatos percebidos como de continuidade, assim, como as eleições em grandes cidades são realizadas em dois turnos, muitas pessoas optam por fazer voto útil para que o candidato pior avaliado não dispute o segundo turno e, para tanto, acompanham as pesquisas eleitorais e deixam para escolherem seu candidato ao final do período eleitoral.

No caso específico da eleição de Fernando Haddad, é possível dizer que todas estas variáveis atuaram em maior ou menor grau. Haddad foi apresentado em suas campanhas publicitárias como “novidade”, assim como o foram Chalita e Russomano. Porém, ao contrário destes, não era uma novidade “total”, um “aventureiro”, como foi qualificado Russomano no comício na Brasilândia por não “contar com o partido e apoiadores”. Haddad pertencia ao PT e era

apoiado por Lula e Marta, o que lhe conferia credibilidade, ao contrário de Russomano, cuja credibilidade vinha apenas de sua atuação como repórter, e Chalita, que não possuía o diferencial de pertencer ao PT ou de ser popular como o candidato do PRB.

À medida que o dia 7 de outubro se aproximava, Chalita parecia não possuir chances reais de disputar o segundo turno e o candidato do PRB vinha caindo nas pesquisas em virtude da ofensiva do PT e de sua proposta infeliz relativa ao transporte público:

“Você votou no primeiro e segundo turno para o Haddad? Foi, nos dois. Porque eu lembro que você estava em dúvida entre o Chalita... Isso. Mas aí eu votei no Haddad porque eu gosto do PT, não é, então vamos ver aí. Como eu votei na Dilma, gostei do jeito dela, por isso que eu acho que eu votei. Assim, eu tenho afinidade, um pouco, pelo PT. Mas eu comecei a analisar e falei, “ah, vou votar no PT”, só por isso também. O Chalita eu... é uma coisa até as vezes boba, você fala assim, “por que eu vou votar em um, sabendo quem, mais ou menos, vai ganhar?”. Então é um preconceito besta da minha pessoa, eu falei, “ah, eu vou votar num cara que não vai ganhar?”. Lógico que a gente tem que ter isso na cabeça. Mas só que na última hora eu decidi votar no Haddad. E aí no segundo turno eu não votei no Serra porque ele já é a terceira ou quarta vez, não sei, que ele abandonou a prefeitura. Então por isso que eu não votei no Serra. Aí acabei votando no Haddad, entre os dois, votei no Haddad. E o Chalita fiquei em dúvida no primeiro turno, mas depois eu falei “bom, vou votar no Haddad”, no próximo ano eu torço para o Chalita.” (Caroline, 30 anos)

“Eu nunca nem ouvi falar o nome dele (Haddad), mas é uma coisa nova, né? Quem sabe faz alguma coisa, porque ninguém sabe o projeto dele, né, o que ele fazia, o que ele deixou de fazer. (...) Ah sim, tinha o Chalita também, eu estava na intenção de votar nele, mas depois me deu aquela empolgação do Haddad, que foi para o Haddad. E por que a senhora mudou? Por que eu mudei? Porque achei que o outro lá ia fazer alguma coisa de melhor pra população mais carente, e o Chalita eu não... não foi assim, aquela firmeza nele não, entendeu? Porque realmente, todo mundo na época da eleição promete mundos e fundos. (...) E o que a senhora achou do Russomano? Bom, ele... ah, independente, porque ele é popular assim, da televisão, essas coisas, eu acho que é mais propaganda, (...) que ele é da televisão, essas coisas, então quer dizer, a pessoa se empolga. Mas a senhora não pensou em chegar a votar nele? Não, não, não. E o Serra? Também não, não pensei.” (Cleuza, 58 anos)

“Eu votei no Haddad. Eu sempre votei no PT. Não sei por que, mas...é porque eu não gosto do Serra mesmo. É uma pessoa que promete...Ele entra pra prefeito, daí a pouco, na metade do mandato, ele saí, desiste, não é. Eu não sei se é ser incapaz ou se ele tem muita ganância, uma dessas coisas ele tem (...) e o Haddad vamos tentar, né, ver o que ele vai ser, se vai ser um bom prefeito...é isso. Eu acho que se eu não votasse no Haddad, eu votava no Chalita, porque eu acho que ele ia ser melhorzinho assim, pelo jeito da entrevista dele, né. Eu ia votar... se não tivesse o Haddad, eu ia votar no Chalita, pelas conversas dele, ele é sincero, não sei também...se não tivesse o Haddad... eu sou petista, a gente tem muito tempo que já somos petistas, então... Mas não voto assim, pelo fato de ser petista, pelas opções, não é, que...se fosse a Marta eu votaria, porque já conheço. No caso se fosse a Erundina, porque ela foi uma boa prefeita, e ela estava como prefeita quando eu cheguei aqui em São Paulo, então eu votaria nela também. Mas no Serra eu não voto, não sei por que, eu não gosto dele, ele é muito ganancioso. O Russomano também parece ser boa pessoa, eu votaria nele também.” (Rita, 43 anos)

Ainda que Caroline, Cleuza e Rita tenham flertado com a possibilidade de votar em outros candidatos, a preferência pelo PT acabou falando mais alto do que a frustração com o partido. Maria Teresa, que chamou Russomano de “xarope” depois de ficar sabendo da proposta do transporte público, acabou decidindo por Fernando Haddad nos dois turnos e justificou sua opção dizendo: “o PT corre no sangue, não tem jeito”.

Como seria esperado, entre as pessoas que afirmam preferir o PT, apenas Chalita e Russomano, que eram da base do governo, foram considerados como opções viáveis, afinal, José Serra não só havia abandonado a prefeitura, como sua ligação com o PSDB e ao campo anti-lulista era forte o suficiente para afastar eleitores mais ligados ao petismo, Silvana, por exemplo, disse que Serra favorece “os grandões” :

“Agora, foi no Haddad, nos dois turnos, porque assim, eu gostei da fala dele (...) por se mostrar uma pessoa boa. Não sei se ele vai ter a experiência que os outros tem, mas ele mostrou ser uma boa pessoa, e outra que ele também faz parte do PT e eu sou petista. (...) O Serra é um fanfarrão, porque ele não assume. Quer dizer, ele tem muita experiência, ele conhece muito de política, por esse motivo, o que ele conhece é pra ele, em favor a ele. Então ele não se preocupa em fazer lá, e sim o que ele acha que dá pra ele, que favorece ele, os grandões e muito mais.” (Silvana, 38 anos)

Tendo em vista a ligação de Serra ao campo anti-lulista e seu abandono da prefeitura em 2006, a rejeição de sua candidatura era alta entre as camadas populares. Felipe cogitou votar no candidato tucano, porém acabou decidindo votar em Haddad nos dois turnos:

“O Haddad e o Serra eram os dois principais pra mim, fiquei entre um e o outro. É, aí votei no Haddad pelas propostas que ele fez. E o Serra ele abandonava toda vez, então assim, pra escolher ele e colocar outro...não foi legal ele ter abandonado. *E quais propostas do Haddad você gostou?* Que eu gostei? Das universidades, que pra mim é interessante, porque eu estou querendo voltar. A continuação do Bilhete Único, que o Serra ia tirar.”
(Felipe, 23 anos)

Apenas Raimundo, ex-petista, Ana Maria, malufista e “anti-PT”, e Manuel, que foi beneficiado por uma política particular relacionada ao político tucano, optaram por José Serra no primeiro turno:

“Eu votei (no Serra) porque eu achei que ele é um político mais velho, com experiência. Mais experiente ele, né? Votar nesse Haddad aí, esse Haddad ele nunca foi prefeito. Ele era Secretário da Educação, não era? Eu não conheço ele. Também está tendo muito roubalheira no PT, muita roubalheira. Eu votei no PT muitos anos, eu te falei na outra.”
(Raimundo, 53 anos)

“É, na verdade eu não queria nem votar no Haddad por causa disso, eu não gosto do partido do PT, eu ia votar no Serra exatamente por isso. Mas muitas vezes a gente não tem muita escolha. Pode ver, sempre é o PT que ganha, sempre é o partido do PT. Porque a gente não tem. Eu acredito que tem até partidos bons, (...) às vezes eu fico pensando assim, as pessoas deviam votar, não é? Deviam experimentar outros partidos, mas acaba que é sempre o PT que ganha. Na verdade a gente vê muitas coisas, muitas coisas erradas no partido do PT, mas a gente não tem outra opção. Sempre é o PT que acaba ganhando. Mas cada um deles que ganha, como o nosso ex-presidente, o Lula, não é, que prometeu muitas coisas, que ele ia... ia ter muito emprego para as pessoas, todo mundo acabou acreditando que ele ia fazer realmente. Não mudou muito coisa, não é mesmo? Então cada um deles que vai ganhando a gente fica naquela esperança, “ah, esse vai fazer”. Então você acaba votando.” (Ana Maria, 52 anos)

“Sempre votei pra ele. No outro ano também que teve, que ele foi também, eu votei pra ele também, para o Serra. (...) *E você lembra do partido dele?* Agora não lembro. O partido dele pra lembrar assim...é porque eu vou assim (...) eu não fico tão ligado, quem é quem, quem está do lado de quem, quem está do outro lado. *Você não liga muito para o partido?* Não, não, não. Eu preferi o Serra mesmo, porque eu já estou acostumado assim, sempre votei nele. A minha mulher também, minha esposa sempre ela votou nele também, porque ele, na época, ela operou as vistas...*Naqueles mutirões?* Sim. Isso, aí no caso, por exemplo, ele que ajudou no caso da operação dela. Então a gente tem que favorecer a pessoa que deu apoio pra você, entendeu? Não é assim, por exemplo, você faz uma coisa pra mim, aí você vai...por exemplo, você é uma candidata, eu não vou votar contra você, eu vou votar a favor de você, porque você me ajudou, entendeu? E aí então, é por isso que sempre eu prefiro assim, em quem sempre me apoiou, entendeu?” (Manuel, 34 anos)

É possível dizer que, tendo em vista as pesquisas realizadas durante o período eleitoral, a maioria das pessoas em bairros de periferia que não eram simpatizantes do PT ficaram divididas entre dois candidatos do campo popular/lulista, Fernando Haddad da esquerda e Celso Russomano da direita, ainda que alguns eleitores que não possuem preferência partidária como Felipe, Manuel, Raimundo e Ana Maria pudessem se inclinar por Serra por conta de sua “experiência” ou por não gostarem do PT. Afinal, nem Serra e nem Chalita possuíam o apelo popular que Russomano havia conquistado como repórter ou o diferencial do PT, que somado ao apoio de Lula e Dilma, tornava a candidatura de Haddad palatável para as camadas populares.

O candidato tucano, durante sua campanha, não chegou a colocar os pés nem na Brasilândia e praticamente em quase nenhum outro bairro de extrema periferia. Chalita, ainda que eventualmente fizesse visitas a estes locais, não possuía a mesma visibilidade de Russomano e Haddad, os quais procuravam ter o máximo de contato com as camadas populares por meio de caminhadas e comícios e publicizar o quanto pudessem tais experiências, principalmente Haddad. Além da inserção de *spots* televisivos em que apareciam Dilma e Lula dizendo que apoiavam o candidato petista, sua campanha passou a promover comícios nos bairros de periferia da cidade com a presença de Marta Suplicy, e, em alguns casos, de Lula, de modo que as intenções de voto em Russomano começaram a cair e as de Haddad passaram a aumentar na reta final das eleições. Tal cenário fez com que Dalva acabasse optando por Haddad por causa do apoio de Dilma e Lula e eleitoras como Marli e Carmem, que além de não possuírem preferência partidária não possuem um apreço explícito por Lula e são pouco interessadas por política, acabassem optando por Haddad porque “todo mundo estava fazendo o mesmo”:

“Eu votei nele (Haddad) porque eu ficava prestando atenção nas pesquisas, assim, por isso (...) conversei com meu filho, falei, “Abel, vota no Haddad”, porque como ele estava junto com a presidente, né, e o Lula, aí eu votei nele. (...) *Então você acha que o apoio deles ajudou você a...* É, a decidir. Como o Lula é do povão desde quando ele era metalúrgico, aí eu votei no Haddad por isso, porque eles apoiaram. E eu acho que muitas outras pessoas devem ter feito isso.” (Dalva, 58 anos)

“Ah, eu achei que todo mundo achou que ele sempre ia ganhar. Todo mundo estava torcendo mais era pra ele.” (Marli, 34 anos)

Com Russomano e Chalita fora do páreo, todas as pessoas que haviam votado em Haddad no primeiro turno o fizeram novamente no segundo. Já entre aqueles que haviam votado em Serra, apenas Raimundo e Manuel mantiveram sua primeira opção, Ana Maria, curiosamente, acabou mudando de ideia pois, segundo disse em uma conversa informal, votou em Haddad porque o encontrou em uma caminhada no bairro da Brasilândia e o achou bonito⁹³. Ainda que a motivação de Ana Maria possa parecer um tanto pitoresca, é preciso ressaltar que a presença física de candidatos e políticos eleitos em bairros de periferia, locais que costumam ser mais negligenciados pelo poder público em comparação com as áreas nobres da cidade, pode sinalizar para os moradores que seus bairros podem vir a receber futuramente mais recursos ou ao menos mais atenção, daí inclusive o esforço de Russomano e Haddad de publicizar ao máximo suas visitas a bairros pobres durante suas campanhas.

Tatiana, por exemplo, disse ter gostado de ver o ex-prefeito Gilberto Kassab “colocando o pé na lama” após as enchentes que atingiram regiões pobres da cidade e Felipe foi ainda mais longe no que se refere à proximidade entre os políticos e o povo:

“Pra mudar o nosso país, pra governar o nosso país, (...) colocar nosso país pra andar, (...) por que o presidente não mora no meio da favela? (...) Barueri e Alphaville é a mesma divisa, o prefeito de lá ele é prefeito dos dois. (...) Só que o prefeito não mora em Barueri, ele mora em Alphaville. Mas por quê? Alphaville não precisa de nada, Alphaville o próprio

93 Roseane, teoricamente, teria votado em Chalita no primeiro turno e em Serra no segundo, no entanto ela não queria ser entrevistada no dia e o fez por insistência de Maria Teresa, me passando a impressão de que ela disse qualquer coisa só para acabar logo com a entrevista.

condomínio faz, não precisa de prefeito, lá não precisa de tubulações, lá não precisa de playground, lá não precisa de escola, lá tudo tem, porque que ele não mora em Barueri? Porque assim na sua casa você tem o melhor, certo? Você dá o melhor pra rua? Você tá entendendo? *Então você tá falando...Na desigualdade.*” (Felipe, 23 anos)

As pessoas que moram em bairros de periferia sentem que existe um fosso entre seu mundo e o mundo dos políticos, uma vez que estes morariam em bairros de elite ou condomínios fechados e pisariam na “lama” das favelas, de forma instrumental, apenas em momentos de calamidade pública ou em períodos eleitorais. Existem, porém, certos políticos que podem conseguir, eventualmente, diminuir esta distância, ou ao menos dissimular sua diminuição.

Os vereadores de grandes centros urbanos que possuem apelo popular costumam mobilizar eleitores que vivem em bairros de periferia e/ou frequentam associações e sindicatos voltados para atender as classes trabalhadoras, dinâmica que permeou as escolhas de candidatos a vereador realizadas pelos entrevistados nas eleições de 2012. Assim, a maior parte das pessoas lembrava em quem havia votado mesmo depois de um ou dois meses das eleições, pois justamente se tratavam de candidatos com os quais possuíam algum tipo de proximidade. Alex Motta do PSOL, que recebeu os votos de Caroline e Raimundo, era morador da região do Jardim Guarani e ligado aos religiosos que atuam no bairro:

“Ah, vereador eu votei no PSOL, porque foi aqui do bairro, por questão de ser do bairro, e também conheci um pouco, na verdade eu conheci na igreja, a minha mãe que conheceu, (...) Alex, não é mãe? Alex Motta, não é? Só que não ganhou. Aí eu votei nele, tinha ligação com o padre Jorge, dali da Paróquia de São Francisco. Aí eu acabei votando nele.” (Caroline, 30 anos)

“Eu votei (para vereador) num chegado meu aqui da vila. *Ah, o senhor conhece ele?* Conheço. *E o senhor sabe o partido que é?* PSOL, é, Alex Motta, eu votei no Alex Motta. Eu conheço ele, ele é aqui da vila, ele mora ali embaixo, descendo a Cantídio Sampaio, eu parava lá na esquina, quando ele passava ele me dava um toque. Eu votei nele...deixa o coitado lá, né? Mas não ganhou não. (...) (Ele é) aqui do bairro, é um cara conhecido, eu conheço ele. (...) Eu votei no Celino, votei no Claudinho das últimas vezes, aí eu falei, “vou mudar um pouquinho pra vê se o cara ganha”. Ele é batalhador igual nós...votar nesses caras, já tá tudo já com a vida feita, deixa o coitado...mas não deu certo não. (...) Eu votei porque é um cara conhecido, qualquer coisa a gente tem como cobrar alguma coisa,

não é?” (Raimundo, 53 anos)

Celino e Claudinho, aparentemente os candidatos a cargos legislativos mais populares da Brasilândia, ainda que já estivessem com a “vida feita” como aponta Raimundo, também já foram moradores da zona norte da cidade como Alex Motta. Celino veio de Minas Gerais com a família e passou a habitar a Brasilândia quando era jovem, e Claudinho nasceu e foi criado na região da franja da Serra da Cantareira e em 1988, ao se envolver com a política do bairro, conheceu Celino, que na época já atuava como vereador, e em 1990, participou da campanha de Celino para deputado estadual, momento a partir do qual passaram a compor uma “dobradinha”⁹⁴. Celino já está em seu quarto mandato consecutivo de deputado estadual e mantém um escritório fixo na Freguesia do Ó, aberto há vinte anos atrás, para encaminhar os pedidos de ajuda dos moradores. Claudinho é menos conhecido no bairro em comparação com Celino, tendo em vista que se reelegeu para o cargo de vereador nas eleições de 2012, mas não exerceu vários mandatos consecutivos como ocorreu com Celino. Assim, é comum a confusão que algumas pessoas fazem ao dizer que votaram para Celino quando na verdade votaram em Claudinho, como ocorreu com Dalva:

“Olha, eu como sempre, eu só voto em um candidato pra vereador...Jesus, como é o nome daquele...Celino. Eu voto nele. Eu votei nele, apesar que ele nunca me ajudou assim, mas ele ajudava muito minha tia. Minha tia precisava, ia lá, ele dava remédio, sabe? E ele ajuda muito a população, até emprego, até emprego. (...) Eu nunca...graças a Deus nunca fui, né, assim, nunca precisei ir...precisar já precisei, mas eu nunca fui procurar ele não, ajuda. *E você lembra que partido que ele era? PMDB? PT?...não lembro.*” (Dalva, 58 anos)

O partido de Celino e Claudinho, como já foi mencionado anteriormente, possui pouca importância para os moradores uma vez que os políticos são percebidos apenas como representantes específicos de uma região, assim como ocorria com outras candidaturas a vereador. Marli e Ana Maria, assim como Dalva, votaram em um candidato a vereador ligado ao bairro, porém Marli também não conseguiu lembrar o partido do político escolhido, e Ana Maria não recordou nem o partido e nem o nome do candidato:

“(Votei) no Bezerra. Ele é de...o coisa dele é lá de Taipas. *Você lembra o partido dele? Não. E por que você votou nele? No Bezerra? Porque ele ajudou a gente, com brinquedos,*

94 Informações retiradas de <http://www.tucano-sp.org.br/vereadores/claudio.htm>

com doce, ele ajudou a gente, nós fomos...não, ele veio trazer. *E sempre que tem eleição ele traz?* Não, foi só essa aí só. Votei nele, por conta da ajuda dele, se for pra votar, voto nele de novo.” (Marli, 34 anos)

“É, pra vereador foi no candidato do bairro, é, realmente, eu votei no candidato aqui do bairro mesmo (...) ah, não me lembro, agora não me lembro o nome.” (Ana Maria, 52 anos)

A ligação com o bairro e a ajuda direta aos moradores são fatores importantes que influenciam a escolha dos candidatos a vereador entre os moradores da Brasilândia. No entanto, no caso dos vereadores do PT, ainda que tais fatores também estejam presentes, o vínculo com o PT é um diferencial importante, de modo que no comício de Haddad vários candidatos e candidatas a vereadores reafirmavam seus laços com o partido e com suas principais lideranças:

“Eu queria, em primeiro lugar gente, com muito orgulho, saudar todas as companheiras e companheiros aqui presentes, da Brasilândia, Perus, Pirituba, Casa Verde. E eu tenho muito orgulho de ser criada na região da Brasilândia, no Jardim Elisa Maria, e também tenho muito orgulho de ser militante do movimento de moradia. Movimento esse que tem mostrado, durante esses sete anos desse governo que eu não vou falar o nome, que é irresponsável, que é truculento, que não respeita a população, que aqui na região nós somos prova, parece que favela não mora trabalhadores e trabalhadoras. Só que aqui o povo precisa de moradia digna, e a gente vê aqui na região é despejo. Alguém aqui precisa de cheque despejo de cinco mil? (...) E eu queria chamar a atenção de todas, porque nós mulheres somos responsáveis para eleger o Fernando Haddad, porque nós somos 42% do eleitorado, (...) nós sabemos governar, como nossa presidente Dilma, lugar de mulher é na política, gente.” (Verinha, Comício de Haddad na Brasilândia)

“E aí militância do Partido dos Trabalhadores! Vamos ganhar a eleição dia sete de outubro, se Deus quiser, com Haddad prefeito, e com a bancada de vereadores firme, na luta na Câmara Municipal de São Paulo. Pessoal, é muito importante que nós, militantes do Partido dos Trabalhadores, façamos a diferença nessa região. Essa região, que eu considero Zona Norte, e o lado de cá do rio Tietê, lá de Perus à Vila Maria, que nós aqui temos que fazer essa diferença, nós precisamos crescer enquanto voto petista. E com certeza, com a militância que está na rua, com um número importante de candidatos do Partido dos

Trabalhadores, agora candidatos a vereadores, e com o apoio maciço do nosso partido, com certeza nós vamos chegar a vitória. Chegar a vitória com uma bancada de vereadores unida na Câmara Municipal, no Partido dos Trabalhadores, e com Haddad prefeito. Nós precisamos ter a prefeitura de volta em São Paulo para nós governarmos oito anos pra fazer a diferença, igual Lula fez no Brasil. E nesse sentido não vamos esquecer desse número, é 13122, Zé Carlos vereador de São Paulo. Obrigado.” (Zé Carlos, Comício de Haddad na Brasilândia)

Os vereadores do PT, além de serem percebidos como representantes do bairro, possuem, ao contrário de Celino e Claudinho, o diferencial de serem militantes petistas. Para fazer valer tal diferencial é preciso que os candidatos e candidatas valorizem as bandeiras do partido como o engajamento em movimentos sociais, o feminismo, e o fato de fazerem parte de um coletivo, a “militância petista”. Dessa forma, ainda que o pertencimento ao bairro e a ajuda aos moradores sejam influências importantes, para as pessoas que possuem preferência pelo PT, a ligação dos candidatos com o partido e com a defesa de suas bandeiras são decisivos:

“Pra vereador eu votei no Marindo Pincel, lá da empresa, eu ia votar no Zé Carlos, por ele chegar aqui na rua e já trabalhar assim com a população, então eu ia votar nele. Aí depois meu marido, como teve lá um vereador que apresentou lá na empresa dele, também falou que era legal, do sindicato, aí eu votei. Mas eu ia votar no Zé Carlos, o Zé Carlos era do PT, esse outro também era do PT. *Aí ele foi lá se apresentar no sindicato dos motoristas?* Não, eles sempre estão na empresa, ele (Marindo Pincel) trabalha, qualquer coisa que acontece com um funcionário, eles defendem o funcionário.” (Rita, 43 anos)

Ainda que Rita tenha pensado em votar em Zé Carlos porque este é um candidato do bairro, ou seja, a mesma justificativa utilizada por Caroline, Raimundo e Dalva, acabou votando em um candidato do sindicato do qual seu marido faz parte por que ambos os candidatos eram do PT, o que justificaria a troca. Além disso, fez questão de me corrigir quando perguntei se o candidato tinha ido ao sindicato apenas apresentar sua candidatura, afirmando que Marindo trabalhava com os outros funcionários e os defendia por meio do sindicato. Além de Rita, Cleuza também votou em Tião Bezerra por conta de sua ligação com PT, e Cleiton, que optou por votar na legenda, o fez por conta do apreço pelo partido:

“Eu fico no PT. Eu só tenho um partido, só fico no PT, é sempre no PT. É o que mais me

passa confiança é o PT. Eu mudo, posso mudar, mas por enquanto não mudei ainda não. (...) *E pra vereador você lembra em quem você votou?* Na legenda inteira, (...) o mesmo partido, (...) por serem do mesmo partido, porque pra vereador, vereador eu nem conhecia direito, eu ia mais pelo partido. *Você tem mais confiança no partido? Isso.*” (Cleiton, 30 anos)

Todas as pessoas que votaram em vereadores do PT o fizeram principalmente por conta da confiança depositada no partido, como alegou Cleiton. Ao contrário do que ocorria com os votos recebidos por candidatos a vereador vinculados ao PSDB, cujo partido parecia ficar invisível. Até mesmo Manuel, que havia votado em Serra para prefeito nos dois turnos, e por isso fez questão de escolher um candidato a vereador do mesmo partido, não conseguiu lembrar-se da agremiação do candidato:

“Vereador? Agora não estou lembrado mais, porque isso é só no momento ali que eu chego lá e voto, pronto. Nem lembro assim, entendeu? Quando passa assim, eu nem lembro. Só lembro ali na hora, depois que passou nem lembro mais, aí não tem nenhum sentido. *Mas você lembra se foi alguém do bairro?* Não, não foi aqui do bairro não. Eu sei que não foi daqui do bairro, porque tem um aqui do bairro aqui que o pessoal queria que eu votasse nele, que...eu acho que foi o...Não, não lembro também. Não lembro também não. Aí eu falei, “não, eu já estou decidido em quem eu vou votar, e pronto. Eu vou votar no que eu decidi, não por ideia de ninguém não. Eu vou pela minha ideia mesmo”. Aí fui. O número dele eu vi nos cartazinhos. Eu via na televisão e tudo, mas eu não lembro assim, o nome. Eu peguei um cartazinho, aí olhei o número, falei, “não, eu acho que esse aqui... Não, esse aqui faz (parte do) partido do Serra”. Aí eu falei, “então está bom”. *Ele era do partido do Serra?* Era do partido do Serra. Então eu vou votar no partido dele. Não adianta eu votar pra um e votar no outro contra o outro. Então eu vou votar em um a favor do outro, entendeu? Aí foi assim que eu fiz. Porque se um ganhar, o outro também tem que ir.” (Manuel, 35 anos)

O vínculo dos candidatos a vereador com o PSDB, ao contrário do que ocorria com os candidatos do PT e mesmo com Alex Motta do PSOL, parecia ser invisível ou de pouca importância para seus eleitores. Curiosamente, a única pessoa que votou em um vereador tucano e ressaltou seu pertencimento ao PSDB, o fez a contragosto:

“*E pra vereador, você lembra quem você votou? Não lembro, não lembro. Acho que foi... Como que ele chama? Da associação? (Maria Teresa) Ah, o...Fábio? (...) (Silvana) É, que é o advogado da associação...é, advogado, é, Fábio...da associação. (Maria Teresa) Eles não são do PT não, eles são do PSDB...(Silvana) É...ele é do partido do Serra. Mas só que eu votei nele pelo fato assim, eu frequento a associação, e pela forma que eles fazem. Eu não sei, mas quando o próprio... quem trabalha a associação, ele entrou na política, ele entrou em prol da associação, pra poder desenvolver mais, conseguir mais...e assim é o Fábio também, e aí eu votei nele. Então você votou mais por conta do vínculo com a associação mesmo do que pelo partido? Não, não foi pelo partido não, mas sim pelo vínculo mesmo.”* (Silvana, 38 anos)

Maria Teresa, ao dizer que o candidato a vereador escolhido por Silvana era do PSDB deixou a estudante de Serviço Social, que se diz petista e marxista, em uma situação desconfortável. Silvana, após se confundir um pouco, quis deixar claro que sua escolha se deu exclusivamente em função do vínculo do candidato com a associação que ela e Maria Teresa haviam frequentado para conseguir descontos nas mensalidades da faculdade e não do partido do mesmo.

Se por um lado a imagem do PT pareça ser ainda bastante forte, tendo em vista tanto as justificativas utilizadas por simpatizantes do partido para a opção por Haddad e por candidatos a vereadores do partido, por outro lado, os desencontros entre lulismo e petismo fazem com que as bases do partido fiquem constantemente decepcionadas. Assim, ainda que Haddad tenha se tornado prefeito com a maioria dos votos nos bairros de periferia, o vínculo de alguns eleitores com o Partido dos Trabalhadores parece ter se enfraquecido por conta do distanciamento do partido de suas bases, o que fica evidente tendo em vista não apenas a aliança com Maluf, mas o uso instrumental da militância do partido durante o momento da campanha.

A decepção com o partido e a falta de esperança em relação a sua atuação e, em decorrência disso, em relação à política do país em geral - afinal, o PT é o único partido grande de esquerda no sistema político - começam a fazer com que os laços das pessoas com a legenda comecem a se desfazer com o tempo. Desse modo, ainda que Silvana se declarasse petista, sua simpatia pela a agremiação não foi forte o suficiente para desviar seu voto de um candidato do PSDB, partido que costuma ser reconhecido pelas pessoas como o principal opositor do PT. Maria Teresa, Caroline e Rita cogitaram a possibilidade de votar em outros candidatos a prefeito que não fossem do PT e Aparecida, mãe de Caroline e frequentadora assídua da CEB Santo Eugênio, pensou em anular seu voto como forma de protesto.

O lulismo, ainda que tenha alargado a base eleitoral do PT, conquistando os votos de pessoas

como Dalva e Nilza, não realiza seu potencial de radicalização e polarização da sociedade, de modo que é possível que, com o tempo, a imagem de Lula comece a se dissociar cada vez mais da do PT. Para Nilza, por exemplo, o apoio de Lula não foi suficiente para desviar seu voto de Celso Russomano no primeiro turno das eleições municipais, ainda que ela fosse uma das entrevistadas que mais gostava do ex-metalúrgico:

“Eu votei no Russomano no primeiro turno, aí ele perdeu, (...) não foi para o segundo turno, aí o segundo turno nós votamos no Haddad. Porque ele (Russomano) já era uma pessoa conhecida. Tipo, ele já defendia o consumidor, essas coisas, a gente assistia já. (Maria Teresa) Ele também pensou isso, ele pensou, “eu já sou conhecido, trabalho pelo povo, o povo vai votar”. (Nilza, 41 anos)

Com a derrota de Celso Russomano, Nilza, que não gostava de Serra, acabou votando em Haddad para o segundo turno, porém, sua empolgação com as possibilidades de mudança propagandeadas na campanha do político petista eram praticamente inexistentes:

“*E o que você está esperando do prefeito agora?* Ah filhinha, pra falar a verdade, eu nunca esperei nada de prefeito nem de ninguém. Eu voto porque é uma obrigação, mas não que você espera nada de ninguém, porque nunca muda nada. Aumenta o salário, aumenta a condução, aumenta o gás, aumenta a gasolina, aumenta tudo. Não adianta, né. Pelo menos assim, se eles melhorassem ônibus, essas coisas. Nossa, meu pai do céu! Nunca. (Maria Teresa) Só aumenta. A gente vai que nem boi, né? (Nilza) É, nunca melhora nada. Então a gente vota porque é obrigado. Você precisa do título, tem tanta coisa que você não... se não tiver o voto você paga uma multa, não abre uma conta. É por isso que eu voto, mas não espero nada de ninguém. Você vê o tanto que o salário da gente sobe, o quanto o salário deles sobe? (...) Então, tipo assim, a gente sabe, qualquer um que você coloca lá dentro eles vão fazer o mesmo.” (Nilza, 41 anos)

Cleuza, apesar de ter dito que tem esperança que Haddad faça alguma coisa por ser uma pessoa nova também afirma que, no fundo, acha que nada vai mudar de fato:

“É um pessoal novo pra ver se...porque mudar não vai mudar mesmo. Porque você veja bem, quando a pessoa entra lá, tem que fazer praticamente os que os outros já falaram, né, tudo combinado. Se não fez...um sozinho não pode. É que nem um passarinho quando ele

tem o ninho dele, né. Não tem vários? E se outro não deixa o outro fazer um ninho onde está ali a árvore, se os outros não concordarem, aquele passarinho não faz, é bem por aí.” (Cleuza, 58 anos)

Apesar de acharem que pouco ou nada iria mudar de fato, Nilza e Cleuza votaram no candidato do PT, ao contrário de Tatiana, cuja frustração com a política foi tão grande que decidiram votar em branco:

“Eu votei em branco, porque eu estou muito indignada com todo mundo (...) Porque eu penso assim, eu não sei se é verdade, mas começou essa violência através do Alckmin, através de um Secretário de Segurança, só que eu acho que está errado. (...) Está morrendo gente inocente por causa de um cara que está no poder, ou você faz a segurança valer e não morrer ninguém, ou então tira o cara do poder pra evitar. Sabe o que eu fico indignada com esse negócio de política? É porque está matando, eles estão dizendo, “é porque fulano está no poder”. Só que ele chega na televisão e provoca, fala, “não, nós não vamos abaixar a cabeça”. Só que não é um parente deles que está morrendo.” (Tatiana, 30 anos)

Tatiana, além de ter sido obrigada a se mudar com a família para um barraco em uma ocupação recente, se viu no meio de uma guerra entre policiais e traficantes que havia ocorrido recentemente no lugar em que morava. Justamente durante o período pré e pós-eleitoral, em setembro, outubro e início de novembro, vários bairros de periferia foram tomados por uma onda de violência, a qual afetou com bastante gravidade o subdistrito da Brasilândia⁹⁵. Por conta disso, com exceção de Caroline⁹⁶, não foi possível entrevistar nenhum dos moradores durante o período eleitoral, e depois, quando voltei ao bairro, no final do mês de novembro, as pessoas ainda estavam estarecidas com o que havia ocorrido. Assim como Tatiana, Marli também sentiu-se tão indignada com a violência que as eleições perderam importância frente ao que havia ocorrido:

95 Bairro na Zona Norte da capital paulista é um dos mais atingidos pela onda de violência que deixou grande número de mortos nos últimos dias. Os moradores da Brasilândia, bairro da zona norte de São Paulo, realizaram, na manhã deste domingo, um protesto contra a violência na região. Com faixas, cartazes e camisetas, um grupo de 500 pessoas fez uma caminhada pelas ruas da região para cobrar mais segurança. O bairro têm cerca de 400 mil moradores e é um dos mais atingidos pela onda de assassinatos na capital paulista. 11.11.2012(<http://cbn.globoradio.globo.com/sao-paulo/2012/11/11/MORADORES-DA-BRASILANDIA-FAZEM-CAMINHADA-PELA-PAZ-NESTA-MANHA.htm#ixzz2YelY3kqF>)

96 A última entrevista que fiz com Caroline antes das eleições foi no dia 29 de agosto, antes da onda de violência se espalhar pela Brasilândia.

“Então Marli, lembra que a gente tinha conversado antes das eleições...Lembro. Isso. Aí, agora, então, eu queria saber o que você achou das eleições pra prefeito que teve...Uma porcaria, uma porcaria. Eu não gostei nadinha, nadinha, nadinha. (...) Ah, sabe por que achei uma porcaria? Por causa dessas matanças que está...Por causa dessas matanças, muita polícia na rua, por isso que eu não gostei, pra mim votar neles, de novo, eu não votaria não, deixaria tudo em branco. *Votar em quem, no prefeito que estava?* No prefeito que estava. Apesar que tem um prefeito que ele ganhou, que ele foi dez. Ele está cumprindo o que ele falou que ele ia fazer. *Mas, nas eleições, você lembra quem estava concorrendo?* Não. (...) Ah, eu achei que foi o... Ah, como é o nome? Esqueci. Ah, tem um prefeito, agora eu não lembro qual foi. Dessa eleição de outubro, né?” (Marli, 34 anos)

A onda de violência que ocorreu nos bairros de periferia e terminou com um saldo de algumas dezenas de mortos, segundo Felipe, teria tido início com uma disputa entre policiais corruptos envolvidos com traficantes:

“Isso aí foi guerra entre os próprios policiais. (...) Olha, o bairro mais prejudicado de todos foi aqui, Campo Limpo e Osasco. (...) Os policiais da Zona Norte são os mais corruptos, tem muito policial. Eu conheço um que foi exonerado pelo que ele estava fazendo. Então assim, eles começaram a matar e quem morreu? Traficante e polícia. A polícia fala, “ah, morreu oito jovens”. Tá, dos oitos, um era trabalhador, ou não mexia com o tráfico, podia ser bandido, mas não o tráfico, o resto era traficante. (...) Começou com o tráfico e a polícia, não o PCC. Não que o PCC não teve, teve porque morreu irmão de quem é do partido, amigo, tio, pai. Então assim, muitos policiais saíram pra matar, mas a guerra não foi contra o PCC.(...) Em 2006, foi sim do PCC, foi ordem do comando, essa não foi não. (...) *Agora já deu uma assentada.* Já deu uma assentada, mas sabe por quê? Você viu a Corregedoria o que está fazendo? (...) A Corregedoria foi em cima dos policiais, os policiais pararam. Mas bandido, se ele andar armado hoje...(...) se me pegar armado, ou se pegar qualquer outro armado, esses BOs vai cair pra gente, pra quem está armado. Pra que andar armado se você não rouba? Já que aconteceu, não tem quem é que fez, foi você.(...) Aconteceu também de a polícia invadir a favela, prender os caras, e não levar preso, pedir as armas. Por quê? A arma dele é registrada, a minha não. (...) Então assim, eles sabem o passo que eles estão dando. Aí foi aonde parou. Só que é o seguinte, pode voltar. E sei lá como.” (Felipe, 23 anos)

Se para Aparecida a frustração era mais direcionada aos rumos que o PT havia tomado, tendo em vista seu contato com a agremiação por meio da CEB Santo Eugênio no final da década de 1980, para Tatiana, a mudança para a favela e a onda de violência, que, segundo Felipe, poderia ocorrer novamente, parecem ter aumentado sua frustração com a política em geral. Para ela, a situação de desespero que as pessoas na favela passavam parecia não ser levada em consideração, ainda que a onda de violência estivesse ocorrendo justamente durante o período eleitoral. Os candidatos pareciam estar tão alheios ao que ocorria nos bairros que visitavam e, no caso de Haddad, faziam comícios, que Tatiana não se sentia representada por nenhum político, daí sua opção de votar em branco. Segundo diz, uma “solução” possível para essa falta de representação seria eliminar intermediários e colocar os próprios moradores da favela no poder, no que é secundada por Nilza:

“Votei tudo em branco. Eu ia votar no Tiririca, mas não foi candidato de novo pra deputado federal. Mas se tivesse Tiririca, eu ia votar no Tiririca, porque o Tiririca ganhou com milhões de votos, e eu acho que as autoridades não entenderam ainda porque. Não é porque ele sabia tudo de política, é tipo um protesto votar no Tiririca. Ia votar nele de novo, protestar, né? (...) Pegava um daqui da favela e colocava lá.” (Tatiana, 30 anos)

“Então eu voto porque é obrigação votar e sempre tem que ter alguém lá dentro. É complicado. Se eu pudesse, eu não votava em ninguém. Votava em mim, eu entrava lá dentro. (...) Põe um pobrezinho da favela lá dentro que não tem nada.” (Nilza, 41 anos)

Confrontadas com a falta de representatividade dos políticos eleitos, Tatiana e Nilza dizem que seria preciso colocar alguém da favela no poder, pois apenas assim se sentiriam de fato representadas. No entanto, na impossibilidade de que isso venha a ocorrer, Nilza acaba se conformando a continuar votando sem depositar grandes esperanças nos candidatos escolhidos, e Tatiana resolve protestar individualmente votando em Tiririca ou em branco, como o fez nestas eleições na ausência de um candidato como Tiririca.

* Nilza e Tatiana, assim como praticamente todas as outras pessoas que entrevistei, depositavam poucas esperanças na política do país, porém, curiosamente, Maria Teresa, que justamente havia se decepcionado tão profundamente com o PT e com a política em geral e, por conta disso, havia desistido de militar pelo partido e passou a procurar uma saída individual para o sofrimento dos moradores de seu bairro, por meio da tentativa de fundar uma ONG, parecia ter

começado a mudar de opinião:

“Silvana: Infelizmente eu acho que daqui uns cinco anos a gente pensa que vai melhorar, (mas) eu acho que a situação vai se tornar muito mais difícil.

Maria Teresa: A gente não pode pensar assim.

Silvana: A gente não pode, mas...pelo que rola, eu acho assim, porque está virando um país muito capitalista, não é o país, são as pessoas, individualistas, estão muito no consumismo, então eu acho que a situação vai ficar muito precária eu acho, eu tenho dó dos nossos filhos. (...) Tomara que o governo tenha situações boas, interfira, né, que tenha projetos bons, de transformação, educação, que seja uma coisa legal, mas se continuar assim...

Maria Teresa: Não, o consumismo vai continuar o mesmo, mas eu acho assim, que pelo que a gente está vendo, dentro do governo, eu acho que não vai melhorar 100%, mas eu acho que uns 40% sim. Porque eu estava falando pra Camila, quando a gente se conheceu eu estava meio desacreditada que a política podia mudar isso e aquilo, né. (...) Mas só que hoje, com esse negócio de Ficha Limpa, com essa visão diferente que a gente está tendo da política, que hoje os políticos estão sendo punidos, cada um tem a sua punição, o Maluf tem que devolver lá, nem sabe onde que enfiou o dinheiro, mas ele vai ter devolver. (...) Então você vê, a gente não via isso antes.

Silvana: É, hoje está mais aberto.

Maria Teresa: (...) Pergunta se alguém hoje quer votar em Maluf? Não vota. E mesmo assim vai acontecer com outros e outros e outros, que cada vez que for descobrindo a sujeira desses caras, a população vai começar a ter mais consciência na hora de votar. Por que mudou o Haddad? Porque o povo mudou a consciência. Porque todo mundo vai, “ah, o Serra é experiente. Ah, porque o Serra está na política há não sei quantos anos”. Mas hoje o povo já está mais esperto. Por ele ser experiente, por ele estar na política há muitos anos, o que foi que o Serra fez?

Silvana: Ele pensou só nele.

Maria Teresa: Todo mundo se perguntou isso, e todo mundo foi aonde? No novo. Então vamos ver se o novo vai mudar, porque o antigo que estava, que tinha experiência, nunca fez nada. Agora a gente vai colocar um cara novo lá pra ver se ele faz alguma coisa. Isso já é uma mudança. Porque se as pessoas estivessem com a mesma mentalidade, eles iam continuar deixando o Serra lá pra ele fazer as mesmas coisas que ele fazia antes. Nada, não é? Mas não, hoje o povo já tem uma consciência. (...) Então essas coisas vão começar a melhorar. Eu acredito que, mais pra frente...o consumismo a gente não pode nem falar,

porque isso aí está na mídia, isso aí o povo já está ficando...todo mundo está ficando americanizado, porque isso aí é coisa dos americanos, né, todo mundo quer etiqueta, todo mundo quer isso, todo mundo quer aquilo, todo mundo quer imitar aquilo que vem de fora, então isso aí não vai mudar, mas eu acho que a nossa política tem jeito, se a gente...

Silvana: Não, ela tem jeito sim. Eu não falei que ela não tem...

Maria Teresa: Vai ter jeito e as coisas vão mudar. Daqui cinco anos, você vai ver.

Silvana: Porque assim, se os grandes lá, quem tem posse...porque assim, a gente aqui, a gente fala, a gente pede, mas infelizmente se a gente juntar tudo a gente consegue. Mas o povo, infelizmente, o nosso povo não vai...não vai.

Maria Teresa: Está mudando. Eu estou vendo que está mudando sim.

Silvana: Não, muitos tem a consciência, tem discernimento sim, mas outros não tem. Tem medo.

Maria Teresa: (...) O que a gente vê que está grave, que as pessoas não se mobilizam muito hoje pra lutar muito pelas coisas, é a violência. Isso aí é uma situação que está grave, né, e as pessoas tem medo. Porque você está pegando um tiro, você não sabe da onde que está vindo. Então as pessoas já não querem mais participar tanto de tanto movimento, porque o que está faltando? Você sabe o que está faltando para o povo? Está faltando movimento. Está faltando o povo se juntar e começar, “vamos bater panela, vamos protestar porque isso não está certo”. Coisa que a gente fazia antes, hoje a gente não faz. Mas não foi porque a gente perdeu a força, é porque a gente tem medo da repressão violenta que a gente pode sofrer.

Silvana: As pessoas não acreditam mais nesse bater.

Maria Teresa: Acreditam. Mas o medo não deixa que as pessoas vão pra rua, Silvana. Acreditam. Você tira pela caminhada da paz. Porque a caminhada da paz conseguiu mobilizar as pessoas de Perus, de Pirituba, e foi aonde? Na região aonde as pessoas dizem que está sendo a mais violenta, com esses ataques que estão tendo, Brasilândia. Então pra você ver, conseguiu mobilizar o pessoal de Perus, de Pirituba, de Jaraguá, e daqui de toda região da zona norte. A passeata, tinha gente que o caminhão de som estava lá na frente, a fila estava quase lá embaixo ainda, perto da Santo Expedito. Pra você ver o tanto de gente que veio pra caminhada da paz. E conseguiram trazer os pais desses jovens que morreram, sabe? Conseguiram trazer muita gente. Então o que está faltando para o povo hoje é coragem de sair na rua e reivindicar os seus direitos. Só que o povo está com medo, não é nem por causa da política, o povo está com medo da violência, porque ninguém está a fim de tomar um balaço sem saber da onde é que sai, né. Porque qualquer motoqueiro que

passa hoje perto de você, você se assusta. Porque a gente sabe que as balas estão saindo de motoqueiro. Não são todos, mas qualquer um que passar perto de você, de capacete, passou mais próximo, você já desvia, porque você não sabe a intenção. Então, o que está matando o povo, agora, nesse momento, é somente a violência. Mas se não fosse isso, você ia ver. O povo está forte, o povo está forte pra lutar.

Silvana: Seria bom se houvesse bastante movimento, né?”

Coincidência ou não, alguns meses após o diálogo entre Maria Teresa e Silvana, de fato começaram a explodir uma série de mobilizações nas ruas do país estimuladas pela atuação do Movimento Passe Livre (MPL) e por revoltas contra o uso indevido de recursos relativos à Copa do Mundo que será realizada no país em 2014. Na cidade de São Paulo, Fernando Haddad, já empossado como prefeito, havia aumentado o valor da passagem dos ônibus de três reais para três reais e vinte, seguido pelo governador Geraldo Alckmin que fez o mesmo em relação às passagens do metrô e dos trens da CPTM (Companhia Paulista de Transporte Metropolitano), de modo que o MPL passou a reunir manifestantes na cidade para fazer com que o aumento das tarifas de transporte fosse anulado e as passagens voltassem a custar três reais. As manifestações iniciais foram duramente reprimidas porém, ao contrário do esperado, as passeatas promovidas pelo MPL passaram a agregar cada vez mais pessoas, as quais, além da redução da passagem, começaram a protestar por pautas das mais diversas relacionadas em geral à melhora dos serviços públicos e contra a corrupção do sistema político. As manifestações em São Paulo, somadas às diversas outras revoltas que ocorreram no país em junho de 2013, ganharam uma dimensão tal que não apenas vários mandatários reduziram de fato os aumentos relativos às tarifas de transporte, inclusive, em São Paulo, como a presidenta Dilma Rousseff fez um discurso em rede nacional dizendo que iria atender “as vozes das ruas”. Para tanto, Dilma fez um pacto com os prefeitos das 26 capitais brasileiras por melhorias nos serviços públicos e propôs um plebiscito com base no qual seria realizada uma constituinte exclusiva para fazer uma reforma política.

Logo após a ocorrência das revoltas de junho de 2013, Marcos Nobre, professor de filosofia da Unicamp, publicou um ensaio em que comparava as sublevações recentes a duas grandes manifestações de massa ocorridas no país a partir do processo de abertura do regime militar, o movimento das “Diretas Já”, ocorrido em 1984, e o “Fora Collor”, em 1992. Para Nobre, em todas estas manifestações aspirava-se por um aprofundamento da democracia, porém, as revoltas de junho de 2013, ao contrário das outras, não teriam sido sustentadas por organizações como partidos, sindicatos ou movimentos sociais atuantes a mais tempo, e a maior parte de seus manifestantes parecia rejeitar o sistema político como um todo. Roberto Requião, senador paranaense, parece ter

sintetizado o momento ao comentar as vaias recebidas pela presidenta Dilma Rousseff na abertura da Copa das Confederações que ocorria simultaneamente às revoltas no país: “aos políticos que se encantaram com as vaias de Dilma eu digo: esta vaia foi para nós, todos nós. Considerem-se vaiados”.

A rejeição *in totum* do sistema político brasileiro que deixou atônitos políticos, jornalistas e acadêmicos, foi interpretada de forma perspicaz no ensaio do professor da Unicamp. De acordo com Nobre, a partir das Diretas Já, o sistema político brasileiro teria começado a construir uma espécie de blindagem para evitar a ocorrência de polarizações e radicalizações em seu interior que pudessem levar à ruptura total com o processo de transição gradual e pactuada pelo alto, o que fez com que o movimento de 1984 fosse derrotado e voltasse suas energias para a Constituinte em 1988. Nesse processo, o Partido dos Trabalhadores, que fora fundado em 1980, ganhou força como um partido anti-sistema, pois era o único que não fazia alianças ou concessões políticas com outras agremiações que faziam parte do condomínio de poderes resultante da morna transição para o regime democrático, e já em 1989 disputou o segundo turno da acirradíssima primeira eleição direta do país para presidência da República. No entanto, a radicalidade do PT, que criava uma polarização com o sistema político, começou a perder força durante a década de 1990.

A interpretação dominante acerca dos motivos que levaram ao impedimento de Fernando Collor em 1992 foi a de que o ex-presidente haveria caído por não possuir sustentação suficiente no Congresso Nacional, isto é, seu governo haveria se isolado por não ter formado maiorias parlamentares. Tal percepção fez com que a blindagem conservadora do sistema político que havia começado a se esboçar no fim dos anos 1980 fosse alçada a um novo patamar com a formação de um consenso entre os analistas políticos, e os próprios políticos, de que não seria possível governar sem buscar a formação de maiorias no Congresso. Por essa razão o PSDB, ao lançar Fernando Henrique como candidato à presidência da República, optou por fazer uma aliança com o PFL (Partido da Frente Liberal), aderindo de antemão à lógica da blindagem conservadora, a qual Nobre chamou de pemedebismo.

Tendo em vista tal cenário, o PT passou então, durante a década de 1990, a ceder cada vez mais em sua política polarizante e radical à lógica das coligações e alianças, até que em 2002, Lula foi eleito presidente com base em uma coligação do PT com vários pequenos partidos de direita, porém, sem se aliar ainda ao PMDB ou ao PFL. Foi apenas com o escândalo do mensalão que o partido, ao perder várias de suas lideranças históricas derrubadas pelas denúncias, optou por aderir à blindagem conservadora ao fazer uma aliança com o PMDB. Se por um lado o PT de fato logrou conseguir as tão ansiadas governabilidade e estabilidade, mantras recitados pela maior parte dos analistas políticos atuais, por outro se distanciou de suas bases e da sociedade, como já foi apontado

nos capítulos anteriores, ao introduzir políticas sociais e econômicas que produziam avanços de forma muito mais lenta do que era esperado pela sociedade brasileira, principalmente pelos mais pobres, para não quebrar o pacto conservador estabelecido com as outras forças do condomínio de poderes que passou a controlar.

Dessa forma, o PT, a única força política que era anti-sistema e anti-pemedebista, capitulou à blindagem conservadora fazendo com que o pemedebismo passasse a ser a lógica predominante da política no país. Restou então à sociedade resistir ao pemedebismo rejeitando o sistema político em sua totalidade, principalmente os mais jovens, os quais, nascidos a partir da década de 1990, não teriam conhecido outra forma de política partidária que não se baseasse em uma lógica de acomodação conservadora de interesses entre partidos dos mais diversos.

Ainda que as mobilizações em São Paulo tenham alcançado sua pauta principal e a tarifa de transporte urbano tenha voltado a custar três reais, Maria Teresa, que havia se empolgado em um primeiro momento com as revoltas, e inclusive chegou a publicar uma série de mensagens em sua página do *facebook* enaltecendo os protestos, logo voltou a sentir-se frustrada com o desenrolar dos acontecimentos. Quando fui a sua casa pela última vez, no fim do mês de julho, a ex-militante de base do PT, acostumada com as mobilizações da década de 1990 promovidas pelos religiosos ligados à CEB e/ou ao PT, me contou que ficou um tanto desapontada com a confusão de diferentes pautas que passaram a emergir e com a falta de lideranças claras do movimento, recriminação que também se estendia principalmente à Brasilândia, onde as manifestações, segundo disse, teriam ficado restritas apenas a alguns quebra-quebras pontuais realizados por pessoas despolitizadas e criminosos que se aproveitavam da situação.

Ao contrário do que seria esperado, a conquista da pauta principal, a redução da tarifa, apenas aprofundou a frustração inicial de Maria Teresa, que, ao assistir na televisão uma das lideranças do MPL dizendo que era hora de terminar com as manifestações porque a principal pauta do movimento havia sido alcançada, ficou bastante contrariada. Afinal, em sua visão, um movimento que conseguiu reunir tantas pessoas na rua teria sido vitorioso de fato se no mínimo conseguisse uma redução muito maior da passagem. Desapontada com os resultados das revoltas, Maria Teresa achou que as declarações de Dilma Rousseff e a proposta do plebiscito não passaram de manobras do governo para colocar panos quentes na fúria das ruas e desmobilizar as pessoas. Para ela o problema enfrentado pelos moradores de grandes cidades não seriam resolvidos por uma reforma política ou com a convocatória de prefeitos, mas evitando as migrações de lugares mais pobres para cidades como São Paulo, como já havia afirmado anteriormente em uma conversa com Silvana:

“Eu não sou preconceituosa, não sou. Mas eu acho que cada Estado devia cuidar do seu povo, sabe? Não tenho nada contra, mas se você for colocar uma peneira aqui em São Paulo, os paulistas aqui são poucos. Quem mais vive aqui em São Paulo são as pessoas de fora. Você vê, a condução não dá, pode colocar mil ônibus, que não vai dar. Por que? Cada vez está vindo mais gente de fora. Eu acredito que se cada Estado cuidasse do seu povo, ficava tudo muito bom. Porque tudo que está pegando é aqui em São Paulo, você pode ver, não tem hospital que dá, não tem condução, não tem escola. Aí você coloca uma peneira pra ver quem nasceu aqui em São Paulo e quem é que veio de fora, você vai ver que 70% da população de São Paulo não é de São Paulo, é tudo gente que vem de fora. E se cada Estado cuidasse do seu povo, todos os Estados ficavam bem, sabe? Todos os Estados se desenvolviam, todos os Estados iam ter escolas, iam ter hospital, ia ter tudo pra todo mundo. Então você vê que São Paulo é um Estado difícil de se cuidar, não é um Estado fácil. (...) Porque quando eles melhoram uma coisa, já chegou um monte de gente de fora, e já precisa ampliar a mesma coisa pra poder acolher aqueles que chegaram de fora. (...) E quando a gente fala, porque a gente é paulista, os outros acham que a gente tem preconceito. Eu não tenho preconceito nenhum, porque meu pai e minha mãe são do Piauí, certo? Se eles conseguiram alguma coisa, eles conseguiram aqui em São Paulo, porque eles já vieram do Piauí pra isso, “vou tentar a vida em São Paulo”, e conseguiram, graças a Deus. Só que se você for ver hoje, a maioria dessas pessoas que moram em situação de rua, da onde que é? Não é daqui de São Paulo. São pessoas que vem de fora, porque querem tentar a vida em São Paulo, chega aqui dá com a cara na porta, não arranja apoio, não tem família nenhuma aqui pra acolhê-los, e o que acontece? Vai morar na rua. Por isso que eu falo, se cada governo cuidasse do seu povo, no seu Estado. (...) Ninguém sai de São Paulo pra ir morar na Bahia, e quando vai, quer voltar, porque lá não tem emprego. A minha amiga ela é de lá. Saiu de lá, veio pra cá, ficou um tempo aqui, foi para o Rio de Janeiro. Aí ficou um tempo no Rio, voltou pra São Paulo. Chegou aqui, ela arranhou trabalho, morava num apartamento aqui no bairro do Limão, (...) a vida dela estava uma beleza. Aí desgostou lá com a filha dela, resolveu que ia largar tudo aqui, que ia voltar pra Bahia e refazer a vida dela na Bahia. O que aconteceu lá na Bahia? Chegou lá não estava ganhando nem pra comer, porque dizem que a faxina lá é trinta reais. O que vai acontecer com ela? Vai voltar pra São Paulo. Então você vê, se o governo da Bahia cuidasse do povo dele, ao invés de ficar fazendo axé, porque lá na Bahia o dinheiro é só pra enfiar no rabo do povo do axé. Vamos fazer axé, vamos fazer picareta, macareta, não sei o que. E o povo, filha, está passando fome lá. Aí o povo sai de lá e vem pra cá, sabe? Então eu acho que... eu vou

dizer pra você, se eu pudesse dar a minha opinião lá nas câmaras, eu ia falar isso, “olha, cada um no seu Estado” (...) Porque daí ficam só culpando também o governo, “ah, porque o governo de São Paulo não faz nada”. Eles vão fazer o que, gente? Fala pra mim. O que esses caras podem fazer? (...) Se todo mundo que chega aqui, a maioria fica aí desempregado, ou então vai morar nas margens, vai começar a fazer barraco pra morar na favela. Aí o governo tem obrigação de fazer o que? Ao invés dele investir no Estado, “não, vamos ter que investir nas favelas porque o povo está morando na favela”. E não é povo de São Paulo, sabe? Então como a coisa vai caminhar desse jeito? Não caminha, não caminha.” (Maria Teresa, 47 anos)

Na conversa que teve comigo, Maria Teresa não apenas reiterou a mesma argumentação exposta acima, como fez questão de dizer que além dos nordestinos, pessoas pobres de outros países também contribuíam para o caos paulistano e, por isso, deveriam retornar para suas nações de origem, entre os quais estariam os bolivianos, os peruanos e, curiosamente, até chilenos. O descontentamento com tal situação chegou a tal ponto que Maria Teresa, durante o contato com um menor infrator na Fundação Casa que não era brasileiro perdeu as estribeiras e disse ao jovem enraivecida: “já tem tanto criminoso aqui no Brasil e você ainda saí do seu país para aprontar aqui?”.

Apesar de enfatizar que seus pais vieram do Piauí e que, por conta disso, ela não seria preconceituosa, a argumentação da ex-militante de base do PT reproduz *ipsis literis* o conservador discurso dominante das elites paulistas. A imagem do Estado de São Paulo como a locomotiva do Brasil que arrasta 20 vagões vazios foi criada na longínqua década de 1920 por um jornalista do Estado de São Paulo⁹⁷ e vem sendo repetida, implícita ou explicitamente, desde então, um sem número de vezes na grande mídia e por políticos de direita:

“Diferentemente dos Estados do Sul, que são os que tem melhor situação, São Paulo tem muita migração, né, muita gente que continua chegando, tal, este é um problema.” (José Serra, em 2006, no SPTV, respondendo porque a educação de São Paulo fora mal avaliada no IDEB⁹⁸)

Maria Teresa, que diz que “o petismo corre no sangue” reproduz exatamente o mesmo

97 Esta informação pode ser verificada no primeiro capítulo de Cardoso (1980) sobre o papel do jornal “O Estado de São Paulo” na criação da Universidade de São Paulo.

98 Para ver a declaração de Serra: <https://www.youtube.com/watch?v=8-5ly0wnLOA>

discurso da elite paulista, representada politicamente por José Serra, governador de São Paulo na época da declaração acima, assim como faz Silvana, que cursa faculdade de Serviço Social e se diz petista e marxista:

“Você vê, lá no norte está uma seca desgramada, o povo já está se ajeitando pra vir pra São Paulo. Se brincar, vão trazer até as vacas de lá pra vir tomar água aqui. Fala pra mim, é certo isso? Não é. Lá também tem governo, não tem? Todo lugar tem um governo. E por que os governos de lá não tomam providência de melhorar a vida do povo lá para o povo não ter que sair? (...) Enquanto ficar, sabe, todo mundo vindo pra São Paulo, as coisas não vão melhorar, vai continuar tudo do jeito que está. Aí eu concordo com você, que pode até piorar, porque se continuar a seca lá no norte, nordeste como está, daqui há cinco anos as coisas vão piorar mesmo, porque todo mundo de lá vai estar aqui. E aí vai faltar oportunidade até de emprego pra quem mora aqui. (...) Que política pública que vai dar conta, filha? Fala pra mim. Enquanto for essa demanda de gente vindo pra São Paulo, não existe política pública que vai dar conta. Agora, eu acho assim, se o (governo) federal quisesse ajudar, eles tinham que incentivar cada governo a investir no seu Estado pra que o povo se mantenha lá trabalhando pra desenvolver o Estado. (...) Porque esse negócio de ficar deixando as pessoas entrando...isso aqui vai virar uma bagunça.” (Silvana, 38 anos)

Por meio das declarações de Maria Teresa e Silvana, é possível observar um fenômeno já mencionado acima no que diz respeito à coexistência, por vezes contraditória, de elementos diversos que formam o senso-comum das classes populares. Para David Harvey (2006), o senso-comum poderia ofuscar problemas da sociedade sob o disfarce de preconceitos diversos, assim, medos de imigrantes, estrangeiros e estranhos poderiam ser mobilizados para mascarar certas realidades por meio da invocação de slogans políticos que se utilizariam de dispositivos retóricos vagos (Idem, p. 39-40), justamente o caso de Maria Teresa, Silvana, e, em um certo sentido, até mesmo de Daniela, filha de Ana Maria, a qual me disse, ainda em 2010, que um dos problemas recentes da Brasilândia eram os bolivianos que vinham se instalando no bairro e que faziam muita sujeira e barulho.

Seria possível pensar a primeira vista, que Maria Teresa e Silvana fizeram tais afirmações porque estariam mais próximas das classes médias do que da população mais pobre, tendo inclusive frequentado o ensino superior, no entanto, ambas se afirmam como pobres, moradoras de periferia e como parte do povo que mais sofre com a desigualdade brasileira, e justamente por esse motivo se assumem como petistas, apesar de saberem do distanciamento do partido de suas principais

bandeiras. Porém, como seria possível que pessoas politizadas como Maria Teresa e Silvana reproduzam de forma tão aberta posicionamentos conservadores?

Stuart Hall, teórico político jamaicano radicado na Inglaterra, em artigo de 1979 sobre o fenômeno do *thatcherismo*, procurou explicar como foi possível que parte significativa das classes trabalhadoras inglesas, a despeito de um longo histórico de lutas, passassem a apoiar Margareth Thatcher quando se depararam com problemas econômicos e sociais complexos que não apresentavam saídas fáceis. Para tanto se baseou na ideia de formação de classe de Edward Palmer Thompson e nas formulações de Ernesto Laclau (1979), ainda que ambos os autores tenham orientações teóricas e preocupações distintas. Aqui é interessante lembrar as considerações sobre a relação entre uma classe e seus representantes políticos feitas pelo autor a propósito do vínculo entre o *Labour Party* e o operariado inglês na década de 1970:

“É importante lembrar aqui que a social democracia não é uma entidade política homogênea mas uma formação política complexa. Ela não é *a* expressão da classe trabalhadora “no governo”, mas o principal meio de representação da classe, constituindo-a como força política – uma força política socialdemocrata – ao mesmo tempo em que é constituída. Tudo depende dos modos, dos aparatos e “filosofias” – os meios – pelos quais os interesses de uma classe, frequentemente dispersos e contraditórios, são “soldados” em uma posição coerente que pode ser articulada e representada nas arenas políticas e ideológicas de disputa” (Hall, 1979, p.16)⁹⁹

Hall demonstra como a extrema-direita inglesa, já na década de 1960, vinha promovendo articulações de certos elementos dispersos contidos no imaginário das classes trabalhadoras, os quais, combinados com a recessão econômica na década de 1970, jogaram um papel fundamental para a subida ao poder de Margareth Thatcher:

“Muitas das principais pautas da direita radical – lei e ordem, a necessidade de disciplina social e autoridade em face de uma conspiração de inimigos do Estado, o início do caos e da anarquia, a existência de um “inimigo interno”, o comprometimento da economia britânica por elementos negros estrangeiros – foram articuladas antes de que as dimensões reais da recessão econômica fossem reveladas.” (Idem, *ibidem*)

99 Em todos os trechos citados de textos em língua estrangeira as traduções são de minha autoria.

A partir da argumentação de Hall, é possível pensar em algumas analogias com a situação vivenciada atualmente pelos trabalhadores em ascensão que entrevistei na Brasilândia, tanto os que ainda preferem o PT ou votam tendencialmente no partido como os que não o fazem. Todos, principalmente os mais velhos, apontavam para a necessidade de lei e ordem tendo em vista a violência cotidiana do bairro, de modo que Maria Teresa chegou a afirmar que a ditadura militar teria sido benéfica nesse sentido. Além disso, também havia um sentido moral nas reclamações, isto é, de que o mundo estaria perdido, tanto no que diz respeito à perda juvenil no funk, nas drogas e no crime, como falava Maria Teresa, assim como para as várias pessoas que disseram ser contrárias à união civil homossexual, a qual enxergavam como uma perversão das leis divinas.

Além da necessidade de uma restauração da lei e da ordem, e da moral e dos bons costumes, pessoas como Maria Teresa e Silvana, diziam que para evitar o caos urbano seria preciso tomar medidas contra a vinda de migrantes de regiões pobres do país, ou mesmo de fora dele, pois era por sua culpa que o governo ficaria sobrecarregado e a cidade se tornaria permanentemente caótica. Porém, ao mesmo tempo, em face da frustração política com um sistema que não parecia representar os mais pobres e era extremamente lento em responder às suas muitas demandas, várias pessoas apontavam para soluções radicais como fazer com que os governantes comecem a morar na favela, colocar os favelados no governo ou fazer protestos da mesma forma que fazem os argentinos, sendo que aqueles que apoiam o PT, em sua maioria, continuam a defender formas de enfrentamento direto com as classes dominantes como as que são colocadas em prática por movimentos como MST e MTST.

No entanto, a decepção com o PT em face da articulação de fins promovida pela lógica do lulismo de mobilizar a ideologia petista de forma superficial e instrumental apenas quando seus candidatos perigam perder as eleições faz com que o petismo, que antes articulava crenças mais radicais do senso comum vá perdendo força com o passar do tempo. Maria Teresa, que justamente afirmou ter votado em Haddad porque o petismo correria em seu sangue, por exemplo, não apenas se decepcionou com os resultados das revoltas de junho como deu vazão a várias crenças confusas em que se misturavam uma espécie de jacobinismo tupiniquim com um discurso bastante conservador e preconceituoso em uma mesma conversa.

No momento de nossa última conversa, um mês após a ocorrência das manifestações em São Paulo e em outras cidades do território nacional, o Brasil estava recebendo a visita do Papa Francisco, para a empolgação da frequentadora da CEB Santo Eugênio e admiradora do líder religioso anti-kirschnerista. Maria Teresa, além de ter exaltado as virtudes do atual Papa em comparação com seu antecessor alemão e condenado as manifestações realizadas por homossexuais contra o posicionamento da Igreja em relação a união civil homoafetiva, ressaltou que gostava

bastante dos discursos do religioso argentino, o qual, em vez de apoiar a presidenta Dilma Rousseff, que fez um discurso ressaltando os trunfos do governo, se resumiu a falar que ele vinha apenas levar a palavra de Deus, isto é, como se, no momento atual, se resignar a ouvir a palavra de Deus fosse mais importante do que o interesse por política, até porque, para Maria Teresa, o sistema político como um todo estaria, assim como a juventude, condenado, pois existiriam partidos demais e nenhum deles representaria o povo. Para Maria Teresa, a solução seria voltar ao sistema bipartidário vigente na ditadura militar, assim talvez as pessoas pudessem se empolgar com as eleições como ocorreria com os eleitores na época, como sua avó, que era arenista e, segundo Maria Teresa, fazia até festas na época das eleições e ficava alegre quando ia votar, ao contrário do que ocorreria hoje¹⁰⁰.

Para a moradora do Jardim Guarani seria necessário que surgisse uma liderança forte para o povo que pudesse continuar no poder indefinidamente e só saísse quando o povo quisesse, nos moldes das reeleições que ocorriam antigamente nos Estados Unidos e que permitiram que Franklin Delano Roosevelt ficasse por doze anos no poder ou que ocorre atualmente com o chavismo na Venezuela, a despeito da morte de Chávez. Alm disso, segundo disse, seria preciso também que o povo possuísse representantes no governo que não fossem ligados à classe política já estabelecida, mas aos movimentos populares, de modo que pudessem fiscalizar a atividade dos governantes e prestar contas ao povo. Só assim seria possível acabar com a bagunça que haveriam virado as manifestações de junho e fazer com que os nordestinos ficassem em seus estados e parassem de vir para São Paulo contribuindo para o caos urbano.

Tal mistura estranha entre crenças que ora apontam para uma religiosidade cristã conservadora e resignada, ora para uma espécie de jacobinismo tupiniquim, entremeada pela defesa de pautas preconceituosas e autoritárias endossadas pela elite paulista em relação a nordestinos e imigrantes pobres de outros países e por um sentimento de frustração política profunda, parecia não encontrar nenhum correspondente político no cenário atual. Ideologicamente, Maria Teresa parecia ficar como uma biruta de aeroporto em um dia de tempestade, dizia que o petismo corria no sangue, gostava de Zumbi e Santo Dias, e admirava o padre Neno por seu engajamento político na comunidade, ao mesmo tempo, reproduzia o discurso conservador das elites paulistas tanto no que diz respeito a migrantes nordestinos e imigrantes de países pobres, como no apego a “bons momentos” da ditadura militar e a uma religiosidade conservadora encarnada na figura do Papa Francisco. Votava ainda no PT, como o fizera na eleição municipal de 2012, mas parecia ficar

100 Provavelmente, sabendo-se que a família de Maria Teresa veio do interior do Piauí, a “festa” à qual faz referência seria um claro exemplo do caráter coronelista das eleições, pois o uso de comemorações públicas no dia do pleito era um típico recurso do coronelismo em cujos distritos os eleitores não possuíam, de fato, uma opção.

tentada a voltar à época em que era malufista ao pensar em eleger Celso Russomano como prefeito da cidade. Definitivamente tal alternância tão brusca entre crenças tão diferentes, e a hesitação que Maria Teresa sentia durante os momentos eleitorais apontava para uma derrota do petismo em continuar a articular de forma coesa valores radicais e progressistas do senso-comum. Mas se o petismo parece sempre sair derrotado das últimas disputas eleitorais, o que dizer do lulismo?

Considerações finais: os impasses do lulismo

Se o declínio do petismo seria algo previsível, tendo em vista a produção acadêmica relacionada à normalização de partidos de massa, assim como a adoção de uma lógica de articulação de fins promovida pelo PT para conquistar e continuar no poder, o surgimento do lulismo foi um fenômeno peculiar e inesperado pela maior parte dos analistas, jornalistas e acadêmicos interessados na política nacional. Ao mesmo tempo que se distanciou do petismo radical, mais restrito ao eixo sul-sudeste e às classes trabalhadoras organizadas, o lulismo conseguiu ir de encontro com as massas populares empobrecidas em âmbito nacional, isto é, aquilo que Singer chamou de subproletariado.

Tal encontro pode ser interpretado apenas como o agradecimento de tais segmentos da população às políticas de transferência de renda realizadas em seus mandatos, como pode também ser compreendida com base no fator carismático de Lula, o qual é ampliado por publicitários habilidosos. No entanto, isso parece ser apenas a ponta de um *iceberg*, uma vez que o lulismo provavelmente impactou de forma mais profunda o imaginário político e ideológico das classes populares no Brasil no sentido de fazer com que trabalhadores urbanos tenham passado a se identificar com o sofrimento daqueles que vivem de forma precária no Nordeste de modo a criar pontes simbólicas tanto com nordestinos que migraram para metrópoles há muito tempo, como com pessoas que já nasceram em cidades como São Paulo. Assim, o lulismo fez com que proletários urbanos e moradores dos sertões do país pudessem começar a se perceber de forma mais explícita, a despeito das diferenças, como parte de uma mesma coletividade, “os pobres”, que passaram a considerar Lula como sua principal liderança política, de forma oposta aos “ricos”, que passaram a ser anti-lulistas. Desse modo o campo político popular passou a ser sinônimo de lulismo e o campo antipopular de anti-lulismo.

O petismo nunca havia conseguido penetrar de forma tão ampla entre as camadas populares no país antes do surgimento do lulismo. No entanto, ao contrário do processo de formação thompsoniana do petismo, que teve como base a existência de um inimigo em comum, o regime militar encarnado no Estado, de modo que era possível opor os movimentos sociais populares, parte

de uma sociedade civil virtuosa, aos militares de direita que estavam no poder, com o lulismo tal possibilidade fica bloqueada. A despeito da existência do anti-lulismo, representado pelo campo neoliberal ortodoxo, que durante as eleições em São Paulo, faz as vezes de inimigo comum das classes populares encarnado no PSDB e/ou em algumas de suas lideranças, o lulismo, em vez de se opor ao bloco de poder, como ocorre nas dinâmicas populistas descritas por Ernesto Laclau, contém o próprio bloco em seu interior, como bem aponta Armando Boito Jr., fazendo com que seu potencial disruptivo fique apenas latente, isto é, não há um inimigo em comum de fato. Não havendo um inimigo em comum, passa-se a falsa impressão de que seria possível agradar ricos e pobres ao mesmo tempo, a tal mudança dentro da ordem da qual fala Singer.

A crença de que todos, ricos e pobres, possam sair ganhando, porém, não é livre de tensões entre os moradores da Brasilândia por mim entrevistados. As lentas melhoras que o lulismo pode oferecer às camadas populares estão longe de compensar as frustrações diárias vivenciadas pelos trabalhadores urbanos em processo de ascensão. Se por um lado estes conseguiram despistar a pobreza extrema e alcançar maiores possibilidades de consumo, por outro, não possuem perspectivas de melhorar mais ainda de vida e ascender para a classe média propriamente dita. Além disso, sofrem diariamente com inúmeras precariedades cotidianas que vão desde serviços públicos ineficientes, passando pela violência urbana e a falta de um estado de bem estar social que impeça que as pessoas sofram as consequências perversas das oscilações do mercado e percam o pouco que conseguiram conquistar a duras penas. Assim, ainda que exista uma aderência por parte dessas pessoas ao lulismo, tal aderência não implica necessariamente em uma adesão eleitoral ao PT e muitos menos ao combalido petismo.

Seria possível dizer que o lulismo reforça no imaginário popular, ou senso-comum, crenças conservadoras que o caracterizam, como a ideia de que o conflito entre ricos e pobres faz pouco sentido, já que haveria lugar para todos, e, de que o confronto direto das camadas populares com os grupos dominantes seria contraproducente tendo em vista que seria papel exclusivo do Estado regular uma melhor distribuição de renda, o que em termos ideológicos, representaria um desencontro com o petismo. Ao mesmo tempo, o lulismo parece dar lugar de destaque à eliminação da pobreza e ao empoderamento das camadas populares na figura do próprio presidente que, segundo as pessoas, teria mantido sua identidade de origem com o “povão”, principalmente com os pobres do Nordeste. Tais elementos representam um encontro com a radicalidade petista e poderiam ser combinados de forma a constituir, em moldes thompsonianos, uma cristalização de uma nova cultura de classe dos trabalhadores brasileiros.

Tal caráter contraditório, apontado por Singer, se exprime bem nos momentos eleitorais, como as eleições municipais em São Paulo no ano de 2012. Por um lado, as alianças com políticos

antagônicos ao petismo, como Paulo Maluf e a perda da bandeira da ética acabam por frustrar e desnortear tanto eleitores petistas mais antigos como eleitores das novas gerações. Por outro lado, em momentos em que a disputa eleitoral se agudiza e o partido sente-se ameaçado, o discurso eleitoral apela às origens históricas e procura mobilizar a militância de forma instrumental, em uma tentativa de enfatizar o velho petismo como diferencial em relação aos outros candidatos/partidos. Tal lógica utilizada para ganhar as eleições, ainda que dê resultados concretos, parece fazer com que as pessoas sintam-se progressivamente decepcionadas não apenas com o partido, mas com a própria política em geral. Afinal, se o único partido que dava vazão às aspirações mais radicais de transformação social se torna cada vez mais parecido com os demais, os eleitores acabam por rejeitar o sistema político em sua totalidade, como o fizeram os manifestantes durante as revoltas de junho de 2013, bem analisadas por Marcos Nobre.

Na medida em que o petismo se enfraquece, ocorre a perda progressiva de uma articulação possível do senso-comum das camadas populares em torno de um projeto de transformação radical da sociedade, tanto no que diz respeito às gerações mais antigas como, principalmente, em relação às gerações mais jovens. Ainda que o petismo não seja a única forma de articular o senso-comum das classes subalternas, o desgaste de tal ideologia ainda não foi substituído por uma nova, como seria o caso se o lulismo viesse a se tornar um populismo, nos termos de Laclau. Atualmente, não seria mais possível simplesmente resgatar o velho petismo, uma vez que suas condições históricas de existência, isto é, o cenário econômico e político do Brasil dos anos 1970 e 1980, não existem mais, de modo que a ideologia petista necessariamente precisaria passar transformações ou dar lugar a nova articulação ideológica. Na ausência de uma articulação pela esquerda do senso-comum, este pode passar a ser organizado por uma articulação de direita em termos análogos ao que ocorreu com parte significativa das classes trabalhadoras na Inglaterra com a ascensão do thatcherismo, como argumentou Stuart Hall.

Para Laclau, a articulação das interpelações democrático-populares como um todo antagônico à ideologia hegemônica poderia ser realizada tanto a partir das classes subalternas, como por uma fração das classes dominantes interessadas em reformular o bloco de poder. Em ambos os casos, o populismo emergiria em uma situação de crise orgânica, na qual a capacidade hegemônica do bloco de poder se perderia e abriria espaço para a emergência de novos atores coletivos e discursos ideológicos alternativos, os quais poderiam ser reacionários, conservadores, reformistas ou revolucionários.

Não vivemos hoje (2013) no Brasil uma situação de crise de hegemonia, mas isso poderia ocorrer, como parecem apontar certos indícios como as revoltas de junho de 2013. A ocorrência de uma crise orgânica poderia dar ensejo ao advento de um outsider político que poderia articular as

crescentes insatisfações populares em um discurso conservador e autoritário, como foi o caso de Alberto Fujimori no Peru da década de 1990. O Brasil, inclusive, já conta com dois exemplos de políticos de direita que tentaram se posicionar contra o sistema político como um todo apelando para as classes populares por meio de um discurso moralizante, Jânio Quadros e Fernando Collor. Nesse sentido, a tentativa de Celso Russomano de fazer este papel nas eleições de 2012, ainda que tenha sido frustrada, pode representar uma espécie de vanguarda em nível municipal de uma tendência que poderia vir a se expressar em nível nacional.

Se o lulismo assumisse a forma de um movimento populista, nos moldes de Laclau, pela esquerda, provavelmente teria uma potência disruptiva muito maior do que o petismo jamais alcançaria, uma vez que o petismo se restringia às classes trabalhadoras organizadas, enquanto o populismo lulista apelaria às massas populares em âmbito nacional na forma de “povo”, superando, assim, o próprio petismo. No entanto, ao que tudo indica, a criatura do PT não consegue superar o petismo, uma vez que aderiu à blindagem conservadora da qual fala Nobre em vez de se posicionar contra ela e destruí-la, abrindo espaço, dessa forma, para que outros projetos hegemônicos venham, no futuro, a rivalizar com o lulismo pela adesão das camadas subalternas.

Referências bibliográficas

ALDÉ, A. (2003). *A construção da política*. Rio de Janeiro: Editora FGV

ALESSANDRO, J.; GENTILE, R.; PAULINO, M. (Orgs.). (2009). *DNA Paulistano*. São Paulo : Publifolha

ALMEIDA, R. (2004) “Religião na metrópole paulista” In Revista Brasileira de Ciências Sociais v.19 N.56, 2004

ALMEIDA, R; D'ANDREA, T. (2004). “Pobreza e redes sociais em uma favela paulistana” In Novos Estudos No 68

ALMEIDA, R; MONTEIRO, P. (2001). “O trânsito religioso no Brasil” In São Paulo em Perspectiva, v.15 N. 3

BAIOCCHI, G.; BRAATHEN, E.; TEIXEIRA, A. C. (2012). “Transformation Institutionalized? Making Sense of Participatory Democracy in the Lula Era.” In STOKKE, C. and THORNQUIST, O. (eds), *Democratization in the Global South: The Importance of Transformative Politics*. London, UK: Palgrave McMillan

BAIOCCHI, G.; CONNOR, B. T. (2008). “The Ethnos in the Polis” Political Ethnography as a Mode of Inquiry” In Sociology Compass

BALBACHEVSKY, E.; HOLZHACKER, D, (2007). “Classe ideologia e política: uma interpretação dos resultados das eleições de 2002 e 2006.” In Opinião Pública, v.13, N.2, Campinas

BARRETT, M. (1996). "Ideologia, Política e Hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe". In: Zizek, Slavoj (Org.). *Um Mapa da Ideologia*. Rio de Janeiro : Contraponto

BIONDI, K. (2010). *Junto e Misturado, uma etnografia do PCC*. São Paulo : Editora Terceiro Nome

BOITO JR., A. (2012). “As bases políticas do neodesenvolvimentismo”. Trabalho apresentado na

edição de 2012 do Fórum Econômico da FGV/São Paulo

BORÓN, A. (2011). *A coruja de minerva, mercado contra democracia no capitalismo contemporâneo*. São Paulo : Editora Vozes

BRAGA, R. (2012). *A política do precariado, do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo Editorial

CABANES, R.; GEORGES, I.; RIZEK, C. S. e TELLES, V. (Orgs.). (2011). *Saídas de Emergência, Ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo*. São Paulo: Boitempo Editorial

CALDEIRA, T. (2000). *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp

CARDOSO, F. H. (1975). “Partidos e deputados em São Paulo: O Voto e a Representação Política”. In: LAMOUNIER, B. e CARDOSO, F.H. *Os partidos e as eleições no Brasil*. Rio de Janeiro : Paz e Terra

___ : (1998). “Desenvolvimento associado-dependente e teoria democrática” In Democratizando o Brasil, STEPAN, A. (org.). Rio de Janeiro : Paz e Terra

CARDOSO, F. H.; FALETTO, E. (1970.) *Dependência e desenvolvimento na América Latina. Ensaio de interpretação sociológica*. São Paulo : Editora LTC

CARDOSO, I. (1980). *A universidade da comunhão paulista*. São Paulo : Editora Cortez

CARREIRÃO, I. (2000). *A Decisão de Voto nas Eleições Presidenciais no Brasil (1989/98): a Importância do Voto por Avaliação de Desempenho*, Tese de Doutorado, FFLCH-USP, São Paulo.

CHRISTOFOLETTI, R. (2003). “Dez impasses para uma efetiva crítica de mídia no Brasil”. Trabalho apresentado no núcleo de jornalismo, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte, MG, 2 a 6 de setembro de 2003

COX, G. s/data. “Swing voters, core voters and distributive politics”. Mimeo.

DAGNINO, E. (2004). “Construção democrática, neoliberalismo e participação: os dilemas da confluência perversa”. *Política & Sociedade Revista de Sociologia Política*, Florianópolis, v. 1, n. 5, p. 137-161

DORNBUSCH, R. e EDWARDS, S. (1992). “Introducción”. In. *Idem (org.). La Macro-economía del Populismo en América Latina*. México D. F.: FCE.

DI TELLA, T. S.(1969). *Para Uma Política Latino-americana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

DOWNS, A. (1999). “A lógica básica do voto”em A. Downs, *Uma teoria econômica da democracia* (Capítulo 3). São Paulo : Edusp (pp.57-70)

DUVERGER, M. (1970). *Os partidos políticos*. Rio de Janeiro : Zahar

FELTRAN, G. (2005). *Desvelar a política na periferia: histórias de movimentos sociais*. São Paulo. 1. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas (FFLCH/USP) / FAPESP, v. 1.

___ : (2010). “Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo” In *Caderno CRH*, vol.23, No58

___ : (2011). *Fronteiras de tensão, Política e violência nas periferias de São Paulo*. São Paulo, 1. ed. Editora UNESP

FERREIRA, O. S. (1960). “Comportamento Eleitoral em São Paulo”. In *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. n. 8

___ : (1964). “A crise de poder do “sistema” e as eleições paulistas de 1962”, In *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, n. 16

FOERSTER, N. H. C. (2006). “Poder e Política na Congregação Cristã no Brasil: Um Pentecostalismo na Contramão” In *Ciências Sociais e Religião*” v.8, No 8

FLORIANO, P. (2008). *Dos sindicatos ao governo: a organização nacional do PT de 1980 a 2005*.

Tese de doutorado. UFSCAR. São Carlos.

GRAMSCI, A. (2002). *Cadernos do Cárcere*. Vol. I., Caderno 11. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____(2002). *Cadernos do Cárcere*. Vol. II. Caderno 12. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GERMANI, G. (1974). *Política e Sociedade em Uma Época de Transformação*. São Paulo: Mestre Jou

HALL, S. (1979). “The Great Moving Right Show” In *Marxism Today*, January 1979

HARVEY, D. (2008). *Neoliberalismo – história e implicações*. São Paulo : Loyola.

HIRATA, D. (2011). “Vida loka” In CABANES, R,; GEORGES, I,; RIZEK, C. S. e TELLES, V. (Orgs.). 2011. *Saídas de Emergência, Ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo*. São Paulo: Boitempo Editorial

HUNTER, W. (2007). “The Normalization of an Anomaly” In *World Politics*, Volume 59 / Issue 03 / April 2007, pp 440-475

HUNTER, W. POWER, T. (2007). “Rewarding Lula: Executive Power, Social Policy, and the Brazilian Elections of 2006” In *Latin American Politics and Society* V. 49, Issue 1, pp.1-30, April 2007

IANNI, O. (1991). *Formação do Estado Populista na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

JOZINO, JOSMAR. (2004). *Cobras e Lagartos*. Rio de Janeiro : Editora Objetiva

KATZ, R.; MAIR, P. (1995). “Changing Models of Party Organization and Party Democracy: The emergence of the Cartel Party” In *Party Politics*, v. 1. No 1, pp5-28

KATZNELSON, I.;MILNER, H. V. (2002). “American Political Science: The Disciplines State and the State of the Discipline”. In _____ & _____ (Eds). *Political Science: State of the Discipline*. Norton and

Company /American Political Science Association, 2002, pp.1-26.

KECK, M. (1991.) *PT, a lógica da diferença: o Partido dos Trabalhadores na construção da democracia brasileira*. São Paulo. Ática

KIRCHHEIMER, O. (1966). "The transformation of the Western European party systems" In *Political parties and political development*, 177-200.

KITSCHOLT, H. (2000). "Linkages between citizens and politicians in democratic polities" In *Comparative political studies*, vol. 33 no. 6/7, august/september 2000 845-879

KOWARICK, L. (1993) *A espoliação urbana*. São Paulo : Paz e Terra

___ : (2000) *Escritos Urbanos*. São Paulo, Editora 34, 2000

LACLAU, E. (1979). *Política e Ideologia na Teoria Marxista – Capitalismo, Fascismo e Populismo*. Rio de Janeiro : Paz e Terra,

_____. (2004). *On Populist Reason*. Londres-Nova York: Verso.

_____ e MOUFFE, C. (2001). *Hegemony and Socialist Strategy*. Londres-Nova Iorque: Verso.

LAHUERTA, M. (2001). "Intelectuais e Resistência Democrática: vida acadêmica, marxismo e política no Brasil". In *Cadernos AEL*. Vol. 8. No. 14-15.

LAVAREDA, A. (2009) *Emoções ocultas e estratégias eleitorais*. Rio de Janeiro: Objetiva

LAVAREDA, A.; SOUZA, A. (2010). *A Classe Média Brasileira*. Rio de Janeiro : Campus

LARRAIN, J. (2008). *El Concepto de Ideología Vol. 2. El marxismo posterior a Marx: Gramsci y Althusser*. Lom Ediciones (e-book)

LIMA, D. N. D. O. (2007). " Trabalho", " mudança de vida" e " prosperidade" entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus". *Religião & Sociedade*, 27(1), 132-155.

LIMONGI, F., & MESQUITA, L. (2008). Estratégia partidária e preferência dos eleitores: as eleições municipais em São Paulo entre 1985 e 2004. *Novos Estudos-CEBRAP*, (81), 49-67.

MARIANO, R. (1996). Igreja Universal do Reino de Deus: a magia institucionalizada. *Revista USP*, (31).

___ : (2004). Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos avançados*, 18(52), 121-138.

MAINWARING, S.; MENEGUELLO, R.; POWER, T. (2000). Conservative Parties, Democracy, and Economic Reform in Contemporary Brazil. *Conservative Parties, the Right, and Democracy in Latin America*, 164-222.

MENEGUELLO, Rachel. (1989) PT: a formação de um partido: 1997-1982. Rio de Janeiro : Paz e Terra

MOYA, M. E. (2011). “Os estudos sobre a cidade: quarenta anos de mudança nos olhares sobre a cidade e o social” In São Paulo: novos percursos e atores. Sociedade, cultura e política / organização de Lúcio Kowarick e Eduardo Marques – São Paulo : Ed. 34; Centro de Estudos da Metrópole

NERI, M. C. (Coord.). (2008). “A nova classe C” - Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS

OLIVEIRA, A. U. D. (2001). A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária. *Estudos Avançados*, 15(43), 185-206.

OLIVEIRA, F. (2003). *Crítica à razão dualista: o ornitorrinco*. Boitempo editorial.

ORO, A. P. (2009). Imaginários religiosos e políticos na América Latina: que relações existem entre eles?. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, 11(11), 93-106.

PAIVA, D., BRAGA, M. D. S. S., & PIMENTEL Jr, J. T. P. (2007). Eleitorado e partidos políticos no Brasil. *Opinião pública*, 13(2), 388-408.

PIERUCCI, A. F.; Lima, M. C. de. (1993) “São Paulo 92, a vitória da direita” In *Novos Estudos*, n. 35, março de 1993

PIERUCCI, A. F. (1994). “Linguagens autoritárias, voto popular” In DAGNINO, E. (org.) *Os anos 90: Política e sociedade no Brasil*. São Paulo : Editora Brasiliense

PIMENTEL, J. (2007). *Razão e emoção no voto: o caso da eleição presidencial de 2006*. Dissertação de mestrado. FFLCH-USP. São Paulo, 2007

POCHMANN, M. (2012). *Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira*, São Paulo, Boitempo Editorial

PRZEWORSKI, A. (1989). *Capitalismo e Social-Democracia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

QUADROS, W. (2008). “A evolução recente da estrutura social brasileira” Texto para Discussão. IE/UNICAMP, Campinas, n 148, nov. 2008.

REIS, E. (2004). A desigualdade na visão das elites e do povo brasileiro. In SCALON, C. *Imagens da desigualdade*. Belo Horizonte, MG: UFMG; IUPERJ: UCAM.

REIS, F. W. (2000). *Mercado e Utopia: teoria política e sociedade brasileira*, São Paulo, Edusp, 2000

RIBEIRO, D. (1978) *O dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes*. Ed. Vozes, Rio de Janeiro

ROBERTS, K. M. (2011). “El Neoliberalismo y La Transformación del Populismo em América Latina”. In. MACKINNON, M. M. e PETRONE, M. A. (org.). *Populismo y Neo-populismo en América Latina*. Buenos Aires: Eudeba.

ROSO, A., STREY, M. N., GUARESCHI, P., & BUENO, S. M. (2002). Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. *Psicologia & sociedade*, 14(2), 74-94.

SADER, E. (1988). Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980. Rio de Janeiro : Paz e Terra

SANTOS, F., VILAROUCA, M. G., & SCALON, C. (2004). Desigualdade e política partidária no Brasil contemporâneo. In SCALON, C. *Imagens da desigualdade. Belo Horizonte, MG: UFMG: IUPERJ: UCAM.*

SANTOS, W. G. (1978). *Poder e política: crônica do autoritarismo brasileiro*. Forense-Universitária.

SARTORI, G. (1982). “Competição espacial” em SARTORI, G., *Partidos e sistemas partidários* (Capítulo 10). Brasília, UnB, pp.354 a 383

SCHWARTZ, R. (1999). “Um seminário de Marx” In SCHWARTZ, R. (1999). *Seqüências brasileiras: ensaios*. Companhia das Letras.

SCIRÉ, C. (2009) “Financeirização da pobreza: crédito e endividamento no âmbito das práticas populares de consumo”. Dissertação de Mestrado. USP. São Paulo

SECCO, L. (2011). *História do PT*. Cotia, Ateliê Editorial.

LIPSET, S. M. and ROKKAN, S. (1967). "Cleavage Structures, Party Systems, and Voter Alignments: An Introduction," in LIPSET, S. M. and ROKKAN, S. ed., *Party Systems and Voter Alignments*, New York: The Free Press

SILVA, C. N. (2006). “Igreja católica, assistência social e caridade: aproximações e divergências” In *Sociologias*, 8(15), 326-351.

SIMÃO, A. (1956). “O voto operário em São Paulo”. In *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, n. 1,

SINGER, A. (2000). *Esquerda e direita no eleitorado brasileiro: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994*. São Paulo : Edusp

___ : (2009) “Raízes sociais e ideológicas do lulismo”. *Novos Estudos CEBRAP*, n.85, pp.83-102.

___ : (2012) *Os sentidos do Lulismo - Reforma Gradual e Pacto Conservador*. São Paulo, Companhia das Letras

Soares, G. A. D., & TERRON, S. L. (2008). “Dois Lulas: a geografia eleitoral da reeleição (explorando conceitos, métodos e técnicas de análise geoespacial)”. *Opinião Pública*, 14(2), 269-301.

SOFIATI, F. M. (2009). Tendências católicas: perspectivas do cristianismo da libertação. *Estudos de Sociologia*, 14(26).

SOUZA L. A. G. D. (2004). As várias faces da Igreja Católica. *Estudos avançados*, 18(52), 77-95.

SOUZA, J. (2010) *Os batalhadores brasileiros: Nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010

___ : & GRILLO, A. (2009). *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Editora UFMG.

STOKES, S. & DUNNING, T. (2008) “Clientelism as Persuasion and as Mobilization.” Typescript. New Haven: Yale University.

THOMPSON, E. P. (1987). *Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora

VALLE, E. (2004). “A renovação carismática católica: algumas observações” In *Estudos avançados*, 18(52), 97-107.

VENTURI, G. (2010) “PT 30 anos: Crescimento e Mudanças na Preferência Partidária. Impacto nas Eleições de 2010.” in *Revista Perseu* No 5, São Paulo : Editora Perseu Abramo

WEFFORT, F. (1968). *Classes populares e política (Contribuição ao estudo do “populismo”)* Tese de Doutorado, USP, São Paulo

___ : (2003). *O Populismo na Política Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra

WEYLAND, K. (2000). “Neo-populism and Market Reforms in Argentina, Brasil, Peru and Venezuela”. Texto apresentado ao XXII Congresso da *Latin American Studies Association (LASA)*. Miami, 16-18 de março de 2000.

ZUCCO, C. (2010). “Cash Transfers and Voting Behavior: Electoral Impacts of Brazil's Bolsa Família Program” Disponível em www.princeton.edu/~zucco/papers/cctvotingbehavior.pdf

___ : (2010). Poor Voters vs. Poor Places: Persisting patterns and recent changes in Brazilian electoral patterns. *ponencia presentada en el seminario Metropolis and Inequalities*, San Pablo. [Links].

Fontes Pesquisadas

Jornal Cantareira, Edição de Fevereiro/Março de 2003, Seção “De Olho na História: Vila Brasilândia: meio século de contradições”

Jornal Cantareira, Edição de Julho de 2003, Seção “De Olho na História: Terezinha, vila marcada por sofrimentos e alegrias”

Jornal Cantareira, Edição de Maio de 2003, Seção “De Olho na História: Jardim Guarani, coragem e esperança”

Relatório do CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária -Centro de Referência e Memória) referente ao “Projeto Brasilândia”, realizado entre 1999 e 2000

Anexo 1 – Biografias resumidas dos entrevistados

1. Ana Maria

Dados biográficos:

Idade: 52 anos

Local de Origem: Córrego Novo - BA

Ocupação: Empregada Doméstica e Cuidadora

Estado Civil: Divorciada

Filhos: um

Religião: Evangélica (Congregação Cristã)

Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto

Local de moradia: Brasilândia (Centro)

Dados Políticos:

Preferência Partidária: não possui (não gosta do PT)

Políticos de preferência: Maluf (PP), Serra (PSDB), Geraldo Alckmin (PSDB)

Políticos dos quais não gosta: Marta Suplicy (PT)

Eleições em que votou: para presidência votou em Fernando Collor (PRN) em 1989, em 1994 em Lula (PT), em 1998 em Lula (PT) novamente, em 2002 votou em Serra (PSDB), em 2006 votou em Geraldo Alckmin (PSDB) e em 2010 votou em Dilma Rousseff. Para a prefeitura de São Paulo, não se lembra em que votou em 1985 e nem em 1988, em 1992 votou em Maluf (PP), em 1996 votou em Celso Pitta (PP), em 2000 votou em Maluf (PP), em 2004 votou em Marta Suplicy (PT) e em 2008 em Gilberto Kassab (DEM)

Interesse por política: Não

Biografia: Ana Maria mora, sozinha, nas proximidades da Rua Parapuã, onde se concentra o comércio da Brasilândia. Sua casa fica nos fundos do terreno ocupado por uma casa maior, habitada por uma família de classe média. Veio de Córrego Novo, Bahia, quando era adolescente e sua família se estabeleceu em Morro Grande, que atualmente é um bairro habitado por pessoas de classe média e média-baixa da Brasilândia. Ana Maria trabalhou como empregada doméstica por curtos períodos até se casar também com um nordestino, que vivia de bicos e, atualmente, trabalha nas obras do metrô de São Paulo. Ficou casada por dois anos, período em que morou na Vila Carrão, na Zona Leste, e teve uma única filha, Daniela. Logo após a separação, com cerca de vinte anos de

idade, voltou para o Morro Grande e começou a trabalhar como operária em diversas fábricas na Freguesia do Ó durante a década de 80. Em uma firma de tecelagem, onde trabalhou por mais de dez anos de forma contínua, sem se sindicalizar, entrou em contato com pessoas que eram evangélicas e resolveu abandonar o catolicismo, passando a frequentar de forma contínua, junto com sua filha, a Congregação Cristã. Na metade dos anos 90, porém, foi demitida desta fábrica de tecelagem e depois disso, apesar de diversas tentativas, nunca mais conseguiu trabalhar como operária. Ficou desempregada e entrou em depressão por volta de dez anos, época durante a qual sua filha, que trabalhava para sustentar ambas, saiu da casa da mãe aos 16 anos quando se casou com um frequentador da Congregação Cristã e mudou-se para uma casa nas proximidades da Rua Parapuã. Na metade dos anos 2000 conseguiu um emprego, com carteira assinada, como empregada doméstica e, mais recentemente, passou a trabalhar também como cuidadora de uma senhora idosa, e em 2007, saiu então da região do Morro Grande, onde havia morado por trinta anos, e se mudou para o local em que mora atualmente, perto da Rua Parapuã. Hoje, somando a renda dessas duas ocupações, Ana Maria consegue ganhar cerca de 1200 reais mensais.

2. Carmem

Dados biográficos:

Idade: 49 anos

Local de Origem: Bandeirante - PR

Ocupação: Empregada Doméstica

Estado Civil: Casada

Filhos: três

Religião: Evangélica (Assembleia de Deus)

Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto (estudou até a 1ª série)

Local de moradia: Jd. Guarani

Dados Políticos:

Preferência Partidária: não possui preferência partidária

Políticos de preferência: Tiririca (PR), Geraldo Alckmin (PSDB), Dilma Rousseff (PT)

Políticos dos quais não gosta: nenhum

Eleições em que votou: para presidência votou em Fernando Collor (PRN) em 1989, em 1994 em FHC (PSDB), em 1998 em FHC (PSDB) novamente, em 2002 votou em Lula (PT), em 2006 votou em Geraldo Alckmin (PSDB) e em 2010 votou em Dilma Rousseff. Para a prefeitura de São Paulo,

com exceção de 1996, ano em que votou em Celso Pitta (PPB), sempre votou em candidatos do PT.

Interesse por política: Não

Biografia: Carmem veio com seu marido para São Paulo, onde passou a trabalhar inicialmente como empregada doméstica e, depois conseguiu um emprego em um restaurante. Seu marido arranhou um emprego como ajudante de limpeza na PUC, onde trabalha até hoje recebendo cerca de um salário mínimo. Há três anos Carmem deixou seu emprego no restaurante e passou a trabalhar novamente como empregada doméstica no bairro do Limão, o que lhe rende cerca de 600 reais mensais. Seu filho, de vinte e um anos, que estava desempregado, começou a trabalhar, recentemente, como auxiliar de limpeza em um hotel com carteira assinada, recebendo cerca de 700 reais. Carmem mora com o esposo e os três filhos em um apartamento construído pela prefeitura em parceria com o governo federal e, segundo seu relato, a situação financeira de sua família melhorou quando seu filho conseguiu o emprego como auxiliar de limpeza no hotel, além de sua própria renda e a do marido terem melhorado nos últimos anos. Carmem tem muito medo da violência da cidade e do bairro em que vive. Além de ir para o trabalho das 14 às 22 de segunda à sexta, também frequenta todos os finais de semana e feriados a igreja evangélica Assembleia de Deus. Carmem gosta bastante de ir à igreja por conta do contato com os demais frequentadores e dos cultos (louvor), durante os quais se emociona, chegando a chorar muitas vezes, e se sente aliviada.

3. Caroline

Dados biográficos:

Idade: 30 anos

Local de Origem: São Paulo

Ocupação: Assistente Contábil

Estado Civil: Solteira

Filhos: não

Religião: Católica

Escolaridade: Ensino Superior Completo

Local de moradia: Jardim Icarai

Dados Políticos:

Preferência Partidária: PT

Políticos de preferência: Luíza Erundina (PSB), Lula (PT), Marta Suplicy (PT), Dilma Rousseff (PT), Gilberto Kassab (DEM)

Políticos dos quais não gosta: Maluf (PP)

Eleições em que votou: sempre votou em políticos do PT com exceção do ano de 1998, no qual votou em Fernando Henrique (PSDB) para presidente

Interesse por política: Não

Biografia: Caroline nasceu em São Paulo e morou no Jardim Guarani até cerca de três atrás quando se mudou para uma casa melhor próxima ao Jardim Icaraiá, ainda na Brasilândia, pois sua família fora forçada a deixar a casa em que vivia na favela da Boa Esperança uma vez que esta havia sido construída em uma área de risco. Caroline e seus três irmãos foram criados pela mãe que trabalha como empregada doméstica até hoje, porém, ao contrário da maioria das famílias do bairro, tanto ela quanto seus irmãos conseguiram terminar seus estudos e fazerem cursos técnicos ou faculdade. Caroline sempre trabalhou no setor de serviços, começou na adolescência como caixa de supermercado, ganhando cerca de 500 reais, e logo passou a trabalhar no setor financeiro da empresa, apesar de seu salário não ter melhorado muito. Depois, abandonou o supermercado e foi trabalhar em uma empresa pequena, na qual também trabalhava no setor financeiro, da qual saiu quando já estava ganhando 1300 reais. Em meio a esses trabalhos em empresas, Caroline, que na adolescência participou de várias montagens de peças de teatro promovidas por religiosas ligadas a CEB Santo Eugênio, se esforçava para construir uma carreira de atriz, porém, apesar de ter feito cursos e apresentado várias peças, uma delas no Rio de Janeiro, não conseguiu ganhar o que queria. Resolveu então fazer uma faculdade que pudesse lhe render uma boa colocação no mercado de trabalho, e, após uma pesquisa sobre o que seria mais rentável, escolheu cursar administração com ênfase em comércio exterior em uma faculdade privada na Lapa. Porém, ao contrário do que esperava, ao concluir o ensino superior, Caroline, que hoje mora com a mãe, dois tios, três irmãos e uma sobrinha, ficou desempregada por quase dois anos seguidos. Por conta da dificuldade para encontrar bons postos em São Paulo chegou a pensar em mudar para uma cidade no interior do Estado para conseguir uma vaga que correspondesse aos seus anseios. No final de 2012, porém, conseguiu um emprego em um restaurante fino no bairro de Pinheiros como assistente contábil. No entanto, ainda que fizesse toda a contabilidade do estabelecimento sozinha e tivesse ensino superior completo, recebia apenas 1200 reais, o que a deixava bastante frustrada, afinal, sua mãe, que continuava a trabalhar como empregada doméstica, recebia mais do que ela. Apesar de considerar sua remuneração muito ruim, Caroline preferia continuar no emprego até achar outro melhor, pois tinha medo de sair e enfrentar mais um longo período de desemprego novamente. No futuro,

Caroline espera conseguir juntar dinheiro suficiente para poder seguir seu sonho de ser atriz.

4. Cleiton

Dados biográficos:

Idade: 30 anos

Local de Origem: Belém de São Francisco - PE

Ocupação: Recepcionista de mercadoria

Estado Civil: Solteiro

Filhos: um

Religião: Evangélica

Escolaridade: Ensino Médio Completo

Local de moradia: Jd. Guarani

Dados Políticos:

Preferência Partidária: PT

Políticos de preferência: Dilma Rousseff (PT), Lula (PT), Geraldo Alckmin (PSDB), Serra (PSDB)

Políticos dos quais não gosta: Gilberto Kassab (DEM/PSD)

Eleições em que votou: votou sempre nos candidatos do PT tanto para presidência como para a prefeitura

Interesse por política: Não

Biografia: Cleiton veio criança para São Paulo, de Belém de São Francisco, Pernambuco, junto de sua mãe e seus irmãos, porém foi adotado por uma família religiosa cujo pai era pastor de uma igreja evangélica no bairro da Brasilândia. Seu pai adotivo era metalúrgico, sua mãe adotiva, dona de casa, e, segundo Cleiton, era possível, apenas contando com os rendimentos do pai, que a família mantivesse um bom padrão de vida, de modo que nem ele e nem seus dois irmãos adotivos precisaram trabalhar durante a adolescência. Desse modo, Cleiton terminou o segundo grau e trabalhou como aprendiz apenas por um curto período na mesma fábrica que seu pai adotivo trabalhava, quando contava com dezessete anos de idade, para “pegar experiência”. Aos dezoito anos sua vida mudou, Cleiton engravidou uma moça da mesma idade o que fez com que fosse “expulso” da família adotiva. Resolveu então “assumir” a criança e ir morar com a namorada grávida. Esse novo arranjo familiar durou pouco tempo, Cleiton tinha acabado de começar a

trabalhar em um Hipermercado, ganhava mal, e tinha bastante dificuldade em sustentar sua companheira e o bebê. Assim, em 2004, Cleiton separou-se de sua namorada, sua mãe biológica adotou a própria neta, e os três, Cleiton, sua mãe biológica e a criança passaram a morar juntos. Esse novo arranjo durou até 2006 quando a mãe biológica de Cleiton voltou para Pernambuco levando a neta, adotada como filha, consigo. Desde então, Cleiton mora sozinho, no Jardim Guarani, sendo que recentemente conseguiu um apartamento em um conjunto habitacional construído pelo PAC em conjunto com a prefeitura, além disso, seu salário no Hipermercado praticamente triplicou desde 2003, passando para cerca de 1200 reais. Embora tenha se afastado da igreja para “conhecer o mundo”, Cleiton medita sobre a possibilidade de retornar a sua fé, pois, segundo suas palavras, o “mundo fora” da igreja não seria para ele.

5. Cleuza

Dados biográficos:

Idade: 57 anos

Local de Origem: Pedreiras - MA

Ocupação: Diarista

Estado Civil: Separada

Filhos: duas filhas

Religião: Católica

Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto

Local de moradia: Jd. Guarani

Dados Políticos:

Preferência Partidária: PT

Políticos de preferência: nenhum

Políticos dos quais não gosta: Serra (PSDB)

Eleições em que votou: sempre votou em políticos do PT

Interesse por política: Não

Biografia: Cleuza, natural de Pedreiras, Maranhão, veio para São Paulo em 1971, acompanhada de uma tia. Morou na Parada Inglesa (Zona Norte) até 1982, ano em que se mudou para um terreno invadido no bairro do Jardim Guarani. Cleuza passou a viver junto com um companheiro em uma casa de apenas um cômodo, de quem teve duas filhas, porém, a união se desfez e Cleuza ficou

morando apenas com suas duas filhas. Seu primeiro emprego foi como costureira overloquista, única época em que fora sindicalizada, porém foi despedida e passou a trabalhar de forma intermitente como empregada doméstica. Chegou a conseguir, por um curto período de tempo, um emprego mais estável como camareira de um hotel, porém, logo depois voltou para a mesma situação intermitente de trabalhos esporádicos como empregada doméstica. Nessa época, uma de suas filhas foi assassinada por conta do envolvimento com tráfico de drogas e a outra é, atualmente, moradora de rua, de modo que Cleuza passou a morar sozinha com duas netas, uma adolescente, cuja mãe faleceu, e uma bebê, cuja mãe, continua a morar na rua. Por conta de um acidente de trabalho Cleuza passou a receber uma pensão por invalidez no valor de um salário-mínimo e a fazer bicos de diarista de vez em quando. Em 2012, sua neta mais velha engravidou, teve um bebê e seu marido passou a construir um puxadinho na casa de Cleuza, para que todos passassem a morar juntos.

6. Dalva

Dados biográficos:

Idade: 58 anos

Local de Origem: Itororó - BA

Ocupação: copeira

Estado Civil: Casada

Filhos: três

Religião: Católica

Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto

Local de moradia: Jd. Guarani

Dados Políticos:

Preferência Partidária: não possui

Políticos de preferência: Lula (PT), Marta Suplicy (PT)

Políticos dos quais não gosta: Fernando Collor (PRB)

Eleições em que votou: sempre votou em políticos do PT, com exceção de 1985 quando votou em FHC, em 1992 quando votou em Maluf (PPB) e em 2008 quando votou em Gilberto Kassab (DEM/PSD) para prefeitura de São Paulo.

Interesse por política: Não

Biografia: Dalva nasceu em Itororó, na Bahia, mas morou em diversos lugares, primeiro em Macarani e Salvador, ainda na Bahia, depois mudou de estado e foi para Minas Gerais, depois morou em Goiânia, em Goiás, até, finalmente, em 1982, se estabelecer em São Paulo. Segundo Dalva, foi a necessidade de trabalhar que a fez mudar de cidade tantas vezes, pois era a filha mais velha da família e precisava trabalhar para enviar dinheiro para seus pais e seus irmãos mais novos que continuaram morando na Bahia. Seu primeiro emprego em São Paulo foi em uma metalúrgica como prensista, no início dos anos 80, depois trabalhou em dois supermercados como balconista de frios, em uma cozinha industrial, como faxineira, como copeira em duas lojas de artigos para casa, e, atualmente, trabalha como copeira em uma empresa de exportação e importação. De acordo com seu relato, o emprego que oferecia as melhores condições salariais foi a metalúrgica em que trabalhou logo que chegou em São Paulo, a qual se mudou para outra cidade. Seu último emprego, como copeira de uma loja, lhe rendia cerca de 600 reais com carteira assinada, já com emprego atual, como copeira na empresa de exportação e importação, consegue tirar 900 reais, além dos benefícios como plano de saúde, cesta básica e vale refeição, os quais não tinha direito no emprego anterior. Quando era jovem, Dalva morou com sua tia até se casar e mudar para uma habitação em uma favela do Jd. Guarani. Após ter dois filhos, divorciou-se do primeiro marido e passou a viver com seu atual companheiro, com quem já está há dez anos. Há dois anos atrás Dalva e sua família foram removidos da Favela Boa Esperança e ficaram morando de aluguel até a prefeitura realocá-los em um apartamento recém-construído em uma parceria da prefeitura com o governo federal por meio do PAC. Atualmente mora neste apartamento, financiado em 20 anos, com o marido, que trabalha como porteiro, com os dois filhos, um trabalha como vigilante e o outro, que possui deficiência cognitiva e trabalha em um supermercado. Além dos dois filhos, Dalva tem uma filha que já é casada e mora no apartamento ao lado do seu. Segundo Dalva, a situação financeira de sua família melhorou bastante nos dois últimos anos, pois agora todos os membros da família estão empregados, pois há alguns anos atrás seus filhos estavam desempregados e Dalva passou um período separada do companheiro, de modo que precisava sustentar todos apenas com seu salário. Dalva gosta de São Paulo por causa da oferta de emprego, porém diz que, por conta de sua idade, é bastante difícil arrumar serviço. Diz gostar de seu bairro por conta das relações de vizinhança e da proximidade de serviços como padarias e mercados, porém teme a violência e espera que as condições do transporte público melhorem, pois para chegar ao trabalho pega conduções muito lotadas, apesar de sair cedo de casa.

7. Dulce

Dados biográficos:

Idade: 52 anos

Local de Origem: Coroaci - MG

Ocupação: Professora de artes

Estado Civil: Casada

Filhos: um

Religião: Católica

Escolaridade: Ensino Superior Completo

Local de moradia: Jd. Guarani

Dados Políticos:

Preferência Partidária: afirma que não possui preferência partidária, mas costuma votar no PT

Políticos de preferência: Eduardo Suplicy (PT)

Políticos dos quais não gosta: políticos do PSDB e do Partido do Maluf

Eleições em que votou: sempre votou em candidatos do PT

Interesse por política: Não

Biografia: Dulce nasceu em Minas Gerais, em Coroaci. Veio com dez anos para São Paulo para trabalhar como empregada doméstica, deixando sua família em Minas Gerais, a qual veio logo depois e se instalou junto com Dulce em uma favela no Jd. Icaraí. Na época eram 22 pessoas que se amontoavam em dois cômodos, sendo que todos trabalhavam, inclusive as crianças, as quais também estudavam. Sua mãe trabalhava de copeira, sua irmã mais velha era empregada doméstica e os outros familiares faziam bicos dos mais diversos. Aos 14 anos, após alguns anos trabalhando como doméstica em casas de família, Dulce começou a trabalhar registrada em uma firma têxtil, onde ficou por quinze anos, até os 29, idade em que saiu da firma para casar. Após o casamento chegou a trabalhar por pouco tempo em uma metalúrgica, depois voltou a trabalhar na mesma empresa têxtil até ter seu primeiro filho, momento em que pediu as contas novamente. Nessa época Dulce, que só tinha cursado até a 5ª série do ensino fundamental passou por dificuldades. Antes do nascimento de seu filho, seu marido perdeu uma perna em um acidente de trabalho quando trabalhava em uma fábrica de tecidos. Apesar de ter conseguido colocado uma perna mecânica, seu marido voltou ao trabalho por pouco tempo mas logo solicitou uma aposentadoria, o que complicou a situação financeira do casal, pois o valor da aposentadoria era menor do que o salário que recebia antes e eles moravam em uma casa alugada, situação que fez com que o casal decidisse por não ter mais filhos. Foi quando Dulce começou a trabalhar de um centro de juventude ligado a CEB Santo

Eugênio junto a uma freira que a motivou a completar os estudos para poder ingressar na faculdade. Em 1998 seu marido faleceu e Dulce resolveu se matricular em uma escola que oferecia o programa de Ensino de Jovens e Adultos (EJA), e completou o ensino fundamental e o ensino médio. Logo após ter concluído o EJA, Dulce se matriculou em curso de Educação Artística em uma universidade particular. Atualmente Dulce mora com seu filho no Jd. Guarani, tem um namorado que fica por alguns períodos em sua casa e ministra aulas de educação artística na rede pública. Apesar de ter melhorado seus rendimentos em relação a anos anteriores, uma vez que trabalha em duas escolas diferentes, uma da prefeitura e outra do Estado, Dulce trabalha como professora temporária (OFA) pois não conseguiu passar em um concurso público para ser professora permanente da rede. Dulce tem bastante desconfiança dos concursos pois acha muito difíceis e acredita que são realizados apenas para fazer caixa para a prefeitura, já que conhece raras pessoas que são aprovadas. Seu filho único conta hoje com 21 anos e acabou de deixar um serviço em uma firma de tecidos na qual trabalhou como estoquista e auxiliar de serviços gerais por dois anos. Dulce, que estava se esforçando para juntar dinheiro e se mudar para outro bairro ou outra cidade para sair da casa em que vive atualmente, uma vez que está se localiza em um terreno invadido, mas enfrenta certa dificuldade por conta da valorização crescente de terrenos e casas em São Paulo, conseguiu se mudar para Franco da Rocha em 2012.

8. Felipe

Dados biográficos:

Idade: 23 anos

Local de Origem: São Paulo - SP

Ocupação: Estudante de Ed. Física

Estado Civil: Solteiro

Filhos: não

Religião: Católica

Escolaridade: Ensino Superior Incompleto

Local de moradia: Jd. Guarani

Dados Políticos:

Preferência Partidária: não possui preferência partidária

Políticos de preferência: não possui

Políticos dos quais não gosta: nenhum

Eleições em que votou: votou em Marta Suplicy em 2000 para prefeitura, após ser ter sido preso disse que passou a votar no candidato que estivesse “na frente”

Interesse por política: Não

Biografia: Felipe nasceu e foi criado na Brasilândia, mais especificamente no Jd. Guarani. Sempre morou com sua mãe, seu pai e seu irmão mais novo. Quando Felipe era criança sua família era sustentada apenas por com o salário de seu pai que trabalhava como operário, sua mãe era dona de casa. Durante sua adolescência sua mãe começou a trabalhar fora longe de casa e colocou os filhos para ficarem em um centro profissionalizante na parte da manhã durante a semana, onde Felipe fez vários cursos, um dos quais lhe possibilitou começar a trabalhar como metalúrgico em uma firma. Ao concluir o colegial Felipe, incentivado por sua mãe que havia, ela mesma, decidido cursar história em uma faculdade particular, resolveu se matricular no curso de Ed. Física, pois almejava abrir uma academia de artes marciais no Jd. Guarani e, com isso, atrair os jovens de sua comunidade para a prática esportiva. Porém, um evento marcou profundamente sua trajetória de vida. Felipe, que tinha alguns amigos de infância que haviam se envolvido com o crime, para “pagar um favor” a um desses amigos, acabou participando de uma ação criminosa, o que lhe rendeu uma estadia de quatro meses na cadeia de Pinheiros, período que fez com que Felipe reavaliasse sua trajetória de vida e suas visões de mundo e reorientasse seus esforços na direção de uma futura carreira como criminoso. Assim, ao sair da prisão, Felipe, que foi forçado a deixar seu emprego pela firma por conta de sua “ficha suja”, resolveu trancar a faculdade de educação física e se concentrar em fazer contatos visando uma carreira no crime, a qual pretende conferir uma fachada de legalidade fazendo uma graduação em administração. Sua mãe, desconfiada, costuma chamar sua atenção tentando fazer com que ele volte a “trabalhar honestamente” e siga o exemplo de seu irmão mais novo, que, atualmente, trabalha como monitor de crianças em um transporte escolar e pensa em ingressar em um curso superior de turismo. No início de 2013, Felipe iria começar a trabalhar de forma mais contínua como motorista de entregas terceirizado, o que iria lhe render cerca de 1300 reais por mês, porém, em março, o jovem foi preso novamente porque não havia comparecido às audiências com o juiz relativas a sua primeira prisão. Agora Felipe se encontra em uma cadeia em Franco da Rocha onde permanecerá, ao que tudo indica, até novembro de 2013.

9. Jadson

Dados biográficos:

Idade: 21 anos

Local de Origem: Juazeiro - BA

Ocupação: Ajudante de instalação de tela

Estado Civil: Solteiro

Filhos: não

Religião: Católica

Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto

Local de moradia: Jd. Guarani

Dados Políticos:

Preferência Partidária: PT

Políticos de preferência: Marta Suplicy (PT), Geraldo Alckmin (PSDB)

Políticos dos quais não gosta: Maluf (PP)

Eleições em que votou: sempre votou em políticos do PT

Interesse por política: Não

Biografia: Jadson veio com sua família de Juazeiro, na Bahia, para São Paulo com dois anos de idade, aproximadamente. Antes de morar na Brasilândia, sua família residia em São Miguel Paulista, onde seus avós moravam. Nessa época seu pai trabalhava no transporte de coleta de lixo e sua mãe era dona de casa e cuidava dele, de suas duas irmãs e de seu irmão. Segundo seu relato, essa foi uma época bastante difícil para a família pois contavam apenas com o salário do pai que era insuficiente para cobrir as despesas do lar. Após algum tempo sua família resolveu se mudar de São Miguel por conta da excessiva violência do bairro, assim, quando tinha aproximadamente treze anos, Jadson passou a morar no Jardim Guarani. Por volta de 2006, preocupado em ajudar seu pai, desistiu de continuar seus estudos, após ter completado a 6ª série do ensino fundamental, e começou a trabalhar em uma fábrica de botas de bico de aço, onde ganhava 600 reais, emprego o qual logo abandonou, pois a empresa não pagava sua condução. Depois trabalhou por um ano como operador de máquina injetora fazendo artigos diversos, ganhando 640 reais, mas, dessa vez, com carteira assinada. Foi despedido do último emprego por conta da crise de 2008 e ficou desempregado por anos até conseguir seu emprego atual no ramo da construção civil em 2011. Durante o período de desemprego Jadson vasculhava o lixão perto de sua casa em busca de latinhas para vender. Faz seis anos, agora, que seu pai passou a trabalhar como manobrista de uma ótica perto da Av. Paulista, ganhando em torno de 800 reais mensais, sua mãe continuou a ser dona de casa, suas irmãs saíram de casa e Jadson e seu irmão complementam a renda de casa, o primeiro

trabalhando como auxiliar de instalação de tela na construção civil e ganhando 900 reais, o segundo ganhando aproximadamente 800 reais trabalhando com sistemas de áudio para automóveis em um comércio do próprio bairro. Segundo Jadson a vida de sua família melhorou bastante e ele até consegue guardar algum dinheiro, para comprar suas próprias coisas, além daquele que vai para as despesas da casa, no entanto, ainda que sua vida tenha melhorado, Jadson diz que, por conta dos ônibus excessivamente lotados e do trânsito, por vezes prefere percorrer os vários quilômetros que separam sua casa da empresa em que trabalha à pé, pois, apesar de ter uma moto, não possui carteira de habilitação, e por duas vezes a polícia já apreendeu seu veículo e Jadson não conseguiu reavê-lo, ficando no prejuízo.

10. Manuel

Dados biográficos:

Idade: 35 anos

Local de Origem: Brotas de Macaúba - BA

Ocupação: Instalador de tela

Estado Civil: Casado

Filhos: cinco

Religião: Católica

Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto

Local de moradia: Jd. Guarani

Dados Políticos:

Preferência Partidária: não possui preferência partidária

Políticos de preferência: Geraldo Alckmin (PSDB)

Políticos dos quais não gosta: nenhum

Eleições em que votou: votou em Geraldo Alckmin (PSDB) para presidência em 2006 e em Dilma Rousseff (PT) para presidência em 2010. Para a prefeitura votou em Marta Suplicy (PT) em 2008.

Interesse por política: Não

Biografia: Manuel veio para São Paulo com sua irmã e seu tio quando tinha 17 anos, em 1993, deixando para trás seus dois filhos, um menino e uma menina, frutos de um casamento desfeito. Ao chegar em São Paulo começou a trabalhar na construção civil como ajudante de pedreiro, ganhando 400 reais por mês, porém, ao fim de um ano e seis meses de trabalho, a empresa que o empregava

faliu e deixou vários trabalhadores sem receber tudo o que tinham direito. Após alguns anos trabalhando na construção civil de forma incerta Manoel conseguiu um trabalho em uma feira livre, onde ficou por quatro anos, aproximadamente, ganhando cerca de 600 reais mensais. Em seu emprego atual, novamente na construção civil, consegue ganhar 1200 reais como instalador de tela, o que para ele é muito pouco dada a periculosidade do serviço, por esse motivo, Manuel já manifestou várias vezes seu desejo de deixar o emprego para o patrão, que por sua vez não quer mandá-lo embora. Atualmente, Manuel vive com a segunda esposa e quatro filhos, três da segunda mulher e um da primeira esposa, em uma casa no Jd. Guarani, no entanto, quer sair de São Paulo o mais rápido possível e voltar a morar em Brotas de Macaúba, pois não gosta do ritmo acelerado da metrópole.

11. Marli

Dados biográficos:

Idade: 34 anos

Local de Origem: São Paulo - SP

Ocupação: Dona de casa

Estado Civil: Casada

Filhos: quatro filhos

Religião: Católica / Evangélica

Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto

Local de moradia: Jd. Guarani

Dados Políticos:

Preferência Partidária: não possui

Políticos de preferência: Marta Suplicy (PT), Netinho de Paula (PCdoB) e Geraldo Alckmin (PSDB)

Políticos dos quais não gosta: Gilberto Kassab (DEM)

Eleições em que votou: sempre votou em candidatos do PT para as eleições majoritárias

Interesse por política: Não

Marli é filha de mãe solteira e nasceu em São Paulo, mesma cidade onde nasceram seus pais. Nunca conheceu seu pai biológico, mas morava com sua mãe, que era dona de casa, seu padrasto, que trabalhava na construção civil e seus oito irmãos na Brasilândia, até o dia em que, quando tinha

nove anos de idade, sua mãe morreu atropelada em uma avenida que atravessa o bairro. Marli, que deixou de estudar após ter terminado a 5ª série do ensino fundamental, pois, em suas palavras, não era seu forte, casou-se e foi morar na casa de sua sogra aos 25 anos junto com seu marido, que, na época, tinha 16 anos. Marli teve três filhas e um filho, sendo que uma de suas filhas mora com sua irmã no bairro de Perus. Na época em que morava com sua sogra a vida era bem difícil, ela cuidava das crianças enquanto seu marido catava papelão nas ruas. Em 2008, após terem mudado para uma casa simples, de um cômodo apenas, o marido de Marli conseguiu, por meio do marido de Roseane, sua vizinha, trabalhar como instalador de tela na construção civil, ganhando em torno de 1200 reais. Atualmente Marli está razoavelmente satisfeita com a vida que leva, apesar de ter ficado inconformada por não ter conseguido receber um cartão do bolsa-família.

12. Nilza

Dados biográficos:

Idade: 41 anos

Local de Origem: Nordeste

Ocupação: Cuidadora

Estado Civil: Casada

Filhos: seis

Religião: Católica

Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto (estudou até a 5ª série)

Local de moradia: Jd. Guarani

Dados Políticos:

Preferência Partidária: não possui preferência partidária

Políticos de preferência: Lula (PT), Manuel Sarney (PMDB)

Políticos dos quais não gosta: Fernando Collor (PRB), Marta Suplicy (PT), Maluf (PP), Erundina (PSB)

Eleições em que votou: para presidência votou sempre em Lula (PT) desde 1989 e em 2010 votou em Dilma Rousseff (PT). Para prefeitura não se lembra em que votou em 1988, e em 1992 votou em Eduardo Suplicy (PT), em 1996 votou em Celso Pitta (PPB), em 2000 votou em Marta Suplicy (PT), em 2004 votou em José Serra (PSDB) e em 2008 votou em Gilberto Kassab (DEM)

Interesse por política: Sim

Biografia: Nilza veio do Nordeste para São Paulo, se instalando no bairro do Ipiranga, em 1984 para trabalhar como empregada doméstica com catorze anos de idade. Em 1987 se mudou para o bairro da Brasilândia onde morou com sua irmã e teve seu primeiro filho. Enquanto trabalhava como doméstica, e sua irmã cuidava de seu filho, conheceu seu futuro marido, com quem se casou, passando a morar com o filho pequeno em um terreno comprado pelo cônjuge no mesmo bairro. O marido de Nilza a proibiu de trabalhar, assim, para auxiliar na renda da família Nilza comprava roupa de cama, mesa e banho no Brás e revendia de porta em porta. Em 2001 seu marido, que trabalhava como autônomo desde 1994, faleceu. Por conta de dificuldades burocráticas Nilza, que então estava com seis filhos pequenos, não conseguiu ter acesso à pensão de seu marido, e, sem dinheiro passou a catar papelão para se sustentar. Chegou a ser beneficiária do programa Bolsa-Família por dois anos e com o dinheiro do programa comprava linha e panos de prato por um real nos quais fazia “biquinhos” e vendia por 5 reais cada ou comprava panos de 5 reais, fazia “biquinhos” de crochê e vendia a 10 ou 11 reais. Atualmente mora com um companheiro e com os filhos mais novos em um apartamento construído pela prefeitura em parceria com o governo federal. Em 2011 seu companheiro atual e um de seus filhos trabalhavam como autônomos no setor de construção civil. Nilza chegou a fazer um curso no SENAI, porém tem muita dificuldade em empreender um pequeno negócio, para abrir um firma precisou pedir a um terceiro para ser seu fiador pois, na época, morava em um terreno da prefeitura e não tinha escritura de sua casa. Disse que é muito difícil conseguir empréstimos em banco por conta da burocracia, por isso sente que as portas estão fechadas para pessoas como ela que querem ser microempreendedoras, opinião compartilhada por seu companheiro. Em 2012 porém, a situação da família de Nilza melhorou. Nilza trabalhou como empregada doméstica por sete meses, porém, sem conseguir um registro em carteira, passou a trabalhar como cuidadora de uma senhora idosa que mora na avenida Angélica, dessa vez registrada. Ainda que, segundo diz, não é bem remunerada, consegue contribuir com a renda da casa, a qual aumentou recentemente, pois seu filho mais velho, que trabalha como frentista e era casado, separou-se e voltou para a casa da mãe, o outro que trabalhava com bicos junto com o pai, passou a ser açougueiro e voltará a trabalhar em breve, uma de suas filhas começou a fazer bicos em salão de beleza, e a outra, que também se separou do marido e voltou para a casa da mãe, também pensa em voltar a trabalhar. Segundo Nilza, a renda familiar giraria atualmente em torno de 1800 reais, muito acima dos ganhos eventuais que seu marido conseguia trabalhando como autônomo na área de construção civil.

13. Raimundo

Dados biográficos:

Idade: 53 anos

Local de Origem: Lagerão - BA

Ocupação: Metalúrgico

Estado Civil: Solteiro

Filhos: não

Religião: Católica

Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto

Local de moradia: Jd. Guarani

Dados Políticos:

Preferência Partidária: não possui preferência partidária

Políticos de preferência: José Serra (PSDB), Geraldo Alckmin (PSDB)

Políticos dos quais não gosta: Paulo Maluf (PP)

Eleições em que votou: sempre votou em políticos do PT, com exceção de 2010, quando votou em José Serra (PSDB) para presidente, e nos anos de 2004 e 2008 quando votou em José Serra (PSDB) e Gilberto Kassab (DEM) para prefeitura, respectivamente.

Interesse por política: Sim

Biografia:

Raimundo deixou a roça de sua família em Lajedão, Bahia, aos 19 anos, em 1977, para tentar a vida em São Paulo assim como seus seis irmãos. Por cerca de vinte anos Raimundo trabalhou como metalúrgico em várias firmas próximas ao bairro da Brasilândia, porém, a partir da metade da década de 1990 perdeu seu emprego, e passou a alternar períodos entre o desemprego e bicos como serralheiro, os quais eram escassos e pagavam muito pouco e empregos na construção civil, época em que teria se tornado alcoólatra. Antes de seu último emprego formal, no qual ele passou três anos, Raimundo estava trabalhando como serralheiro autônomo e pagando o próprio INSS. Segundo ele, a remuneração como trabalhador registrado é melhor do que como autônomo, já que neste último caso a entrada de dinheiro seria muito incerta. Quando perguntado quanto ganharia nos “bicos” ele usa a expressão “quase nada”, afirmando que seria tão pouco que não daria para calcular. Nesse período, ele diz ter utilizado “uma reservinha” que possuía para complementar a renda. Com a melhora de remuneração durante o último período de emprego formal, Raimundo “trocou os móveis”, “assentou o piso da casa” e realizou outras bem-feitorias em sua residência. Na

medida em que vive sozinho e não tem que enviar dinheiro para parentes, tudo o que ganha fica para si mesmo. Após ter trabalhado em uma loja de ferros para serralheria, de 2008 a 2011, na qual ele conseguia ganhar 800 reais “livres”, porém, por vontade própria, Raimundo resolveu abandonar esse emprego e ir atrás de outras oportunidades, em 2012, passou a trabalhar como metalúrgico novamente.

14. Rita

Dados biográficos:

Idade: 43 anos

Local de Origem: Frei Paulo - SE

Ocupação: Cozinheira

Estado Civil: Casada

Filhos: sete

Religião: Católica

Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto

Local de moradia: Jd. Guarani

Dados Políticos:

Preferência Partidária: PT

Políticos de preferência: Lula (PT)

Políticos dos quais não gosta: Manuel Sarney (PMDB)

Eleições em que votou: para presidência votou em Fernando Collor (PRN) em 1989, em 1994 votou em Lula (PT), em 1998 votou em FHC (PSDB), em 2002 votou em Lula (PT), em 2006 votou em Lula (PT) e em 2010 votou em Dilma Rousseff (PT). Para prefeitura votou sempre em Marta Suplicy (PT) desde o ano 2000 (não votou na eleição de 1996).

Interesse por política: Não

Biografia: Rita veio de Frei Paulo, Sergipe, há 16 anos para São Paulo com três filhos para acompanhar seu marido que já estava trabalhando na cidade e morava na casa do irmão, foi apenas depois que já estava morando na cidade que completou sua família atual com o nascimento de mais quatro filhos. Segundo seu relato, em Sergipe é muito difícil arranjar trabalho porque todos dependem de indicações ou afinidades políticas com os mandatários locais, por isso prefere viver em São Paulo em que pode buscar trabalho de forma independente. Em São Paulo trabalhou por um

tempo como diarista até conseguir um emprego como cozinheira de um restaurante onde ficou por dois anos, saiu, e agora está trabalhando novamente como cozinheira em um restaurante e faz bicos cozinhando para eventos. Atualmente mora com seis filhos de seus sete filhos (cujas idades variam de 4 a 22 anos) e o marido, que trabalha como motorista de ônibus, em um apartamento construído pela prefeitura em parceria com o governo federal, uma de suas filhas é casada e mora com o marido no mesmo bairro.

15. Roseane

Dados biográficos:

Idade: 24 anos

Local de Origem: São Paulo - SP

Ocupação: Auxiliar de Limpeza

Estado Civil: Casada

Filhos: dois

Religião: Católica

Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto

Local de moradia: Jd. Guarani

Dados Políticos:

Preferência Partidária: não possui preferência partidária

Políticos de preferência: Lula (PT), Marta Suplicy (PT)

Políticos dos quais não gosta: Gilberto Kassab (DEM), Geraldo Alckmin (PSDB)

Eleições em que votou: votou sempre nos candidatos do PT tanto para presidência como para a prefeitura

Interesse por política: Não

Biografia: A mãe de Roseane era nascida em São Paulo, onde conheceu seu marido que vinha da Bahia. Desse encontro nasceu a jovem, já no bairro da Brasilândia. Quando Roseane era adolescente resolveu abandonar seus estudos após ter completado a 5ª série do ensino fundamental, ao mesmo tempo, seu pai, que trabalhava como pedreiro, faleceu, e sua mãe, que trabalhava como empregada doméstica, abandonou o trabalho para cuidar da avó de Roseane que estava com câncer. Nessa época, a família de Roseane, que então contava com sua avó, sua mãe e seu irmão, vivia apenas com a aposentadoria da avó. Em 2008, sua mãe se mudou para outro bairro, passando a

viver com um novo companheiro e Roseane, que havia tido um filho do namorado aos 17 anos, resolveu ir morar com seu namorado, hoje marido. Já morando com o marido, em uma casa simples de um cômodo, no Jardim Guarani, começou a trabalhar como auxiliar de limpeza em um hotel, porém, quando o contrato de trabalho com o hotel venceu, após três meses, Roseane foi mandada embora. Depois de dois anos conseguiu, por meio de uma vizinha, arranjar um trabalho como auxiliar de limpeza na prefeitura, onde trabalha atualmente, ganhando 598 reais com carteira assinada. Junto com o marido, que trabalha, atualmente, como instalador de tela na construção civil e recebe 900 reais, consegue juntar o suficiente para fazer uma boa feira e comprar iogurte e biscoito. Após ter tido um segundo filho, Roseane o marido conseguiram comprar uma série de móveis e eletrodomésticos novos e se mudar para uma casa um pouco maior localizada no mesmo terreno de sua casa anterior.

16. Silvana

Dados biográficos:

Idade: 38 anos

Local de Origem: Sabará – Minas Gerais

Ocupação: Técnica em Radiologia

Estado Civil: Casada

Filhos: um

Religião: Católica

Escolaridade: Superior Incompleto

Local de moradia: Jd. Guarani

Dados Políticos:

Preferência Partidária: PT

Políticos de preferência: políticos do PT

Políticos dos quais não gosta: Gilberto Kassab (DEM)

Eleições em que votou: sempre votou em políticos do PT com exceção dos anos de 1989 e 1994, nos quais votou em Fernando Collor e Fernando Henrique, respectivamente, e do ano de 1992 em que não tem certeza se votou em Eduardo Suplicy (PT) ou Paulo Maluf (PP)

Interesse por política: sim

Biografia: Silvana nasceu em Sabará, Minas Gerais, porém, com apenas um ano de idade veio

morar em São Paulo, na casa de sua avó materna, pois sua mãe havia sofrido um acidente vascular cerebral e quis fazer um tratamento na metrópole paulista. Pouco tempo depois sua mãe faleceu, deixando Silvana com a avó, que já era aposentada, anos depois, também vieram para São Paulo suas duas irmãs mais velhas. Silvana, que nunca conheceu o pai, possuía ainda um irmão, já falecido, porém o viu apenas uma vez na vida. Os cuidados de Silvana durante sua infância ficaram divididos entre sua avó materna, que morava no Jd. Guarani, e uma tia, irmã de sua mãe, a qual Silvana chamava de mãe, e que morava na Freguesia do Ó. Aos 14 anos Silvana decidiu parar de estudar e arranjar um trabalho em prol de sua independência financeira, uma vez que sua avó não podia lhe proporcionar condições de comprar aquilo que desejava. Após ter trabalhado como empregada doméstica e arremateira em uma confecção de roupas na Manuel Paulino, e ver uma amiga ingressando na faculdade aos 18 anos, decidiu, entre 18 e 19 anos de idade, fazer um supletivo e completar seus estudos, ao mesmo tempo em que trabalhava como auxiliar de cozinha em um restaurante, pois percebeu que seria difícil “ter uma profissão” com o grau de escolaridade que possuía. Durante esse período seus avós se mudaram para Mauá e Silvana ficou morando na casa de uma de suas irmãs no Jd. Guarani. Após ter concluído seus estudos no supletivo, Silvana passou a trabalhar como vendedora em lojas de shopping até engravidar, aos 28 anos, de seu atual marido, momento em que decidiu largar o emprego de vendedora e se mudou para uma casa de dois cômodos com o marido e filho. Após dois anos vivendo apenas com o salário de seu marido, que na época trabalhava em uma padaria e ganhava 240 reais, Silvana conseguiu uma vaga para seu filho em uma creche e pode voltar a procurar trabalho, porém, conseguiu arranjar apenas bicos como faxineira em casas de família. Entre 2003 e 2004, seu marido conseguiu um emprego como segurança de uma loja e a situação financeira da família de Silvana melhorou um pouco, o que a levou a se matricular em um curso técnico de radiologia de dois anos, cujas mensalidades custavam 200 reais. Ao terminar o curso técnico, Silvana continuou ainda trabalhando como faxineira e estagiando de graça em um hospital na zona norte até que passou a trabalhar ilegalmente no lugar de colegas e receber o dinheiro que estes lhe repassavam. Resolveu então, por meio da entrada em uma associação que oferece descontos em cursos de graduação em faculdades privadas, cursar Serviço Social. Silvana pagava as mensalidades de 284 reais da faculdade com o dinheiro que obtinha em suas faxinas, uma vez que o que conseguia com o trabalho ilegal no hospital não era suficiente. Após um ano, quando já havia parado de trabalhar ilegalmente no hospital, recebeu uma ligação de uma colega que a convidou para trabalhar no mesmo hospital, agora legalmente, por 12 horas aos sábados. Depois de trabalhar aos sábados no hospital e como faxineira durante a semana por mais um ano, Silvana conseguiu, no início de 2011, finalmente, abandonar completamente o trabalho doméstico que prestava a duas famílias, o qual lhe rendia algo entre 600 e 700 reais por

mês, e passou a trabalhar direto no hospital, o que lhe rende 1500 reais ao mês, valor que, somado com os 1500 reais que seu marido ganha agora como caminhoneiro, consegue lhe proporcionar um padrão de vida muito melhor em comparação com a época em que sobrevivia, junto com seu marido e seu filho, com um salário mínimo de 240 reais. Atualmente Silvana está terminando a faculdade de Serviço Social e não quer ter mais filhos, pois agora quer seguir trabalhando e estudando sem interrupções.

17. Tatiana

Dados biográficos:

Idade: 30 anos

Local de Origem: Seabra - BA

Ocupação: Diarista

Estado Civil: Casada

Filhos: quatro filhos

Religião: Católica

Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto (até a 6a. série)

Local de moradia: Cruz das Almas

Dados Políticos:

Preferência Partidária: PT

Políticos de preferência: Lula, Marta Suplicy

Políticos dos quais não gosta: Maluf (PP)

Eleições em que votou: sempre votou em políticos do PT com exceção do ano de 2008 em que votou em Gilberto Kassab (DEM) para prefeito

Interesse por política: Sim

Biografia: Tatiana morava em Seabra, na Bahia, com sua avó, até a adolescência, tinha pouco contato sua mãe, que trabalhava como empregada doméstica, e encontrava com o seu pai, que trabalhava como caminhoneiro, todo mês quando este viajava para Seabra. Quando completou treze anos sua família julgou que ela já poderia se juntar aos pais, que moravam em São Paulo. Porém, quando Tatiana chegou em São Paulo, descobriu uma vocação para cantora de Forró e começou a se apresentar em barzinhos na cidade, atividade que seus pais reprovavam. Por conta disso, teve

muitos desentendimentos com sua mãe, que era alcoólatra e com seu pai, que a proibiu de ir à escola porque temia que ela iria continuar com os ensaios de forró às escondidas, de modo que Tatiana fez apenas até a sexta série do ensino fundamental. Por conta dos desentendimentos com seus pais, Tatiana saiu de casa e foi trabalhar como empregada doméstica, morando na casa de sua patroa. Em 1997, se casou e foi morar junto com seu marido, que trabalhava como ajudante de pedreiro. Quando engravidou de sua primeira filha, seu marido se tornou extremamente ciumento e violento, passando a agredi-la, sendo que sua segunda filha, que nasceu quando Tatiana contava com vinte anos, foi fruto de um estupro perpetrado por seu próprio marido, que, mesmo após várias tentativas por parte de Tatiana, não queria se separar dela. Após um período de depressão, inspirada por uma personagem de novela, ela passou a revidar as agressões do cônjuge, e como as brigas entre o casal começaram a ficar cada dia mais graves, uma tia da família do marido de Tatiana a acolheu em sua casa e o casal, finalmente, se separou. Após brigarem pela guarda das filhas, seu marido alegou que queria levá-las para Pernambuco por três meses, onde morava o avô das crianças, uma vez que este estaria doente e gostaria de ver as netas antes de falecer. O tempo passou e as crianças não retornaram. Tatiana passou então a guardar dinheiro para poder comprar uma casa e reaver as filhas. Trabalhou em um salão de forró e já estava juntando dinheiro suficiente quando seu patrão foi assassinado e sua esposa “confiscou” suas economias, que ficavam anotadas em um caderno do patrão. Entrou em depressão, depois passou a trabalhar como vendedora autônoma, emprego do qual acumula dívidas até hoje. Assim, no ano de 2009, Tatiana, com a ajuda de um novo companheiro, conseguiu fazer um empréstimo no banco e usar o dinheiro para resgatar as filhas, uma das quais, descobriu, posteriormente, ter sido estuprada por familiares do marido, quando estavam em Pernambuco. Trabalhando como diarista e ganhando, em média, 400 reais por mês, teve mais dois filhos com um novo companheiro e passou a morar com as quatro crianças em uma casa de um cômodo, da qual queria sair e passar a morar em uma casa maior para não perder a guarda de seus filhos para o Conselho Tutelar, uma vez que as dimensões da atual moradia seriam inadequadas para as crianças. No início de 2012, auxiliada por sua patroa, Tatiana e sua família se mudaram para uma casa alugada de dois cômodos no Morro Grande, o parecia resolver a preocupação de Tatiana com o Conselho Tutelar, porém, no final do mesmo ano, seu marido, que trabalhava em uma firma como bordador ganhando cerca de 940 reais, dos quais 250 eram utilizados para pagar pensão a uma filha de outro casamento, perdeu o emprego por conta de um problema de saúde. Tatiana e sua família, sem a renda do marido, não conseguiram mais pagar o aluguel da casa do Morro Grande e precisaram se endividar para pagar por um barraco em uma favela no Jardim Damasceno no meio da Serra Cantareira para não ficarem sem ter onde morar. Tatiana sonha em terminar seus estudos e se tornar advogada para defender as mulheres e os mais

pobres, porém, sua preocupação mais imediata agora é levar o marido doente ao hospital, pagar suas dívidas e ao mesmo tempo impedir que os filhos se envolvam com as drogas e a criminalidade presentes no local em que passou a morar.

Anexo 2 - Fotos



Frente da Igreja Santo Antônio na década de 1950 (Fonte: Jornal Cantareira 2003)



Brasilândia na década de 1950 (Fonte: Jornal Cantareira 2003)



Avenida Cantídio Sampaio



Limites com a Serra da Cantareira



Eu e Thais Pavez em uma rua do Jardim Guarani



Entrada da CEB Santo Eugênio à direita



Prédios do PAC no Jardim Guarani em 2011



Vielas no Jardim Guarani